



# VIDAS VIVAS



**Obras publicadas pelas Religiosas  
do Sagrado Coração de Maria**

*Apóstolo e Fundador*—Padre João Gailhac. Porto, 1939.

*A Obra Mais Bela*—Um Capítulo da História da  
Educação Feminina. Lisboa, 1945.

*Cem anos ao serviço do Sagrado Coração de Maria*—

O Padre João Gailhac e a sua obra. Coimbra, 1948.

(Extraído de *Vidas Vivas*).

*Vidas Vivas*. Coimbra, 1948.

RELIGIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA  
VIRGEM IMACULADA

# VIDAS VIVAS

1849



1949

:

COIMBRA  
1948



NADA CESTA:

C Coimbra, 7 de Dezembro de 1948

P. LOPES DE MELLO

Cens. dep.

FOPE IMPRIMIR-SE.

C Coimbra, 8 de Dezembro de 1948

CÓNEGO MARTINS MADEIRA

Vigário Capítulos

## DECLARAÇÃO

*En conformidade com o decreto de Urbano VII declaramos que, se no decurso desta obra empregámos termos de veneração, não foi senão no sentido autorizado pela Santa Igreja, a cujo juízo nos submetemos com o mais filial amor.*

*Igualmente na exposição das graças e factos extraordinários que referimos, não temos intenção de nos anteciparmos ao juízo do Sumo Pontífice, ao qual nos sujeitamos inteira e humildemente.*



NO 1.º CENTENÁRIO DA FUNDA-  
ÇÃO DO INSTITUTO DAS RELI-  
GIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO  
DE MARIA, VIRGEM IMACULADA.

1849/1949





*«O vida morta, acaba de morrer  
para que eu possa viver a VIDA VIVA.»*

(E. Manuel Fernandes)

*«Não te darei  
o alimento  
por minha mão ...  
Buscá-lo-ei  
com diligência  
nesse filão  
da VIDA VIVA ...»*

(E. Fernandes de Vasconcelos).

O. S. B.



# ÍNDICE

	Págs.
PREFÁCIO DE SUA EMINÊNCIA O SENHOR CARDEAL PATRIARCA . . . . .	XIII
1. AQUELA CARTA QUE A ROSANA LEU . . . . .	3
2. DERAM SEIS HORAS NO RELÓGIO DA TORRE . . . . .	11
3. A PEDRA ANGULAR . . . . .	23
4. POR CAMINHOS IMPREVISTOS . . . . .	35
5. PARA CÁ DA FRONTEIRA A CRUZ ESPERA-AS . . . . .	43
6. ENTRE PEDRADAS E INSULTOS . . . . .	53
7. PRIMÍCIAS DA COLHEITA . . . . .	63
8. IRMÃS DE SANGUE E DE IDEAL . . . . .	79
9. HÃO-DE RESPLANDECER COMO O SOL . . . . .	89
10. O SEGREDO, DA MADRE S. LIGUÓRIO. . . . .	103
11. GRANDES PROVAS E GRANDES GRAÇAS . . . . .	119
12. NA VILA DAS «CINCO CHAVES» . . . . .	135
13. PELOS FRUTOS SE CONHECE A ÁRVORE . . . . .	157
14. UMA VIDA VIVA . . . . .	179
15. RUMO AO CÉU . . . . .	203
16. COMO A AURORA QUANDO SE LEVANTA. . . . .	225
17. LUCERNA SOBRE O CANDELABRO . . . . .	255
18. FAZE-TE AO LARGO! . . . . .	277
19. VIDA EM OBLAÇÃO . . . . .	303

	PÁG.
20. NO VENDAVAL REVOLUCIONÁRIO . . . . .	323
21. FRUTOS DO EXÍLIO . . . . .	349
22. NESSA HORA DE GRAÇA . . . . .	377
APÊNDICE . . . . .	417
FUNDAÇÕES DAS RELIGIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE	
MARIA . . . . .	425
CORRECÇÕES E ADITAMENTOS . . . . .	441
ÍNDICE ONOMÁSTICO . . . . .	445

# PREFÁCIO



## PREFÁCIO

*Parecerá, à primeira vista, que «Vidas Vivas» não tem nada que ver com a história da Província Portuguesa do Instituto do Sagrado Coração de Maria, que neste livro se conta.*

*Parecerá...*

*— e todavia esta história não se poderia escrever, se vidas vivas a não tivessem realizado. Começaria mesmo por não ter existido — como se diz que explicara certo lente de Direito a propósito não importa agora de quê.*

*Já celebrado escritor francês observou, no prefácio da Viagem do Centurião de Ernesto Psichari — viagem que marca o itinerário do neto do feiticeiro Ernesto Renan desde o encantamento do avô até à libertação transfiguradora do grito: este é na verdade o Filho de Deus! — já aquele escritor observou que tantos homens vivem como autómatos. Falta verdadeiro sentido humano a seus actos; estes são fruto do hábito, da rotina, do ambiente, do instinto.*

*E o que distingue o homem é a inteligência e a vontade. Por outras palavras: a razão, a fé e o amor. Sem eles, a vida, a vida humana, está morta.*

*Os que constroem a história, os que a fazem avançar, progredir, ultrapassar-se — são os que vão*

à frente, com o coração ardente nas mãos, olhos postos no ideal.

Mas ainda esta vida assim nobremente humana carece de sentido supremo, ia a dizer metafísico, se lhe falta a luz e a graça de Cristo.

Ainda quando mais se eleva, não passa da simples afirmação generosa de uma realidade moral que se impõe à consciência e é entrevista pela razão, porém através da densa e fria bruma do mistério. Assim nos grandes filósofos pagãos.

Porque o Deus dos filósofos é conclusão lógica da inteligência abstracta, não é posse alegre do coração. Só o Deus do Evangelho se revela como é, à inteligência e ao amor do homem: — pai nosso! Torna-se acessível a todos. É o Ser, é a Vida, é o Amor — mas tudo isto através do Coração de Cristo, Deus e homem, nosso irmão.

A vida humana vivida na imitação de Cristo é a vida cheia de luz, cheia de amor, cheia de mérito; é a vida humana plena, unida à Fonte Divina donde procede e para onde tende; é a vida na Verdade, na Esperança, na Caridade, na Paz, na Alegria; é a vida viva.

† M. Cardeal Patriarca



1.

*AQUELA CARTA QUE A ROSANA LEU...*





## 1.

### AQUELA CARTA QUE A ROSANA LEU...

**A** Primavera anunciara a sua chegada a Dublin com um dia de sol risonho mas, nem por isso, abrandara o frio na velha cidade irlandesa.

Sentado junto ao fogão, o Dr. O'Connel conversava, a meia voz, com Mac-Mullen e sua mulher.

— É inútil, Padre, não há quem lhe tire aquela ideia de partir para as Missões da Austrália.

— Quem sabe, Mac-Mullen? Talvez seja este o meio...

Uns passos leves, no corredor, interromperam a conversa.

— Rosana, quer ler esta carta? Parece-me que deve interessá-la.

— De quem é? — perguntou uma loirinha de olhar ardente e profundo, aproximando-se do Dr. O'Connel. E, sem esperar pela resposta, pegou na carta. O selo estrangeiro aguçara-lhe a curiosidade. Abriu-a, com um movimento rápido.

Enquanto lia, fez-se pesado silêncio na sala, já de si tão carregada e sombria. A mobília de carvalho, os reposteiros de «reps» verde escuro, e até o papel de ramagens amarelecidas e aves exóticas, tudo contribuíam para dar ao ambiente aquele cunho de austeridade, característico dos interiores abastados, nos meados do século dezanove.

Rosana não levantava os olhos da carta, cativada pela sua leitura, e os pais fitavam-na, ansiosos, lendo-lhe no rosto, como em livro aberto, a luta que estava a travar-se no seu íntimo.

Caminhos da Providência! Dias antes, a Priora do Mosteiro das Carmelitas, de Dublin tinha recebido, pelo correio, um apelo instantâneo:

— Não haverá na Irlanda algumas raparigas generosas que queiram entrar para uma Congregação fundada, há dois anos, numa cidade do Sul da França, e dedicada ao Sagrado Coração de Maria? — perguntava à boa Madre Carmelita uma sobrinha sua que estava como preceptora na família de Nattes, em Béziers. E falava-lhe com tal entusiasmo do Fundador e das suas obras, que o empenho de tornar conhecido o novo Instituto religioso logo germinou no coração apostólico da digna filha de Santa Teresa.

De mão em mão, a carta chegou a casa dos Mac-Mullen, levada pelo Dr. O'Connel, velho amigo da família. No caminho, ia pensando de si para si:

— Se a Rosana a lesse, quem sabe se não ficaria com vontade de entrar para a nova fundação?

Lá porque quer fazer a Deus o sacrifício da Pátria e da família, não há necessidade de afligir os pais com a partida para a Austrália. A França já fica bastante longe...

Rosana dobrou a carta em silêncio.

— Então? — perguntou o Dr. O'Connel.

— Há muito que a minha escolha está feita, V. Rev.<sup>a</sup> bem o sabe.

— E se fizéssemos uma novena para conhecer a vontade de Deus? — insistiu o Pároco.

Todos concordaram e a novena começou no dia seguinte.

No último dia, movida por divina inspiração, Rosana resolveu partir para o Noviciado do Sagrado Coração de Maria.



Algum tempo depois, fixava residência em Dublin a família Hennessey, originária do Condado de Kilkenny. Teresa, a mais velha das três filhas, sentia-se chamada à vida religiosa. Logo que chegou, começou a frequentar assiduamente a mesma igreja que a Rosana mas, como não a conhecia, ignorava que o mesmo atractivo as levaria a consagrar a vida a Deus, num convento desconhecido e longínquo.

Um dia, o Dr. O'Connel falou a Teresa na recente fundação do Padre Gailhac e nas coisas lindas que dizia a carta de França.

Alvoroçada por aquela íntima alegria que a certeza da vontade de Deus desperta na alma, exclamou:  
— É aí que Deus me quer!

O contacto com Rosana Mac-Mullen, mais fez crescer em ambas o desejo de se darem a Jesus, pelas mãos de Maria, naquele Instituto consagrado ao Seu Virginal Coração.

A 11 de Setembro de 1851, batiam à porta do conventinho da Rue Ermengaud, berço humilde e obscuro da Congregação do Sagrado Coração de Maria.

Quando as duas postulantes irlandesas ajoelham, felizes e comovidas, na capela de Béziers, quem havia de dizer que os seus nomes iam ficar gravados com letras de ouro, nos anais da nova Congregação?

Rosana Mac-Mullen que, na vestição, tomou o nome de Madre S. Carlos, exerceu durante longos anos o cargo de Directora do grande Colégio de Béziers.

Centenas de raparigas lhe passaram pelas mãos e em todas deixou gravada indelével influência, pela excelente formação que lhes deu.

Por seus méritos e virtudes, chegou também a fazer parte do Conselho Geral na Casa-Mãe.

Teresa Hennessey, em religião Madre S. Tomás, não só veio a ser a fundadora da primeira casa que o Instituto teve na Irlanda, mas ficaram a dever-lhe a existência todos os Colégios que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria abriram em Portugal, de 1871 a 1892.

Os últimos anos da sua santa vida passou-os em Béziers, aonde foi chamada pela Superiora Geral para, com ela, partilhar do governo do Instituto no cargo de primeira assistente.

Aquela carta que a Rosana leu, ao chegar a Primavera de 1851, foi o sinal divino para o debandar de inumeráveis raparigas que, à semelhança das andorinhas, levantaram voo das campinas da Esmeralda do Atlântico e se foram até à Costa Azul do Mediterrâneo, aninhar-se no Coração de Maria...

Bridget, a irmãzinha mais nova da Madre S. Tomás, foi das primeiras a querer seguir-lhe o exemplo; era porém tão franzina que a família receava não aguentasse a austeridade da vida religiosa.

Entretanto, Margaret Hennessey que — embora não se sentisse chamada ao mesmo modo de vida que as outras duas irmãs — era também uma excelente rapariga, resolveu aceitar a vantajosa colocação que lhe ofereciam num Colégio do Porto.

Não se sabe ao certo a data em que terá vindo para Portugal, mas reza a história que a Directora — senhora já de avançada idade e que a estimava como filha — resolvera retirar-se e fazer-lhe doação da casa, com todo o mobiliário.

Vendo que a filha dizia maravilhas do feitiço hospitaleiro dos Portugueses e da amenidade do clima, lembraram-se os pais, ao ler as suas cartas:

— Se mandássemos a Bridget para a companhia da irmã? Talvez lá gozasse de melhor saúde.

E, um belo dia, Bridget Hennessey pôs-se a caminho do Porto.

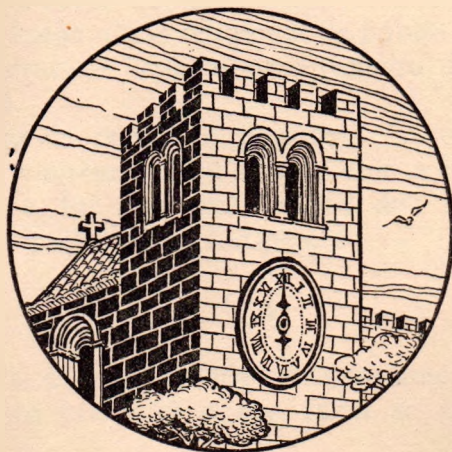
Sem o saber, a futura Madre Santa Maria dava os primeiros passos para a fundação das casas de Portugal...

Aquela carta que a Rosana leu!...



2.

DERAM SEIS HORAS  
NO RELÓGIO DA TORRE...





## 2.

### DERAM SEIS HORAS NO RELÓGIO DA TORRE...

Quando percebeu que o comboio afrouxava a marcha, Bridget assomou o rosto miúdo e pálido à portinhola da carruagem.

— Béziers! — gritou ela sem poder reprimir a alegria de se ver chegada à Terra dos seus desejos.

Tal qual como lhas descrevera a Madre S. Tomás, avistou, ao longe, duas religiosas de hábito preto, com a cruz de prata a luzir sobre a romeira debruada a cordão azul.

Não havia confusão possível! Esquecendo as fadigas da viagem, saltou abaixo com a leveza dum passarinho e foi cair nos braços das boas irmãs coadjuvas que a tinham ido esperar.

Béziers é uma cidade antiquíssima. Séculos antes da era cristã já a sua fama se estendia ao longe.

Edificada no cimo dum outeiro, domina, alta-neira, toda a região circunvizinha.

Por isso, foi sempre cobiçada fortaleza de quantos invasores aportavam àquelas paragens.

Até onde a vista alcança, são vinhedos e vinhedos sem fim — a riqueza da terra! E, lá ao fundo, a sudeste, o sol a espelhar-se em revérberos cristalinos, nas águas aniladas do Mediterrâneo.

Com o andar dos tempos, o casario foi-se estendendo pela encosta abaixo, até às margens do rio Orb, que serpenteia plácidamente em torno do velho burgo, até se perder no «Canal du Midi», um pouco adiante da Ponte Romana.



Da estação ao Convento, o carro parecia desconjuntar-se, aos solavancos por aquelas ruas apertadas e íngremes. Para a pobre postulante — que já trazia o corpo desfeito por três dias de jornada — foi inexprimível alívio quando, num último arranco, os cavalos estacaram diante do «Sacré-Coeur».

Não foi preciso bater. A porta abriu-se, logo que o rodar da carruagem anunciou a chegada da viajante.

As duas irmãs — que não se viam há três anos — correram a abraçar-se, chorando e rindo de alegria.

Em volta, toda a Comunidade a fazer festa à recém-vinda. Não custou nada à Bridget reconhecer,

na Madre S. Carlos, a alegre Rosana dos tempos idos. Mas, enquanto se deixava acarinhar pelas noviças, não tirava os olhos da sua querida Teresa.

— Fica-te tão bem o hábito! — suspirava, já ansiosa por trocar por ele as suas vestes seculares.

E o desejo redobrou quando ela lhe contou como Nossa Senhora acudira a dissipar as incertezas do Fundador, aparecendo-lhe revestida com o hábito que Ela queria que usassem as «Filhas do Seu Sagrado Coração».

— É um santo! — comentou a Madre S. Tomás, com ardente convicção — já vais vê-lo.

Pegando na mão de Bridget, levou-a ao Padre Gailhac. E não tardou que a bênção do bondoso sacerdote caísse sobre as duas irmãs Hennessey, rasgando-lhes na vida caminho de luz e de santidade.



Foi à sombra da igreja construída em tempos muito remotos sobre o túmulo do primeiro Bispo de Béziers, o mártir Santo Afrodísio, que nasceu o primogénito de António Gailhac e de Joana Crouzillac.

Descendia duma das famílias mais antigas e opulentas da região mas, quando veio ao mundo, dessa passada grandeza restava apenas a seus pais a casa modesta onde viviam.

No dia em que levaram o Joãozinho à pia baptismal, naquela manhã fria do mês de Novembro de 1802,

não foi só em casa dos Gailhac que houve festa. Os sinos, para se desferrarem do silêncio a que os tinha condenado a revolução de 1793, repicaram por tanto tempo como se fora Natal ou Páscoa. E assim, espalharam pela cidade a boa nova de que era este o primeiro baptizado que havia na Igreja de S.<sup>to</sup> Afrodísio, desde que fora reaberta ao culto.

Dizem que o velho prior — um dos raros sacerdotes que, na região, escapara à guilhotina ou à deportação, nos sombrios dias do Terror — teve logo o pressentimento de que o pequenino viria a ser um grande servo de Deus.

Quando, mais tarde, João vai procurá-lo para lhe confiar a resolução de entrar para o Seminário de Montpellier, o Padre Martin — como quem já contava com isso — abraça-o e diz, muito comovido:

— *«Vai meu filho, e sê fiel, não vá passar para outro a coroa que está destinada para ti.»*

A 23 de Setembro de 1826, é ordenado, mas continua ainda no Seminário durante quatro anos, como professor de Teologia Dogmática e director espiritual dos alunos.

Novo como é, tem já diante de si um futuro promissor de brilhantes sucessos, tanto no professorado, como no ministério. O Prelado pensava até em conferir-lhe uma Dignidade, na sua Sé episcopal, a fim de o reter junto de si. Mas, ao deixar a casa paterna, João Gailhac tinha dito:

— *«Quero ser padre e hei-de sê-lo só para Deus e para as almas!»*

E, cortando por tudo o que pudesse elevá-lo aos olhos do mundo, vai enterrar num hospital de província a talentosa mocidade.

É em vão que tentam dissuadi-lo de pedir a trabalhosa e mal remunerada capelania que ele ambicionava. O Vigário Geral chega mesmo a dizer-lhe:

— *Isso não é caminho para parte nenhuma!*

— *É caminho para o Céu!* — emenda respeitosa-mente o Padre Gailhac.

.....

No horizonte da Igreja despontava, em clarões de alvorada, um grande Coração de Apóstolo!

\* \* \*

— *«Desde a infância, Deus acendeu em mim um grande Amor pelas almas»* — havia de dizer um dia o Padre Gailhac.

E, na verdade, ao zelo ardoroso do jovem sacerdote não basta o Hospital de Béziers. Para valer tanto às variadas necessidades como às desventuras das almas que Deus lhe confia, envereda decididamente pelo campo da caridade, na sua irradiação em obras de misericórdia.

Funda uma *Casa de Regeneração* para raparigas extraviadas, um *Asilo* para criancinhas abandonadas, uma *Colónia Agrícola* para rapazes pobres.

A primeira obra, não obstante as grandes conso-  
lações que lhe deu, foi certamente a maior cruz da  
carreira sacerdotal do Padre Gailhac.

Os maus e dissolutos, por motivos fáceis de  
adivinhar, perseguiam-no com afrontas e calúnias.

Entre o clero e as pessoas piedosas da cidade, só  
achava a mais dolorosa incompreensão.

Da parte dos superiores eclesiásticos — em quem  
encontrara o mais caloroso incitamento no início dos  
seus trabalhos apostólicos — vinha agora intransigente  
oposição, motivada por informações tendenciosas.

Até a própria família, vexada e descontente com  
o ridículo e descrédito que caíra sobre a obra e o  
fundador, instava amargamente para que acabasse  
com o «Refúgio» e deixasse de ser «a sua vergonha  
e o escárnio de toda a cidade»...

Saturado de amarguras e de humilhações, o  
Padre Gailhac seguiu avante.

Santa ousadia dos humildes que se apoiam só  
no Poder de Deus!

À medida que se multiplicam trabalhos e dores,  
no seu espírito vai-se delineando, traço a traço, o  
projecto doutra grande Obra.

Há quinze anos que anda pensando nela e até já  
sabe o nome que lhe há-de dar.



Pouco a pouco, vão-se juntando algumas almas, à luz do mesmo Ideal. Mas a «pedra angular» do edifício — a Fundadora —, onde irá buscá-la?...

Chega o mês de Novembro de 1848.

Uma noite, o Padre Gailhac é chamado a toda a pressa, para assistir um amigo que está a morrer. Mal tem tempo de lhe lançar a absolvição e já Deus o leva para Si...

O choque foi tremendo, não só para a esposa que o estremecia, como para o Padre Gailhac que perdia no Dr. Cure o maior amigo e o melhor apoio das suas obras.

Dias depois, vêm chamá-lo de novo. Madame Cure precisa urgentemente falar-lhe.

Em passo miúdo e apressado, sem olhar para nada — como homem de Deus a quem só interessam os valores Lá de Cima — o Padre Gailhac atravessa as salas da luxuosa moradia. As janelas semi-cerradas põem luto pesado nas pessoas e nas coisas e o coração aperta-se-lhe com a saudade do amigo.

Apolónia Cure levanta-se, respeitosa, para o cumprimentar. Os crepes negros realçam-lhe a natural palidez e distinção. Tem na fisionomia aquela expressão de indefinível suavidade e paz de quem vem de conversar com Deus.

— *Queria dizer-lhe, Padre, que decidi pôr a minha pessoa e a minha fortuna à disposição do Sagrado Coração de Maria.*

Atônito de surpresa ante a estranha confiança, o Padre Gailhac levanta os olhos para Apolónia Cure, como que a procurar atinar com o sentido das suas palavras.

— *Se V. Rev.<sup>a</sup> me julgar digna disso, estou pronta a tomar o último lugar na Comunidade que pensa fundar,* — continuou ela, numa voz calma e resoluta.

— *Meu marido e eu tínhamos combinado que, quando a Deus levar um de nós para Si, o que sobrevivesse, abraçaria a vida religiosa e consagraria a fortuna aos pobres.*

Afundado em meditação, o Padre Gailhac não responde nada. E a si mesmo pergunta, comovido e perplexo:

— *Será possível que a «Pedra» que há tantos anos andava buscando para a nova fundação seja Apolónia Cure?...*

Dominando por fim a comoção que o fazia calar, dá os conselhos que o bom senso e a prudência impunham, em tão delicadas circunstâncias:

— *As vocações não se decidem com essa precipitação, nem sob a influência dum desgosto tão grande. É preciso tempo para reflectir e para rezar* <sup>(1)</sup>.

---

<sup>(1)</sup> P. MAYMARD, *Rev. P. Gailhac — sa vie et ses oeuvres*, Béziers, 1894 (obra esgotada). Nas págs. 260 a 265, o 1.º historiador do Instituto descreve pormenorizadamente as interessantes circunstâncias da fundação.

E deixa correr os meses, sem querer ouvir falar no assunto.

Apolónia Cure — numa crescente ansiedade de trocar os seus hábitos de opulência e de liberdade por uma vida de sujeição e de pobreza, ao serviço de Deus e das almas — insiste humildemente e vence por fim.

O Padre Gailhac vai consultar o Bispo.

A decisão é favorável. Há todos os sinais dum chamamento divino, nesta extraordinária vocação. O próprio Bispo marca a fundação para o dia 24 de Fevereiro de 1849.

A «pedra angular», há tantos anos procurada, aparecia-lhe, enfim...

Era Apolónia Pellissier Cure!

Era já noite cerrada — noite desabrida e chuvosa, como costumam ser as do mês de Fevereiro.

Deram seis horas no relógio da torre...

Três senhoras vestidas de preto apeiam-se dum carro particular e entram na capela.

Não se demoram a rezar. Cá fora, na portaria do Asilo, esperam-nas, de bibe claro e touquinha branca, as orfãzinhas do Padre Gailhac — primícias

desse milhares de almas juvenis que Deus lhes vai enviar.

Apolónia Cure abre-lhes os braços e o coração:  
— Minhas filhas!

.....  
Nessa hora, nasceu o Instituto das Religiosas do  
Sagrado Coração de Maria.

3.

*A PEDRA ANGULAR*





### 3.

#### A PEDRA ANGULAR

**M**urviel, vila importante das cercanias de Béziers, viu nascer Apolónia Pellissier, no dia 2 de Fevereiro de 1809.

É muito antiga a povoação. Lá estão a atestá-lo a Igreja Românica, as ruas estreitas e tortuosas, as casas amontoadas pela encosta acima. No alto, um castelo do século xv, lembra velhos foros de nobreza.

Mas, em Murviel, o céu é tão azul e tão claro o sol que, não obstante o cunho severo do ambiente antiquado, a vila é risonha e acolhedora. A moldura enquadra bem a figura grave e distinta, a fisionomia iluminada por doce e atraente sorriso, da futura fundadora do «Sagrado Coração de Maria».

Em casa dos Pellissier — vivenda ampla e confortável que fica à entrada de Murviel — vivem-se horas de angústia.

A mãe de Apolónia está a morrer.

Lendo nos olhos dos seus que estava iminente o fim, para ele se prepara com os últimos Sacramentos.

Mas o coração não se aquieta a pensar na filhinha que vai deixar.

Manda-a vir.

De olhos postos na imagem de Nossa Senhora, confia-a ao seu Coração Materno. Roga-lhe que vele por ela, já que tão cedo ia abandoná-la no mundo sem o seu conchego de mãe.

E quando a morte chegou, partiu confiadamente ao encontro de Deus:

A sua filha tão querida não ficaria orfã!

Pellissier sobreviveu poucos anos à esposa, deixando Apolónia única herdeira dum nome honrado e de avultada fortuna.

Determinaram então os tutores que fosse concluir a educação para um Colégio da vizinha cidade de Béziers, e ali ficou até aos dezoito anos.

Aos vinte casava com o Dr. Eugénio Cure, advogado distinto e em tudo digno do nascimento e qualidades de Apolónia Pellissier. E, porque não tinham filhos — único pesar que ensombrava aquele lar cristão e feliz — repartiam os seus haveres com prodigalidade pelos pobrezinhos.

Para as obras de caridade do Padre Gailhac — amigo de infância do Dr. Cure — ia o maior quinhão das generosas repartições. Mandaram-lhe



construir uma grande e linda capela, de cúpula redonda, tal como a idealizara o bondoso Padre. E recebiam-no em casa com a veneração que se tem por um santo.

Aquele lar amigo era realmente, para o abnegado apóstolo de Béziers, o que foi Betânia para o divino Mestre: refúgio e conforto nas horas de amargura e de perseguição.

Na ocasião em que enviuvou, Apolónia estava quase a completar quarenta anos. Espírito de raro equilíbrio e senso prático, ânimo viril, vontade dominadora e temperada por uma profunda humildade, tinha, na verdade, todas as qualidades que a sua futura missão requeria.

E assim, quando a Providência — com um desses rasgos de infável sabedoria que confundem os cálculos humanos — faz de Madame Cure a fundadora duma Congregação religiosa, ninguém como o Padre Gailhac está em condições de apreciar o acerto da escolha.

No dia 4 de Maio de 1851, Béziers em peso acorria à capela do Conventinho da «Rue Ermen-gaud», para assistir à Profissão de Madame Cure e das primeiras companheiras.

De boca em boca, a extraordinária notícia dera a volta à cidade.

A cerimónia foi presidida pelo Bispo de Montpellier.

— *Dais um grande exemplo de renúncia e de abnegação, consagrando a vossa pessoa e a vossa fortuna ao alívio dos pobres* — disse Mgr. Thibault à Madre S. João (nome que Apolónia tomara ao vestir o hábito religioso).

— *Deus vos recompensará, eu vo-lo asseguro.*

Vindas de tão alto, estas palavras causaram sensação na numerosa assistência. Dar os bens aos pobres, numa doação total como a de Madame Cure, é acção cujo valor moral o mundo ordinariamente sabe apreciar. Mas raros entendem o que há de grande e de meritório no dom de si mesmo para uma vida de humilde sujeição, como a que ela acabava de prometer solenemente.

O Padre Gailhac, iluminado por Deus, compreendeu, desde a primeira hora, a elevada perfeição a que devia subir esta alma privilegiada e o papel que lhe cabia, a ele, nessa espiritual ascensão. Por isso não se poupou esforços para que a obra saísse acabada.

Ao ler a correspondência trocada entre os Venerandos Fundadores, e ao compulsar as notas que sobre eles nos deixaram as contemporâneas, queda-se o espírito indeciso sem saber a qual dos dois atribuir maior virtude. Porque, se é verdade que encanta e edifica a franqueza evangélica, o zelo e os esmeros de cari-

dade com que o Padre Gailhac vai trabalhando a *pedra angular* do novo Instituto, não causa menos encanto e edificação a simplicidade cãndida e a humilde sujeição desta senhora, habituada à independência e ao mando quase desde a infância.

— «Quanto mais elevado é o seu lugar, maiores são as suas obrigações. — escrevia-lhe o P. Gailhac, logo nos começos da sua vida religiosa. — Portanto, não ficaria bem que fosse a primeira no título e a última no modo de proceder. Mas tem que ser a primeira na regularidade, na humildade, na simplicidade, na igualdade de ânimo, na bondade e nas atenções com todas.»

E, como fecho destas exortações práticas, acrescenta:

— «É a Fundadora: são as suas virtudes, principalmente, que hão-de fundar a casa; os alicerces do edifício têm que ser a sua própria perfeição.»

E assim, por cartas ou de viva voz, não cessava o servo de Deus de lhe apontar as mais pequenas imperfeições e de lhe pôr a virtude à prova.

E como reage a Madre S. João ao austero tratamento? À maneira dos santos: humilhando-se ainda mais do que a humilham.

— «Com que cuidado vou aplicar-me a corrigir os meus defeitos! — responde numa carta de 8 de

Setembro de 1849. — Com todo o meu coração vou começar a tornar-me digna da minha vocação.»

Passados dias, torna a escrever:

— «Prometo a valer que vai encontrar-me muito mudada: calma, doce, paciente e obediente em tudo.»

Ao mesmo tempo, a sua alma vai-se dilatando sob a acção da graça e expande-se em cânticos de reconhecimento:

— «Que felizes são os que verdadeira e totalmente se dão a Deus! Como é suave fazer tudo por Deus e para a Sua glória! Estou pronta e disposta para todos os sacrificios que Deus quiser. Quero ser toda de Jesus, quero respirar só para Ele.»

Mas, pouco depois, volta a ferir a nota da humildade:

— «Deus é tão bom e eu só lhe correspondo com ingratidões... Virgem Santíssima, minha Mãe, tende piedade de mim; tornei-me como o Vosso querido Filho quer que eu seja, para que a obra que empreendi não sofra com as minhas misérias!»

Ao passo que a veneranda Fundadora se aprofundava, mais e mais, no desprezo próprio, crescia a edificação das filhas, testemunhas diárias da sua eminente virtude.

Nos princípios, era extenuante o trabalho: só oito religiosas para cuidarem das crianças do Asilo — umas oitenta — e das raparigas da Obra da Preservação, que persistiu mesmo depois da extinção do «Refúgio». Mas se alguma das irmãs tentava poupar à Madre S. João trabalhos a que não estava habituada no mundo, entristecia-se e, iludindo a vigilância filial, arranjava meio de se dar aos serviços mais comuns e repugnantes.

Em casa, também já era sabido que a veneranda Madre não costumava ceder a ninguém o privilégio de prestar os primeiros cuidados de asseio às crianças mais sórdidas e miseráveis que davam entrada no Asilo...

Uma manhã, a Madre Fundadora estava sentada à sua secretária, na sala da Comunidade, absorta no livro das contas.

— Minha Madre, está uma pequena na portaria, — veio dizer uma irmã.

— Pode levá-la ao Asilo, já lá contam com ela, — respondeu, sem levantar os olhos do trabalho.

— Se a visse, minha Madre! — caiu em dizer a irmã porteira. — Vem tão sujinha, tão esfarrapada...

Subitamente interessada, a Madre S. João poisa a pena, murmurando a meia voz:

— Coitadinha! — e logo, em tom que não admite réplica:

— Afinal, irmã, deixe estar a pequena na portaria. Eu é que lá vou.

Neste coração tão grande, havia tesoiros de carinhosa bondade, ligeiramente velados pela expressão de doce gravidade que se lhe lia no rosto. Tinha o pulso firme — assim o requeria o cargo de Superiora duma fundação nascente — mas, se uma vez ou outra, lhe parecia que tinha dado pena a alguma das suas religiosas, à noite, lá ia ter com ela à cama. Com o jeito terno das mães, desfazia a nuvem passageira com uma bênção e um sorriso.

Não gostava que lhe falassem nas suas dádivas generosas:

— Por um pouco de dinheiro que dei, quanto affecto recebi em troca! — dizia ela, confundida e grata.

Um dia, a Madre S. João andava a dar volta à quinta de Bayssan, magnífica propriedade a pequena distância de Béziers, com que ela dotara o Convento.

A soberba parelha que antigamente puxava ao seu carro, ali tinha ido acabar os dias em inglórios serviços...

— Pobre «Bijou»! — exclama, ao dar com o seu cavalo favorito atrelado a uma charrua, — também tu estás feito *lavrador*?! Alusão docemente irónica a

um passado de grandeza e opulência que ela, tão desprendidamente, sacrificara.

A Comunidade — e até os de fora — o que mais admiravam era o domínio próprio e a inalterável serenidade de que dava mostras, nas mais variadas circunstâncias.

Nem sempre assim tinha sido, como confessa a própria Madre S. João:

— «Quando eu não era toda de Deus como agora, tudo me custava, a menor coisa me inquietava, por uma bagatela, ficava mal humorada, o menor sacrificio assustava-me mortalmente, como se fosse um monte e eu temesse ficar esmagada debaixo dele... agora, é muito diferente.»

Que valorosa e perseverante correspondência aos convites da graça não supõe uma tal vitória!

Fosse qual fosse a cruz que se apresentasse, assomava-lhe sempre aos lábios esta palavra de amorosa conformidade com a vontade divina:

— *Deus assim o quer!*

E quando queria aliviar o sofrimento dos outros, repetia-lhes ainda a mesma palavra; e só de lha ouviram dizer com tanta fé e abandono, ficavam as almas mais serenas e confiadas.

Pouco depois do Instituto nascer, assaltou-o violenta rajada de calúnias e de perseguições. A Madre S. João não só aguentou a prova animosa-

mente, mas foi ainda ela quem ajudou a levantar a coragem do Padre Gailhac.

Donde lhe vinha tão invencível confiança?

Do seu trato íntimo com Deus.

— «Estava quase abatida, mas já me sinto plenamente sossegada, — escreveu nessa ocasião ao venerando Fundador, — porque ouvi uma voz falar-me ao coração e dizer-me estas palavras:

— «*Coragem, minha filha, nunca te abandonarei, nem a ti nem ao teu Pai!* — e acrescenta:

— «Deus está connosco, isto deve bastar-nos. Contanto que Deus esteja contente! Eis a nossa divisa. Deixemos o mundo falar e continuemos a fazer tudo para maior glória de Deus.»

Como bom e fiel *obreiro*, o Padre Gailhac podia regosijar-se com o adiantamento da obra que o Senhor lhe confiara.

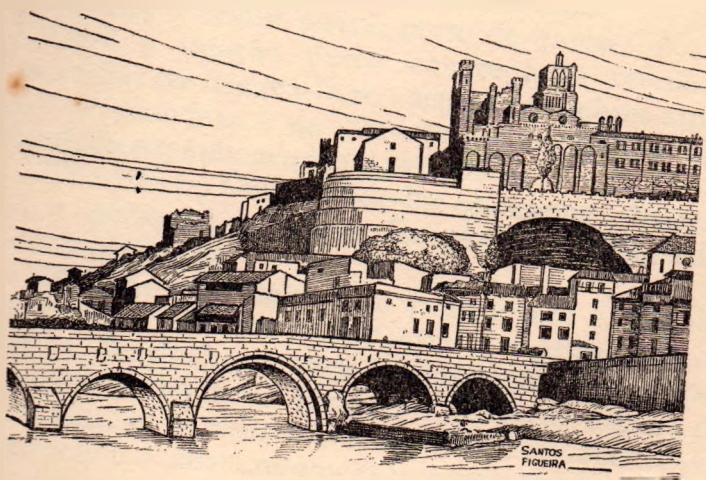
Mais alguns golpes de cinzel e a *pedra angular* ficaria ajustada à perfeição delineada pelo Mestre.

NOTA: O desenho com que abre este capítulo é cópia dum retrato de Apolónia Pellissier-Cure, tirado na idade de 20 anos.



4.

POR CAMINHOS IMPREVISTOS





## 4.

### POR CAMINHOS IMPREVISTOS

« Não sei porque me chamam Fundador... *fundidor* é que deviam dizer!»

É do Padre Gailhac o dito, e foi-lhe inspirado pela humildade. Reparando bem, há algum sabor de verdade no espirituoso trocadilho.

Andou o zeloso padre, perto de quinze anos, a projectar a criação duma congregação religiosa. A sua ideia era destiná-la ao «amparo de pobres raparigas extraviadas» e de «crianças que a miséria e a orfandade expunham a igual perigo».

Finalmente, Deus atende-lhe os desejos. Batem-lhe à porta as primeiras Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

Porém o «Refúgio» — a primogénita e a mais querida das suas obras de zelo — tinha-se extinguido... E então, *fundindo* os variados elementos das obras primitivas numa nova forma de servir as almas, o Padre Gailhac — instrumento dócil da Providência — dá princípio a uma congregação especialmente dedi-

cada «à educação e ensino da infância e da juventude feminina».

Como S. Francisco de Sales, podia dizer:

— «Fiz o que não queria, e não fiz o que queria.»

Tem assim acontecido muitas vezes, na História da Igreja. Nem sempre os Santos — instrumentos de Deus — realizam a obra a que julgavam chamá-los a vocação divina. Em dado momento da sua vida, o *instrumento* vê-se empolgado por um Poder Mais Alto que o lança para aventuras apostólicas absolutamente imprevistas!

Por alturas de 1850, o horizonte político e religioso em França, começou a desanuviar-se. A célebre lei Falloux reconhece enfim aos católicos o direito de ensinar.

A Madre S. João, com penetrante compreensão das necessidades do seu tempo, aproveita o ensejo para construir imediatamente um edifício para colégio, ao lado do Asilo e da Capela existentes. Sem descurar o grave problema da educação das classes pobres, ia dedicar-se também, com as suas filhas espirituais, à missão não menos grave da educação das crianças e jovens das classes superiores.

Nas duas primeiras companheiras — ambas suas conterrâneas, e religiosas de virtude experimentada — encontra a Madre Fundadora inteligentes e dedicadas colaboradoras para a nova tarefa.

Para lhe formar as educadoras de que ia precisar, nomeia Mestra das Noviças a Madre Santo Estanislau Gibbal, alma de intensa vida interior e de modelar observância.

Para lhe dirigir o colégio, escolhe a Madre Santa Cruz Vidal, a mais indicada para esse cargo, tanto pelo saber e virtude, como pela experiência. Antes de se consagrar a Deus na vida religiosa, tinha sido, durante vários anos, professora e directora dum acreditado colégio de Béziers.

Por sua vez, o Padre Gailhac ajuntava à providencial preparação das três Fundadoras, uma experiência e uma preparação não menos providencial: seis anos de professorado, pouco menos de vinte anos de aturado trato com religiosas educadoras e com as suas educandas, no florescente Internato que as «Dames de Saint Maur» dirigiam em Béziers; sem contar com uma larga experiência das almas, adquirida no seu já longo ministério sacerdotal.

Quanto carinho de Deus por uma obra que, em Seus maravilhosos desígnios, breve se estenderia a outras terras do Velho e Novo Mundo, para levar muitos milhares de almas ao Coração de Jesus, pelo Coração de Maria!

E um dia o Colégio abriu.

Chamavam-lhe «Pensionnat Sacré-Coeur de Marie» e, sob o maternal patrocínio de Nossa Senhora, — prosperou consoladoramente.

Dentro em pouco já tinha 140 alunas internas.

A Madre S. João tinha razão para exclamar:

— «*Há momentos em que sinto um grande entusiasmo por me ver mãe de tão numerosa família!*»

• • •

— Vinte anos já! que depressa passaram... —, meditava no seu coração agradecido a Madre Fundadora, naquela manhã do dia 24 de Fevereiro de 1869.

Ao sair da Missa, sente-se muito mal, e a custo recolhe ao quarto. No dia seguinte anuncia a sua próxima morte.

— Não pensava deixá-lo tão cedo... — diz ao Padre Gailhac, que acorrera a ministrarlhe os socorros religiosos. — Mas Deus assim o quer; faça-se a Sua Vontade!

Chega o dia 4 de Março — o da partida para a Eternidade...

— «*As nossas obras vão prosperar, — murmura pouco antes de morrer. — No Céu, se Deus se dignar receber-me, pedirei por todas.*»

E tendo-se recolhido para rezar, foi-se, pouco depois, ao encontro do seu amado Senhor, na paz e serenidade de quem tinha «*acabado a obra que Ele lhe dera para fazer...*» (1).

---

(1) S. João, xv, 4.

Duas fundações estavam à vista, quando a Madre S. João partiu para o Céu: Lisburn e Porto.

Teve a primazia a Irlanda, e bem o merecia: fora ela a primeira a enviar filhas suas para o Noviciado de Béziers.

Dos lados de Portugal, as cartas sucediam-se às cartas, os pedidos tornavam-se mais instantes, de ano para ano.

O velho «Colégio Inglês» da Rua da Picaria continuava a merecer as preferências que, de há muito, lhe dispensavam as melhores famílias do Porto. Mas a Directora, que era uma alma de Deus, vivia insatisfeita e não cessava de suspirar pela hora em que havia de transformar a sua casa em convento. Não porque a Miss Hennessey sentisse atractivo para professar, como tinham feito Teresa e Bridget, mas desejava entregar em mãos de religiosas uma obra que lhe era querida, e para a qual antevia um futuro próspero.

Comq̄ era natural, o seu pensamento dirigia-se para a Congregação em que haviam entrado as suas irmãs.

Em 1870, mandaram-lhe dizer que a Madre S. Tomás fora abrir um Colégio em Lisburn.

A notícia alenta-lhe novas esperanças. Miss Hennessey escreve ainda uma vez para Béziers:

— E se viesse a Madre Santa Maria para o Porto? Já conhece o país e a língua...

Certa manhã, ao abrir a caixa do correio, dá com uma carta de França.

— Que notícias trará?

As melhores que ela podia esperar:

— No próximo mês de Setembro, partiria para Portugal a pequenina Comunidade destinada à fundação do Porto. Levava como Superiora a Madre Santa Maria e, como Assistente, a Madre S. Tomás.

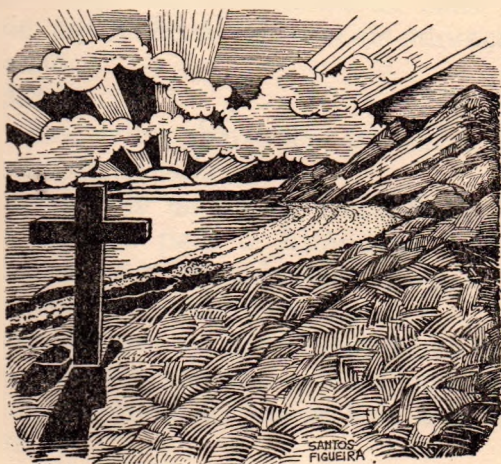
Estava de parabéns a boa Miss Hennessey!

NOTA: O desenho com que abre este capítulo reproduz uma vista parcial de Béziers.



5.

PARA CÁ DA FRONTEIRA,  
A CRUZ ESPERA-AS...





## 5.

### *PARA CÁ DA FRONTEIRA, A CRUZ ESPERA-AS...*

Á o sol tombava no mar, matizando de vermelho os Picos fantásticamente recortados dos Pirinéus, quando o comboio entrou a costear o Atlântico.

A um canto da carruagem, cinco viajantes iam rezando, em silêncio, unidas às suas irmãs de Béziers que, àquela hora, estavam em adoração diante do Santíssimo.

Hendaia!

Que alívio saltar abaixo da carruagem, depois de um dia inteiro de jornada.

Carregadas de malas, de embrulhos, de saqui-téis, lá se dirigem para a Alfândega. Até acham menos enfadonhas as obrigatórias praxes, só por lhes darem azo a desentorpecer as pernas.

A noite, passam-na nos bancos duros da sala de espera. E, pela manhãzinha, ensonadas e friorentas, metem-se noutra comboio que as leva a Irun.

Espanha!

Alegrem-se as viajantes. Já lhes parece meio caminho andado para Portugal.

Mas, para cá da fronteira, a Cruz espera-as...

Parecia um vulcão incandescente a Península Hispânica, em meados do século XIX. Como lavas incendiárias, as doutrinas libertárias e anti-religiosas ameaçavam destruir os fundamentos de instituições multisseculares.

Estava prestes a ruir o trono em Espanha. E, em Portugal, os poderes ocultos da Maçonaria trabalhavam porfiadamente pelo advento da República. Num e noutro país, era desenfreada a campanha contra as ordens religiosas. O povo, ingénuo e dócil — uma eterna criança — deixava-se manejar pelos chefes revolucionários e cometia, com pasmosa inconsciência, toda a espécie de atropelos contra os mais elementares direitos da justiça e da liberdade.

É quando os ânimos se acham assim exaltados que as religiosas de Béziers atravessam a Espanha, em direcção ao Porto, nos últimos dias de Setembro de 1871.

Uma vez que perceberam que o hábito atraía as atenções, não se atreveram mais a assomar à janela, quando o comboio parava nas estações. As pobrezinhas bem puxavam os amplos véus para a frente, envolvendo-se todas neles, para dissimular a alvura dos toucados e romeiras, mas de pouco lhes valia. A impertinente curiosidade e as chufas grosseiras da gentilha perseguiu-as de Irun até Madrid.

Na capital espanhola, tomam vestes seculares em vez do hábito religioso — disfarce sempre difícil de improvisar para quem há muito deixou o mundo, e que mal encobria a identidade das boas irmãzinhas.

Uma vez passada a fronteira portuguesa em Elvas — e quando já suspiravam fundo julgando-se no termo dos seus trabalhos — tiveram a decepção de se ver reconhecidas!

Numa estação qualquer, entre Lisboa e Coimbra, no meio de grande algazarra, a carruagem é invadida por um grupo de estudantes folgazões que se dirigem para esta cidade.

— Olá! Aves negras! Mau agoiro!

— E para mais das bandas de França...

— Não tardam a levar o caminho das outras...

E os ditos irreverentes cruzam-se e as gargalhadas ressoam estridentes e atrevidas.

Com assobios a acompanhar, os azougados rapazes começam a trautear certa cantiga posta em voga, quando da famigerada campanha contra as Irmãs da Caridade francesas. Foi então que interveio um empregado superior dos Caminhos de Ferro, a pôr cobro ao estouvado proceder da estudantada. A gratidão das irmãs conservou o seu nome: era francês e chamava-se Varennes.

. . .

Há dois dias já que a Miss Hennessey, inquieta com a demora das viajantes, não fazia senão andar do colégio para a estação. — E que caminhada de

respeito não era a da rua da Picaria, mesmo no centro da cidade velha, até Vila Nova de Gaia, da outra banda do rio (1)!

Naquele tempo, ninguém sonhava ainda com os eléctricos. Nem sequer havia o recurso dos «americanos» puxados a mueres pachorrentas que, só daí a anos, haviam de aparecer nas ruas do Porto.

Com enorme atraso, chegou, finalmente, o comboio de Lisboa. O Outono havia desabado em chuvas torrenciais, e as avarias nas linhas obrigavam a paragens constantes e a andamento moroso.

Não cabia em si de contente a bondosa Directora, ao ver a velha aspiração realizada: a sua casa ia transformar-se num convento do Sagrado Coração de Maria!

Era pequenina a Comunidade — três religiosas de coro e duas irmãs coadjutoras — mas vinha cheia de coragem, e logo deitou mão ao trabalho.

Refeitas dos anteriores contratempos pela carinhosa recepção, a Superiora e a sua assistente apressaram-se a escrever para a Casa Mãe. Há motivo para pensar se não terão omitido alguns traços mais sombrios da jornada, quando se lê a resposta do venerando Fundador, tão repassada de sentimentos

---

(1) O troço da linha férrea de Gaia a Campanhã, só foi inaugurado em 1877.

de alegria e de gratidão. Depois de aludir à viagem, escreve:

— «Deus seja bendito pelo bom acolhimento que aí vos preparou. Vedes, queridas filhas — ajunta o bom velhinho — tudo vem de Deus; e Deus nunca abandona as almas que O amam e que põem n'Ele a sua confiança. Sede, pois, fiéis à sua graça, ao seu amor, e Deus continuará a proteger-vos. Haveis de passar sem dúvida por provações, talvez mesmo por alguns sofrimentos. O bem só pode fazer-se com esta condição. Mas, se amardes a Deus, Ele há-de aplanar todas as dificuldades e trazer-vos no Seu Coração.»

Quando esta carta chegou às mãos da Madre Santa Maria, já tinha soado a hora da provação e do sofrimento que o Padre Gailhac previa como penhor do bem que as suas religiosas haviam de fazer naquela cidade. Não podiam, portanto, vir mais a propósito as palavras de reconforto espiritual com que as animava.

Eram tão gloriosas as tradições católicas do velho Portugal que, às vezes, no recreio, o Padre Gailhac as tinha trazido à conversa, para incutir maior entusiasmo pela sua *Missão* às religiosas que para lá iam partir.

Sobre a nossa História nos últimos trinta anos, pouco devia saber. — Se nunca falava de política,

nem pegava num jornal, sempre alheado de tudo o que fosse profano!

Ora, a partir do final do século XVIII, os tempos tinham começado a ser calamitosos para a Igreja, em Portugal.

Desde o tempo do Marquês de Pombal, o país ficara exposto à invasão de ideias e seitas estrangeiras. Ao regalismo, que tanto perturbara as boas relações entre Portugal e a Santa Sé, vieram juntar-se a desorientação intelectual e os preconceitos anti-religiosos nascidos do filosofismo francês; as influências maçónicas e as tendências anárquicas do Protestantismo, importadas da Inglaterra; os exemplos de desordem política, dados por Espanha, França e outros países. Daqui resultaram, entre outros males, a quebra da nossa tradição católica e a decadência da nossa mentalidade religiosa <sup>(1)</sup>.

Nos reinados que se sucederam ao de D. José, a crise religiosa continuou a agravar-se. Todavia, é justo dizer que alguns soberanos se empenharam sinceramente em remediar o mal. Eram, porém, tão fortes as correntes políticas contrárias, que a sua obra teve duração efémera.

Os anos de 1833 e 1834 marcaram tristemente na história religiosa da Nação. Joaquim António de Aguiar rematava a série das perseguições à Igreja

---

(1) Cf. P. MIGUEL DE OLIVEIRA, *História Eclesiástica de Portugal*, Lisboa, 1940, págs. 251, 252, 298 e 299.



com a extinção das ordens religiosas e a incorporação dos seus bens nos da fazenda nacional...

Nos reinados de D. Luís e de D. Carlos, nem o despotismo liberal desarmou, nem os ataques à Igreja diminuíram de intensidade.

E, no entanto — prodigiosa vitalidade a da religião católica! — mal tinham passado vinte anos sobre a derrocada das ordens monásticas, já vingavam, na Nação portuguesa, várias tentativas de restauração da vida religiosa.

Em 1858, o zelo arrojado do Padre Rademaker (estrangeiro no nome mas português de lei), conseguia trazer os Jesuítas para a Quinta da Torre, em Campolide.

Os Franciscanos, tendo à sua frente Fr. Joaquim do Espírito Santo, reabriam o seu antigo convento de Santo António do Varatojo, em 1861.

Por iniciativa do grande Missionário o P. Duparquet, a Congregação do Espírito Santo abria, em 1867, um Seminário para formação de aspirantes à vida missionária, em Santarém.

A estas primeiras fundações, outras se seguiram, tanto de Institutos masculinos como femininos, não sem provocarem de cada vez viva reacção do inimigo, sempre alerta.

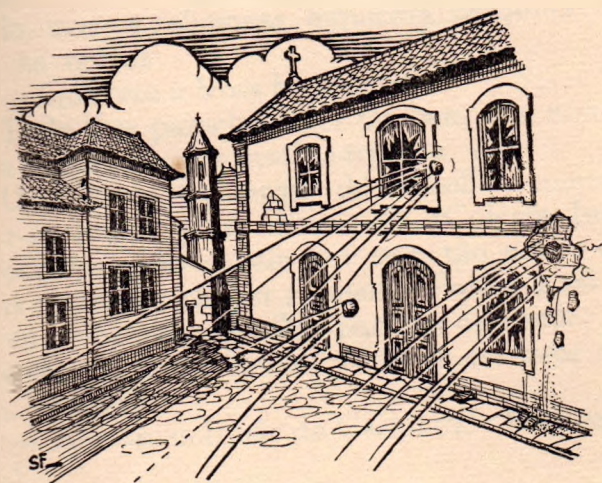
Ora é precisamente nesta difficil época, que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria chegam a Portugal.

Era a cruz a esperá-las para cá da fronteira!...



6.

*ENTRE PEDRADAS E INSULTOS...*





## 6.

### *ENTRE PEDRADAS E INSULTOS...*

**D**ias depois das viajantes terem chegado de França, a Miss Hennessey começa a perder a alegria. Os seus olhos azuis, límpidos como os duma criança, toldavam-se a miúdo por uma nuvem sombria. Por delicadeza, ninguém ousava interrogá-la, mas as religiosas, inquietas, perguntavam-se umas às outras:

— Que terá a Miss Hennessey?

Tudo lhes parecia correr tão bem, que não acertavam com a causa da insólita tristeza...

Uma tarde, ao largar do trabalho, começou a juntar-se muita gente diante do «Colégio Inglês». As religiosas não davam por isso, tão pouco costumadas estavam a chegar à janela. Porém, a tal ponto cresceu a vozearia, que lhes pareceu desusada; e uma delas vai ver o que havia. Mais se enfurece a multidão, gritando:

— Abaixo as Irmãs da Caridade! Fora as francesas!

E, entre pedradas e insultos, já se ouviam ameaças de pegar fogo à casa.

Quando escureceu, começou a debandada e daí a pouco a velha rua da Picaria voltava à sua pacatez habitual e as boas irmãs prosseguiam nas suas rezas e ocupações.

No meio de toda esta tempestade, quem metia dó era a Miss Hennessey! Estava, enfim, explicada a sua reocupação dos dias anteriores.

Ela já sabia que a opinião pública levava a mal a sua resolução de mandar vir religiosas para lhe tomarem conta do Colégio, e que se preparava, em surdina, uma manifestação hostil. No entanto, bondosa e confiante como era, nunca tinha posto na ideia que o povo do Porto lhe fizesse uma desfeita daquelas. Demais a mais, as religiosas, compreendendo as dificuldades da situação, tinham tomado todas as precauções que a prudência aconselhava: vestiam à secular, acomodavam-se, quanto possível, aos costumes da casa, e até condescendiam em tomar as refeições com as alunas, como faziam as professoras seculares.

Perante o público, a boa Margaret continuava a exercer o cargo de directora, o que não era difícil aparentar, dada a recíproca confiança que existia entre as três irmãs Hennessey.

Mas de que valia tudo isto? A população do Porto, exacerbada pelas calúnias propaladas contra as ordens religiosas, e ferida no seu brio patriótico por vexames recentes infligidos à Nação Portuguesa

pelo governo de Napoleão III, não via com bons olhos a formação duma comunidade religiosa com elementos vindos de França.

Para cúmulo de infelicidade, andava ainda na memória de todos a malévola campanha que a Maçonaria levantara contra as Irmãs da Caridade e que obrigara as beneméritas filhas de S. Vicente de Paulo a procurar refúgio na sua pátria, em 1862.

E, como o primeiro motim não surtisse o efeito desejado, resolveram continuar as manifestações tumultuárias à porta do «Colégio Inglês», até que as religiosas se resolvessem a seguir o rumo daquelas suas compatriotas...

No dia aprazado, lá se foram rua da Picaria acima, mas deram com a mais inesperada e arreliadora surpresa: na fachada do «Convento», tremulava a bandeira Britânica!

Era a pacífica defesa que a Direcção do Colégio — visto as três irmãs Hennessey serem súbditas inglesas — opunha aos manifestantes, para salvar a guardar as crianças confiadas aos seus cuidados.

A vida colegial decorria agora normalmente. As alunas, cada vez mais cativadas pela bondade e alegria das religiosas, sentiam-se bem junto delas. A Miss Hennessey entregara-lhes tudo o que se

referia à formação e disciplina das educandas, e ocupava-se quase só da direcção escolar e administrativa, para a qual tinha qualidades excepcionais.

Sua irmã, a Madre S. Tomás, dava as aulas de inglês. «Madame Apollonie» (como então se dizia), tinha à sua conta o francês e a música. E as duas irmãs francesas, «Soeur Sainte Madeleine» e «Soeur Sainte Julie», muito vivas e engraçadas, eram preciosas auxiliares. Olhavam pela rouparia e dormitórios e, esta última, ensinava ainda costura e bordados.

Já todas iam dizendo alguma palavra em português, com os *rr* e as nasais muito acentuadas, num louvável empenho de falar quanto antes a língua para fazerem bem às almas.

Quem aparecia menos era a Madre Santa Maria — a Bridget dos tempos antigos, de rosto miúdo e pálido — que falava português devagarinho e tinha um sorriso meigo para todas. A Madre S. Tomás poupava-lhe todo o trabalho que podia, sempre em cuidado com a sua saúde tão frágil.

Lá longe, o Padre Gailhac e a Madre Santa Cruz Vidal (que tinha sucedido à saudosa Madre S. João, no cargo de Superiora Geral), liam com o mais vivo interesse as notícias que lhes chegavam da Comunidade do Porto, e acompanhavam-na com as suas exortações.

— «Minhas filhas, — escrevia o venerando Fundador, a 17 de Outubro de 1871, — é certo que o sucesso dessa casa depende de Deus, mas também



depende de vós. Sede santas e tudo vos correrá bem; não sereis vós, será Deus que tudo dirigirá para Sua glória e vosso bem.»

Ainda não tinha chegado a França a carta em que a Superiora contava os acontecimentos daquela dramática tarde de Outubro e já a tribulação lhes batia, de novo, à porta...

Com as mãos a tapar o rosto e os cotovelos fincados na secretária, a antiga Directora do Colégio Inglês parecia alheia a quanto a rodeava.

— Miss Hennessey, — chamou a velha criada que desempenhava o ofício de porteira, — faz favor de vir à sala.

E desandou escada abaixo, porque a campainha já estava outra vez a tocar.

A Miss Hennessey fez um gesto vago de desânimo — ou de cansaço, talvez — e não se mexeu.

Já tremia quando a vinham chamar para a sala. Era sempre a mesma história, de há umas semanas para cá: qualquer mamã, a quem os recentes acontecimentos tinham alarmado e que vinha buscar a filha, supondo-a em perigo de morte... ou algum papá pouco afecto às congregações religiosas, e que retirava a menina do Colégio, protestando contra a ingerência das irmãs na direcção da casa... Pelo andar das coisas, não tardaria a ser geral a deserção!

Enquanto se dirigia para a sala, com um passo tão arrastado que nem parecia o seu, a boa senhora ia pensando:

— De quem será a vez, agora?

.....

Daí a dias, já só havia *duas* meninas no «Colégio Inglês»...

À medida que a situação se ia tornando mais crítica, os olhares das pobres «exiladas» voltavam-se, saudosos, para a Casa-Mãe. Tinham-na deixado, há tão pouco tempo ainda, no alvoroço de quem parte para esperançosa colheita de almas, e viam-se sem alunas. Que dor para corações de apóstolas!

Ao cabo de alguns meses, os sofrimentos e a mudança de clima começaram a abalar a saúde das irmãs. A Madre S. Tomás fora chamada a Béziers, para acompanhar à Irlanda uma noviça doente. Então a Madre Santa Maria, sobre cujos ombros pesava mais rudemente a cruz, sente desfalecerem-lhe as forças... Escreve ao Padre Gailhac a pedir que as deixe regressar a França e fica rogando fervorosamente a Deus que o ilumine sobre a resposta a dar.

Quando a carta do Fundador chegou, abre-a, trémula de emoção, e vai lê-la para o Oratório da Comunidade:

— «*Fiquem, mesmo que tenham só UMA aluna.*»

Era evidente a vontade de Deus!

Poisou a carta no banco, curvou a cabeça, e ficou-se a rezar longamente.

— «*Deus nunca abandona as almas que O amam que põem nEle a sua confiança,*» — tinha-lhe escrito o Padre Gailhac. Bem o sabia ele, por experiência própria.

Não fora a sua longa carreira de apóstolo uma ininterrupta cadeia de actos de confiança (tão arroçados alguns que os prudentes do século os tinham por loucura!...), recompensados por maravilhosas intervenções da Divina Providência? Por isso, podia exigir das suas religiosas o mesmo heroísmo no abandono.

— Sim, meu Jesus! — diz, por fim, a Madre Santa Maria, de olhos na cruz de pau santo, donde pendia um Cristo de marfim, macerado e exangue, que parecia esperar em agonia o remate da dolorosa luta.

E, confortada com a generosa aceitação, levanta-se par ir ler à Comunidade a carta de Béziers.

Realmente o Porto não acolhera o Instituto do Sagrado Coração de Maria com o carinho que era de esperar das antigas tradições religiosas da *Cidade da Virgem*.

Aquelas pedradas tinham sido um gesto infeliz...

Quem sabe, porém, se o Fundador, com a penetrante intuição das almas que vivem muito perto de Deus, não descobria sob o rude gesto um símbolo profético?

Com essas pedras, atiradas em noite de revolta tempestade, Nossa Senhora ia edificar o Seu novo Instituto em Portugal!

7.

PRIMÍCIAS DA COLHEITA





## 7.

### PRIMÍCIAS DA COLHEITA

isburn... Porto... Liverpool. Em pouco mais de um ano, a Madre S. Tomás abria três casas, em três países diferentes. Por sua vez, a Madre Santa Cruz (<sup>1</sup>), de visita a Roma no ano seguinte, recebia as primeiras propostas para uma fundação na América do Norte. Então o Padre Gailhac expande o coração grato nestas palavras proféticas:

— «*Sim meu Deus, continuareis a abençoar as minhas filhas e haveis de disseminá-las pela face do mundo, a fim de que Vos tornem cada vez mais conhecido e mais amado!*»

E, como quem sobe a um monte para melhor disfrutar a paisagem, também o santo velhinho, lá das

---

(<sup>1</sup>) 2.<sup>a</sup> Superiora Geral (1869-1878). Chamava-se, no mundo, Eulália Vidal, e acompanhou a fundadora na entrada, tomada de hábito e profissão.

alturas em que se acostumara a viver, espriava a vista pelo passado. Contemplava os caminhos ásperos e pedregosos por onde Deus o levara até fundar o Instituto, e via passar, uma por uma, as admiráveis colaboradoras que a Providência lhe enviara, desde a primeira hora. Revivia uma vez mais aquela tarde de Outono — tarde de bênçãos e de festa — em que fora à portaria, com a Madre S. João, para receber as primeiras postulantes irlandesas. E, comprazido, pensava:

— Que excelente religiosa tinha dado Teresa Hennessey, cândida e dócil como uma criança, mas tão sensata e enérgica ao mesmo tempo!

E, como se fora ontem, parecia-lhe ver a veneranda Fundadora a chamá-la junto do leito de morte para lhe confiar as primeiras fundações no Estrangeiro...

Com o espírito a exultar de entusiasmo, o Servo de Deus escrevia, ao começar a expansão do seu pequenino Instituto para além das fronteiras de França:

— «Bendito seja Deus pelas suas imensas misericórdias e por se dignar servir-se de nós, pobres e indignos instrumentos! Não esqueçamos, porém, que só a Deus pertence toda a glória e a nós o desprezo e o nada.»<sup>(1)</sup>

---

(1) Carta de 26 de Janeiro de 1873.



À par destes sentimentos, queria também que as suas *missionárias* — como gostava de lhes chamar — tivessem uma alta estima da vocação:

— «Pela vossa vocação, participais da vida apostólica embora estejais muito longe dos Apóstolos. Sois apenas suas auxiliares, como que as suas catequistas. Contudo, deveis participar dos seus trabalhos, da sua vida, da sua santidade. Este deve ser o vosso fim e o pensamento que deve dominar no vosso espírito e regular a vossa vida.

«Como é bela a vossa vocação!

«Que santa e que edificante deve ser a vossa vida!» (1)

Estas linhas são um eco das exortações que dirigia às suas comunidades, quer de viva voz, quer por escrito.

Em fins de Junho de 1872, a Madre S. Tomás regressava ao Porto (2).

---

(1) Carta de 22 de Janeiro de 1877.

(2) O nome de religião desta Madre era, em francês, *Saint Thomas*, e a sua festa onomástica celebrava-se a 21 de Dezembro, dia de S. Tomé, apóstolo. A analogia da pronúncia levou a adoptar, em língua portuguesa, a tradução inexacta do nome.

Em boa hora vinha. Sua irmã, a Madre Santa Maria, tão boa e tão fervorosa, estava sempre doente e não tinha o pulso firme que a situação requeria.

Segundo informa o primeiro historiador do Instituto, predominava em casa o elemento secular e, como às irmãs não era possível prescindir das professoras de fora, enquanto não tivessem vocações portuguesas, advinha daí alguma irregularidade na observância da Regra. Por outro lado, se a bandeira inglesa as protegia da ira popular, mais excitava ainda a má vontade dos seus inimigos. Convinha, portanto, exteriorizar o menos possível tudo o que denotasse a profissão religiosa.

Começava a dar cuidados em Béziers a melindrosa posição da Comunidade da Rua da Picaria. *«Uma Comunidade vive enquanto segue a sua Regra; morre logo que a abandona.»* Era uma das máximas do venerando Fundador.

E recomendava muitas vezes:

— «Agarrai-vos à santa Regra como à escada que deve conduzir-vos ao Céu!»

Não esteve, pois, com delongas. Deu ordem para o Porto para que se trocassem os papéis: a Madre S. Tomás ficava Superiora e a Madre Santa Maria passava para sua Assistente.

Pela influência da virtude, circumspecção e tacto de que soube usar, a nova Superiora remediou tudo em pouco tempo.

Em carta posterior, o Padre Gailhac já podia escrever:

— «Todas as casas distantes nos dão muita satisfação; vai indo tudo bem. Mas o que mais nos consola é que a santa Regra é lá muito bem observada.»



Por esta época, a Miss Hennessey tinha também uma escola de rapazinhos, no Largo do Coronel Pacheco. Frequentavam-na os filhos das melhores famílias da cidade. Alguns haviam de vir a ocupar posições brilhantes na sociedade, e lembrariam sempre, saudosamente, as lições de catecismo e os rebufados que a boa senhora lhes dava.

Mesmo ao pé, havia uma casa antiga, com uma quinta que se estendia ao longo da Rua dos Bragas<sup>(1)</sup>, confinando com os jardins das velhas moradias da Rua de Cedofeita. Não estava ainda muito longe o tempo em que a área que ia do Campo de S.<sup>to</sup> Ovídio a Cedofeita — hoje transformada em bairro populoso e retalhada por numerosas artérias — era um aglomerado de quintas, onde famílias abastadas da cidade tinham as suas vivendas.

— Ficava ali tão bem o Colégio! — suspirava a

---

<sup>(1)</sup> Assim chamada porque cortara a quinta do Mirante, que pertencera a uma família desse nome.

Madre S. Tomás, de cada vez que visitava a escola dos rapazinhos.

A ideia não sorria muito à Miss Hennessey, apegada, como era natural, à sua casa da Rua da Picaria. E calava-se, pensativa, quando o assunto voltava à conversa. Mas, bondosa e recta como era, não podia deixar de concordar que o sítio — tão saudável e central — era óptimo para Colégio. E a cerca? uma verdadeira tentação pelo vasto terreno de cultivo e outras regalias que oferecia!

— Vamos vê-la? — propôs um dia a Miss Hennessey, apontando para a casa. — Disseram-me que estava para alugar.

E lá foram bater ao portão do grande pátio de entrada.

Visitaram tudo — casa, jardins, hortas — e retiraram decididas a fechar o contrato de arrendamento quanto antes.

Em Setembro, — começava mais cedo o ano lectivo, nesses bons tempos — já as aulas abriam no Largo do Coronel Pacheco.

À direita do portão, liam-se estes dizeres, numa placa de mármore:

COLÉGIO INGLÊS  
DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA



Pouco a pouco, as alunas tornaram a inscrever-se no Colégio. Com elas, voltou também a coragem a inundar os corações da pequenina e atribulada Comunidade.

À hostilidade dos primeiros tempos, tinha sucedido um apreço crescente pela educação que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria ministravam. Já não eram só as famílias do Porto que buscavam o «Colégio Inglês». Com o decorrer dos anos, as meninas começaram a vir de todas as províncias do Norte, sobretudo do Douro e das Beiras.

As «Inglesinhas» — como o povo as chamava carinhosamente — tinham fama pelo esmero com que ensinavam as línguas estrangeiras. Durante muitos anos, as aulas eram dadas em francês ou inglês, com excepção das matérias do curso primário, e do português e literatura, no curso secundário. Para estas, vinham professores seculares, escolhidos de entre os melhores do meio escolar portuense.

Nesse último quartel do século XIX, não havia ainda, entre o sexo feminino, nem a preocupação de tirar um curso, nem o empenho de se habilitar para um emprego. Portanto, sem descurar aquelas disciplinas que mais podiam interessar a formação intelectual de *meninas da boa sociedade*, ainda sobrava muito tempo para o cultivo das belas-artes e de «todas

as demais prendas próprias duma senhora», como em documento da época se refere do Colégio da Picaria. Prendas que constavam sobretudo em saber toda a variedade de bordados: «espigar, bordar de branco, de matiz, a sedas e floque, de oiro, de missanga e *petit-point*; bordar a pó de lã e escomilha.» (1)

As que tinham melhor voz aprendiam canto com o italiano Dubini, professor de grande fama no Porto, nessa época já recuada. E havia também lições de dança, *solenemente* presididas pela Miss Hennessey, que exigia que as alunas se apresentassem de luvas e sapatos de baile — o que muito divertia as mais garotas. E o caso não era para menos, dado o *pitoresco* contraste de tudo isso com o modesto uniforme azul e o aventalinho de chita, que então usavam... O mesmo cerimonioso aprumo exigia a Miss Hennessey do professor, que não devia tirar as luvas durante a lição!

Duas vezes no ano, segundo as praxes trazidas do Colégio de Béziers — então em pleno florescimento — havia festa grande. Uma, em honra da Superiora, na solenidade do seu Santo Padroeiro; outra, para a distribuição dos prémios, no final do ano lectivo. E era de ver a boa «Madame Apollonie», a quem, nesses tempos remotos incumbia a tarefa dos ensaios, exclamar com a sua exuberância de meri-

---

(1) Informes dados num prospecto do Colégio das Ursulinas, de Coimbra (1850).

dional, quando lhe parecia que as coisas não iam bem:

— «Ces enfants me feront rougir jusqu'au blanc des yeux!...»

. . .

Na proporção em que as alunas iam crescendo, aumentava também o número das religiosas. À princípio, eram todas estrangeiras. Dois nomes há que não pode ignorar quem tenha lidado de perto com qualquer das educandas desses saudosos tempos, tal o entusiasmo e a veneração com que delas falam. Eram as madres «Saint Calixte» e «Saint Augustin». Ambas irlandesas, tinham vindo muito novinhas para o Porto. Pertenciam ainda àquela privilegiada geração formada pelo insigne mestre de almas que foi o Padre Gailhac. Das mãos dele vieram para as da Madre S. Tomás. Esta, tinha o raro condão de transmitir os dons que recebera de Deus e, assim, conseguiu formar uma plêiade de educadoras que, após a sua partida para a Casa-Mãe, puderam continuar-lhe a obra, espalhadas pelas casas de Portugal.

Aquelas duas religiosas — e quantas mais não poderiam citar-se — encarnam admiravelmente o tipo da «Mestra de classe» segundo os moldes educativos do «Sagrado Coração de Maria» <sup>(1)</sup>. Firmes e bon-

---

(1) Ver em *A Obra Mais Bela*, Lisboa, 1945, cap. XIV, as características do sistema de educação neste Instituto.

dosas, usavam duma vigilância inteligente e suave para evitar, quanto possível, meios repressivos. Conseguiram fazer reinar o espírito de família e de alegria nas classes que lhes estavam confiadas, — precisamente as mais difíceis, ou seja, as das «grandes», algumas delas verdadeiras senhoras, já com os seus 18 e 20 anos completos. Mas o que é muito mais: a sua influência — e já lá vai pelo menos meio século — ainda hoje perdura em doces figuras de avozinhas, exemplo vivo de filhos e netos, pela cristianíssima orientação que deram à sua longa vida.

No campo do ensino, ficaram também com renome várias religiosas antigas. A Madre «Sainte Thérèse», por exemplo, tinha uma cultura invulgar. A astronomia era a sua paixão. Em noites estreladas, viam-na perdida em contemplação, no quintal, à hora do recreio. Às vezes, rodeada por um grupinho escolhido de alunas, ali mesmo as iniciava nessa maravilhosa ciência de que se servia para lhes elevar o espírito.

Sob a doce e apostólica irradiação das «Inglezinhas» as vocações começaram a germinar.

Em Outubro de 1876, celebrava o Padre Gailhac as suas bodas de oiro sacerdotais.

Não só as filhas espirituais, mas toda a cidade, se preparava para homenagear o zeloso e virtuosís-



simo sacerdote que, em sua longa e abnegada carreira, merecera bem o título de *Apóstolo de Béziers*.

A Miss Hennessey foi assistir às solenidades. Levou consigo uma das primeiras alunas, Maria da Conceição Pancada, a representar o Colégio do Porto. Tenra florinha de 16 anos, foi a primeira vocação portuguesa a ser transplantada para o Noviciado da Casa-Mãe <sup>(1)</sup>. Recebeu-a, com indizível consolação, o venerando Fundador e, de entre tantas e tão valiosas lembranças que, de todos os Colégios lhe foram enviadas, nenhuma como esta lhe foi direita ao coração.

O pai da jovem postulante era almoxarife da Infanta D. Isabel Maria, filha de D. João VI e regente do reino, de 1826 a 1828. Chamava-se Manuel Maria Augusto Pancada. Um seu tio paterno, Frei António Pancada, dos Franciscanos do Varatojo, prêgador de grande nomeada — veio expressamente a Setúbal, baptizar a sobrinha. Conta-se que o pai, logo que chegaram da igreja, foi entregar a pequenina à mãe, dizendo-lhe, jovialmente:

— «Aqui vem a menina já baptizada; chama-se Maria, como Nossa Senhora; Conceição, como a mãe; Augusto, como o pai; e Pancada, como o tio!...»

Ora uma vez que a Miss Hennessey ia de viagem, tomou conhecimento com a família Pancada. Encantados com a inteligência e fino trato da Direc-

---

(1) Deu entrada no Instituto a 11 de Outubro de 1876.

tora do Colégio Inglês, confiaram-lhe a Maria da Conceição, para a educar. Quando, em 1871, chegaram as religiosas e se deu a debandada das alunas, as duas que ficaram, foram a Maria da Conceição Pancada e a Arminda Vieira de Araújo Cardoso. Ambas haviam de honrar as suas educadoras; uma, como religiosa observante e fervorosa; a outra, como admirável mãe de família.

A Madre S. José Pancada, uma vez terminado o noviciado, voltou para Portugal, onde prestou valiosos serviços nos colégios de Braga e de Viseu, até 1910. Os últimos 28 anos da sua longa e edificante vida, passou-os no Brasil.

A veneranda Madre era muito inteligente e activa e tinha extraordinária facilidade para escrever, tanto em prosa como em verso. Entrada já em agonia, pediu que lhe cantassem umas quadras que, para essa hora, tinha composto, em louvor de Nossa Senhora. E assim expirou docemente no Rio de Janeiro, no ano de 1940.

A esta primeira postulante seguiram-se muitas mais. Falando dos seus tempos de colegial, a Madre S. José dizia, com a sua graça habitual:

— «Nós eramos três *pares* de irmãs: as duas Lencastres <sup>(1)</sup>, as duas Saavedras e as duas Pancadas.»

---

(1) Filhas do Conde de Alentem.

É interessante notar que, em cada *par*, escolheu Nosso Senhor uma das irmãs para O servirem neste Instituto e outra para fundar um lar cristão.



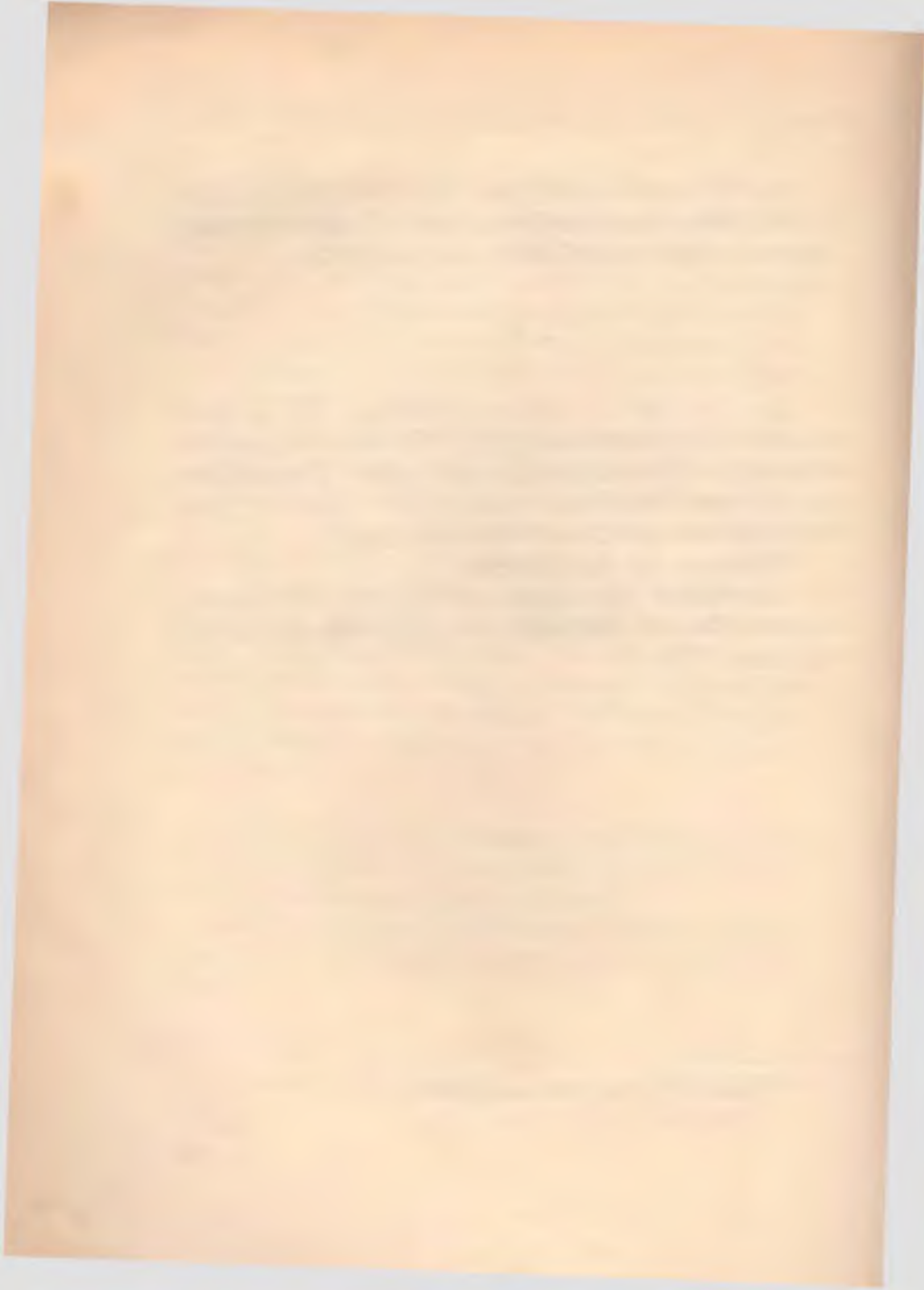
Que luz do Céu tinha iluminado o P. Gailhac, naquela hora tenebrosa para, tão ao contrário da humana prudência, mandar às pobres Fundadoras que «fossem lançando a semente, a chorar»<sup>(1)</sup> no terreno bravio que lhes coubera em sorte?

Milagres da obediência!

Aí vinham elas agora, «*exultantes de alegria, trazendo-lhe, em braços, as primícias da penosa colheita*»...<sup>(2)</sup>.

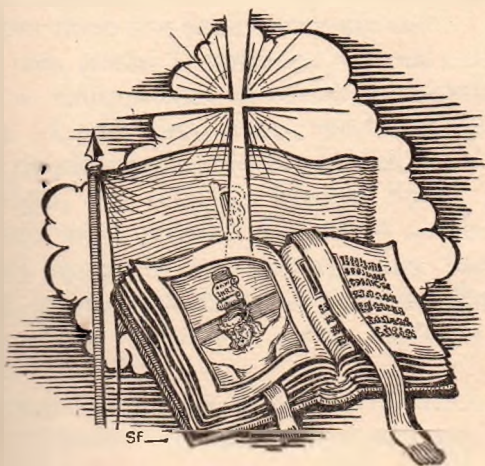
---

(1) Salmo, 125, vers, 7 e 8 (tradução livre).



8.

*IRMÃS DE SANGUE E DE IDEAL*





## 8.

### IRMÃS DE SANGUE E DE IDEAL

**A**lguém disse que todo o irlandês trás no coração a vocação missionária. A frase é feliz e tem a justificá-la, não só a ardente fé daquele povo-mártir, mas também o zelo magnânimo com que tem levado o Evangelho às mais remotas paragens do mundo, por meio dos seus missionários.

As três irmãs Hennessey — irmãs de sangue e de Ideal — tinham bem vincadas as características da sua raça. Cada uma, a seu modo, foi exemplar de uma fé e de um abnegado zelo das almas.

Bridget, em religião Madre Santa Maria, era baixa franzina e pálida. Devido à saúde débil, teve um papel apagado na história das fundações de Portugal, posto que fosse a primeira Superiora do Porto e muito venerada neste Colégio, por suas virtudes.

Rezava muito, já que pouco podia trabalhar. Rezava e... sofria. Quanto não terá contribuído para

o êxito apostólico dos trabalhos da Comunidade, com as suas orações e padecimentos?

A Madre S. Tomás queria-lhe muito, e pouco fazia sem a consultar, porque a Madre Santa Maria conservou, até à morte, o cargo de Assistente.

Apesar de ser a mais nova das três irmãs, foi a primeira a ir receber o prémio de sua santa vida. Faleceu no Porto, a 30 de Abril de 1891.



Margaret e Teresa eram muito semelhantes no corpo e no espírito: De estatura mais que mediana e alentada, a sua fisionomia atraente, aliada ao encanto do feitio bondoso e aprazível, conquistavam irresistivelmente a simpatia de quantos as conheciam.

Margaret — que todo o Porto conhecia por Miss Hennessey — nunca professou, mas a título de fundadora, gozava do privilégio de tomar parte na vida da comunidade.

Costumava trazer um mantelete e uma touca preta de rendas — trajo que se assemelhava algum tanto ao das postulantes — e dizia, com o seu jeito engraçado:

— Eu porto-me mal... não passo de postulante!

Tendo vivido desde muito nova em Portugal, amava entranhadamente a nossa terra e as nossas



coisas. Não havia no Porto iniciativa religiosa ou de caridade a que não dispensasse generoso concurso.

Dizem que à sua piedade se deve a introdução da prática do mês de Maria, na Igreja de N. Senhora da Vitória, a primeira, ao que parece, onde se começou a honrar a Santíssima Virgem com a nova devoção. Possivelmente tê-la-ia a Miss Hennessey aprendido ao trato que sempre manteve, por correspondência, com as Religiosas do Sagrado Coração de Maria, pois o Padre Gailhac foi também o iniciador do mês de Maria em Béziers, pelo ano de 1828.

A fundação da «Guarda de Honra do Sagrado Coração» — outra de suas piedosas iniciativas — igualmente lhe teria sido sugerida pelas irmãs, visto ~~estar~~ muito florescente na Casa-Mãe.

Com o andar dos anos, a Miss Hennessey veio a ser uma das figuras mais veneradas e populares do Porto.

O seu nome ficou tão ligado ao Colégio que, volvidos 50 anos após a sua morte, ainda há quem chame «Colégio da Miss Hennessey» ao que hoje existe, na Avenida da Boavista.

Socorria, com delicadeza e tacto inegaláveis a pobreza envergonhada e, muito embora se esforçasse por esconder os rasgos da sua bondosa liberalidade, de alguns se veio a saber.

Quantas vezes, a irmã que lhe tratava do quarto e da roupa dava pela falta de peças de vestuário. Um dia, foi um dos melhores vestidos que desapareceu. A irmã, pesarosa com o facto, pergunta por

ele à Miss Hennessey. Responde-lhe esta com um sorriso travesso:

— Ah! falta um vestido? Foi algum ladrão que o levou...

Soube-se, depois, que o tinha dado a uma senhora que vivera desafogadamente e que os revezes da fortuna tinham empobrecido.

Na revolução de 31 de Janeiro, uma padeira que andava a distribuir o pão aos fregueses, foi apanhada pelas balas, tendo-lhe sido amputada uma perna. Aconteceu a Miss Hennessey encontrar a aleijadinha. Informada do sucedido, mandou-a ir ao Colégio e deu-lhe avultado donativo das suas próprias economias. Daí por diante, a mulherzinha não tornou a passar necessidades. Vinha bater a uma das janelas do Asilo<sup>(1)</sup>, dizendo timidamente:

— A pobrezinha do mês...

As pequenas já a conheciam e logo uma delas corria a pedir à Miss Hennessey a costumada esmola.

\* \* \*

Aos Apóstolos, recomenda o Senhor no Evangelho, que sejam «*prudentes como as serpentes e simples como as pombas.*»<sup>(2)</sup> Verificava-se à letra a evangélica recomendação, nesta santa alma, que era inocente e singela, sem por isso deixar de ser atilada

---

<sup>(1)</sup> Esta casa era anexa ao Colégio.

<sup>(2)</sup> S. MATEUS, x, 16.

e circumspecta para os negócios do século. Era ela que se ocupava da administração do Colégio, quem ia às lojas e aos bancos e tratava da escolha dos professores.

Quando chegavam religiosas do estrangeiro, lá estava também a Miss Hennessey a esperá-las, à saída do comboio ou do vapor. Numa palavra, foi o «homem de negócios» do Colégio.

Certa vez, sendo necessário fazer uns consertos em casa, mandou chamar um mestre carpinteiro. O trabalho estendeu-se pela semana fora. Ora, nessa época, a Miss Hennessey andava muito fraca. Pelo meio da tarde, a irmã Santa Sílvia costumava levar-lhe um cálice de vinho do Porto, com um pratinho de biscoitos. Chegado o sábado, encontrou tudo intacto, ao ir buscar o tabuleiro.

— Hoje foi feia, não tomou nada! — ralhou carinhosamente a enfermeira. E ela, embaraçada, como criança apanhada em culpa:

— O carpinteiro, hoje, não veio...

E, desta forma, se soube do destino que o vinho e os biscoitos levavam nos outros dias. Em todas as circunstâncias, a boa senhora era assim despreendida e mortificada.

Na manhã do dia 9 de Março de 1896, na ocasião em que Miss Hennessey se preparava para ir assistir à Missa do 7.º dia, por alma do pai dum aluna, foi ela própria surpreendida por morte súbita. Quando foram procurar ao quarto, encontraram-na já sem

vida. De joelhos junto à cama, com a cabeça descaída sobre as mãos entrelaçadas, não parecia morta mas adormecida...

Foi geral a consternação no Colégio e na cidade. Não se fizeram convites para o enterro, mas um numeroso cortejo de carruagens fechava as filas intermináveis de sacerdotes, religiosas, alunas e pessoas amigas que a acompanhavam, a pé, ao cemitério de Agramonte.

No momento em que o caixão ia baixar à sepultura, uma mulher rompeu por entre a multidão e precipitou-se sobre ele, chorando e gritando:

— Deixem-me beijar as mãos da minha benfeitora!!

Era a «pobrezinha do mês» que vinha render-lhe o último preito de gratidão!

Mandava também o reconhecimento que, à memória das Fundadoras, se juntasse a da saudosa Miss Hennessey, dedicadíssima colaboradora durante vinte e cinco anos, e instrumento principal de que Deus se serviu para trazer, a esta Nação, as Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

De entre as três irmãs Hennessey, a Madre S. Tomás foi, indubitavelmente, a que Deus fadou para mais altos voos espirituais e mais arriscadas empresas da Sua glória.

Ficariam bem, neste lugar, alguns dados biográficos da veneranda Madre, ao lado das referências feitas a suas irmãs de sangue e de Ideal. Porém as lembranças que dela nos restam, mesmo ligadas em apertado feixe, dão para mais de um capítulo. Até 1896, ano em que deixou o seu querido Portugal, para exercer o cargo de 1.<sup>a</sup> Assistente Geral na Casa-Mãe, teremos o gosto de nos encontrarmos ainda, muitas vezes, com esta simpática e santa religiosa que bem merece lugar de realce nesta galeria de «VIDAS VIVAS».



9.

*MÃO-DE RESPLANDECER COMO O SOL.*



THE UNIVERSITY OF CHICAGO





## 9.

### HÃO-DE RESPLANDECER COMO O SOL.

○ elogio da Madre S. Tomás deixou-o feito o Padre Gailhac, nestas palavras, que muitas vezes se lhe ouviam: — «É a que tem mais o espírito do Instituto.» De facto, ler as regras que tratam desse espírito, é ficar a conhecê-la intimamente, pois que a vida dela outra coisa não foi senão o seu comentário vivo.

— «O espírito do Instituto do Sagrado Coração de Maria é sobretudo *um espírito de fé*, que deve manifestar-se em toda a sua maneira de proceder, inspirada numa grande simplicidade, numa profunda humildade e completo afastamento do mundo.» (1)

Os meios que as Constituições aconselham para conseguir esse fim — meios perseverantemente empre-

---

(1) Regra n.º 3.

gados pela Madre S. Tomás — acabam de delinear-lhe o perfil:

— «As irmãs procurem andar na presença de Deus, evitando nas suas acções qualquer motivo natural, e procedendo em tudo unicamente por amor de Deus, para Sua glória, e honra do Sagrado Coração de Maria, objecto especial do seu culto.» (1)

Mas, além do *espírito de fé*, a regra n.º 5 aclara que «o espírito do Instituto é também um *espírito de zelo ardente pela salvação das almas.*»

O venerando Fundador chegou mesmo a pensar em acrescentar um 4.º voto — o do zelo — aos três que constituem a essência da vida religiosa. Se não realizou este primeiro pensamento, pelo menos teve a peito gravar profundamente, no coração das suas religiosas, o ardor pela salvação das almas, em que se abrasava o seu próprio coração.

— *O zelo é a chama do Amor!* — costumava dizer-lhes. E os seus escritos estão cheios de máximas como esta:

«*Amai a Jesus com todo o coração, e tereis o zelo dos santos; tudo se vos tornará fácil e amável. Sacrifícios, renúncia, penas, trabalhos, imolação, nada vos deterá, nada vos custará!*» (2)

---

(1) Regra n.º 4.

(2) Padre GAILHAC, *La vie religieuse*, Lille, 1937, pág. 145.

Vinte anos andou a Madre S. Tomás nesta escola austera e suave, pois tantos foram os que passou na Casa-Mãe, junto do santo e abalisado mestre de perfeição. Saiu aproveitada a discípula e o mestre achou-a capaz de, por sua vez, reger cátedra de santidade.

Começou por ser mestra das Noviças em Béziers. Depois, foi Superiora em Lisburn na Irlanda. Em 1872, vamos encontrá-la no Porto, à frente do «Colégio Inglês», no Largo do Coronel Pacheco. E é sob o amparo carinhoso e forte desta grande Superiora, que nasce e se desenvolve a «Província portuguesa do Sagrado Coração de Maria».

«Os justos hão-de resplandecer como o sol no reino de Seu Pai» (1), disse Jesus, um dia, em conversa íntima com os apóstolos.

As almas cheias de Deus, como a da Madre S. Tomás, já deixam entrever os fulgores que hão-de irradiar no Céu, pelo rasto luminoso que deixam na sua passagem pela Terra!

A eminente santidade desta veneranda Madre, atestam-na, à evidência, os frutos da sua acção apostólica entre nós. Porque não viveu só para a Comu-

---

(1) S. MATEUS, XIII, 43.

nidade e as alunas; o seu zelo alcançava as famílias das educandas e a quantos entravam em comunicação com o Colégio. Estava sempre pronta a coadjuvar discretamente a Miss Hennessey, nas suas empresas de caridade. Por morte desta, quis que se continuassem a socorrer os seus protegidos e, em especial, a aleijadinha.

A influência do seu exemplo bastava para animar à regularidade e ao fervor, tanto religiosas, como educandas.

Dela se conta que, ao passar nos corredores, deixava tilintar o molho de chaves que trazia consigo. Este aviso discreto chegava para meter na ordem alguma que precisasse de ser chamada ao cumprimento do dever.

Evitava reprender e, se acaso se via obrigada a fazê-lo, nunca perdia a serenidade. Só a sua presença levava a calma aos espíritos exaltados.

Uma manhã, chegou junto dela uma religiosa a contar-lhe, muito excitada, qualquer coisa que se tinha acabado de passar. Fitando-a bondosamente, a Madre S. Tomás disse-lhe só:

— Então, minha filha, comece por dizer: bons dias, minha Madre! — caindo logo em si, a religiosa pediu desculpa e a tempestade desfez-se...

Nesses primeiros tempos da fundação do Porto, a leitura comum fazia-se, habitualmente, nos clássicos «Exercícios de perfeição» do Padre Rodriguez. Duas irmãs das mais novinhas — a Madre Maria José e Madre S. Calixto que haviam de deixar o nome

ligado à história do Instituto — foram pedir à Madre S. Tomás que mudasse de livro:

— É tão aborrecido... — disseram.

— Já o praticam? — perguntou a Madre.

Embaraçadas, baixaram a cabeça e não lhes ficou vontade de renovar o pedido...

Nas penas, por muito custosas que fossem, era a mesma serenidade. Durante o ano lectivo de 1881-1882, a Comunidade foi muito provada pela doença. A terrível epidemia da varíola arrebatou-lhe duas religiosas: a Madre Santo Edmundo Hunt e a irmã Estefânia Guedes. As alunas foram poupadas; mas que cuidados e que dor para a pobre Superiora!



As cartas do Fundador traziam-lhe grande consolação.

Com os seus setenta anos bem contados, o Padre Gailhac mantinha uma frescura de espírito e uma actividade invulgares. É a partir dessa idade que compõe admiráveis tratados sobre a vida religiosa — o mais precioso legado que podia deixar à sua família espiritual — e que empreende as longas e fatigantes viagens que, anualmente, fazia à Irlanda, à Inglaterra e a Portugal. Mantinha também assídua correspondência com as casas da Europa e da América do Norte, interessando-se por cada religiosa e respondendo a todas as que lhe escreviam.

Ainda se conservam, na Casa-Mãe, centenaes dessas cartas. Entre elas há uma, cheia de espirito sobrenatural e de fina ironia, que ele dirigiu a certa religiosa da Comunidade do Porto, a qual, na sua simplicidade, se tinha lamentado porque a casa era acanhada e velha...

Diz assim a carta:

«Minha querida filha.

«Que o bom Jesus a ilumine, a fortifique e lhe dê toda a generosidade que exige das almas às quais reserva a imensidade dos céus. Oh! como lá estaremos à larga; já não veremos só um canto do céu mas o céu todo, com a sua eterna luz; possuiremos um oceano sem limites de santas delicias, porque, lá estaremos em Deus e Deus em nós.

«Esta esperanza é que enchia de alegria e de coragem os reclusos, na sua cela estreita e sem janela; e os confessores da fé, nas suas infectas masmorras. Como é pobre a nossa fé comparada com a deles!

«Minha filha, ande continuamente na presença de Deus e já não sentirá aperto, porque viverá no infinito. Em vez de olhar para tudo em volta de si, olhe para si: Deus quer permanecer no seu coração, apesar de tão acanhado. E acaso estará Ele à larga, nesses sacrários onde permanece há dois mil anos?

«Minha querida filha, viva mais ocupada de Deus, da sua vontade santíssima, da glória que Ele quer que Lhe dê, e já estará menos ocupada de si e mais contente e assim se multiplicarão os seus méritos,

para que um dia — que não vem longe — possamos entrar na Sua alegria.» (1)

Assim como sabia corrigir fraquezas, com mão experiente e firme, também sabia ser paternalmente carinhoso. Duma vez que a Madre S. Tomás tinha estado muito doente, mal a soube em convalescença, o Padre Gailhac (também doente de cama, nessa ocasião) escreveu-lhe esta carta encantadora:

«Há muito tempo que não lhe escrevo e, hoje, e ainda um doente que escreve a uma convalescente. Pelo sofrimento é que Jesus Cristo consumou a obra da Redenção e é só pelo sofrimento que podemos consua-la. Mas, Deus que nos visita e que quer que sejamos vítimas de expiação, também quer que cantemos os Seus louvores, depois da prova do sofrimento. pelas nossas acções de graças, e continuando a Sua obra com novo zelo.

Bendito seja Deus que lhe tornou a dar a saúde para que aumente e aperfeiçoe a sua obra. Vai fazê-lo, tenho confiança, pelo seu fervor, exemplo e, sobretudo, pela autoridade que o seu renascimento para a saúde lhe vai dar sobre as suas filhas.

«Se Deus me der forças para isso, espero que, quando for vê-las, só terei que agradecer a Deus as graças que lhe concedeu e o redobramento de piedade,

---

Carta do P. GAILHAC, sem data (1872?).

de regularidade, de união e de caridade entre as suas queridas filhas, que são minhas.» (1)

Já não tiveram a consolação da visita prometida. Com a doença, chegaram os achaques próprios de tão avançada idade e o Padre Gailhac já não pode tornar a fazer a fatigante viagem de Béziers ao Porto. Tinha agora 85 anos, mas ainda viveu até aos 88, para conforto e edificação das suas religiosas.

Mais quebrada de forças físicas mas sempre alentada nas do espírito, a Madre S. Tomás continuava a repartir-se, com igual zelo, entre os três Colégios que então já se achavam fundados: Porto, Braga e Chaves.

Nunca será demasiado o que se disser do espírito de sacrificio desta admirável religiosa. Quando se tratava do cumprimento do dever, ia até ao limite extremo das suas forças.

Em princípios de Fevereiro de 1882, a jovem Madre S. Liguório, Superiora de Braga, caiu à cama, exausta pelas privações e pelo trabalho. Declara-se

---

(1) Carta do P. GAILHAC, datada de 28 de Junho de 1887.



uma pneumonia e o médico, alarmado com o seu estado, exige a presença imediata da Superiora do Porto, sob cuja dependência estava também a Comunidade de Braga nos primeiros anos da fundação.

Avisam imediatamente a Madre S. Tomás.

Admiradas por não a verem chegar logo, como costumava, e ignorando que se achava gravemente doente e de cama, instam outra vez, de Braga, pela sua vinda. Mas as religiosas do Porto opõem-se — e com razão — à sua partida.

Por fim, aflita com as más notícias e não podendo conter mais o impulso do seu coração maternal, parte quase às escondidas. Horas depois, aparece em Braga pálida, desfeita, mal podendo articular uma palavra...

Tão grave era o seu estado que, depois de fazer uma curta visita à querida doentinha, recolheu à cama e o médico não sabia qual das duas Superiores inspirava mais cuidados!

Da sua generosidade, contam-se também muitos exemplos.

A casa de Braga era muito ajudada por esta boa Madre. Nas vésperas das grandes festas não faltavam os seus presentinhos para alegrar aquelas filhas que, enquanto tiveram poucas alunas, tão provadas foram pela pobreza.

Duma vez, chega pela Páscoa uma encomenda enviada do Porto.

Abrem-na com alvoroço. Trazia dentro uma guarnição para o altar, bordada a oiro, uma caixa com

uvas passas, outra com figos e um pão de ló... E isto tudo acompanhado duma carta repassada de carinho em que pedia desculpa por enviar uma oferta tão pequena mas que a própria pobreza não lhe permitia mandar quanto desejava.

Da mesma generosidade e grandeza de ânimo usava na maneira de governar e no trato diário com as súbditas.

Uma irmã deixou cair uma pilha de pratos, partindo-os quase todos.

— Esta irmã quebra tudo! — comentou alguém impacientemente. Logo acudiu a Madre S. Tomás:

— Só quem não pega nas coisas é que não quebra nada. — E, vendo a irmã lavada em lágrimas, pergunta-lhe, solícita:

— Magoou-se, minha irmã?

Mas também sabia ser firme, como provou na solução que deu à situação delicada da Comunidade, na velha casa da rua da Picaria, e no cuidado em manter uma perfeita observância.

O seu recolhimento e espírito de oração transpareciam em toda a sua atitude, e só a sua presença já infundia devoção. Chegava à porta dos diversos ofícios e dizia em tom suave e penetrante:

— Viva Jesus!

— Para sempre, em nossos corações, — respondiam as irmãs. Depois, acrescentava uma palavrinha de ânimo sobrenatural que as deixava afervoradas para todo o dia.

Tinha a Madre S. Tomás em particular estima as almas simples e obedientes.

Conta-se que numa sua visita ao Colégio de Braga, em Julho de 1892, veio a Comunidade acompanhá-la à portaria, à hora da partida para a estação. A Irmã Clementina, de santa memória, disse-lhe ao despedir-se:

— Minha Madre, leve-me consigo!

Pois venha, minha filha. — E, tal como estava, sem preparativos nem bagagem, seguiu para o Porto!

Não admira que Deus assistisse com graças especiais a uma alma de oração como era esta santa Madre. Casos há, na sua vida, em que se fica a pensar se não recebeu luzes extraordinárias, como, por exemplo, nos dois que se seguem:

Quando a Irmã Carlota — que tanta edificação havia de dar durante a sua longa vida — entrou como postulante para a Comunidade do Porto, trazia consigo uma rapariga da sua terra, que também dizia ter vocação.

No dia seguinte ao da chegada, a Madre Tomás vai ter com a irmã Carlota e diz-lhe:

— Mande-me já embora essa pequena. Por dela não pude dormir esta noite.

Não tardou a saber-se que eram muito diversos os projectos da rapariga. Mal

tinham passado dois meses, chegava a notícia de que acabava de casar com um irmão da boa Irmã Carlota, como de há muito pretendia.

No dia do falecimento da Miss Hennessey, a Madre S. Tomás, quando ia a sair da capela, às 11 horas da manhã, pediu à Madre Marie Eulalie Ryan — religiosa muito da sua confiança — que fosse ver como estava a irmã.

— A Miss Hennessey não está bem... — veio dizer-lhe aquela Madre, sem coragem para lhe dar subitamente a terrível notícia.

— A Miss Hennessey está morta! — respondeu-lhe logo a Madre S. Tomás. E, levantando-se com aquela dignidade e calma que punha em todas as suas acções, começou a rezar, encaminhando-se para o quarto da sua irmã:

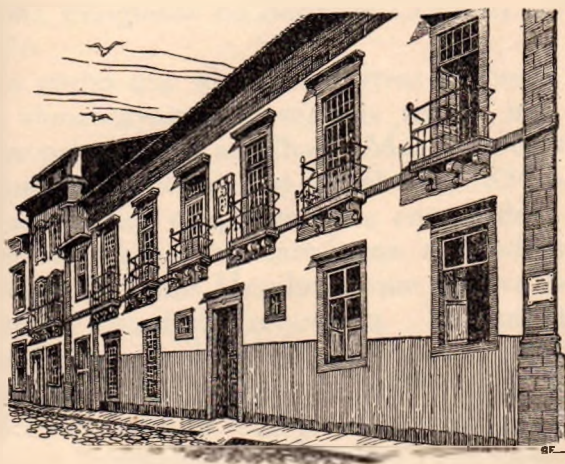
— «De profundis clamavi ad te Domine...»

\* \* \*

Volando atrás 20 anos, acompanhemos a Madre S. Tomás a Braga. Com a fundação desta casa, começa a expansão do Instituto, em Portugal.

10.

O SEGREDO DA MADRE S. LIGUÓRIO





## 10.

### O SEGREDO DA MADRE S. LIGUÓRIO

**B**raga — a velha e nobre *Bracara Augusta* dos romanos, onde os lindos solares brasonados rivalizavam em número e magnificência com as igrejas e conventos antigos — recebia a primeira visita das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, em 1876.

Há muito que algumas ilustres senhoras bracarenses alimentavam o desejo de ter ali um colégio religioso para educar as filhas. Mas a quem recorrer, se os conventos, depois dos decretos de 1834, se achavam quase todos despovoados e encerrados?

Em tempos que não iam longe, a cidade possuía um colégio de Irmãs Ursulinas, que gozava de merecida fama e escolhida frequência. Tinham vindo do célebre Convento do Vale de Pereira, próximo de Coimbra, em 1785, e ocupavam, no Largo de S. Paulo, o edifício do extinto Colégio dos Jesuítas, fundado pelo santo Arcebispo, D. Frei Bartolomeu dos Már-

tiros. Infelizmente poucas religiosas restavam já dessa Comunidade, outrora tão próspera, e estavam reduzidas a viver da caridade pública.

Ora, em 1876, os dois Institutos femininos de ensino que mais haviam de florescer no país — o de Santa Doroteia e o do Sagrado Coração de Maria — já havia anos que tinham entrado em Portugal, mas eram ainda pouco conhecidos.

Andava, por essa época, no «Colégio Inglês» do Porto, uma menina da família Bressane Leite Perry, que então residia em Braga (1). Encantadas com os primores de educação que nela notavam, as senhoras que estavam empenhadas na fundação informaram-se do colégio que frequentava e pediram-lhe para as pôr em comunicação com as suas mestras.

O projecto teve favorável aceitação na Casa-Mãe e a Superiora do Porto recebia plenos poderes para tratar da abertura do novo Colégio.



Numa manhã de Março, a Madre S. Tomás e a Miss Hennessey puseram-se a caminho de Braga. E, enquanto o comboio cortava veloz por entre extensos milheirais, já a despontar verdejantes, e hortas

---

(1) Maria José Bressane Leite Perry entrou para o Instituto do Sagrado Coração de Maria a 6 de Outubro de 1877; tomou, com o hábito, o nome de Madre Maria de Jesus e veio a morrer santamente, em Tuy, a 31 de Outubro de 1930.



mimosas, orladas aqui e além por latadas em flor, iriam louvando a Deus e desfiando, talvez — à maneira de dialogada salmodia —, as recordações daqueles quatro anos e meio:

a arrancada saudosa da Casa-Mãe...  
a cruz à espera, além fronteiras...  
a atribulada viagem de Irun ao Porto...  
as pedradas e insultos na Picaria...  
a deserção das meninas, após a tormenta...

Tudo caminhos de Deus, afinal, provas do Seu amor:

*tinham semeado nas lágrimas,  
recolhiam agora na alegria! (1)*

.....

Um silvo mais prolongado e estridente, anuncia-lhes a chegada a Braga.

Na estação, as senhoras esperavam-nas, cheias de alegria. Subiram em direcção ao Campo das Hortas e viraram à direita, para a Cruz de Pedra. Lá estava, mesmo em frente, a casa do Visconde de Pindela.

— É esta. — apontou uma das senhoras.

As duas viajantes pararam a contemplá-la.

Agradou-lhes. Um brasão encimava a porta principal e a frontaria, rasgada por sacadas, tinha um

---

(1) Cf. Salmo, 125, vers. 6.

aspecto grave e senhoril. Esperava-as, porém, uma grande decepção: a parte reservada às religiosas era pequena e não tinha quintal. Como não havia outra para alugar, resolveram abrir só externato. Para tomar conta dele veio uma comunidade pequenina — duas Madres irlandesas e duas irmãs coadjutoras francesas — e uma Superiora tão novinha e débil, que parecia quase uma criança.

Numa folha velhinha do MANUEL DES SUPÉRIEURES — livro que começou a manusear aos 22 anos, por dever de ofício... — lêem-se, escritas pela Madre S. Liguório, estas linhas comovedoras:

*Reçu LA TERRIBLE CHARGE  
Fête de Notre Dame du Rosaire...*

.....  
Sobrinha da Madre «Saint Charles» (a simpática Rosanna Mac-Mullen, de Dublin), tinha ido para Béziers, em Março de 1873, com 17 anos, a fim de completar a educação junto da tia, no «Pensionnat Sacré-Coeur de Marie».

Aos vinte, entrara para o Instituto. Grandes esperanças deviam pôr os Superiores nesta religiosa para, tão nova, a entregarem à Madre S. Tomás, recomendando-lhe que fizesse dela uma santa Superiora!

Ambas — mestra e discípula — corresponderam à honrosa incumbência: durante mais de 40 anos, venerada e querida por todos, a saudosa Madre S. Liguório serviu o Instituto, no ofício de Superiora.

Para lhe suavizar o peso do cargo, que era *terrível*, na verdade, para a sua juventude e inexperiência, a Madre S. Tomás compartilhava das responsabilidades do Superiorado. As suas visitas quinzenais eram o conforto da Madre S. Liguório que desabafava todas as suas aflições e dificuldades e lhe contava, com infantil candura, os seus erros e enganos.

Não admira que não tivesse experiência de governo de casa quem passara dos bancos do Colégio directamente para os do Noviciado.

Contam irmãs antigas, ou acham-se registados no *Diário* da Comunidade de Braga, diversos casos engraçados sucedidos nos primeiros anos da fundação.

Um dia — devia ser nas vésperas da abertura do Colégio — as duas irmãs coadjutoras andavam tão atarefadas com a limpeza e arrumação da casa, que a Madre S. Liguório resolveu tomar a cozinha à sua conta.

Entre as provisões trazidas do Porto, encontrou um cartucho com «cevadinha». Pareceu-lhe pouca para cinco pessoas mas lá se aventurou a despejá-lo na panela, que já estava ao lume, com água. Subiu ao auge o seu espanto quando viu a «cevadinha» a crescer, a crescer até deitar por fora... Julgando-se favorecida com algum *prodígio* desses que tinha lido em crónicas de fundações, a improvisada cozinheira

não cessava de dar graças à Providência, enquanto preparava a refeição...

Mas que desilusão quando lhe deram a explicação natural desse fenómeno culinário!... E para as irmãs, coitadas, que mortificação andarem a comer das *milagrosas* papas, a todas as refeições, até se esvaziar a panela...

O seu deficiente conhecimento da língua portuguesa e pouca prática de negócios, também deram origem, por diversas vezes, a que abusassem da sua boa fé. O zeloso Vigário Geral, Mgr. Rebelo, que era muito amigo do Colégio e tinha em grande apreço a jovem Superiora, apresentava-se, então, lá, para a ajudar e aconselhar, dizendo:

— «Asseyez-vous là, ma Mère; je veux vous donner une leçon de malice!»

Enquanto se não familiarizou com a língua, foram frequentes os equívocos divertidos que se deram com esta Superiora.

Duma vez, a Madre S. Liguório tinha ido atender à portaria uma mulherzinha que, entre outras coisas da sua vida, se pôs a contar:

— Com licença de Voss'Incelência, fui comprar um bacorinho à feira e...

— Mas eu não lhe dei licença nenhuma!! — interrompeu, aflitíssima, a ingénua Madre.

O que ela se riu, depois, quando lhe explicaram que era uso do nosso povo empregar aquela expressão respeitosa, ao falar daqueles animaizinhos!...

Pouco tempo havia que estavam em Braga, quando a fama das Irmãs *Inglesinhas* começou a correr pelas cercanias. Tocadas pela graça da vocação, as postulantes principiavam a aparecer. Para as mais pobres, era necessário obter dispensa do dote e, por isso, feitas as perguntas de estilo, a Superiora costumava informar-se também se tinham alguns meios. Mas, confundindo o género das palavras, como acontece, em geral, às pessoas de língua inglesa, perguntou, um dia, a uma pretendente:

— Tem meias?

— Tenho só estas que trago nos pés, — respondeu a rapariga, com simplicidade, levantando uma pontinha da saia rodada, para as mostrar...



As senhoras que tinham convidado as religiosas para abrir, o colégio em Braga, nem por sombras suspeitavam das privações que elas passavam, no seu pequeno Convento da Cruz de Pedra. O que valia é que já tinham em sua companhia o Divino Hóspede — instalado, como elas, pobremente, num quarto transformado em capela. Iam ali buscar a coragem e alegria com que levavam todos esses sacrifícios, e que tanto edificavam os que com elas tratavam.

A princípio, eram muito poucas as meninas, mas pertenciam às melhores famílias da cidade. Andam

ainda na memória das contemporâneas os nomes de algumas: Maria Eduarda e Francisca Adelaide de Noronha de Menezes Portugal e suas primas Maria Eduarda e Laura Freire de Andrade; Maria Brígida <sup>(1)</sup> e Maria das Dores Bressane Leite Perry <sup>(2)</sup>, irmãs daquela aluna do «Colégio Inglês» do Porto, que serviu de intermediária para a fundação de Braga.

Logo no ano da abertura, as religiosas empenharam-se na organização duma festazinha, com lindos números em francês e inglês, a qual tornou o colégio mais conhecido e apreciado.

O Padre Gailhac seguia com o maior interesse o desenvolvimento da segunda fundação portuguesa mas não escondia o cuidado em que andava por ver as comunidades do Porto e de Braga instaladas em casas alugadas. Numa carta que escreveu à Madre S. Tomás, a 8 de Abril de 1877, revela não só essa preocupação como o seu privilegiado senso prático:

— «Uma Comunidade que não tem casa própria, é uma comunidade móvel,» — dizia.

---

<sup>(1)</sup> Mãe e educadora admirável de numerosos filhos, foi casada com o professor da Universidade de Coimbra, Dr. Francisco José de Sousa Gomes, que tão grande nome deixou na vida católica em Portugal.

<sup>(2)</sup> Ingressou na Congregação das Irmãs Dominicanas, onde tomou o nome de Maria Imelda. Foi Superiora muito estimada do Colégio da Regeneração, em Braga.

E, depois de recomendar urgência na aquisição das casas, acrescenta:

— «Sejam verdadeiramente de Deus as religiosas de ambas as comunidades, para que Deus lhes conceda esta graça. Vivam com grande economia; gastem só o estritamente necessário, para poderem contar com a Providência, porque seria tentar a Deus contarmos com o Seu auxílio sem, da nossa parte, empregarmos todos os meios possíveis.»

Decorridos uns anos, já o Padre Gailhac tinha o gosto de encontrar as irmãs instaladas em casa do Instituto, numa e noutra cidade.



Pouco tempo estive o Colégio na casa do Visconde de Pindela. Com grande alegria das religiosas e das meninas, mudaram para o Campo da Vinha e ali se conservaram até 1910.

A primeira aluna interna que lá receberam — primeira e única durante bastante tempo — chamava-se Isabel Geraldês. Mais tarde, foi religiosa com o nome de Madre Maria Alacoque <sup>(1)</sup>.

---

<sup>(1)</sup> Trabalhou nas casas de Braga, Sag-Harbor e Rio de Janeiro e após longa e dolorosa enfermidade, morreu no Brasil, em 1923.

A nova casa era espaçosa, bem situada e tinha um pequeno quintal. Em tempos, o edificio estivera ocupado por um Banco. Numa das salas da frente, estavam pintadas figuras alegóricas do comércio, indústria e lavoura. No andar de baixo, ainda existia um cofre-forte de pedra, com porta chapeada de ferro.

Que ironia aquele cofre enorme!... A caixinha de lata que a Superiora tinha no quarto, chegava de sobra para as escassas economias que ali depositava, à guarda de S. José. E dias houve em que a estatueta do querido Santo esteve em risco de ficar em triste solidão, no fundo da caixa, tão poucos cobres lá havia...

Atribui-se a um bispo francês o dito: «*la croix la plus lourde est la croix d'argent*». A boa Madre S. Liguório teve inúmeras ocasiões de experimentar o peso desta cruz, enquanto esteve à frente da casa de Braga!

Entretanto, nova cruz bem grande a visitava e à sua Comunidade: adoeceu com uma febre tifóide, tão gravemente, que lhe administraram os últimos Sacramentos...

Foi, porém, outra a vítima escolhida por Deus para, com o seu sacrificio, assegurar os fundamentos deste Colégio.

A Madre S. Domingos, sabendo que a sua Superiora estava a morrer, quis ir vê-la e abraçá-la. Dias depois, era arrebatada pela mesma doença e a Madre S. Liguório recuperava milagrosamente a saúde!



Esperavam as religiosas que a instalação do colégio numa casa boa e central como era a do Campo da Vinha, havia de trazer-lhes muitas alunas. A realidade não correspondeu à expectativa. No ano lectivo de 1881-1882 — uns três anos depois da mudança — ainda só tinham 12 internas e, entre essas, duas eram sustentadas e vestidas gratuitamente. As alunas semi-internas e externas andavam apenas por umas 50.

O que valia, para consolar as irmãs, era a escola de S. José, para pobrezinhas, que funcionava numa casa contígua ao Colégio, e já contava 60 crianças a quem davam uma refeição diária.

Mas que oneroso encargo não representava esta escola para os diminutos recursos de que dispunha a pobre Superiora.

No mês de Janeiro de 1882, lê-se no *Diário da Comunidade*: — «Às vezes parece-nos impossível continuar a nossa obra...»

E, mais abaixo, a temperar a nota de desânimo, este acto de fé e de confiança:

— «Jesus não nos abandonará! Trabalhamos por Ele e só queremos a salvação destas queridas almas que Ele Se dignou confiar-nos. A nossa

Madre diz-nos, muitas vezes, que Nosso Senhor, por amor de Quem deixámos tudo o que nos era querido, há-de dar-nos os meios de continuar uma obra que só tem por fim o bem das almas.»

Realmente, a leitura do *Diário*, deixa entrever a carinhosa solicitude com que Nosso Senhor correspondia à grande confiança da Madre S. Liguório:

— «Pessoas amigas admiram-se de que a Madre Superiora possa, com tão poucas alunas, prover às necessidades duma casa como esta, e oferecem-se para lhe emprestar dinheiro. A nossa boa Madre S. Tomás escreveu-lhe, há pouco, muito aflita, pensando que as suas filhas de Braga estavam na indigência. Suplicava à nossa Madre que lhe escrevesse imediatamente a dizer se precisava de dinheiro. Ficou admirada ao saber que não devia cinco réis a ninguém e que não nos faltava o necessário!»

Qual era o *segredo* da Madre S. Liguório?

Juntava o sacrifício à oração e não se furtava a trabalho nenhum para aliviar as suas irmãs.

Tão depressa a viam a dar lições de piano ou de línguas, em substituição de alguma mestra, doente. como a iam encontrar na cozinha a descascar batatas ou a lavar loiça, em dia de mais aperto no serviço. Ela própria confessava, mais tarde, que, às vezes, se acanhava das alunas, ao ter de poisar no teclado do

piano as suas mãos tão marcadas pelo ofício interino de cozinheira.

Tantas preocupações e canseiras esgotaram-lhe a resistência física. No mês de Fevereiro de 1882, uma pneumonia pô-la, novamente, às portas da morte e deixou-a fraquíssima. Mas, neste corpo débil habitava uma alma enérgica.

Escrevem as contemporâneas: «sofria sempre sem se queixar nem diminuir os seus numerosos ofícios e, além disso, era a primeira a tomar o lugar de alguma irmã que via adoentada».

Chegada a Semana Santa, quis salmodiar com a Comunidade os longos ofícios do tempo. Porém, na Quinta-feira Santa, as forças traíram-na e caiu desmaiada, ao sair da capela. Duas horas mais tarde, já estava no seu posto a começar o Ofício do dia seguinte, com grande admiração das irmãs, que a supunham na cama.

Foi neste mesmo ano, que se deu uma dessas intervenções delicadíssimas da Providência, que abundam nas biografias dos Santos e que também encontramos na vida desta virtuosa Madre. Sonhava ela com um harmónio para a sua capelinha. Como não teve jeito de o arranjar cá pela terra, entendeu-se com a Mãe do Céu e prometeu-Lhe acompanhar ela

própria os cânticos em Sua honra, se lhe mandasse o dinheiro preciso para a desejada compra.

Uma manhã, abrindo o cofrezinho onde guardava as pensões das alunas, encontra lá dois rolos de vinte libras e outro de dez! Ninguém da casa os lá tinha posto, porque a chave andava sempre no seu bolso. Teria sido Nossa Senhora?...

Veio o harmónio do Porto. Foi uma festa no Colégio! Para cúmulo de satisfação, sobravam 11 libras e a Madre S. Tomás lembrou:

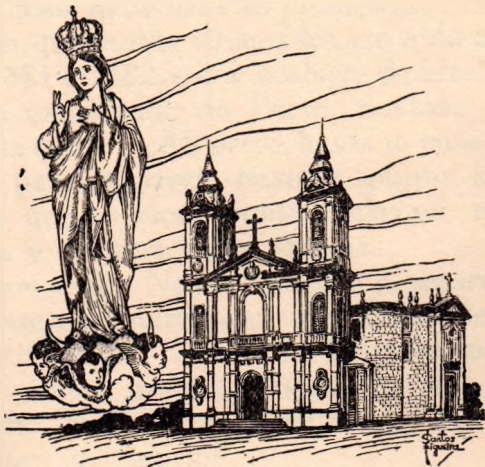
— «Se quisessem, comprava-se uma lâmpada para o Santíssimo, com o resto do dinheiro. Estou certa de que a SS.<sup>ma</sup> Virgem ficava muito contente se fizessem um presente tão lindo ao Seu Divino Filho!»

E lá veio adornar a pobre capelinha de Braga uma lâmpada de prata, igual à que lhe tinham oferecido para a sua festa.

NOTA: O desenho com que abre este capítulo representa a casa do Visconde de Pindela, a primeira habitada pelas Religiosas do Sagrado Coração de Maria, em Braga.

11.

*GRANDES PROVAS E GRANDES GRAÇAS*



THE HISTORY OF THE  
CITY OF BOSTON  
FROM 1630 TO 1800  
BY  
JOHN H. COOPER  
VOL. I.



## 11.

### GRANDES PROVAS E GRANDES GRAÇAS

À do alto do seu monte, fronteiro à cidade de Braga, Nossa Senhora do Sameiro viu que um perigo iminente pairava sobre as Religiosas, suas filhas.

No Colégio, as súplicas eram cada vez mais instantes, mais generosas as promessas. A epidemia da variola, que tantas vítimas fez em todo o país, nos anos de 1881 e 1882, e que acabava de arrebatrar duas irmãs à Comunidade do Porto, rondava agora em volta desta casa... Ali perto, havia já muitas pessoas atacadas pelas terríveis bexigas negras e o cheiro pestilento que os moribundos exalavam, pairava na atmosfera e entrava pelas janelas.

Baixou então Nossa Senhora a socorrê-las com a Sua Maternal intercessão: a epidemia deteve-se às portas do Colégio! E não só ninguém em casa foi atingido, como pedira fervorosamente a Madre S. Liguório, mas até as famílias das alunas foram preservadas do flagelo!

Quando chegou o Outono, lá foram um dia, de manhãzinha, cumprir a promessa da peregrinação à Senhora do Sameiro. Diz o *Diário* que «os lavradores se agrupavam à passagem para as ver». Devia ser comovente e linda, na verdade, aquela procissão de meninas vestidas de branco, a cantar e a rezar, com muito recolhimento, enquanto subiam, por entre campos, até ao monte do Sameiro. As mais bem comportadas empunhavam bandeiras, e todas — religiosas e meninas — levavam na mão uma flor que elas próprias tinham feito, para oferecerem a Nossa Senhora. As mais pequeninas, como as não sabiam fazer, tinham-nas comprado do seu bolsinho.

A meio do caminho, começa a chover...

— Vamos cantar a Nossa Senhora! — ordenou, cheia de fé, a Superiora. Ainda entoavam só o 2.º verso e já o sol brilhava e as nuvens se tinham sumido atrás do monte!

Estas peregrinações ao Santuário do Sameiro, repetiram-nas depois, muitas vezes, as alunas de Braga. Por fim, era já tradição querida a visita anual à linda Imagem da Imaculada, sempre de desvelada atalaia para valer aos filhos que, lá de baixo, A invocam em seus perigos e aflições.

. . .

Estava de festa o «Colégio Inglês», naquele dia 4 de Abril de 1881: ia chegar o Padre Gailhac! Indescritível o alvoroço no coração de todas. As reli-



giosas, no legítimo anseio de tornar a vê-lo e abrir-lhe as suas almas; as meninas, na infantil curiosidade de conhecer e ouvir um Santo.

Na agitação dos últimos preparativos, a Madre S. Liguório feriu desastradamente um dedo — e logo o indicador, que tanta falta lhe fazia para tocar à missa; e... ninguém em casa para a substituir! O golpe era tão fundo que se via o osso... Chega o Padre Gailhac. Compadecido, toma-lhe o dedo nas mãos e, depois de feito o sinal da cruz, diz:

— «Ce n'est rien, mon enfant!» — e proíbe que lhe toquem, até de manhã.

No dia seguinte, o dedo estava perfeitamente são e a Madre S. Liguório podia abrilhantar a festa com os acordes melódiosos do harmónio novo!

Durante esta visita, o Padre Gailhac estreitou relações com os Missionários do Espírito Santo, particularmente com o P. Eigenmann, Director do afamado Colégio de Braga — que estava já nessa data em pleno apogeu, com as suas instalações modelares, os seus 280 alunos e o êxito brilhante dos seus exames oficiais.

À circunstância de serem de origem francesa os dois Institutos, e fundados pela mesma época, acrescia a coincidência de ambos estarem colocados sob o especial patrocínio do Coração de Maria <sup>(1)</sup>.

---

(1) «Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria» é o título oficial desta Congregação Missionária.

O Padre Gailhac, tendo podido apreciar a virtude e inteligência do Padre Eigenmann, rogou-lhe que o substituísse junto das suas religiosas e lhe olhasse um pouco pelo Colégio, que se debatia ainda com as dificuldades próprias de toda a fundação recente. Desta missão se desempenhou o virtuoso Padre com zelo e prudência inexcedíveis, como testemunham o *Diário* da Comunidade e a correspondência trocada com a Casa-Mãe, que ele parece ter visitado algumas vezes.

Ficaram as religiosas muito afervoradas com as conferências que o Fundador fez à Comunidade e com as exortações que, a cada uma, dirigiu, em particular. Nos escritos do Padre Gailhac, há passagens que nos dão bem a ideia do ardor e unção da sua palavra!

«Durante a vida não se pode estacionar, a estação é na eternidade.

«Ó minhas queridas filhas, subi, subi sempre; é para isso que o tempo vos é dado: nada de paragens. Se parais, desceis. Sabemos quando paramos; não sabemos quando paramos de descer.

«Sem cessar unidas a Deus, seja a vossa felicidade fazer de toda a vida uma contínua renúncia. *Conservai-vos na Sua divina presença como uma hóstia pura, sem mácula, sempre imolada ao Seu amor!*»

Falando dos sermões do Fundador diz-nos o Padre Maymard, seu amigo e discípulo:

— «Não eram palavras, era fogo que saía da sua boca, era toda a sua alma que dominava o ouvinte.» Esta devia ser também a impressão das religiosas ao ouvi-lo.

As meninas, essas ficaram encantadas com o santo velhinho, que falava com tanta ternura de Nossa Senhora e lhes deixara fundada a Congregação das Filhas de Maria, para mais as afervorar no Seu amor.

O Padre Gailhac pediu ao Superior do Colégio do Espírito Santo, o Dr. Eigenmann, para se encarregar desta Congregação. Os cargos de Directora e Subdirectora deu-os à Madre S. Liguório e Madre Maria José Butler. Esta, tinha vindo para Portugal no verão de 1879 e estava, nesta época, à frente da classe das *grandes*.

O ano de 1885-1886 ficou marcado, nos anais da casa de Braga, por grandes provas e grandes graças. Uma atraíram as outras, como ordinariamente se dá, nos planos da Providência.

Por esta altura, além das Madres Maria José, Maria de Pazzi, Maria da Visitação (irlandesas) e da Madre Maria Emanuel (francesa), já a Comuni-

dade contava também as seguintes religiosas de coro portuguesas: Madres S. José, Maria do Sagrado Coração e Maria do Rosário.

Como no Colégio do Porto, as alunas começaram a ir fazer ao Liceu os exames de instrução primária. Logo no primeiro ano, tiraram muito bons resultados e as suas maneiras atenciosas e distintas deixaram excelente impressão nos professores. Era tão raro, há 60 anos, apresentarem-se a exames oficiais meninas de boas famílias!

Mais aliviada de preocupações financeiras — porque a frequência tinha aumentado —, e mais descansada de trabalhos escolares — porque a rodeavam religiosas de virtude e saber —, a boa Madre S. Liguório quase já não tinha cruz. Mas eis que a morte bate à porta e, dentro de três meses, arrebatá-lhe três das suas religiosas!...

Como viático para tão grande dor, o Senhor proporciona-lhe a consolação doutra visita do venerando Fundador, acompanhado da Madre S. Félix <sup>(1)</sup>. Coincidiu esta com as férias da Páscoa de 1885 e durou cinco breves dias.

Teria o Padre Gailhac o pressentimento de que não tornaria a ver as suas queridas filhas de Por-

---

<sup>(1)</sup> Superiora Geral de 1878 a 1905. Esta veneranda Madre é tida também como uma das fundadoras do Instituto, por ter entrado no decorrer do ano da fundação e ter tomado o hábito com a Madre S. João, a 13 de Abril de 1850.

tugal? Apesar dos seus 83 anos, falou em particular com cada religiosa, confessou-as, e todos os dias fez uma conferência sobre os votos e o espírito do Instituto. Nunca tinha sido tão paternal e tão bom!

Com que entusiasmo lhes teria afirmado, como dissera doutras vezes, mas frisando agora mais as palavras, à maneira de supremo testamento:

— «Ó filhas caríssimas, que Deus chamou para formar o Instituto do Sagrado Coração de Maria — desse Coração todo abrasado em amor que nos deu Jesus Cristo — *a vossa vocação, compreendei-o bem, é toda amor!*»

Nesta derradeira estada em Braga, o Padre Gailhac — que ali era tido em alta conta de santidade — foi muito visitado por sacerdotes e pessoas de elevada categoria, que desejavam conhecê-lo.

Avesso como era ao trato com o mundo e a fazer visitas, abriu, no entanto, uma excepção. Estava gravementé enferma uma ilustre senhora, D. Adelaide Raio de Paiva, viúva do Dr. João de Paiva Faria Leite de Brandão. Sentia que estava perdida e o coração apertava-se-lhe de dor, por deixar cinco filhos na orfandade. Preocupava-a, sobretudo, o futuro das duas filhinhas, uma de 4, outra de 7 anos. Ao saber da chegada do Padre Gailhac, insta para que o vão chamar, porque deseja fazer-lhe um pedido, antes de morrer.

Vem logo o Fundador, acompanhado das Madres S. Félix e S. Liguório. E dá-se, então, uma cena comovente: a desolada mãe manda que lhe tragam as filhinhas e entrega-as à guarda das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, rogando ao Padre Gailhac que olhe por elas, até aos 21 anos.

Pouco depois — a 21 de Abril — a doentinha deixava a terra, mais aliviada dos cuidados que antes a afligiam. E o Padre Gailhac — fiel ao compromisso! — só partiu para o Céu, depois das *filhas adoptivas* terminarem a sua educação...

\* \* \*

Por ocasião desta visita à Comunidade de Braga, o Padre Gailhac veio encontrar a Madre Maria Efrem desenganada dos médicos.

Mesmo à hora da saída, quis ir dar-lhe a consolação duma última bênção.

— Dá-me licença de morrer, meu Padre? — pediu a doentinha. Muito comovido, o Fundador acena-lhe que sim.

Ainda ia a caminho da estação, e já a obediente religiosa entregava plácida a alma a Deus...

A segunda a partir para o Céu foi a jovem Madre Maria do Rosário, religiosa tão observante que, não obstante a fraqueza e os cruciantes padecimentos que a afligiram durante muitos anos, não se dispensava do exacto cumprimento da Regra, nem

das suas obrigações junto das alunas. A este generoso espírito de sacrifício unia uma devoção terníssima à Paixão de Jesus e à Sagrada Eucaristia.

Depois da sua morte, o Dr. Eigenmann, confessor das irmãs, disse à Superiora:

— Dê muitas graças a Nosso Senhor por ter tido na Comunidade uma religiosa tão santa.

E lê-se nos anais desta casa que, ao seu valimento no Céu, se atribuíam graças especiais.

Deixou igual reputação de santidade a Irmã S. Justino, falecida no mesmo ano. Era também portuguesa e de muito boa família, não lhe faltando os dotes requeridos para ser religiosa de coro. Como sentisse grande atracção para a vida oculta e humilde de Nosso Senhor, pediu, ao entrar no Instituto, para a receberem como irmã coadjutora. Entendeu a Superiora que não devia aceder às suas instâncias. Passados tempos, mandou-a, com outras postulantes, para a Casa-Mãe. Uma vez ali, renovou o pedido ao Fundador. Esclarecido por Deus, este concedeu-lhe a graça ambicionada. Muitos outros desejos generosos deve ter exposto ao Senhor a humilde Irmã S. Justino, porque a sua vida foi de constante martírio.

Em França, padeceu, durante anos, de doença óssea numa perna, sem que os médicos lhe acertassem com o mal. E ela tudo suportou calada e paciente.

Quando voltou para Braga, já vinha tão doente que, a custo andava, apoiada em muletas. Os curativos eram muito dolorosos e o sofrimento contínuo, mas

dava gosto visitá-la porque estava sempre alegre e serena.

De espírito largo e coração grande, não se dobrava sobre os próprios padecimentos e applicava-os, antes, com as suas orações, pelas necessidades da Igreja e do seu Instituto. Tinha arranjado uma lista de todas as casas e, se lhe perguntavam: — Tem muitas dores, minha irmã? — furtava-se à resposta, respondendo com um sorriso bondoso: — Hoje é pela casa tal... — e, em cada dia, lá andava em espírito na apostólica digressão de Portugal à França, à Irlanda, à Inglaterra ou aos Estados Unidos...

A sua morte foi consoladora e edificante como a sua vida, mas a pobre Madre S. Liguório, ficou abatida e triste, ao ver partir-lhe para o Céu a terceira filha, dentro de tão breve espaço de tempo...

Os anos seguintes foram mais suaves. Prosperava o Colégio, e a Escola de S. José dava grandes consolações.

No dia de Nossa Senhora da Conceição, era já costume as meninas oferecerem, e até servirem elas próprias, um *almoço de festa* às crianças pobres. No fim distribuíam-lhes peças de vestuário, confeccionadas por suas mãos. Houve um ano em que cada uma recebeu uma saia de chita garrida. Doidas de alegria, quiseram as pequenas vesti-las ali mesmo,



e lá se foram a correr para casa a mostrar às mães a prenda dada pelas meninas do Colégio!

Em 1893, eram 70 as crianças matriculadas. Só os Anjos da Guarda poderiam contar todo o bem que as irmãs faziam na Escola.

Ora, numa manhã do mês de Junho, apareceu um polícia à porta do Colégio.

— Quero falar com a Sr.<sup>a</sup> Superiora, — declarou, importante...

A Madre S. Liguório era tímida e nunca tinha tido que se haver com *representantes da autoridade*. Por isso, não ia lá muito segura de si, quando se apresentou na portaria...

Ao abrir o envelope, empalideceu. Era nem mais nem menos do que um «auto» em que se acusava uma das suas religiosas de «ter espancado b̄rbaramente uma criança de 6 anos»!... Averiguados os factos, soube-se que tinha sido a própria mãe que a tinha maltratado e que — bem paga pela Maçonaria — viera acusar as irmãs em altos gritos, para o meio da Praça...

O caso foi para os tribunais, com grande aflição das religiosas e viva indignação de todas as pessoas de bem, que não deram crédito à inverosímil calúnia.

Durante os interrogatórios, não faltaram intermédios cómicos. Um dia, depois de ter feito uma série de declarações sem pés nem cabeça, a mãe da suposta vítima volta-se para uma garota da escola (que estava ensinada para lhe servir de testemunha) e manda-lhe:

— Anda, diz!

— Isso queria vocemecê que eu dissesse e até me prometeu um lenço *cachiné*, mas não digo, porque é mentira!!

Desta feita, os inimigos do Colégio não levaram a melhor!

Nem o processo foi por diante, nem a irmã chegou a comparecer no banco dos réus. No entanto, deve ter sido esta uma das maiores tribulações porque passou a boa Madre S. Liguório, nos últimos anos que esteve superiora em Braga.

No mês de Maio de 1890, um acontecimento que, à primeira vista, parecia interessar só às religiosas e educandas do Colégio de Braga, veio a ter repercussão em todo o Instituto.

Estava de visita àquela cidade o Núncio Apostólico, Mgr. Vicente Vannutelli, que não tardaria a ser chamado a Roma para receber a dignidade Cardinalícia. Hospedara-se no magnífico Colégio dos Padres do Espírito Santo, e estes pediram-lhe que visitasse as Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

A recepção, preparada com esmero pela Madre Superiora e pela Madre Maria José, foi invulgarmente brilhante, no dizer dos que a ela assistiram. Tão lisonjeira impressão causou no espírito do ilustre visitante que ficou, daí em diante, a fazer rasgados elo-

gios aos métodos educativos, e à cultura artística que no «Sagrado Coração de Maria» ministravam às alunas.

No decorrer da festa, foi conversando familiarmente com a Madre S. Liguório. Esta, com a sua característica simplicidade, falou-lhe no grande desejo que todas tinham de ver as Constituições definitivamente aprovadas pela Santa Sé.

— Quando for a Roma, falo nisso ao Santo Padre, — prometeu o Nuncio.

Oito anos mais tarde, a Madre S. Félix, por conselho do Cardeal de Cabrières — Bispo de Montpellier e devotado amigo da Congregação — foi a Roma tratar do mesmo assunto. Recebeu a mais cordial recepção do Cardeal Vannutelli, que ainda se lembrava muito bem das religiosas de Braga e do seu pedido.

Na audiência que obteve de Leão XIII, a Madre Geral pediu a Sua Santidade que se dignasse nomear Protector do Instituto, ao eminente purpurado. A graça fô-lhe concedida.

Paternalmente, o Santo Padre conversou com a Madre S. Félix, a respeito do Instituto e do Fundador. Recordaram a última visita dele ao Vaticano, a 12 de Dezembro de 1882. Fora, na verdade, para o Padre Gailhac, um raio de sol a doirar-lhe o ocaso, aquela audiência tão consoladora! E tanto que o Papa, achando-lhe um aspecto ainda vigoroso — quase juvenil — lhe dissera:

— É novo ainda!

— Santíssimo Padre, — respondera o venerando velhinho, — completo 80 anos, durante esta viagem.

— *Deve sentir-se muito feliz por Deus o ter escolhido para criar na Igreja uma nova família religiosa.* — dissera-lhe ainda Leão XIII, e aconselhou: — *Forme-a bem e ensine-lhe a imitar as virtudes de Jesus Cristo.*

Então o Padre Gailhac, respondera, humilde e simples (pois se era verdade!):

— Santíssimo Padre, nisso tenho trabalhado toda a minha vida.

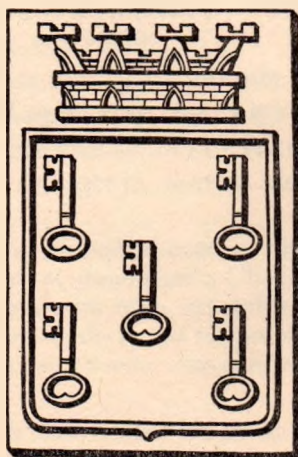
Decorreram 16 anos e, por fim, aquela última aprovação das Constituições, que o servo de Deus não obtivera na terra com os seus esforços e orações, obtinha-a no Céu com a sua valiosa intercessão.

Seis meses depois de ser nomeado Protector das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, o Cardeal Vannutelli enviava-lhes o desejado decreto. Trazia a data de 24 de Fevereiro de 1899 — *Bodas de Ouro da fundação do Instituto!*

NOTA: O desenho com que abre este capítulo representa a Basílica do Sameiro e a Imagem da Senhora da Conceição, que lá se venera.

12.

NA VILA DAS «CINCO CHAVES»





## 12.

### NA VILA DAS «CINCO CHAVES»

Junto a uma nascente de águas termais, descoberta pelos romanos, fundou o imperador Flávio Vespasiano a vila de Chaves, no ano 78 da era de Cristo.

Em tempos antigos, foi cidade fortificada e muito apetezida pelos conquistadores que por lá passaram, desde os Suevos aos Franceses — últimos que a tomaram e saquearam, em 1809.

A lembrar aos vindoiros valente façanha de armas de dois irmãos Lopes que, no reinado de D. Afonso Henriques, a reconquistaram aos Moiros, lêem-se estes curiosos versos na igreja matriz de Chaves:

«Dois hirmaons com as Quinas,  
«Sem rei, ganharam a Chaves,  
«D'onde em roxo, crystallinas,  
«Lhes foi dado por insígnias  
«Em seu escudo *cinco chaves* (1).

---

(1) As armas de Chaves são: em escudo de prata, *cinco chaves* de ouro (como se vê no desenho que abre este capítulo).

Já tinha perdido muito da antiga importância, mas era ainda uma vila aprazível, movimentada e farta, quando dela tomaram *pacífica posse* as Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

Havia ali um convento de freiras da Ordem de Nossa Senhora da Conceição, mais vulgarmente conhecidas por *Capuchas da Conceição*. Fundado em Fevereiro de 1716, este mosteiro, como tantos outros de veneráveis tradições, estava quase a extinguir-se.

Da numerosa Comunidade que o habitara, antes de 1834, apenas restava a Abadessa. Fora conhecida, na mocidade, como a «beleza de Chaves»; agora, alquebrada pelos anos e desgostos, apenas conservava, dos encantos juvenis, o olhar inteligente e profundo, que lhe cativava os corações.

Era seu confessor o P. Manuel Couto, de Zimão, que deixou fama de santo e foi autor da célebre *Missão Abreviada* — livro devoto que, no seu tempo, teve extraordinária difusão por todo o país. Sentindo-se muito só e triste, naquele casarão vazio, a velha Abadessa confia ao seu confessor a mágua que trazia e pede-lhe que a ajude a fazer reviver o seu convento. Se não o viessem habitar outras religiosas, por morte dela seria convertido em quartel, conforme já principiava a constar na vila.

Era excelente a ideia, mas não parecia muito viável ao bom Padre, que não sabia da existência de nenhuma Congregação florescente, capaz de realizar o sonho da velha Abadessa.



Vai valer-lhe a Providência.

Uma menina de Chaves, que estava internada no «Colégio Inglês» de Braga, fazia tão boas referências às suas mestras, que o P. Manuel Couto e um seu amigo, o Sr. Carneiro, vão lá falar com a Madre S. Liguório.

Voltam entusiasmados e ela não o ficou menos.

O assunto é logo comunicado à Casa-Mãe, através da Madre S. Tomás e quando, em Abril de 1885, o Padre Gailhac veio a Portugal com a Madre S. Félix, deixou licença para se abrir o Colégio de Chaves. Foi a última fundação que teve o gosto de ver realizada, antes da sua santa morte.



No dia 1 de Maio, apeavam-se em frente do Convento da Conceição, três religiosas vindas de Braga. Traziam dois dias de jornada, em carruagem incômoda e por caminhos péssimos. A noite anterior, tinham-na passado numa estalagem sórdida e desconfortável, que lhes lembraria, decerto, aquelas que Santa Teresa descreve, com graça inimitável, no livro das suas fundações...

A paisagem austera de Trás-os-Montes cansara-lhe os olhos habituados ao colorido ridendo do Minho. Por isso, fora agradável surpresa para as viajantes, repoisar a vista no vale fertilíssimo que

circunda a vila, e contemplar as águas claras do rio Tâmega, a correr por baixo da famosa ponte de cantaria lavrada, do tempo dos Romanos.

Já o sol se punha, atrás dos montes que dão o nome àquela leal província do extremo Norte, quando bateram duas vezes com a pesada aldraba, no portal do Convento. Momentos depois, ouviu-se o eco dum passo arrastado a encaminhar-se para a portaria. Era a veterana das «meninas recolhidas» — a rivalizar nos anos com a septuagenária Abadessa —, que vinha abrir a porta.

A recepção foi cordial. Estavam, enfim, realizados os ardentes desejos da virtuosa Capuchinha!

Na manhã seguinte, leva-as a visitar a casa. Apesar de velha, tinha um ar tão monástico que as encantou. Como não haviam de apreciar a igreja com altares de rica talha doirada — onde jaziam enterradas muitas freiras santas, segundo rezava a tradição local — e o coro de grades, tão recolhido e devoto, e o claustro com cercadura de azulejos e varandas alegres a debruçar-se sobre o jardim de canteiros floridos, e o corredor lageado de pedra, com celas pequeninas a rescender pobreza e penitência?

Os princípios, porém, foram muito custosos e outra Superiora que não fosse a Madre Anunciação — uma das primeiras religiosas irlandesas vindas

para Portugal, e que era de feitio optimista e empreendedor — talvez tivesse desanimado, pouco depois da chegada.

Idosa como era, e levando, há meio século, uma existência completamente à margem das realidades da vida, a boa Abadessa não podia compreender as dificuldades em que as irmãs se viam para improvisar um colégio, neste convento meio-arruinado. E, por isso, esquivava-se a ajudá-las com os recursos necessários à realização da empresa para que as convidara.

Ao menos, a gente da terra estimava-as e parecia que adivinhava as suas privações, enviando-lhes carinhosamente suas ofertas de azeite, batatas e outros produtos da região, o que muito sensibilizava as religiosas.

É, porém, necessário ir para a frente e, sem mais delongas, lançam mão à obra.

O Colégio abre no próprio mês em que haviam chegado!

Notam, desde logo, a lastimável ignorância religiosa que havia na terra, sobretudo no povo.

— Quem dera fundar uma escola gratuita! — diziam as irmãs. Mas Chaves não lhes oferece as facilidades de acção de que gozavam no Porto e em Braga. Estavam na dependência da Abadessa e dos Mesários que administravam o Convento.

Bem se esforçava a Madre Anunciação para os persuadir a que lhe cedessem mais uma sala onde as irmãs pudessem dar-se ao ensino de crianças pobres. Nada feito!

Passam assim dois anos. Voltam-se, então, para S. José e confiam-lhe o seu projecto.

Dentro em pouco, já têm sala; por influência da Abadessa, os Mesários fazem as obras; abrem a escola!

À sua frente, fica a Irmã Afonsina, de saudosa memória. Com o seu modo afável e digno, ali, — como em Viseu, anos mais tarde — esta dedicada Irmã obteve esplêndidos resultados das suas alunas, que chegaram a ser perto de 80.



Não cresceu, assim, a frequência do Colégio. O meio era pequeno, escasso o número de famílias abastadas. Com o tempo, porém, vai ganhando fama, sobretudo pelo ensino das línguas, ministrado por irmãs estrangeiras. Lê-se, no *Diário* de Braga, que as meninas do Colégio de Chaves vinham fazer exames singulares ao liceu daquela cidade.

Pouco a pouco, o grupinho das religiosas fundadoras foi crescendo. Entre outras, ali trabalharam as Madres Santo André, Maria de Sena, Maria de la Salette, Maria Humberto e Maria de Assis (as duas últimas, transmontanas).

Pelo ano de 1887, chegava a Chaves uma religiosa ainda novinha, mas com muito jeito para o

ensino e para lidar com as alunas. No mundo, chamava-se Maria de Jesus Correia e, em religião, Maria de S. Salvador.

A história da sua vocação é singela, como singela foi toda a sua vida:

De Famalicão a Braga é perto e as novidades chegam depressa. Sentindo-se chamada à vida religiosa, a Maria de Jesus não hesitou em ir para aquelas *irmãzinhas* do Campo da Vinha, de que ouvia falar tanto, lá na sua terra. Condescendeu seu Pai em acompanhá-la ao Colégio. Era, ao tempo, Superiora a Madre S. Liguório. Vendo-a tão nova e tão inteligente, pô-la a estudar com as educandas e só a mandou para o noviciado de Béziers em 1885. Tinha então, ao que parece, os seus 18 anos.

Contavam as contemporâneas de Chaves que em nada se salientava das outras irmãs, a não ser na obediência e na humildade, virtudes em que particularmente se esmerou. Muito activa e zelosa, trabalhou até mais não poder.

Uma dolorosa doença de fígado que, há anos, a minava, obriga-a a recolher à cama.

Estava-se no mês de Março. A doentinha sente a morte avizinhar-se mas não a teme.

— Quando é a festa de S. José? — pergunta um dia à sua Superiora.

— É amanhã. — responde esta.

— Ai, que bom se S. José viesse buscar-me para o Céu!

Momentos depois, expirava serenamente, a sorrir de contentamento.

Foi tão breve a passagem da Madre S. Salvador pelo Colégio de Chaves — aos 24 anos já «S. José a vinha buscar para o Céu!» — que mal se compreende como a fama das suas virtudes se espalhou tão rapidamente.

O enterro foi um triunfo e a sua sepultura passou a ser lugar de piedosa romagem.

Tão frequentes eram as graças atribuídas à intercessão da jovem religiosa que havia, quase sempre, flores e lâmpadas acesas sobre a sua humilde campa. Duas curas, sobretudo, deram muito brado na vila: a dum cego de nascença e a duma criança paralítica.

Duma vez que o coveiro andava a cavar perto do lugar onde jaziam os restos mortais da virtuosa Madre S. Salvador, sentiu que de sua sepultura se exalava suave e penetrante aroma. Chamadas as Autoridades da vila, dão ordem para escavar a terra e têm a surpresa de encontrar o corpo, o hábito e o caixão perfeitamente intactos. Exumações posteriores deram azo a verificar-se que a incorruptibilidade do seu corpo se mantinha através dos anos.

Mas por mais preciosa têm suas irmãs em religião uma outra graça: a do «bom odor» das suas virtudes, que ainda hoje perdura nas Comunidades do «Sagrado Coração de Maria». O seu exemplo con-

tinua a estimular as almas a seguirem-na num caminho que de *extraordinário* apenas teve a sua generosa e perseverante fidelidade ao dever de cada dia.



Depressa começou a dar vocações a boa terra transmontana. Eram, em geral, rapariguinhas do campo puras e simples como aquela Adelina da Conceição, de Loivos, que nunca deixou o coração prender-se a amizades terrenas, porque sentia que Deus a queria toda para Si.

Já velhinha, contava com muita graça a história da sua vocação: Um dia, um ricaço lá da aldeia foi pedi-la à mãe em casamento. A boa mulher fica deslumbrada — se elas eram tão pobres! — mas em vez de falar directamente à filha, manda-a sondar por umas amigas.

— Aproveitem vocês da riqueza! — responde ela, sem se perturbar.

— Olha a tola, pensa talvez que há-de ser freira!... — dispara uma das raparigas, e ambas lhe voltam as costas, a dar conta à mãe do fracasso da embaixada.

— Então ainda há freiras?... — fica-se a cogitar a Adelina — pois é isso que eu quero ser!

Vai-se ter com uma mulherzinha tida por devota e sabedora das coisas da Igreja, a perguntar-lhe

«o que eram as freiras e onde as havia». Oferece-se esta para a acompanhar a Chaves, a tratar da sua entrada no Instituto do Sagrado Coração de Maria.

No dia aprazado, a Adelina lá estava a bater à porta do convento, antes do meio dia.

Vestem-na de postulante, com um lenço preto cruzado no peito e uma touca branca a esconder o cabelo e levam-na ao refeitório para tomar parte na refeição da Comunidade.

Tremenda desilusão! A Adelina pensava que «Nosso Senhor sustentava milagrosamente as freirinhas»...

Contava ela também que, quando via as religiosas com o véu descido sobre o rosto, depois da Comunhão, invejava-lhes o recolhimento e queixava-se a Nosso Senhor:

— Porque não me dizeis também a mim aquelas coisas bonitas que as tem assim enlevadas? Dai-me depressa o hábito, Senhor!

Decorridos alguns meses, seguia para o Colégio do Porto, onde tinha a consolação de tomar esse hábito por que tanto suspirava e ficava a chamar-se irmã Prudência.

E nunca a Adelina se arrependeu do *não* que dera ao mundo e à riqueza, quando era nova e bonita.

Com meio século de vida religiosa, finou-se na paz do Senhor, em 1947, no novo Colégio de Braga.



Da irmã S. Donaciano, igualmente nascida em humilde berço transmontano, muito haveria que dizer — tão edificantes são as lembranças que dela conservam os que a conheceram — se não fosse a necessidade de abreviar.

Chamava-se, no século, Maria da Glória Barrocas e era natural de Vilar de Nantes.

Em todos os ofícios em que a obediência a ocupou, deu provas de grande amor ao trabalho e de grande espírito de sacrifício.

Foi enfermeira durante muitos anos. E que extremos de caridade não mostrou sempre para com as doentes! Atendia-as com muita paciência, desculpava-lhes as impertinências próprias da enfermidade, e procurava-lhes todos os alívios, à custa da maior abnegação de si própria.

Tão conhecido era o seu amor pelas doentes, que, se às vezes acontecia não as haver em casa e a viam dirigir-se para a capela a fazer alguma breve visita ao Santíssimo, logo as Irmãs diziam entre si, sorrindo:

— Lá vai a irmã S. Donaciano pedir doentes a Nosso Senhor!

A revolução de 1910 obrigou-a a procurar refúgio num dos Colégios de Inglaterra. Os primeiros anos de exílio foram particularmente penosos para a

boa irmã. Não havia na Comunidade quem entendesse o português e, como ela mal sabia ler a língua materna, foi-lhe extremamente difícil aprender a inglesa.

Em 1913, passou para França. Foi aí que se declararam os primeiros sintomas da terrível doença que devia vitimá-la, e durante a qual deu mostras de heróica virtude.

Como os médicos a davam por perdida, as Superiores quiseram, ao menos, proporcionar-lhe a consolação de morrer numa Comunidade portuguesa. Chegou a Tuy em fins de Abril de 1927 e ali passou as últimas semanas de vida em indizível tortura, com o rosto horrivelmente corroído por um cancro.

— Estou tão contente! — ouviu-lhe a enfermeira dizer, certo dia em que mais a apoquentavam as dores.

— Mas porquê? — perguntou-lhe esta, surpreendida.

— Porque sofro! — respondeu cândidamente a doentinha. — Eu tenho sido muito feliz na Comunidade, nunca sofri nada. As Superiores foram sempre muito minhas amigas, e as Irmãs são tão boas para comigo!

Palavras admiráveis que revelam o bom espírito e a generosidade de ânimo da irmã S. Donaciano, pois que não lhe faltaram cruces durante os 38 anos que passou na vida religiosa.

Quando lhe falavam no que sofria, punha as mãos, com um jeito que lhe era muito natural e, levantando os olhos ao céu, respondia: Deus seja bendito!

Nas crises mais dolorosas, ouviam-na, às vezes, murmurar:

— Meu Deus, aceitai-me como vítima!

Nestas generosas disposições se manteve, até que o Senhor se dignou pôr termo ao seu martírio. Nunca uma palavra de queixa, nunca um gesto que denotasse cansaço ou impaciência, nunca um pedido de alívio.

Se sentia que as forças lhe faltavam, suplicava humildemente:

— Meu Deus, consolai-me um bocadinho, tende piedade de mim! — E voltando-se para uma imagem de Nossa Senhora, que tinha perto de si, dizia cheia de confiança:

— Minha Mãe, ajudai-me a sofrer!

Numa ocasião em que as dores deviam ser intoleráveis, a enfermeira perguntou-lhe se não queria que chamasse o médico ou que lhe desse uma injeção de morfina:

— Não, irmã, eu não sofro muito, ainda posso sofrer! — respondeu corajosamente a doente, que nunca aceitou remédio algum para lhe abrandar as dores.

Por fim, o rosto inchara desmedidamente, ficando muito desfigurado. A inflamação ia alastrando, pouco a pouco. Mal se pode descrever o estado lamentável em que tinha a boca, os lábios entumecidos, o interior em chaga viva. A alimentação quase se tornara impossível: uma colherinha de leite a custo passava naquela pobre garganta inflamada e comprimida pelas ramificações do cancro...

O seu mais desejado alívio, em meio de tão horroroso tormento, era a Sagrada Comunhão; mas, visto a extrema dificuldade que tinha em engulir, a certa altura, pareceu imprudente continuar a trazer-lhe Nosso Senhor. Para que a imolação fosse total até este supremo conforto ia ser-lhe arrebatado!...

— Está pronta para oferecer mais um sacrifício a Nosso Senhor, não é verdade? — resolveu-se a enfermeira a perguntar-lhe, bem a pesar seu.

— Sim, — respondeu a irmã S. Donaciano, com um aceno da cabeça.

E, santamente conformada, ouve em paz a notícia da dolorosa privação a que ia ficar sujeita.

.....  
Logo na manhã seguinte, a boa Irmã S. Donaciano — que tão generosamente havia imolado a Deus a sua última consolação — ia gozar das inefáveis delícias da Sua presença no Céu...

Com uma Comunhão de toda a Eternidade premiava o Senhor aquela que, tão amorosamente, por Ele renunciara à comunhão de alguns instantes!



A estada das Religiosas do Sagrado Coração de Maria em Chaves, atraiu também ao Instituto uma aspirante, oriunda de ilustre família transmontana, a qual, por sua santidade e apostólica irradiação, valeu

bem os trabalhos e sacrifícios que esta efêmera fundação custou.

Emília Vieira Ribeiro nasceu em Chaves, a 21 de Novembro de 1870, festa da Apresentação de Maria no Templo. Era a mais nova dos seis filhos de Bernardo José Vieira Ribeiro e de sua esposa D. Emília<sup>(1)</sup>.

No Baptismo, deram-lhe por madrinha Nossa Senhora das Dores, que tão maternal cuidado tomou da sua afilhada que não descansou até a abrigar no Seu Puríssimo Coração!

Desde criança, conhecia a Emilinha o velho Convento, agora transformado em Colégio do Sagrado Coração de Maria.

Ali tinha ido muitas vezes visitar à grade a antiga Abadessa e, apesar dos seus 16 anos já feitos, quanto não daria para se fazer colegial com as outras meninas suas conhecidas, que lhe falavam com veneração das novas Mestras!

Em casa, porém, não lhe aprovavam o desejo. Deixou correr o tempo e, por volta dos 19 anos, já certa de que Deus a chamava àquele Instituto, pede a sua irmã Carlota que a acompanhe ao Convento e, com o pretexto de combinar umas lições de trabalhos artísticos, vai falar com a Superiora acerca da sua próxima entrada.

---

(<sup>1</sup>) Singular perfume de edificação deixou um de seus irmãos, o Desembargador Dr. Domingos José Vieira Ribeiro, émulo da Madre Clara de Aquino nos caminhos da perfeição e da união com Deus. Uma de suas filhas fez-se religiosa na Ordem da Visitação.

Que decepção a sua quando, a meio da conversa, surge a mãe a buscá-la, alvoroçado o coração com a suspeita de que a filha pensava em se fazer religiosa...

E fica-se à espera cinco longos anos até que a sua Virginal Madrinha lhe prepare os caminhos para a partida.

Morre, entretanto, a jovem Madre S. Salvador. A notícia impressiona profundamente a Emilinha. Acompanha-a ao cemitério e, antes que baixe à terra, depõe-lhe nas mãos um ramo de violetas.

Anos depois, aberta a sepultura, estavam as violetas frescas e viçosas como na hora em que a Emilinha as colhera no seu jardim...

E a Madre S. Salvador, enternecida e grata, sorria lá do Céu à nova irmã de hábito que, a 1 de Maio de 1897, recebia, na Casa-Mãe, o nome de Maria de Aquino...

Desígnios insondáveis de Deus! Prosperava a obra e abundavam as vocações e, no entanto, por circunstâncias alheias à sua vontade, as Irmãs vêem-se obrigadas a retirar de Chaves, antes da entrada de Emília Vieira Ribeiro para o Instituto do Sagrado Coração de Maria.

Não obstante os sacrifícios e fadigas que a viagem demandava, visitou várias vezes aquela casa a

Superiora Geral, Madre S. Félix. E diz a cronista de Braga que, ao regressar de lá com a Madre S. Liguório, no dia 1 de Julho de 1891, vinha «muito satisfeita porque as suas religiosas tinham ali uma grande vinha para cultivar e muitas almas para salvar, em razão de haver naquela vila pouca religião e muitos abusos dela».

À Madre Anunciação, que conquistara a simpatia de todos com o seu feitio bondoso e dado, sucedera, no cargo de Superiora, a Madre Maria de Jesus Perry, que deixou, por lá, igual reputação de afabilidade e virtude.

A falta de socorros espirituais fazia-se, porém, sentir bastante naquelas terras. De longe em longe, o Dr. Eigenmann, vinha, de Braga, prestar o conforto do seu ministério à Comunidade de Chaves.

Com a assistência do Padre Manuel Couto — a quem o povo tinha por santo e a quem, já em vida, atribuía milagres — pouco se podia contar. Andava continuamente a fazer missões por aquelas redondezas, e raras vezes aparecia no Convento. Contavam, no entanto, as irmãs antigas, alguns factos interessantes passados com ele e com a velha Abadessa.

Em certa ocasião, estava ela muito doente e o Padre Manuel foi visitá-la:

— Ainda não é para já, esteja sossegada!  
— disse-lhe o venerando Missionário e, de facto, a enferma restabeleceu-se.

Passados anos, torna a adoecer. Volta a vê-la o Padre Manuel e, mal encara com ela, exclama:

— Coração ao alto! A hora é chegada!  
Desta vez, a boa velhinha foi-se para Deus...

• • •

Chegou, por fim, um tempo em que, não obstante a boa vontade das Superiores e da Comunidade, a situação das Irmãs se tornou insustentável.

Os mesários do Convento tinham mudado e estavam divididos em dois partidos inimigos. O mais numeroso era constituído por pessoas adversas às religiosas e que, a todo o custo, queriam que elas se fossem embora. Era aí por 1892 — época tormentosa para a Igreja, em que a guerra surda a todas as suas instituições estava na ordem do dia, cá no país.

Em determinada ocasião, foi mais acesa a discussão entre os mesários e... passaram a vias de facto. Com grande clamor de «morras» e «vivas» vieram para o claustro, e chegou a haver sangue derramado.

As pobres religiosas — causa involuntária da desordem — foram refugiar-se no coro, a tremer e a rezar...

• • •

Em fins de Fevereiro de 1894, a Madre S. Félix voltou a visitar o Colégio de Chaves, acompanhada pela Madre S. Liguório. Verificando, uma vez mais,



as dificuldades de ordem espiritual e material em que se debatia a Comunidade e vendo que persistia a animosidade da maioria dos mesários, resolveu, mau grado seu, retirar de lá as religiosas.

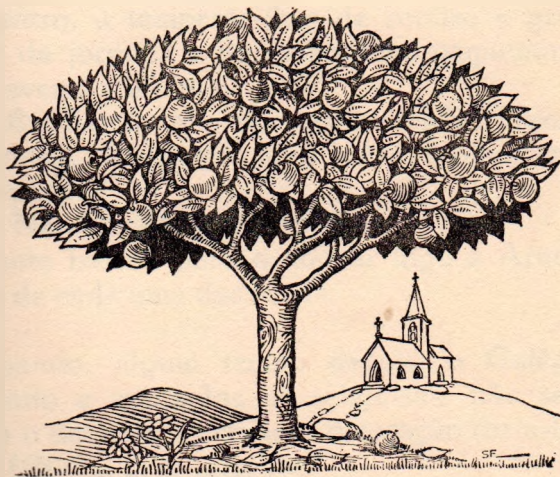


Hoje, do velho convento das «Capuchas da Conceição» já nada resta: cedeu o lugar ao vasto edifício do Liceu Fernão de Magalhães. Mas, na memória do povo, ainda vivem as «boas freirinhas» — as dos tempos antigos e as dos tempos modernos — que lá viveram e se santificaram, durante perto de dois séculos.



13.

*PELOS FRUTOS SE CONHECE A ÁRVORE*



E, por isso, quando as outras alunas debandaram, a Arminda ficou!

«*Pelos frutos se conhece a árvore.*» (1)

É do Evangelho a frase e oportuníssima a sua aplicação na história dum Instituto que tem a educação por objectivo principal.

Já que regressámos à casa do Porto — *Alma Mater* da Província Portuguesa do Sagrado Coração de Maria — porque não havemos de deter-nos uns instantes à sombra da velha «árvore», a saborear alguns de seus «frutos»?

Exala-se da vida destas antigas alunas o penetrante aroma «da *simplicidade* e da *pureza*, que parecem ser mais especialmente as virtudes do Coração de Maria» — como dizem as Constituições do Instituto — e que, por tal razão, «devem merecer às religiosas particular estima.» (2)

A *distinção de sentimentos e de maneiras*, é outra característica duma educação que aspira a modelar os corações da juventude pelo Coração de Maria.

São ainda as Constituições que recomendam: «Procurem ensinar às alunas as regras da delicadeza cristã — a única verdadeira e que tem o seu

(1) S. LUCAS, vi, 44.

(2) Regra n.º 143.

princípio na Caridade — levando-as a adquirir maneiras afáveis, delicadas e atenciosas.» (1)

Chega, enfim, o dia de deixar o Colégio.

E a Providência coloca, a umas, em posição de alto relevo social; a outras, destina o labor obscuro duma existência inteiramente devotada à família; chama algumas a trocar o doce convívio dos seus — e quanto o mundo podia ofertar-lhes de aliciante — pela austeridade da vida religiosa.

E não obstante a diversidade dos caminhos, aquele *selo* inconfundível — mas tão difícil de definir! — que nelas imprimiu a acção «suave e forte» das educadoras, distingue-as a todas, através da vida.

Mas de entre tantos e tantos exemplos que poderíamos citar — frutos sazonados da educação ministrada às primeiras gerações que passaram pelo «Colégio Inglês» do Porto — qual escolher para esta galeria de «VIDAS VIVAS»?

Delicado problema!

Pareceu-nos, no entanto, que se justificava plenamente a preferência dada a Arminda Vieira Cardoso

---

(1) Regra n.º 277.

de Araújo, pela honra que lhe cabe de ser a *primeira aluna* daquele Colégio e porque ainda teve a ventura de comemorar — com a linda idade de 83 anos — a abertura do 1.º centenário da fundação do Instituto do Sagrado Coração de Maria.



A Arminda nasceu no Porto, a 26 de Setembro de 1864. Foram seus pais José Vieira Cardoso e D. Felicidade Gonçalves de Araújo Cardoso.

Mal pôde gozar do carinho da mãe: aos três anos já a perdia... E tinha apenas seis, quando o pai a entregou aos cuidados da Miss Hennessey.

Durou nove anos a sua educação e, quando saiu do Colégio, foi para casar pouco depois com seu primo Manuel Francisco de Araújo. Pertencia este a uma família muito conhecida e estimada no meio comercial do Porto e era em tudo digno de com ela fundar esse lar cristão e modelar que Deus abençoaria com duas filhas e três filhos. Muito culto, muito viajado, dava-se com notável habilidade ao cultivo das belas-  
-artes e da música. Para comprazer com seu pai, deixou com sacrifício de cursar Engenharia para, como ele, se dar à carreira comercial <sup>(1)</sup>.

---

<sup>(1)</sup> Veio a ser um dos sócios principais da considerada firma comercial *Araújo & Sobrinho*, com sede no Largo de S. Domingos, no Porto.

Com a sua excelente formação moral, o seu espírito aberto e culto, o seu feitio jovial, a Arminda foi preciosa colaboradora do marido na educação dos filhos.

Os mesmos sentimentos religiosos animavam a um e a outro. Durante esse agitado período que vai de 1910 a 1926 — período de desvairamento político e religioso, durante o qual tantos deixaram sossobrar a fé e os sãos princípios, — Arminda Vieira de Araújo permaneceu fiel às lições aprendidas no Colégio.

Assiste quase diàriamente ao Santo Sacrifício, comunga com frequência e não raro viam seu marido acompanhá-la nestes actos de piedade.

Num domingo de manhã — foi durante o movimento revolucionário de 1927 e estava toda a família refugiada nas caves da casa, porque era iminente o perigo — arrosta, corajosa, o tiroteio que varria a entrada da Rua das Flores, para não perder a Missa!

De tal modo soube orientar a sua vida familiar que, nem a prática religiosa a levava a descurar os deveres de esposa e de mãe dedicada, nem a austeridade de princípios em que criou os filhos tornava pesado ou sombrio o ambiente do seu lar.

É que no Colégio — de sua boca ouvimos o precioso testemunho — ao passo que lhe cultivaram a alma e a inteligência, também, quanto o permitia o espírito do Regulamento, deixaram que se expandisse a sua natural alegria e exuberância.

Indulgentes e compreensivas, as religiosas fechavam os olhos às «partidas» inocentes e espirituosas

e às alegres brincadeiras que a Arminda andava sempre a inventar.

E não foi com menos esmero nem com menor cuidado que, ao mesmo tempo, lhe cultivaram as tendências artísticas. Quando saiu do Colégio, vinha prendada com aquelas habilidades de mãos próprias da educação do seu tempo: bordava, pintava e fazia flores.

Tinha também queda para a música — quantas vezes não animaria os serões familiares a tocar a quatro mãos com seu marido! — e até aprendera a dansar com o professor que vinha dar as famosas lições presidiadas pela Miss Hennessey (<sup>1</sup>).

Todavia, foi no cultivo das Letras que a Arminda se evidenciou mais, durante o tempo de Colégio. Sabia a fundo História e Geografia e, pela vida fora, nunca cessou de enriquecer o espírito com novos conhecimentos, o que muito lhe facilitava a tarefa de ajudar os filhos nos estudos.

Era tão interessante e animada a sua conversa, tão fino e amável o seu trato, que todos se sentiam presos dos seus encantos. Os netos — mesmo quando já eram homens feitos e tinham os estudos concluídos — ficavam-se horas inteiras a conversar com a Avó. Andando já pelos oitenta, ainda conservava uma vivacidade e frescura de espírito que fazia inveja aos novos e era coisa que muito os surpreendia — como

---

(<sup>1</sup>) Ver pág. 70.



já antes surpreendera os filhos — encontrarem-na sempre a par dos assuntos que mais os interessavam.

Quem tais qualidades possuía, não admira que sáisse uma grande educadora. Para corrigir os filhos, não necessitava de ralhos contínuos, nem de castigos corporais. Enquanto eles eram pequenos, se não bastavam os meios persuasivos, empregava uns processos muito originais para os levar a emendar os seus defeitos.

Levantava-se, por exemplo, alguma contenda entre eles? Mandava-os passear de braço dado pela casa... Daí a pouco, começavam a rir e as pazes ficavam feitas!

Se, no calor da disputa, algum dos irmãos magoava o outro, tinha que lhe fazer o curativo... A mãe fornecia o algodão e o frasco de álcool ou da tintura de iodo, conforme a *gravidade* dos casos. E o que é certo é que o remédio tinha dupla eficácia: sarava o «axe» do corpo e o da alma, porque a zanga desvanecia-se também com o curativo.

Tinha ainda um outro processo de castigar que só empregava de longe em longe, quando algum deles se mostrava renitente a obedecer: chamava uma das criadas e mandava que lhe trouxesse uma saca de chita. Metia-lhe dentro alguma roupa e um pedaço de broa e, pondo a saca às costas do filho, dizia, com ar severo, dirigindo-se à criada:

— Acompanhe esse menino até à rua; ele que vá ganhar a vida, já que não quer sujeitar-se à educação de casa!

De nada valiam os rogos dos irmãos e das criadas (que, às vezes, não podiam reter as lágrimas, ao ver ir o *culpado* escada abaixo): a sentença tinha que se cumprir e só quando entendia que o castigo já teria produzido o efeito desejado, é que deixava que lhe abrissem a porta e que ele lhe viesse pedir perdão.

Com a mesma inteligente compreensão da psicologia infantil, lhes proporcionava os meios de formar o carácter e os habituava ao culto da verdade e da lealdade.

Havia um dia na semana em que recebiam, à noite, algumas pessoas amigas e se entretinham a fazer boa música. Só os filhos mais velhos assistiam a essas reuniões. Teria a mais novinha os seus 7 ou 8 anos quando, numa dessas noites, se lembra de fazer o capricho de não querer ir para a cama. E tanto chora que a mãe vê-se obrigada a ir ter com ela ao quarto, para a intimar a obedecer e a calar-se. Antes de a deixar, coloca-lhe uma escova à cabeceira da cama e diz:

— Eu já volto, para ver se a menina ainda está a chorar.

Daí a bocado, lá estava a perguntar:

— Já posso tirar a escova?

— Ainda não. — responde a pequenita, com a voz entrecortada pelos soluços.

Torna a mãe segunda vez à porta do quarto e repete a interrogação:

— Já posso tirar a escova?

— Agora já! — responde-lhe a Lenita muito senhora de si. Escusado será dizer que a escova não

tornou a entrar em cena e que aquela primeira vitória marcou na vida da filha.

O marido da Arminda era homem de ideias largas e de rasgadas iniciativas. Depois dos rapazes terem feito os primeiros estudos no Colégio de Santa Maria, dos Padres do Espírito Santo, entendeu que era benefício para o seu futuro mandá-los completar a educação para Inglaterra. Esta decisão não podia deixar de ferir o coração extremoso da mãe, mas soube pôr o bem dos filhos acima dos seus gostos pessoais e condescendeu de boamente com os desejos do marido.

As filhas, como era natural, mandou-as educar junto das suas queridas Mestras, pois nunca os anos arrefeceram as boas amizades do Colégio.

A mais velha, a Maria Arminda, frequentou o «Colégio Inglês», do Largo do Coronel Pacheco, no tempo em que ali era Superiora a antiga companheira de sua mãe, a Madre Maria da Eucaristia Lencastre. A mais nova, a Maria Helena, foi uma das muitas alunas que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria tiveram em Tuy, quando a Revolução as obrigou a procurar abrigo no Estrangeiro.

Grande consolação foi para o seu coração de mãe e de educadora exemplar ver as filhas — uma vez terminada a educação — seguirem-lhe as pisadas e manterem nos seus próprios lares, também enriquecidos por numerosos filhos, as tradições em que se haviam criado no lar paterno.

E que alegria não experimentou a Arminda quando o *seu Colégio* reabriu no Porto, na Avenida da Boavista!

À sua frente, lá estava, uma vez mais, a amiga de infância que já lhe guiara a educação das filhas. Leva-lhe logo a Maria Fernanda — a primeira da numerosa geração de netas e bisnetas que, ano após ano, se havia de suceder naquele Colégio, a perpetuar briosamente as tradições da Avozinha!

Enquanto a abençoa, a Madre Maria da Eucaristia demora o olhar profundo no rosto ingénuo e confiante da pequenita, como que a perscrutar-lhe o futuro...

Os anos passam.

A 26 de Abril de 1943, a Maria Fernanda professava neste Instituto.

Comovida e feliz, a Avó assiste à impressionante cerimónia.

E, no recolhimento daquela hora de graça, terão perpassado ante o seu espírito os acontecimentos principais da sua já longa vida, desde o dia em que ela — pequenina ainda — se acolhera aos braços das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, até àquele em que Deus lhe concedia a suprema bênção de poder ofertar-lhe como *Esposa eleita do Seu Amado Filho* aquela neta tão querida...

.....  
«*Te Deum laudamus!*» entoa o coro das noviças, a vibrar de comoção e santo entusiasmo.

«*Te Deum laudamus!*» murmura a doce velhinha, curvando a cabeça, reverente e grata, sob o peso de tantas graças...

.....  
 A 22 de Junho de 1948 — ainda ressoavam pela Serra d'Aire os ecos da grandiosa Peregrinação com que abriu a *Centenário da Fundação do seu Instituto* — Arminda Vieira Cardoso de Araújo partia para o Céu a levar essa *boa nova* às queridas Mes-  
 tras que já a tinham precedido na Eternidade... (1)

Insaciável de bem-fazer, a Madre S. Tomás andava há anos a pensar na fundação dum Colégio para órfãs e meninas de famílias menos abastadas. A casa onde funcionava a Escola dos rapazinhos era a que mais lhe sorria para a realização do projecto mas não havia quem convencesse a Miss Hennessey a despedi-los... — se era a menina dos seus olhos aquela escola!

---

(1) Já o livro estava no prelo, quando nos chegou a triste notícia. Aqui exaramos saudoso e reconhecido preito à sua veneranda memória. Esta obra deve-lhe alguns dos pormenores mais interessantes sobre os antigos tempos do «Colégio Inglês», na Rua da Picaria e no Largo do Coronel Pacheco.

Grande foi o seu desgosto por não poder assistir à aludida Peregrinação e, para se consolar da forçada ausência, foi seguindo, hora a hora, pelo livrinho que as Religiosas lhe enviaram, todas as cerimónias que, em Fátima, se estavam efectuando.

Um dia, porém, sabe que os Missionários do Espírito Santo — que ela conhecia e admirava pela sua brilhante actuação como educadores, no Colégio que dirigiam em Braga — acabavam de abrir uma sucursal em Gaia, mesmo ao pé da Ponte Nova.

— Se viessem para o Porto, a estes entregava eu de boa vontade os meus alunos! — diz lá para consigo.

E tanto faz que lhes descobre uma casa esplêndida, a dois passos da sua escola.

Entretanto, o Provincial da Congregação do Espírito Santo vem ao «Colégio Inglês» e as religiosas informam-no de que está para vagar o palacete de D. Basílio Cabral, situado no Largo do Coronel Pacheco <sup>(1)</sup>.

A instâncias da Miss Hennessey, o Padre Eigenmann visita a casa e resolve alugá-la.

.....  
 Numa manhã de Setembro, ao começar o novo ano lectivo, abriam as aulas no Colégio de Santa Maria.

À janela do seu quarto, a Miss Hennessey espreita, saudosa, por entre os cortinados brancos, para ver se os «seus meninos» iam contentes para o Colégio dos Padres...

Isto não o diz a história mas adivinha-o o coração.

---

<sup>(1)</sup> *Bulletin de la Congrégation du S.<sup>t</sup> Esprit*, tome xv°. (1889-1891), págs. 296 e 297.

No mesmo ano de 1887 — e quem sabe se no mesmo dia? — à hora matinal em que os passarinhos saltitavam de árvore em árvore, a anunciar com o seu chilrear alegre a chegada do Outono, chegavam também as primeiras educandas do «Colégio de 2.<sup>a</sup> classe» (nunca a Madre S. Tomás lhe quis chamar Asilo!) e iam ocupar a antiga escola dos rapazinhos.

No primeiro ano, não passaram de oito mas, com o andar do tempo, chegaram a ser umas setenta. E a Miss Hennessey não teve que se arrepender do sacrifício que por elas fez! O melhor quinhão dos seus carinhos era para as mais pobres e, de sua irmã, se conta também que não passava um dia sem as ir visitar.

Ambas olharam pela orientação do ensino — que abrangia as matérias de instrução primária — e queriam que a educação tivesse uma feição prática e apropriada às futuras condições de vida das educandas, que se especializavam em costura e bordados, segundo o costume da época, e ajudavam na lida da casa.

Na festa de S. Luís de Gonzaga, padroeiro deste Colégio<sup>(1)</sup>, a Madre S. Tomás oferecia-lhes uma

---

(<sup>1</sup>) Só depois de 1896, durante o Superiorado da Madre S. Liguório, é que, por motivos particulares, passou a chamar-se «Asilo de S. José».

merenda na quinta e passava todo o dia com elas — mimo que muito apreciavam e que denota a delicadeza de coração daquela santa religiosa.

A este canteiro do «Sagrado Coração de Maria» parece-nos que se pode aplicar — com não menos razão do que ao primeiro — a citada máxima do Evangelho:

«*Pelos frutos se conhece a árvore...*»

Mães de famílias exemplares, apóstolas abnegadas, religiosas santas — houve acaso alguma vocação em que não se distinguissem, de há 50 anos para cá, as raparigas que nesta casa se educaram?

E ao nosso espírito acode o nome duma delas, cuja vida foi tão dramática que às vezes mais parece romance do que história verdadeira.

Chamava-se Smirna Carneiro e tinham-na criado sem religião nenhuma.

Não tardaram a colher os frutos desta «educação»: fugia de casa, saltando pelas janelas e dava tais cuidados à mãe a sua desorientação moral, que esta andava sempre a ameaçá-la:

— «Hei-de meter-te nas freiras e hás-de lá comer o pão que o diabo amassou!»

Como a *aterradora* ameaça não sentisse o efeito desejado, passa às obras.



E uma tarde, quando a filha chega do Liceu, encontra a mala feita e um carro à porta para a levar às freiras...

Faz uma cena violenta à mãe mas de nada lhe vale. A entrada dela já estava combinada com a Superiora e a carruagem parte em direcção ao Largo do Coronel Pacheco.

Andava a Smirna à roda dos 15 anos, quando a internaram.

No dia da entrada, a irmã Natividade (a cujo cuidado ela estava confiada) leva-a à Madre Maria da Eucaristia. Bondosamente, esta dá-lhe os seus conselhos. Quando se vinham embora, a irmã puxa a conversa para as palavras que a «Senhora Directora» lhe dirigira. E logo a Smirna comenta irónicamente:

— Sermões jesuíticos!...

— A menina conhece os Jesuitas?

— Eu, não! — responde com supremo desdém, — o que sei deles é pelos folhetins.

Voluntariosa, irrequieta, passou os primeiros meses em constante rebelião contra a autoridade.

Ainda tentou escapar-se, saltando para o quintal dum vizinho e lá foram dar com ela em cima duma árvore!

Com as próprias companheiras era desabrida e desconfiada, sempre a troçar delas e dos costumes da casa.

Em matéria religiosa era total a sua ignorância; nem sequer sabia o que fosse rezar!

— Que estamos aqui a fazer caladas?! — perguntava, em voz alta, durante a pequena meditação que costumava seguir-se às orações da manhã. E ria às gargalhadas da atitude concentrada das companheiras...

Começaram estas a suspeitar — porque naqueles tempos de desenfreada perseguição às ordens religiosas, o processo fora usado várias vezes — que a Smirna era uma *espia* às ordens da Maçonaria...

As religiosas não queriam dar ouvidos à suspeita. No entanto, para evitar as suas irreverentes zombarias, levavam-na pouco à capela e dispensavam-na de assistir à maioria dos actos de piedade regulamentares.

Pacientes e bondosas, nunca a tratavam com o rigor que pareceria exigir um comportamento tão estranho e uma índole tão rebelde.

E assim, mais pela influência cristã e suave do ambiente, do que pela acção directa das mestras, a Smirna vai-se transformando, pouco a pouco.

Um dia, chega-se junto duma irmã e confia-lhe tímidamente:

— Gostava tanto de aprender catecismo!

A boa irmã, dissimulando a surpresa que o pedido lhe causa, tira um catecismo de dentro da escrivania.

Daí a instantes, alheia a tudo o que a cerca, a Smirna devora o livrinho que a irmã lhe havia dado...

É quanto basta para lhe atear na alma a centelha de amor e de luz que o Senhor lá acendera, naquela hora de Graça!

Inteligente e recta, o seu espírito delicia-se a ouvir as explicações que lhe dão da Doutrina Católica. E, como ninguém lhe fala em receber os Sacramentos, vai ter outra vez com a irmã:

— Gostava tanto de fazer a primeira Comunhão!  
— diz simplesmente.

Sorri a mestra, com íntima alegria, ao dar-lhe o desejado «sim» e vai combinar com a Superiora o dia da cerimónia.

— «Haverá maior júbilo no Céu por um pecador que fizer penitência, do que por noventa e nove justos que não necessitam dela,» (1) — não foi o que o Mestre disse?

Também a alegria foi grande, em toda a casa e a festa foi solene e linda quando a Smirna fez a primeira Comunhão!

A partir desse momento, a sua vida passa a ser uma contínua ascensão no caminho da virtude.

Todo o seu anseio é alcançar de Deus a conversão da Mãe e, com ela, partilhar da paz e ventura que agora lhe inundam a alma. — Dificil tarefa que lhe vai custar uma vida inteira de imolação!

Tendo-se a mãe apercebido da mudança da filha, leva-a para casa, fecha-a num quarto e não lhe poupa injúrias nem maus tratos, para a induzir a mudar de rumo...

---

(1) S. LUCAS, xv, 7.

A Smirna — que era uma rapariga de carácter — mantém-se firme na fé e oferece por essa alma — que tanto estremece — o sofrimento que a heróica perseverança lhe acarreta, e a penosa privação de todo o auxílio religioso a que a reclusão a obriga.

Quando a perseguição abranda, retoma as relações com as religiosas.

Sente que Deus não a quer no Mundo mas anda hesitante na escolha da Congregação. Resolve-se, por fim, a pedir para ir fazer um estágio como aspirante, no Instituto do Sagrado Coração de Maria. Recebe-a a Madre Maria da Eucaristia no Porto e depois vai para o Colégio de Viseu, onde adocece gravemente. Um tumor branco num joelho retém-na muito tempo na cama e ameaça comprometer a realização do seu projecto de vida religiosa. Mas trazem-lhe uma relíquia da *Irmã* Teresa do Menino Jesus — recentemente falecida em Lisieux — e a doente aplica-a, com grande confiança, no joelho doente.

Com a graça da cura, a jovem religiosa — que começava a dar os primeiros passos na sua gloriosa carreira de taumaturga — obtém-lhe também a luz sobre a Ordem onde deve entrar: Deus quere-a Carmelita!

Alegra-se a Smirna julgando-se no termo dos seus trabalhos. Mal sabe ela as rudes provas por que vai passar a sua vocação!

Rebenta a revolução de 1910 e fecha-lhe os conventos em Portugal...

Nem por isso desanima.

As religiosas arranjam-lhe um lugar de preceptora, em casa dumas antigas alunas do Colégio do Porto e é de lá que parte, logo que pode, a tentar realizar o seu sonho.

Atravessa a fronteira e, a muito custo, consegue a admissão num mosteiro de Espanha. Andava a noviça muito contente com a sua nova vida e a Mestra muito contente com os progressos da noviça, quando lhe surge novo obstáculo no caminho...

Parecendo à Priora e suas Conselheiras que ela não tinha saúde para aguentar as austeridades do Claustro, resolvem mandá-la embora.

E a pobre Smirna mete-se no comboio para Tuy e vai pedir agasalho às suas queridas Mestras, a quem a desgraça dos tempos havia atirado também para o exílio.

Agora está só no mundo. A mãe já Deus a chamara para Si, em hora de misericórdia. Estas dores eram o preço da sua conversão:

*«Deus provou-a como oiro na fornalha e aceitou-a como uma hóstia de holocausto... Mas a seu tempo Ele dlhou-a favoravelmente.»* (1)

É dos Livros Santos o texto e verificou-se à letra com a Smirna.

Ao fim de longos meses de angustiosa incerteza e expectativa, recebe uma carta das Carmelitas a convidá-la para ingressar num mosteiro que iam fundar, e para lá parte cheia de contentamento.

---

(1) Livro da Sabedoria, III, 6.

Deixa a Smirna fama de santa no Colégio de Tuy e como santa vive e morre na Ordem de Nossa Senhora do Carmo, segundo rezam os testemunhos da Priora e das Irmãs.

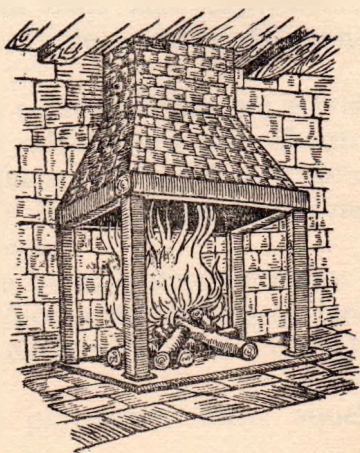
.....  
«*Não é uma árvore má a que dá bom fruto*» (1),  
lá diz o Senhor no Evangelho...

---

(1) S. LUCAS, VI, 43.

14.

UMA VIDA VIVA







## 14.

### UMA VIDA VIVA

Á o Conde tinha corrido vários médicos com a filha e nenhum dera com a causa da enfermidade que a minava.

Tentaram mais uma experiência.

E agora, findo o exame da doente, aguardavam a sentença.

A tarde estava pardacenta e fria mas, de longe em longe, um raio de sol esmaecido atravessava a sala escura e punha a luzir a pregaria doirada dos velhos cadeirões «D. João v», que mobilavam o consultório da Praça Nova.

Com um gesto lento e indeciso, o doutor pegou na pena, molhou-a no tinteiro de latão amarelo com bandeja cinzelada e ficou-se a cismar, de olhos fixos no papel...

Ao pai pareceram horas aqueles minutos de silêncio!

— «Senhor Conde, — disse, por fim, o médico — esta menina deve ter um ideal que lhe contrariam. Deixem-na seguir o que ela deseja e já se cura.»

E poisando a pena, deixou em branco a receita: não havia na botica remédio para tais doenças...



Os Condes de Alentém, António Barreto Pinto de Almeida Soares de Lencastre e D. Carolina Cândida Pita Malheiro Freire, da Casa de Costilha, tiveram quatro filhos: Cristóvão, Maria Margarida, Laura e António.

Maria Margarida Malheiro Freire Pinto de Almeida Soares de Lencastre — a futura Madre Maria da Eucaristia — nasceu a 12 de Abril de 1862, no fasto e grandeza do antigo solar de Alentém. Fica este situado no concelho de Lousada, província de Entre Douro e Minho.

A região é linda e fértil, magnífica e extensa a propriedade que rodeia a nobre moradia, isolando-a do movimento e bulício das estradas e povoações circunvizinhas. Tudo o que a vista alcança das varandas do palácio, era pertença dos fidalgos!

Para uma alma essencialmente contemplativa como a de Maria Margarida, Alentém devia ser estância muito aprazível.

O Conde, que era Cavaleiro da Casa Real, por sucessão dos seus maiores, e Par do Reino, passava

longas temporadas em Lisboa, com a família. Uma vez que as filhas terminaram a educação no «Colégio Inglês» do Porto, passaram a acompanhar os pais nessas estadias fora de Alentem.

Maria Margarida, a mais velha, cedo começara a revelar inteligência, ponderação e amenidade de carácter, superiores à sua idade. Alta, graciosa, com uns olhos negros muito expressivos e um sorriso bondoso e franco a suavizar as linhas um tanto acentuadas do seu rosto moreno, não era menos atraente pelos dotes morais.

Reviam-se os pais nesta filha e já sonhavam para ela um porvir todo entretecido de grandezas humanas e de alegrias terrenas, quando, logo aos primeiros contactos com o mundo, se aperceberam de que eram muito outros os seus sonhos... Não que Maria Margarida se furtasse a frequentar a sociedade. Ao sair do Colégio, compreendeu que a elevada posição do pai — aparentado com a melhor nobreza do país e muito influente nas esferas políticas —, assim como a conveniência de acompanhar sua irmã mais nova — de atractivos muito diversos dos seus — lhe impunham temporariamente o sacrificio dos próprios gostos.

Todavia, ao regressar a Alentém, manifesta aos pais o desejo que tinha de entrar para o Instituto do Sagrado Coração de Maria — desejo que o recente contacto com o mundo mais e mais avivara — e supplica que a deixem partir.

O pedido desencadeou tremenda tempestade... Nega-lhe o Conde o consentimento, proibindo-a desabridamente de lhe tornar a falar em semelhante assunto.

— Também pode ser religiosa aqui, junto dos seus! — é a sua última palavra.

E, para contentar as suas propensões para a piedade, obtém licença para ter o Santíssimo na capela da quinta e arranja-lhe capelão que ali celebre diariamente.

Bem queria a família iludir-se com a esperança de que estas concessões e a acção do tempo a demovessem de realizar um projecto que a todos desgostava profundamente. Não contavam com a força sobre-humana que a graça da vocação lhe dava!

Correm os anos.

O desgosto e a violência que se fazia por não poder seguir o chamamento de Deus, abalam-lhe a saúde mas não a decisão.

Sorri discretamente ao ouvir a opinião do médico. Mas, como o Conde não se deixa mover com o acertado diagnóstico (cegava-o o amor paterno!), firme e respeitosa, volta a abordar o delicado assunto e comunica-lhe a próxima entrada para o Noviciado.

Tem 23 anos, não pode o Conde tolher-lhe a resolução.

Dai a dias, a 19 de Abril de 1885, parte a Maria Margarida para o Porto, acompanhada pelo irmão Cristóvão mas leva o coração a sangrar por deixar o pai tão sentido e irritado que não quisera vê-la nem falar-lhe, na hora da despedida...

Já o comboio ia quase a chegar à fronteira de Barca d'Alva e à Maria Margarida, — alheada de tudo em gratíssima acção de graças — ainda lhe parecia um sonho estar já na vida religiosa...

Abre os olhos para se certificar da realidade.

Não é um sonho, não! A fitá-la bondosamente, com aquele ar sobrenatural e cândido que tanto lhe fazia lembrar as imagens antigas da sua capelinha de Alentém, lá ia o Padre Gailhac, já muito velho e cansado mas tão contente por poder abrigar no Coração de Maria a corajosa postulante a quem há muito estimava como verdadeira filha!

E, lá do canto, ao pé da janela, a Madre S. Félix — alma grande num corpo pequeno — sorria-lhe com ternura, admirando, no seu íntimo, o valor da fidalguinha portuguesa que ia ali a caminho da Casa-Mãe, humilde e pobre como a mais pobre e humilde irmã coadjutora, porque o Conde a deserdera nas vésperas da partida, e o modesto enxoval que levava lho dera a Condessa, por esmola, às escondidas do pai!

A 4 de Outubro de 1885, recebia o Hábito e o nome de religião.

— Doravante chamar-vos-eis irmã Maria da Eucaristia. — dissera-lhe o Fundador, durante a Cerimónia da Vestição.

No dia 9 de Outubro de 1886, tinha a ventura de se consagrar totalmente ao Senhor pelos votos de Pobreza, Castidade e Obediência.

«*A Profissão é o acto mais celeste, mais perfeito, mais divino que a criatura pode fazer.*» era pensamento familiar ao Padre Gailhac.

Com que ardor e generosidade se não terá oferecido a Deus a jovem professa a quem uma Religiosa antiga e veneranda chamava comovidamente «*um serafim de Amor*»? Segredos das almas que só na Eternidade se hão-de desvendar para louvor eterno do Senhor!

Breve foi a estadia em Béziers, como breve ia ser a permanência no Porto: estágios preparatórios para uma missão mais alta.

A instâncias da Madre S. Tomás — que punha as suas melhores esperanças na jovem religiosa — nomeiam a Madre Maria da Eucaristia Mestra das Noviças e Postulantes, na casa do Porto <sup>(1)</sup>. Durante algum tempo, ensina também bordados e canto às alunas da Classe «*Sacré-Coeur*» (as *grandes* — tantas delas suas antigas companheiras de Colégio!)

Chega finalmente o ano da solene e definitiva

---

(1) Até à erecção canónica da Casa do Noviciado de Penafiel, em 1903, era na do Porto que geralmente faziam o noviciado as irmãs coadjutoras que não iam para a Casa-Mãe e, muito excepcionalmente, alguma irmã de coro a cuja saúde fosse nocivo o clima de França.

consagração a Deus e, a 24 de Maio de 1892, faz os votos perpétuos. Pouco depois, punham-lhe aos ombros a cruz que a sua humildade mais temia: as funções de superiora para cujo cargo era nomeada.

Chamam a Viseu o *Coração da Beira* e, tendo os habitantes da nobre cidade títulos tão gloriosos e antigos de que orgulhar-se, não deixam por isso de prezar este que nos tempos modernos lhe foi dado.

Airosa e lavada dos ares, espraia-se pelo monte abaixo e é banhada, lá ao fundo, por um confluente do Dão, o rio Pavia.

A sua Sé Episcopal data de remotas eras e muito de consolador e de edificante haveria para contar a respeito da história do Cristianismo e dos seus progressos, nesta Diocese, se o âmbito deste trabalho não se limitasse aos fins do século XIX e princípios do actual.

Na época, porém, em que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria foram convidadas a abrir um Colégio em Viseu, estava muito decadente o espírito religioso e em poucas terras do país teriam as ideias liberais lançado raízes tão fundas como nesta.

Pelas alturas de 1890 — não obstante o animador movimento de recristianização que se vinha

notando, há tempo, nas províncias do Norte—o panorama religioso desta cidade era ainda desolador...

Mas surgem dois sacerdotes cujo coração estuava de zelo e amor de Deus: o Cónego Manuel Vieira de Matos e o Padre Joaquim da Silva Veiga (<sup>1</sup>). São eles os instrumentos de que a Providência se vai servir para a tarefa ingente de reacender a fé na alma dos visienses!

Um dos problemas que pede solução imediata é o da educação cristã feminina. Para o resolver, tornava-se necessário trazer para Viseu uma Congregação de Religiosas com prática de ensino, e arranjar-lhes casa adequada para nela se instalarem. Nada disto, porém será possível sem prévia autorização do Prelado de Viseu. Com a dedicadíssima e perseverante colaboração duma nobre e santa senhora, D. Eduarda Augusta de Queiroz Ribeiro Pereira Pinto de Almeida e Vasconcelos, tudo se consegue.

Acompanhada doutras senhoras da melhor sociedade de Viseu, vai procurar o Senhor D. José Dias Correia de Carvalho e expõe-lhe respeitosa e corajosamente as razões que impunham a vinda das Irmãs. Receando alguma reacção violenta da opinião pública,

---

(<sup>1</sup>) O primeiro, foi sagrado Arcebispo de Mitilene em 1899; em 1903, ia para a Guarda e, em 1915, para Braga, onde faleceu no ano de 1932, deixando fama de ter sido um dos mais sábios e virtuosos Arcebispos que aquela arquidiocese tem tido.

O segundo, mais conhecido pelo «Cura Veiga», era estimadíssimo dos seus paroquianos e tido por santo.



o Prelado opõe-se durante muito tempo à realização do projecto.

Não desanima a ilustre e fervorosa Senhora. Repete as suas visitas ao Paço e obtém, por fim, a desejada aprovação. Ela assumirá, com o Cónego Vieira de Matos, toda a responsabilidade pelas consequências que a ousada iniciativa possa acarretar — admirável acto de fé que o Senhor havia de recomendar generosamente!

Sendo Viseu uma cidade de veneráveis tradições religiosas, causa estranheza que, em 1892, quando o Cónego Vieira de Matos veio ao Porto pedir as Religiões do Sagrado Coração de Maria, apenas lá existisse *um* Convento: o do Bom Jesus, das Freiras Benedictinas. De longa data vinha, pois, a corrente contra as Ordens Monásticas!

Foi esse velho convento que o embaixador do Bispo de Viseu veio oferecer para Colégio à Madre S. Tomás, instando para que nomeasse superiora da nova fundação a jovem Madre Maria da Eucaristia. Alegava o zeloso Cónego que ela não só possuía as qualidades requeridas para esse cargo, mas que acrescia a circunstância de ser aparentada com algumas das melhores famílias da cidade, o que iria facilitar-lhe a melindrosa missão

Aprovaram as Superiores a escolha e, numa manhã do mês de Julho, manda a Madre S. Tomás que se reúna toda a Comunidade e, chamando para

junto de si a Madre Maria da Eucaristia, diz-lhe, comovida e grave:

— «Aqui tem, minha filha, esta Regra; que ela seja o seu modelo. Cumpra-a e faça-a cumprir às suas súbditas.»

Cai de joelhos a nova superiora, para receber o precioso livro e, sem poder conter as lágrimas, beija-o, reverente, e beija também a mão da Madre S. Tomás.

Choravam todas as Irmãs durante a impressionante cena e na despedida saudosa que se lhe seguiu.

Na festa de S. Vicente de Paulo, a 19 de Julho de 1892, lá partiam para Viseu as Madres S. Tomás, Maria da Eucaristia e Maria do Loreto. Já no dia 17 as tinham precedido três irmãs coadjutoras, para começarem a adaptar ao novo destino as velhas dependências monásticas. Em Setembro, chegava a Madre S. José Pancada, para Assistente, acompanhada pela Madre Maria do Carmo.

Tinha a Senhora D. Eduarda — a fundadora deste Colégio — uma netinha dos seus oito anos, com o mesmo nome que a Avó e o mesmo encanto pelas *Irmãzinhas* que tinham vindo do Colégio do Porto <sup>(1)</sup>. Retribuíam-lhe com igual carinho as religiosas e, ainda o Colégio não estava aberto, já a Eduardinha lá

---

(<sup>1</sup>) A Senhora Viscondessa de Freixedo, D. Maria Eduarda de Queiroz Athayde Almeida e Vasconcelos — a *primeira* e tão dedicada aluna do Colégio de Viseu —, devemos muitos dos interessantes pormenores referentes a esta fundação.

ia passar os dias, a pedido da Madre Maria da Eucaristia.

Quando isto se soube, começaram os pais a pedir informações à família da Eduardinha.

«*Da boca dos meninos tiraste o perfeito louvor!*» diz a Escritura (1). Foram, sem dúvida, os elogios entusiásticos e ingênuos da encantadora criança que mais ajudaram a desvanecer os preconceitos que nesta terra havia contra a *educação das freiras*.

Abriu o Colégio com umas 18 alunas internas e cerca de 20 alunas externas — sucesso que excedia as mais optimistas expectativas, atendendo à hostilidade do meio!

Em Viseu, como em Chaves (e pelo mesmo motivo), quando as Religiosas do Sagrado Coração de Maria foram habitar o Convento, da antiga Comunidade apenas sobrevivia a Abadessa. Chamara-se ela, no mundo, D. Maria Delfina Leite e já tinha perdido a conta dos anos. Todavia, era voz corrente que não devia andar longe dos noventa.

Este mosteiro fora fundado a 29 de Setembro de 1592, e é curioso notar que nele refloriu de novo a vida religiosa — após um interregno de cerca de 50 anos — precisamente no *terceiro centenário* da sua inauguração.

Era a velha Abadessa muito entendida em Liturgia e aferrada aos costumes monásticos em que se criara. Assistia à Missa no coro e, se o pequeno

---

(1) SALMO, VIII, 3.

sacristão omitia alguma genuflexão, ouvia-se a sua voz a ralar:

— Rapaz, faz a vénia ao Santíssimo!

Nem os sacerdotes escapavam às reprimendas da exigente Abadessa. Havia, no Convento, uma custódia de grande valor artístico. O Cónego Figueiredo, que às vezes vinha celebrar ao Colégio, trouxe, em certa ocasião, dois colegas para a verem. Ora, naquele dia, aconteceu a custódia estar guardada no Sacrário e o Cónego teve que o abrir, para a mostrar aos outros sacerdotes. Logo a velhinha expandiu a sua indignação, em voz alta:

— Que Vigário Geral nós temos! abrir o Sacrário sem acender as velas... A que tempos nós chegámos!!

Com o abnegado concurso do Cónego Vieira de Matos principiaram logo as Irmãs a fazer a catequese na Igreja do Convento e, a 31 de Maio de 1903, já organizavam uma comoventíssima festa da 1.<sup>a</sup> Comunhão e uma luzida procissão, que percorreu as ruas principais, deixando as melhores impressões na gente de Viseu, há muito desacostumada de presenciar manifestações de verdadeira piedade.

A criação duma escola para crianças pobres trouxe também muitas simpatias à religião e às religiosas e deu o mais consolador rendimento apostólico não só nas alunas, como nas suas famílias.

A alma dessa Escola (que hoje chamaríamos antes *Patronato*, dada a sua feição especial muito

semelhante à das obras que actualmente têm esse nome) era a boa Irmã Afonsina. Possuía ela um tino pedagógico invulgar. Muito educada, afável e disciplinadora, obtinha excelentes resultados no ensino e na formação das alunas e mantinha em perfeita ordem tão numeroso rancho de crianças do povo (1).

Nos meses que precederam a abertura das aulas, a Comunidade sentiu, não poucas vezes, os efeitos da pobreza.

Era então dispenseira a Irmã Virgínia e, um dia, tem que ir dizer à Madre Maria da Eucaristia:

— Não temos pão para hoje, minha Madre...

— Não se aflija, minha irmã, nós vamos rezar!

— responde-lhe a Superiora, cheia de confiança.

Daí a pouco, batia à porta uma mulherzinha trazendo uma grande broa:

— Così o pão e lembrei-me que as Irmãs haviam de gostar duma broinha fresca...

Impressionada com tão providencial esmola, a irmã Porteira desfaz-se em agradecimentos. E a boa mulher, vendo o seu presente tão apreciado, volta a casa a buscar outra broa!

Também não faltou em Viseu a prova das doenças, a atrair graças sobre a nova casa. A angélica Madre Maria do Loreto esteve tão mal que, três

(1) Com os anos, chegaram a passar de cem.

meses depois da chegada, teve que regressar a Braga e falecia santamente, após dolorosa enfermidade, a 3 de Abril de 1893. Quatro anos mais tarde, verificava-se que o seu corpo se achava ainda incorrupto.

A Irmã Elisa era uma excelente irmã coadjutora de quem se contava que, estando gravemente doente no Porto, lhe aparecera o Sagrado Coração de Jesus e a curara repentinamente. Depois de trabalhar muito neste Colégio, chamou-a Nosso Senhor a Si para a premiar de suas eminentes virtudes.

Mal tinha exalado o último suspiro, ouviram-se gritos na rua:

Fogo! fogo no Colégio!!

Era de noite, a casa estava em sossego e não havia sinais de incêndio. Que tinha acontecido? Soube-se no dia seguinte:

Umhas boas mulheres tinham visto como que um globo de luz, por cima da cela onde a falecida Irmã estava depositada. Julgando que se tratasse de fogo, apressaram-se a dar o alarme...

Este singular acontecimento deixou a Comunidade muito impressionada.

No ano em que Sua Majestade a Rainha D. Amélia esteve com os Príncipes, nas Termas de S. Pedro do Sul, preparou-se a cidade de Viseu para receber a régia visita com as devidas honras.

A prestar-lhe as suas homenagens em representação do Colégio, lá foram a Superiora, a sua Assis-

rente e duas meninas (a Eduardinha era uma delas). Acedeu gentilmente a acompanhá-las a Senhora D. Eduarda de Almeida e Vasconcelos e aproveitaram a ocasião para convidar Sua Majestade a visitar o Colégio.

Foi a Rainha dum extrema gentileza para com a Superiora e as Religiosas, na longa visita com que as distinguiu. A Madre Maria da Eucaristia fez as honras da casa com a fidalguia de maneiras que lhe era peculiar mas, quando iam a sentar-se no salão (para distração dos pequeninos Príncipes tinham improvisado uma festa), a Rainha obrigou a humilde Madre a sentar-se à Sua direita, dizendo-lhe:

— *Eu sou a esposa do Rei de Portugal mas a minha Irmã é a Esposa do Rei dos reis!*

Frase linda que revela a Sua virtude e o Seu admirável espírito de Fé.

No final da festa — que os Príncipes muito apreciaram, como crianças que eram, — foi-lhes pedido para deixarem a Sua assinatura no livro dos visitantes. E logo o Infante D. Manuel — pouco seguro ainda na arte de escrever... — se sai com esta exclamação espontânea:

— Ai, Mamã, cá vou eu fazer trapalhada!...

. . .

Em 1894, a Madre S. Félix veio a Portugal e, no regresso de Chaves, foi a Viseu, acompanhada pela Madre S. Liguório. Trouxe de lá as mais lisonjeiras impressões.

De facto, o Colégio já estava, então, bem lançado e, se mais alunas não tinha, é porque a casa as não comportava. Velhíssimo como era o Convento e sem condições para uma melhor adaptação ao fim a que hoje se destinava, impunha-se urgentemente a mudança para outro edificio.

Apareceu uma vivenda com uma bela quinta, em sítio central, saudável e com lindas vistas. Apressaram-se as religiosas a comprá-la e a transferir para lá as alunas, depois de lhe aumentar um andar, pois a casa não tinha as divisões precisas.

Por este tempo, já o Conde de Alentem tinha partido para melhor Vida. Esta perda tinha sido dor pungente para o coração extremosíssimo da Madre Maria da Eucaristia. Todavia, uma grande consolação lhe restava: o pai tinha feito as pazes com ela, antes de morrer! E, como prova do seu perdão, restituiu-lhe o direito de participar na herança deixada aos filhos. A parte que lhe coube, applicou-a generosamente a Madre Maria da Eucaristia na compra e ampliação do Colégio de Viseu, o mais vasto e higiénico que o Instituto teve, em Portugal, até 1910.

Tendo sido chamada para Superiora da casa do Porto, em 1899, veio a Madre S. Liguório ocupar o seu lugar e, durante os sete anos do seu governo, continuou activamente as obras começadas pela Madre Maria da Eucaristia.



Pouco a pouco, o quadro das professoras tinha-se completado com algumas das religiosas de maior valor da Província Portuguesa, tais como a Madre S. José, que ensinava o português e o francês; a Madre «S.<sup>a</sup> Patrice», que dava as lições de inglês e desenho; a Madre Margarida, que tinha a seu cargo a música e o piano. Por lá passaram ainda as Madres «S.<sup>ta</sup> Foy», «Marie Ferdinand» e Maria do Rosário, muito estimadas também pelas educandas e suas famílias.

A Madre Maria da Eucaristia revelou, logo neste primeiro superiorado, as virtudes e talentos de que era dotada para a difícil arte de governar <sup>(1)</sup>.

Em Béziers, apreciavam tanto a acção da jovem Superiora, no Colégio de Viseu, que a Madre Geral e suas Conselheiras chegaram a nomeá-la Mestra das Noviças da Casa-Mãe. Esta notícia causou tão vivo pesar à Madre Maria da Eucaristia — persuadida como estava de que não tinha as qualidades precisas para bem desempenhar ofício de tanta responsabilidade — que a sua saúde se ressentiu gravemente...

---

(1) Em capítulos posteriores salientaremos mais pormenorizadamente este aspecto da sua vida religiosa.

Então as Superiores, que muito a estimavam, condoeram-se da sua aflicção e dispensaram-na de partir para França.

No dia 18 de Abril de 1891, faziam a Profissão, na Casa-Mãe, três noviças que haviam de prestar valiosos serviços ao Instituto e a quem, por sua vez, seria confiada a direcção dos Noviciados de Marymount, Liverpool e Penafiel. Eram as Madres «Marie Baptiste», «Marie Albert» e Maria do Divino Coração.

Todas três receberam ordem para vir para Portugal. Estava-se, porém, em plena campanha anti-religiosa e seria imprudência viajar com o hábito.

A querida Madre S. Tomás (que, então, se achava em Béziers) alarmou-se ao olhar para a frescura e mocidade das novas professoras. E não se teve que não viesse recomendar à Mestra das Noviças, a saudosa Madre S. Calixto:

— Veja lá, não as faça vaidosas!

Nunca ordem alguma terá sido tão bem cumprida como esta. As duas religiosas irlandesas vestiram, por cima do hábito, uma saia rodada e um casaco largo. A Madre Maria do Divino Coração, escondeu também o hábito debaixo duma grande capa preta. E, a completar a *elegância* da «toilette», um chapéu preto de palha, desencantado nos escaninhos do sótão! (1)

---

(1) Chamavam-lhe, nesse tempo, «canotier».

Depois de prontas, foram mostrar-se à Madre S. Tomás, que... *as achou muito a seu gosto*. A Madre «Marie Baptiste», alegre e viva como era, levou toda a viagem a fazer espírito das suas ridículas figuras. Com efeito, não havia perigo da vaidade entrar no espírito das jovens viajantes!

No Porto, tiveram o mais carinhoso acolhimento da parte da Comunidade. Duas, vinham destinadas a esse Colégio e a Madre «Marie Baptiste», ao de Viseu. Ali ficou até que, pelo ano de 1909, a obediência a mandou ocupar o ofício de Mestra das Noviças, no Noviciado que acabava de abrir-se, nos Estados Unidos (1).

Como mestra de classe, já a Madre «Marie Baptiste» mostrara bem o que havia de ser nos cargos de Mestra das Noviças, de Superiora, e de Provincial: bondosa, firme e recta.

Em 1908, a Madre Maria do Divino Coração era nomeada Superiora da casa de Viseu. Sucedia à Madre Maria de Jesus Perry, religiosa cheia de bondade e de virtudes mas de ânimo tímido e irresoluto. A administração e a disciplina necessitavam de

---

(1) Não cabe numa breve referência o elogio das virtudes desta grande religiosa que trabalhou tão dedicadamente, entre nós, durante 8 anos, e que é hoje considerada como uma das *colunas do Instituto*, nos Estados Unidos da América. Muito amiga do nosso país, nunca esqueceu a nossa língua, não obstante a longa ausência de Portugal.

pulso firme e a Madre Provincial, para levantar de novo aquele Colégio (que tão querido lhe era) achou que devia privar o Noviciado de Penafiel da direcção da Madre Maria do Divino Coração e mandá-la para Viseu.

Foi esta última Superiora que teve o gosto de ver concluído o edifício escolar. A ela se deve a linda capela com rico altar de mármore e artísticas imagens, solenemente inaugurada a 31 de Julho de 1910 (mas da qual apenas gozaram dois meses...).

Com a colaboração da activa e ilustrada Madre «S.<sup>te</sup> Foy» Conde, reformou os estudos. Os êxitos obtidos nos exames, no Liceu, aumentaram tanto a boa reputação do Colégio, que se esperava um avultado número de alunas para a entrada de Outubro (<sup>1</sup>). E a Comunidade, unida e feliz, já se preparava para encetar outro ano de trabalho, na despreocupação de quem nem sequer suspeita dos trágicos acontecimentos que se avizinhavam.

Sete anos de labor abnegado e tenaz levou a Madre Maria da Eucaristia a escavar os alicerces da

---

(<sup>1</sup>) Foi aluna distinta do Colégio e tirou brilhantes resultados nos exames liceais a que se apresentou, nesse ano *histórico* de 1910, a Sr.<sup>a</sup> D. Dionísia Camões de Mendonça, exemplaríssima mãe de família e talentosa pedagoga, a quem a causa da educação cristã feminina tanto deve, pela acção exercida como professora e Reitora, no Liceu da Infanta D. Maria, em Coimbra.

fundação de Viseu, sem outra coisa pretender para si senão ficar oculta e esquecida como a pedra tosca que o cabouqueiro lança ao fundo da vala.

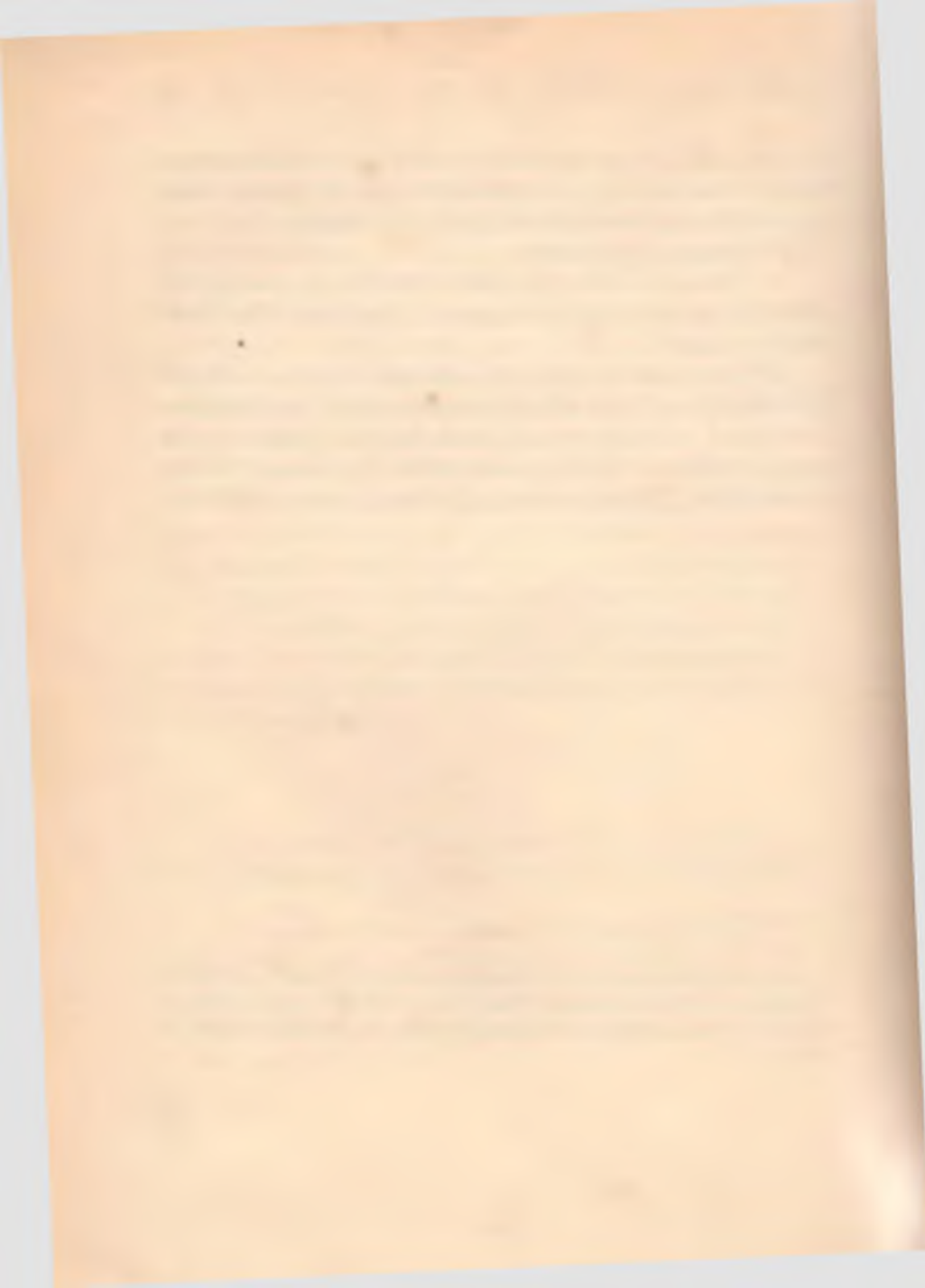
Ingénua ilusão a sua!

«*Uma alma cheia de vida viva dá logo sinal de si, por mais que se esconda, por esse perfume de Cristo que é a virtude...*» (1)

Já passaram cinquenta anos desde que a Madre Maria da Eucaristia deixou aquela cidade hospitaleira e amiga e, no entanto, quando hoje se fala no seu nome, ainda por lá há quem entoe louvores a Deus pela edificação que outrora lhe deu a sua VIDA VIVA.

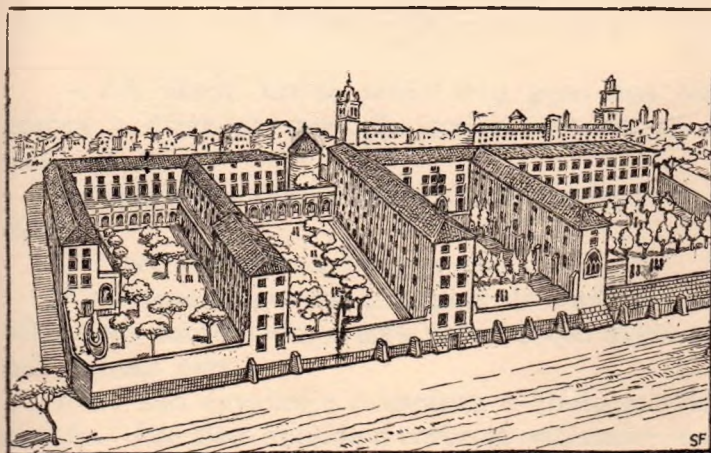
---

(1) D. BERNARDO DE VASCONCELOS, carta de 7-VIII-30. As Irmãs do saudoso e venerando monge Beneditino — modelo de jovens sedentos de Ideal — foram educadas com as Religiosas do Sagrado Coração de Maria.



15.

*RUMO AO CÉU*



11

LETTER TO THE





## 15.

### RUMO AO CÉU

**C**omo luz no poente que se extingue aos poucos, até se afundar no oceano infindo, assim foi amortecendo a chama da vida, no venerando Fundador.

Com mão trémula e a lápis — pois já não podia segurar a pena — o Padre Gailhac escrevia, em 1877:

— «A idade faz-se sentir e o peso dos anos começa a dizer-me que não somos eternos, cá na terra... :

Estamos no exílio, importa pensar sèriamente na Pátria.

O inverno abalou-me um pouco.

As forças traem-me e, depois de qualquer trabalho mais continuado, o meu pobre corpo avisa-me: pára, senão cais...

Mas não envelhece o espírito e ainda menos o coração. Por isso, quando o corpo já não puder mais,

servamo-nos dele para mais nos prendermos a Deus e fazer-lhe antecipadamente o sacrifício de tudo o que deve perecer.» (1)

Apesar do declínio das forças, continua a fazer visitas às casas do estrangeiro e, em 1887, manda dizer, de Liverpool, à Superiora do Colégio do Porto: «Se Deus quiser, ainda espero ir vê-las».

Não só não pôde efectuar esta viagem mas as próprias cartas rareiam cada vez mais.

«A custo posso escrever estas poucas palavras; — confiava ele às religiosas do Colégio do Porto, — aos 86 anos para quase nada se presta.

Mas tenho-as sempre presentes no espírito e não me saem do coração. Nunca subi ao altar sem as levar a todas comigo, para as unir a Jesus Cristo.»

À semelhança daquele «homem que semeou boa semente no seu campo» (2), o Padre Gailhac procurou dar às almas trigo do mais puro — a fina flor das Escrituras.

O «celeiro» onde ia habitualmente buscar a semente era a Doutrina de S. Paulo e de S. João.

Pode dizer-se que levou uma vida inteira a profundar e a saborear as Epístolas do Apóstolo. A cada passo as citava nos seus escritos e conferências, e nelas

---

(1) Carta de 4 de Junho de 1877.

(2) S. MATEUS, XIII, 24.

colheu aquela *espiritualidade toda dirigida para a conquista das almas*, que sempre porfiou em incutir à sua família religiosa.

Mas não lhe foi menos familiar o convívio com S. João, nem apreciava menos a sua doutrina toda impregnada de Amor.

Tendo recebido no Baptismo os nomes de Pedro João António, deu a preferência ao de João, pela muita devoção que tinha ao Discípulo Amado, e este foi também o protector que escolheu para Apolónia Cure, quando esta abraçou a vida religiosa.

A doutrina do Padre Gailhac anda espalhada pelos seus sermões e conferências, cartas e tratados que escreveu para as religiosas, e tem, por assim dizer, a sua súpula nas Constituições que lhes deu tomando como base a Regra de Santo Agostinho e como modelo a de Santo Inácio de Loiola.

*Caldear as almas no Amor de Jesus Cristo, colocar-lhes bem diante dos olhos o Modelo Divino, e levá-las, a copiá-lo pela imitação do Coração de Maria*, foi a sua ambição suprema.

Quatro traços principais caracterizam a sua doutrina:

### 1.º AMOR A DEUS:

Era máxima sua que «*a santidade começa pelo Amor, cresce pelo Amor, e pelo Amor chega à sua perfeição*».

«A caridade de Deus insta comigo» (1) — escrevia, adaptando as palavras do Apóstolo.

— Tanto queria ver as vossas almas bem acesas nos seus divinos ardores!

Oh! quando amaremos a Deus como Ele merece, como Ele pede aos nossos corações! quando seremos inteiramente de Deus! quando viveremos só em Deus, de Deus, para Deus!»

Se, mesmo escritas, as suas palavras têm um tal poder de vibração, o que não seria quando ditas!

O P. Maynard, testemunha diária da sua vida durante muitos anos, refere-nos:

«Quando falava do Amor de Deus, todo ele ficava transportado de zelo, o rosto inflamado e os olhos brilhantes. Parecia querer abrasar todas as almas nesse fogo divino e passar aos outros o amor em que ardia.» (2)

Mesmo em matéria de educação — e que admirável pedagogo não foi o Padre Gailhac, como se verifica pelas regras e instruções que deixou sobre o assunto — o Amor é sempre, em última análise, o processo que mais recomenda.

Numa circular de perto de 20 páginas, em que traça magistralmente o *Retrato da verdadeira Reli-*

(1) II aos Coríntios, v, 14.

(2) P. MAYNARD, *Rev. P. Gailhac — sa vie, ses oeuvres*, 1894 (obra esgotada), pág. 391.

*giosa do Sagrado Coração de Maria* como educadora, termina assim:

«Para realizar tudo o que se acaba de ler, é preciso um grande Amor de Deus: o Amor torna tudo fácil; o Amor não admite impossibilidades. Cede tudo diante do Amor; e, assim como o fogo derrete os metais mais duros, assim o Amor torna dóceis os corações mais obstinados, o Amor transforma-os, o Amor modifica-os.

Portanto, para acabar como começámos, digo: Amai, amai, amai a Deus! que todo o vosso ser, todos os vossos sentimentos, todas as vossas acções sejam Amor, e já tudo vos correrá bem.

*O Amor vos fará santas e pelo Amor fareis santas.»* (1)

## 2.º AMOR ÀS ALMAS:

No amor de Deus se acende o amor das almas. Por isso, o Padre Gailhac ensinava:

«Embora pareça que o Zelo só tem um fito, — visto a glória de Deus ser o seu fim último, — todavia o zelo visa também, e antes de mais nada, a nossa

---

(1) *Ob. cit.*, pág. 287.

santificação e, em seguida, a santificação do próximo:  
*uma é o fruto da outra.»*

E explicava no mesmo tratado:

«A alma que quiser abraçar as Obras que promovem a glória de Deus deve, pela graça, estar a arder no divino Amor, porque o *Zelo é a chama do Amor.»* (1)

E que elevadíssimo conceito da sua vocação de educadoras não queria ele que tivessem as religiosas! Nas Constituições, apresenta-lhes a *educação cristã* como sendo «*uma das obras que mais importa ao bem da Igreja e aquela que produz frutos mais certos, mais extensos e mais duradouros!*» (2) Lembra-lhes vezes sem conta, que «*o espírito do Instituto é, não só um espírito de Fé, mas também um espírito de Zelo ardente*» (3) e que «*o seu fim é, expressamente, cooperar, com a protecção do Coração de Maria, na salvação das almas*» (4).

Um dia, chegou mesmo a dizer-lhes:

— «*A maior honra que Deus pode fazer a uma simples criatura é salvar uma alma.»*

---

(1) Padre GAILHAC, *La vie religieuse* (Lille, 1937), pág. 141.

(2) Regra n.º 261.

(3) Regras n.ºs 3 e 5.

(4) *Ob. cit.*, pág. 140.

E comentava:

«Conservar uma alma na inocência ou ajudá-la a levantar-se; dar-lhe a conhecer a Deus, ensiná-la a amá-lo, formá-la na prática da virtude, indicar-lhe os meios de sujeitar o corpo ao espírito, ajudá-la a imitar a Jesus Cristo, e levá-la a ser uma eleita, é obra mais excelsa e mais nobre do que governar um império — *é trabalhar com Deus!*»

### 3.º AMOR À CRUZ:

Não se ficava, porém, em veementes exortações ao Amor de Deus, ou em elevados conceitos sobre educação e apostolado o sábio e experiente Mestre das Almas que foi o Padre Gailhac.

Costumava ele dizer que *«a virtude sem renúncia não passava de vão fantasma ou de perigosa hipocrisia»*.

Por conseguinte, punha todo o empenho em guiar por caminhos seguros as almas que dele esperavam orientação. É ler, num sermão de «Tomada de Hábito» (que data dos primeiros anos da fundação do Instituto, e onde nos dá a quinta-essência da sua dou-

trina), o que ele nos diz dos *deveres da vocação religiosa* (1).

«Para a obra de Jesus Cristo precisa-se, ou de Jesus Cristo em pessoa, ou de almas que tenham o espírito e o coração de Jesus Cristo, que vivam em íntima união com Jesus Cristo.»

E pergunta:

«Obra tão grande, tão cheia de beleza, poderá ela realizar-se sem uma renúncia contínua até ao esquecimento, até à morte, e até à imolação daquele que a uma tal obra se der?»

Mas, em vez de responder aos ouvintes com palavras suas, vai buscar a S. Paulo os textos mais capazes de sugerir generosas doações, e arremessa-os, às mãos cheias, sem comentário nem enfeite, àquelas almas juvenis e puras que, daí a pouco, irão desposar a Jesus Cristo.

Vê-se que outro empenho não tinha senão levar as almas, atrás do Senhor, numa arrancada heróica até à crucifixão!

---

(1) Intitula-se este sermão «*Glórias e Deveres da Vocação Religiosa*» e foi pregado numa cerimónia que se realizou na Capela da Casa-Mãe, a 18 de Setembro de 1853 (tinha o Fundador 51 anos).



E, a rematar, duas palavras do Apóstolo — das mais ardentes e ousadas que encontrou nas Epístolas:

«Completo em mim o que falta à paixão de Cristo!» (1)

«Eu estou cravado na Cruz com Cristo!» (2)

Bem sabia o Padre Gailhac como eram ásperos para a natureza os caminhos de imolação por onde enveredavam as almas... Por este motivo as animava a darem-se à oração.

No tratado que sobre esta matéria escreveu, em 1883, diz assim:

«Oh! como é forte a alma que ora! Sim, foi a força haurida na oração que fez os santos.

A oração é a vida da alma, a sua luz, a sua força e consolação; é nela que a alma saboreia alegrias do Céu.» (3)

#### 4.º AMOR A MARIA:

Na época em que o Instituto nasceu, não se podia prever o lugar de realce que a devoção ao Imaculado

---

(1) Aos Colossenses, III, 3.

(2) Aos Gálatas, II, 19.

(3) *Ob. cit.*, págs. 189 e 190.

Coração de Maria viria a ter na espiritualidade moderna, nem a difusão mundial que lhe dariam as revelações de Fátima.

Todavia, o Padre Gailhac, se não enfileira na linha dos precursores desta devoção — como um S. João Eudes, ou um S. Luís Grignon de Montfort — não pode deixar de ser recordado como um dos mais apaixonados Servos de Maria que a História da Igreja regista no século XIX.

Tinha ele um gosto especial em apontar Nossa Senhora como *Mestra de vida interior e de apostolado* e, assim, comentava numa conferência aquela após-trofe magnífica de S. Paulo aos fiéis de Colosso. «Vós estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus» (1), nos termos seguintes:

— «Deve ser esta a vida e a divisa da verdadeira filha do Sagrado Coração de Maria. Podia lá ser doutra forma? A vida da filha deve ser moldada pela da Mãe. Unida a Deus e cheia do Espírito Santo, como Maria, deve viver apenas para fazer nascer Jesus nas almas. Ora, quanto mais escondida, mais apta para obras grandes; quanto mais unida a Deus, mais poderosa para as operar.» (2)

LEVAR AS ALMAS AO CORAÇÃO DE JESUS PELO

---

(1) Aos Colossenses, III, 3.

(2) *Ob. cit.*, pág. 99.

CORAÇÃO DE MARIA, era fórmula muito apreciada pelo Padre Gailhac:

«O Espírito Santo é a nascente do Divino Amor e inundou com torrentes de amor o Coração de Maria. Maria fiel ao Amor, guardou-O com cuidado; deixou-O expandir-Se no Seu Coração, entregou-se a Ele e correspondeu às Suas exigências. Eis o que devemos fazer, se queremos que o Amor que arde no Coração de Maria arda também no nosso.» (1)

O Amor a Maria foi nele extraordinário desde a infância:

— «Deus mostrou-mA tão bela, tão bela, que fiquei preso dos Seus encantos e abrasado em Amor por Ela!» — revelou ele, um dia.

E não cessava de recomendar:

— «*Cultivai uma terna devoção à Mãe de Deus: ela vos levará ao cume da perfeição.*»

Foi movido por esta ternura filial que consagrou ao Sagrado Coração de Maria o Instituto por ele fundado.

— «PERTENCEIS A MARIA PELA VOSSA VOCAÇÃO», — costumava ele dizer às religiosas.

---

(1) *Ob. cit.*, pág. 270.

— «Sois as filhas de Maria, as filhas do Seu Coração. O vosso coração deve, portanto, estar no Coração de Maria com o de Jesus, e no Coração de Jesus com o de Maria.»

Conta-nos o Evangelista S. Lucas que, em certa ocasião, estando Jesus a fazer o elogio do servo bom, perguntou a Pedro:

— «Quem julgas tu que é o dispenseiro fiel e prudente que o Senhor estabeleceu sobre a sua família, para lhe dar a tempo a medida de trigo?... E, logo ajuntou:

«Bem-aventurado aquele servo que, quando o Senhor vier, o achar a proceder assim!...» (1)

«*Dispenseiro fiel e prudente*» — que bem define a fisionomia espiritual do Padre Gailhac esta imagem do Evangelho!

Semear e recolher o «trigo de Deus» para, a seu tempo, o dar às almas famintas, foi seu incessante cuidado.

E quando, no entardecer da vida, — vergado «ao peso do dia e do calor» — (2) o Senhor apareceu a buscá-lo para «Casa de Seu Pai» (3), cá veio achá-lo na sua santa lida...

(1) S. LUCAS, XII, 42, 43.

(2) S. MATEUS, XX, 12.

(3) S. JOÃO, XIV, 2.

É comovedor notar na última carta que dirigiu às religiosas portuguesas, a lucidez e o vigor de expressão com que o santo velhinho insiste, ainda uma vez, nos pontos principais da sua doutrina espiritual:

«Queridas filhas, não vos separeis nunca desse bom Jesus que nos tem um amor tão grande e que tanto desejou estar connosco que desceu do Céu e Se revestiu da nossa humanidade, para nos levantar da queda original; que Se ofereceu em sacrificio para pagar as nossas dívidas; e que nos abriu o Coração para nele irmos haurir as graças de que necessitamos, a fim de nos tornarmos um só com Ele.»

Feita esta breve referência à missão redentora de Cristo, recorda-lhes — porventura pela última vez:

«Não há dúvida que foi Jesus Cristo que veio salvar o mundo, mas *escolheu-vos a vós para serdes Suas continuadoras e Seus instrumentos, e para O ajudardes, assim a completar a Sua obra.*

Com certeza que, por muito que vos custe, haveis de querer corresponder à Sua intenção. Pois não Lhe custou também a salvar-vos? E a conquista do mundo não custou também aos Apóstolos? E quanto não custou aos mártires serem «semente de cristãos»? E, aos missionários, não lhes custará também a arrancar os selvagens às trevas que os envolvem e a atraí-los à luz do Evangelho? Oh! uma vez

mais, que vocação tão bela, tão santa e tão gloriosa!»<sup>(1)</sup>

E, a rematar a ardente exortação, o Fundador acrescentava estes conselhos práticos:

«Coragem! fixai o olhar em Jesus Cristo, imitai-O. Sede humildes, fiéis à graça e, como Ele, obedeci a Deus Pai, prontas a glorificá-LO e a salvar almas, cumprindo a vossa missão, como fez o Divino Salvador.»



Por fim, a vista enfraquecida obrigou o Padre Gailhac a pedir dispensa do Breviário — grande sacrificio para o seu coração sacerdotal.

Substituiu a recitação deste pela do Rosário — e com que devoção o rezava! Se ele sempre tinha ensinado que *«o terço rezado com fé e amor fala aos corações de Jesus e de Maria e abre às nossas almas um manancial inesgotável»*.

Pela mesma razão, já não podia ler o «próprio da missa» mas celebrava habitualmente a missa votiva de Nossa Senhora e confessava cãndidamente «que lhe dizia muito e a achava cheia de piedade e de unção».

Enquanto as forças lho permitiram, gostava de aparecer de surpresa nos recreios das alunas. Era

---

(<sup>1</sup>) Carta de 23 de Fevereiro de 1888.

uma festa quando o viam chegar! as mais pequeninas, puxavam-lhe pela batina, agarravam-lhe nos braços, e todas — mesmo as maiores — queriam estar o mais perto possível do velhinho sorridente e bom que dizia coisas tão lindas do Céu e fazia lembrar tanto a Nosso Senhor...

Um dia disse-lhes assim:

— «Filhinhas, estou velho, vou morrer antes de vós e Nosso Senhor leva-me para o Céu. Lá fico à vossa espera. Se Deus quiser, hei-de assistir ao vosso juízo particular. E se o demónio se mostrar muito mau, lá estarei para vos defender. — Senhor, — direi eu — olhai que elas eram minhas lá na terra, deixai-as vir para ao pé de mim, cá no Paraíso!»

A 13 de Novembro de 1889 — dia dos seus anos — celebrou com grande custo a última missa e recolheu ao quarto que as religiosas lhe haviam preparado, numa dependência do convento.

Gostava das breves visitas que lhe faziam as filhas, mas não queria conversas em que não se falasse de Deus e da santidade.

— «Façam tudo por amor», — recomendava. — «Para mim, peçam só a Deus que se digne triturar-me, crucificar-me, para me tornar digno de entrar no Céu...»

Murmurava incessantemente a jaculatória preferida:

— «Meu Deus, fazei-me a graça de viver e morrer no vosso santo amor!»

E, neste convívio todo do Céu, passou os três derradeiros meses do seu exílio na terra.

A sua energia manteve-o a pé quase até ao fim, não obstante ir já a caminho dos 88 anos.

No dia 16 de Janeiro, adoeceu gravemente. Eram horríveis as dores que tinha na cabeça e por todo o corpo, mas nem uma palavra de queixa se lhe soltou dos lábios, nem esboçou o mínimo gesto de impaciência.

Aquelas mesmas expressões de amoroso abandono à divina Vontade que lhe tinham ouvido centenas e centenas de vezes, durante a vida, foram as que lhe ouviram, na morte:

— *Senhor, vós quereis assim, eu também quero!*

— *Como sois bom, ó meu Deus!*

O Padre Maynard, que o assistiu desveladamente durante a derradeira enfermidade, disse-lhe duma vez:

— *Que bela recompensa o espera no Céu!*

Atalhou logo o doentinho:

— *Ah! meu caro, não tenhamos ilusões. Nós não valemos nada, não podemos nada. Somos só uns pobres instrumentos nas mãos de Deus e, quantas vezes, nos não opomos até aos seus desígnios!...*



Nestes admiráveis sentimentos de humildade e total desprendimento se conservou até ao fim.

O Cardeal de Cabrières, seu bispo e seu amigo, veio trazer-lhe o conforto duma última bênção.

Depois de receber a Extrema-Unção, passava os dias em íntima expansão com Nosso Senhor, apenas saindo do seu recolhimento, uma vez ou outra, para recomendar às religiosas que o visitavam a *fidelidade à Regra e a guarda do espírito do Instituto*.

— *Mande dizer a todas as minhas filhas que as abençoo... que abençoo cada uma em particular,*  
— disse à Madre S. Félix, na véspera da morte.

E, como a Madre Geral lhe perguntasse se não queria mais nada, acrescentou:

— *Diga-lhes que lhes recomendo a união e a caridade entre todas...*

Discípulo fiel do Divino Mestre, o seu testamento supremo foi, como o de Cristo, o *Mandamento do Amor!*

Às 6 horas da manhã do dia 25 de Janeiro de 1890, depois de breve e suave agonia, a sua santa alma partia rumo ao Céu...

Momentos depois, ouvia-se por toda a cidade:

— *Morreu o santo! Morreu o santo!*

.....  
Virá o Papa a confirmar a voz do Povo?

Virtude, todos os que o conheceram são unânimes em atestar que a teve em grau eminente.

Milagres, já em vida se contava que os fazia e, depois da morte, ainda o corpo não tinha baixado à

sepultura, já na terra se sentiam os efeitos do seu poder junto de Deus.

Por iniciativa da Madre Maria Gerardo Phelan, eleita Superiora Geral em 1946, Mgr. Fontenelle era nomeado Postulador da causa e dava-se começo em Roma ao processo de Beatificação do Servo de Deus Pedro João António Gailhac, em Janeiro de 1947.

Se o milagre é «a assinatura de Deus numa obra ou num homem» — como disse um dos biógrafos do venerando Fundador — o Senhor não há-de querer que falte este *signal do Seu beneplácito* às diligências feitas recentemente para o elevar aos altares.

Desde a abertura do processo, estão a receber-se notícias de graças de todo o género, nos países onde se encontra estabelecido o Instituto do Sagrado Coração de Maria, sendo a boa terra portuguesa uma das mais férteis em atestar o celeste valimento do Servo de Deus.

«*Ai, que bem se está no Coração de Jesus!*» — dizia, muitas vezes, o Padre Gailhac, durante o seu longo peregrinar pela terra.

E comentava por escrito:

«É ali que se faz a aprendizagem da vida do Céu; ali que começa a vida eterna de uma maneira oculta

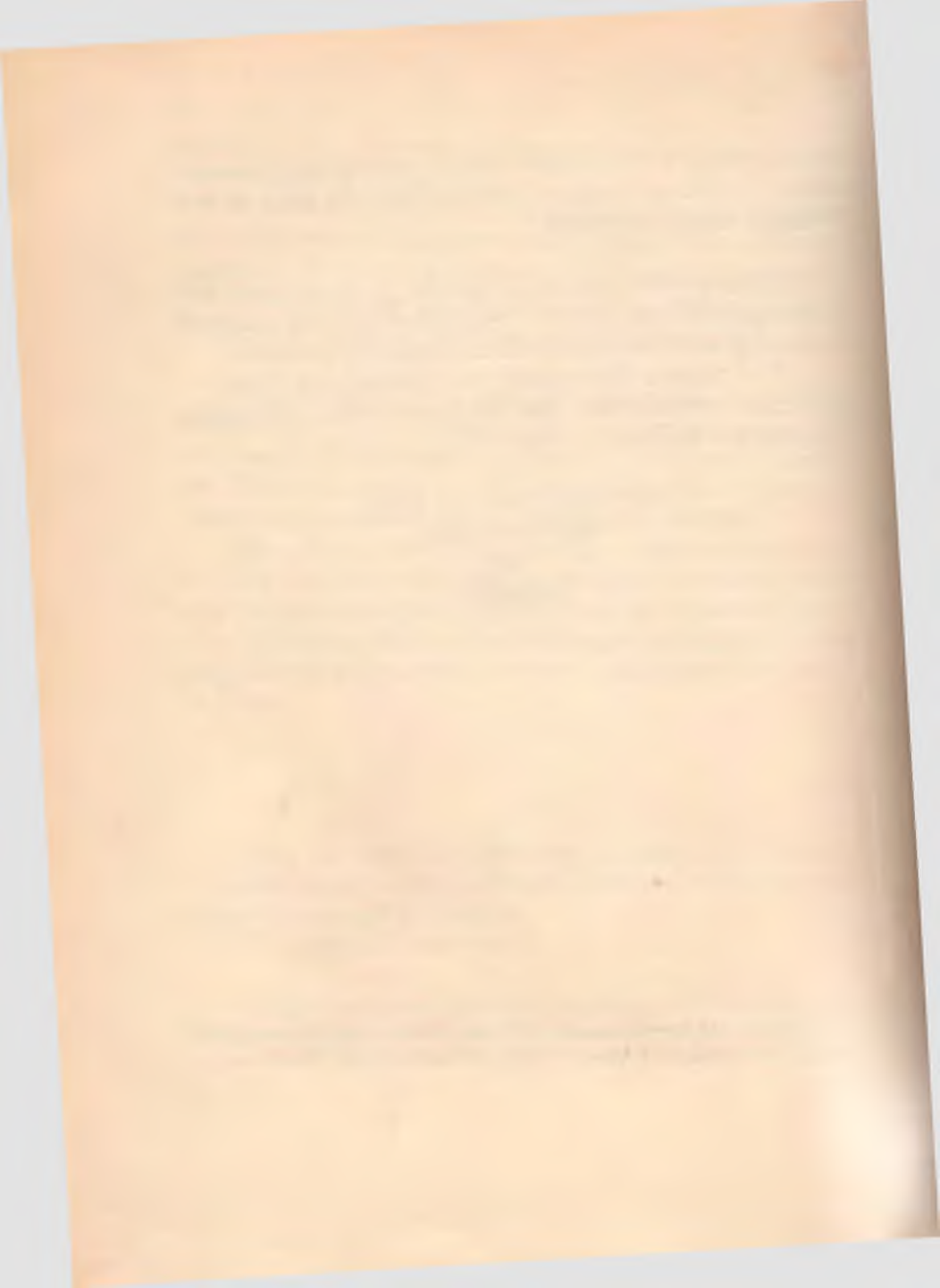
e misteriosa, é certo, mas que só espera pelo chamamento de Jesus para se desenvolver em toda a sua beleza e magnificência.»

Meio século passou já, desde que soou para Ele o *chamamento de Jesus*... — meio século de inefável ventura para o seu abrasado coração de *Apóstolo!*

Por toda a Eternidade — séculos sem fim... — lá ficará a repetir aos que lhe venerarem a Memória, o instante e dulcíssimo convite:

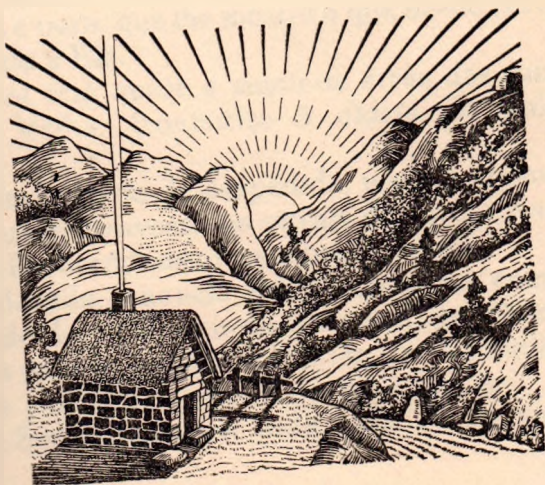
«AI, QUE BEM SE ESTÁ  
NO CORAÇÃO  
DE  
JESUS!!»

NOTA: O desenho com que abre este capítulo é cópia duma gravura antiga representando o aspecto geral da Casa-Mãe, em Béziers.



16.

COMO A AURORA  
QUANDO SE LEVANTA





## 16.

### COMO A AURORA QUANDO SE LEVANTA

**D**e joelhos apoiando-se na balaustrada do altar-mor, a Joanita Butler — 16 anos em flor! — pede a Deus, com todo o ardor da sua alma generosa e pura, que lhe mostre o que há-de fazer para se dar toda a Ele.

O sol está quase a sumir-se atrás das ruínas da Abadia Velha, fronteira à aldeia de Ballynunnery.

Num lampejo de despedida, um raio de luz colorida e suave atravessa os vitrais da Igreja Paroquial e afaga-lhe brandamente a cabecita loira...

Enlevada naquela íntima conversa com o seu Deus, não dera pelo cair da noite mas, de súbito, ergue os olhos para o Sacrário e é então que a Joanita «vê», pela vez primeira, a *estrela da sua vocação*:

O Senhor quere-a *toda para Si* na vida religiosa!

Uma manhã, Molly Harrington — a única amiga com quem gostava de conversar dos seus planos de futuro — chega junto dela e diz-lhe:

— Sabes, Joanita? Não me sai da cabeça a minha irmã freira. Está tão contente! Se lá em casa me deixarem, qualquer dia vou para junto dela, para Béziers.

Parece à Joanita que o coração lhe salta fora do peito, num bater descompassado e forte...

Pensa uns momentos.

Depois, olhando bem de frente para a Molly, responde com aquele ânimo e firmeza que havia de mostrar nas decisões mais graves da sua vida:

— Eu também vou! (1)

\* \* \*

Naquela tarde quente do verão de 1879, o comboio de Elvas acabava de chegar a Lisboa, trazendo muitos passageiros procedentes da fronteira de Espanha. Entre estes, vinha uma senhora de aspecto muito distinto e, com ela, umas rapariguinhas modestamente vestidas, cujo ar tímido e comprometido contrastava frizantemente com a naturalidade e desembaraço da sua companheira de viagem.

---

(1) KATHERINE BURTON, *Mother Butler of Marymount*, New York, 1945 (ver págs. 29 a 31).



Cumpridas as formalidades alfandegárias, e enquanto o pessoal da estação se desfazia em atenções com a *elegante estrangeira*, embarcavam no correio da noite para o Porto, deixando os empregados a fazer mil suposições quanto à sua elevada posição social...

Na véspera, a irmã Porteira entregara um telegrama de Béziers à Madre S. Tomás.

— Chega amanhã a «Madre Marie Joseph» com algumas irmãs. — disse, muito contente, à Comunidade em recreio.

E, quando as queridas viajantes chegaram ao «Colégio Inglês», muito fatigadas da jornada e saudosas da Casa-Mãe, encontraram na Portaria, a recebê-las com efusiva e reconfortante alegria, a Superiora e a sua Comunidade.

Por prudência, (ainda estava na memória de todas a atribulada viagem das primeiras Irmãs, oito anos antes!...) vestiam à secular. Mas logo houve quem reconhecesse, na *elegante estrangeira*, a Joanita Butler de Ballynunnery.

Não passara sequer um ano depois da sua chegada ao Porto e já a Madre S. Liguório (que viera passar uns dias nesta Comunidade) pedia para levar a Madre Maria José para Braga.

Bem via ela que elemento de tal valor seria mais uma garantia de sucesso para um Colégio que apenas estava nos seus princípios. E, na verdade, a sua

memória ficou indelêvelmente ligada à história desta fundação e a sua acção como educadora deixou sulco profundo nas almas que Deus lhe pôs no caminho, durante os 24 anos que passou em Portugal.

Quer-nos parecer que, à medida que se iam manifestando os raros dotes de inteligência e de coração desta jovem religiosa, não poucas vezes terá assomado ao espírito das contemporâneas esta interrogação que se encontra no «Livro dos Cantares»:

— «*Quem é esta que caminha como a aurora quando se levanta?...*» (1)

Mestra de Classe, Assistente, Superiora local, Provincial e Geral, não houve grau da hierarquia conventual que a Madre Maria José Butler não subisse, em curva ascendente como a do sol, durante a sua longa e fecunda carreira religiosa!

Vem narrado no *Diário* do Colégio de Braga que, às 10 horas da manhã do dia 13 de Novembro de 1896, a Madre S. Félix (que acabara de chegar de França) apresentou à Comunidade a sua nova Superiora.

De tarde, foi a despedida da querida Madre S. Liguório — cena emocionante em que todas choraram, a começar pela Madre Maria José, que fora a sua dedicada Assistente e a quem muito custava tomar

---

(1) *Cântico dos Cânticos*, vi, 9.

sózinha o peso duma cruz que antes estivera repartido pelas duas...

Com 36 anos de idade e dezassete de tirocínio da árdua missão de educadora, a Madre Maria José ia agora aperfeiçoar, no pequeno campo de acção do seu Colégio de Braga, esses métodos pedagógicos que tão bons resultados lhe haviam de dar, anos adiante, nos grandes Colégios que iria fundar nos Estados Unidos da América.

Conquanto fosse muito sentida a saída da Madre S. Liguório, não foi, por isso, menos sincera a satisfação que todos experimentaram, no Colégio e na cidade, quando se soube da nomeação da nova Superiora.

É que ela tivera o condão de se adaptar tão bem aos costumes nacionais, falava e escrevia tão correntemente a nossa língua, queria tanto à sua pátria adoptiva, que mais parecia portuguesa do que estrangeira.

Tais recordações deixou entre nós que, quando, em 1933, voltou a Braga como Superiora Geral, as antigas alunas organizaram-lhe tão solene e festiva recepção que os Bracarenses se perguntavam, surpreendidos, quem era a alta personagem que se dignava visitar a sua terra!

A Madre Maria José tinha, desde a infância, uma ardente devoção à Virgem Santíssima. Um dos seus primeiros cuidados, ao assumir as funções de Superiora, foi envidar todos os esforços por que a

Festa da Imaculada Conceição fosse celebrada com maior brilho ainda do que era costume.

Trinta e cinco Filhas de Maria, acorreram, já nesse ano, ao seu convite. Eram antigas alunas — e algumas vindas de longe e com grande sacrifício.

Havia 15 anos que a orientação desta Congregação lhe fora confiada pelo Padre Gailhac e parecia que Nossa Senhora estava contente com este virginal canteiro do Colégio de Braga (1).

Como o Seu divino filho se apraz em «*se apascentar entre os lírios*» (2), já por doze vezes Ela viera ali convidar uma ou outra filha Sua a transplantar-se para o vergel da vida religiosa (3).

A grande maioria desse escol de alunas que era a Congregação das Filhas de Maria, enveredara, porém, como era natural, para o estado do matrimónio — galeria admirável de mães de família, cujos nomes mereceriam ser aqui registados, tanta foi a consolação que deram às suas antigas Mestras! (4)

E das que ficaram solteiras quantos rasgos lindos de dedicação pelas obras de apostolado e de caridade

(1) Se não fora a falta de espaço, haveria que fazer menção igualmente elogiosa das Congregações das Filhas de Maria dos Colégios do Porto e de Viseu, ambas moldadas pelo mesmo espírito e muito florescentes.

(2) *Cântico dos Cânticos*, vi, 2.

(3) Abraçaram o estado religioso nos Institutos seguintes: S. José de Cluny, Franciscanas Hospitaleiras, N. S.<sup>a</sup> de Lourdes, S. Coração de Maria.

(4) De 1881 a 1904 (havia apenas meses que a Madre Maria José partira para França), as congregadas admitidas somavam um total de 129.

não haveria para contar, se esta fora a oportunidade de o fazer!

As reuniões anuais das *antigas* continuaram sempre a fazer-se no dia 8 de Dezembro. Lembrou-se a Madre Maria José de formar uma Associação, para melhor unir presentes e ausentes, e de publicar — também anualmente — um pequeno boletim.

Agradou a todas a ideia e, em 1896, já saía o primeiro número dos «*Ecos saudosos de momentos felizes*». Talvez que o título, os versos e os artigos — apesar de primorosamente escritos ao gosto romântico da época — façam sorrir a geração realista de hoje. Há, contudo, no Regulamento da Associação das antigas alunas, publicado nesse boletim, parágrafos que nada perderam da sua actualidade, e que já revelam o espírito prático e o coração zeloso que animariam, no futuro, a extensa actividade apostólica da Madre Maria José.

No mês de Agosto de 1897, a Superiora de Braga vai de visita à Casa-Mãe. Acompanham-na duas das suas antigas alunas: a Maria do Céu de Paiva Faria Leite de Brandão e a Maria Teresa de Melo Falcão<sup>(1)</sup>. Depois de muito lhes experimentar a vocação,

---

(1) Na vestição receberam, respectivamente, os nomes de «Marie Ferdinand» e «Marie Agnès». Era, então, frequente usarem as religiosas, no regresso a Portugal, o nome francês recebido no Noviciado de Béziers.

No caso presente, e em todos os mais em que as religiosas citadas só por esse nome forem conhecidas, pareceu-nos preferível manter essa forma.

accedera aos seus instantes e repetidos rogos e lá as levava para o Noviciado.

Demoraram-se uns dias em Lourdes, o santuário predilecto da Madre Maria José, que ali voltaria dezenas de vezes, no decorrer da sua longa vida, a buscar conforto e luz, ao pés da Virgem Imaculada.

À chegada a Béziers, fizeram as Irmãs muita festa às duas postulantes portuguesas. Mas, quem reparasse para a boa Madre S. Félix, notaria que olhava com especial ternura para a Maria do Céu.

Não estaria ela a reviver a emocionante cena que se dera naquela sua visita ao solar dos Paivas, quando a Mãe lhe confiara as duas filhinhas, no leito de morte?... (1).

Esta que o Senhor escolhera para Si, era a mais velha; a Jèzinha (2), lá ficara ainda no Colégio, saudosa e satisfeita a um tempo, porque bem sabia que a irmã não seria feliz noutro caminho que não fosse o que Deus lhe destinara.

Dois anos mais tarde, volta a Madre Maria José a Béziers, na companhia da Madre Maria da Eucaristia e da Madre S. Liguório.

Prolongou-se a sua estada na Casa-Mãe pelo Verão adiante, e o Outono chegou sem trazer notícias

(1) Ver na pág. 125.

(2) Maria Eugénia de Paiva Faria Leite de Brandão, de cujo interessante *Diário* dirigido à sua antiga companheira de Colégio Maria Benedita Barbosa de Sottomayor (actual Condessa do Ameal), extraímos algumas referências aos acontecimentos aqui narrados.

do seu regresso. Sabia a Jêninha que as duas novas professoras deviam voltar com as Superiores. Aperando com ela as saudades e o receio de as ver por lá ficar, escreve cartas sobre cartas à Madre Maria José, perguntando-lhe quando vêm, e principia uma novena a Santo António, com as companheiras de classe, para que voltem depressa...

— «Les trois Mères de Portugal en savent autant que vous...» é a resposta desanimadora que lhe traz o correio de França.

Mas Santo António sempre obtém a graça — e que expansões de alegria, no Colégio de Braga, quando as viajantes chegam!

—« A Mimi (chamava assim à sua irmã Maria do Céu) está óptima e, quanto mais olho para ela, melhor acho que lhe fica o hábito — escrevia a Jêninha. — Todos estão contentíssimos por ter voltado a nossa querida Madre. Vê-se que é sincera a alegria que todos sentem. Não há ninguém que não simpatize com S. Rev.\*»

De facto emanava da Madre Maria José um encanto muito especial, raras vezes possuído em tão elevado grau — dom de Deus de que se servia para elevar até Ele as almas.

Alguém lhe chamou *roubadora de corações*, tal o poder de atracção que exercia sobre as pessoas que dela se acercavam, fossem elas da classe mais humilde ou da mais elevada categoria social.

Durante a estada em Guimarães, na sua visita de Agosto de 1933, veio a casa um sapateiro para lhe

tirar as medidas para uns sapatos. Daí a dias, já lhos trazia prontos. Bem quis a Irmã porteira tomar conta da encomenda mas o homem recusou terminantemente:

— Não, não! eu próprio é que lhos quero entregar, para ver se estão ao seu gosto.

Pois a Madre Geral achou muito natural interromper a visita canónica (estava nesse momento a atender a Comunidade) e recebê-lo na sua salinha. Observou os sapatos com toda a atenção, fez os maiores elogios ao seu acabamento e deu-lhe uma medalha para ele usar.

À saída, o mestre sapateiro dizia a quem o queria ouvir que *nunca assim vira uma senhora!*

«Só uma palavra dita pela Madre Butler deixava uma impressão única e duradoira. Os que tinham a boa fortuna de, um dia, a encontrar, levavam consigo graça e luz», escrevia, após a sua morte, o Arcebispo de Los Angeles, D. João Cantwell.

E, mais que todos significativo, é o facto seguinte, que se deu quando esta boa Madre já se encontrava, há muitos anos, na América.

Uma ocasião, o Cardeal Pacelli chega inesperadamente a Nova Iorque, em missão particular. Raríssimas pessoas sabem da sua presença na cidade, tal o incógnito de que se rodeia. Pois, uma manhã, transmitem este recado do Paço, pelo telefone:

— Sua Eminência manda pedir à Madre Maria José Butler para aqui vir, porque deseja cumprimentá-la e não lhe é possível ir a Marymount.



Tão delicada atenção — prenúncio de muitas outras demonstrações de cativante benevolência que havia de receber do futuro Papa Pio XII — deixou a querida Madre penhoradíssima e logo se dirigiu ao Paço, a visitar Sua Eminência.



X Com o início do novo século, abria-se um período de grandes tribulações para a Madre Maria José.

A doença e a morte da jovem Madre Maria Inês — professa há poucos meses ainda — foi a primeira dessas provas.

Não houve nada que ela não tentasse para salvar a sua «Teresinha» mas, como conseguiu-lo, se os esforços que a doente fazia para se alimentar lhe causavam dores cruciantes e a sua doença era das que não perdoam?

— Tanto queria morrer, minha Madre, diga-me que vou morrer, sim? — dizia à sua Superiora, depois de recebidos os últimos Sacramentos.

Com 22 anos, já nada a prendia à terra!

E, quando sentiu que se aproximava a hora da *partida*, pediu uma imagem de Nossa Senhora de Lourdes, que não mais largou das mãos, beijando-a repetidas vezes com amor, antes de A ir contemplar face a face, no Paraíso. Em espírito, foi até à gruta de Massabielle para — como ela própria disse — ali passar os últimos transes da sua longa e aflitiva ag

nia, já que ali tinha passado os primeiros momentos da sua tão curta e feliz vida religiosa.

Ao despontar do dia 2 de Fevereiro de 1900, festa da Purificação de Nossa Senhora, depois de olhar em redor para as religiosas que a acompanhavam, como quem ternamente se despede, postos de novo os olhos na Imagem que tinha nas mãos, ficou-se assim, em suave calma, a fitar até ao fim a sua Mãe do Céu...

Duas outras mortes edificantes e lindas se seguiram à da Madre Maria Inês Falcão.

Foram as das Madres Maria Imelda Dourado e Maria das Cinco Chagas Ferreira <sup>(1)</sup>, duplamente caras à Madre Maria José, por terem sido suas alunas e suas irmãs em religião.

Sofria o coração estremoso da dedicada Superiora com a perda das suas filhas, mas exultava de alegria a sua alma ao aspirar a sobrenatural fragrância que exalavam essas almas juvenis e cândidas, que o Senhor se apressara a levar para a Sua companhia. Movido pelo mesmo sentimento de irreprimível admiração, um virtuoso sacerdote escrevia, nesta ocasião, à Comunidade:

— «*Vós as Religiosas do Sagrado Coração de Maria, sabeis morrer!*»

Não era o carácter optimista e viril da Madre Maria José para se deixar absorver pela dor. Sempre

---

(<sup>1</sup>) A primeira, faleceu em Viseu; a segunda, no Porto.

atenta ao que pudesse contribuir para o prestígio do Colégio e bem-estar das educandas, prosseguiu activamente as obras iniciadas no governo da Madre S. Liguório. Foram estas fonte de não pequenas preocupações financeiras para ambas as Superiores, mas o crescente desenvolvimento do Colégio exigia a sua ampliação.

Mesmo depois de nomeada Superiora, a Madre Maria José continuou a estar muito em contacto com as alunas. Dava-lhes lições de francês e de canto e prestava-se a conversar com elas sempre que a procuravam para lhe pedir um conselho ou para desabafar as suas pequenas contrariedades de colegiais.

Mantinha correspondência seguida com as *antigas* e algumas ainda conservam preciosamente essas cartas, que lhes serviram de segura orientação pela vida fora <sup>(1)</sup>. Realmente, quem lê essas páginas escritas ao correr da pena, com tanta naturalidade e leveza, não sabe que mais admirar se o encanto do estilo, se a agudeza e discernimento dos conceitos.

Mais tarde, sobretudo depois de lhe ser entregue o governo de todo o Instituto — e quando a pena quase lhe não saía da mão! — as mesmas qualidades haviam de marcar, com um cunho muito característico, a sua extensíssima correspondência.

---

(<sup>1</sup>) Tivemos ao nosso dispor uma dessas colecções, gentilmente cedida pela Senhora Condessa do Ameal, que foi aluna querida e íntima amiga desta veneranda Madre.

O Colégio de Braga acompanhava o do Porto no desenvolvimento dado aos estudos e até se dava ali a circunstância de serem mais numerosas as alunas que pretendiam fazer exames oficiais, tanto primários, como liceais.

A *inovação* começou a cair bem na opinião das famílias, devido às excelentes classificações que ordinariamente tiravam nas provas públicas, e à facilidade que algumas das educandas encontravam para se colocar, graças a estes diplomas <sup>(1)</sup>.

Vinha já dos primeiros anos a tradição de encerrar o ano lectivo com festa grande e distribuição de prémios. A Madre Maria José gostava de dar grande solenidade a este acto, geralmente presidido pelo Governador Civil ou outra personagem grada da terra, e à qual assistiam as famílias das alunas e muitos outros convidados.

Ela própria se encarregava de dar os últimos retoques às operetas e recitativos e prestava o seu concurso à decoração da sala e capela, com aquele gosto finíssimo que a distinguia.

Esses ensaios da Madre Maria José ficaram célebres na memória das *antigas*, que os tinham

---

(1) Se chamamos *inovação* a esta iniciativa dos Colégios do Sagrado Coração de Maria, é porque, embora não conseguíssemos dados tão completos como nos esforçámos por obter, os que possuímos levam-nos a concluir que foi este Instituto, em Portugal e no Brasil, o primeiro a apresentar alunas a exames do Curso secundário.

pelo melhor da festa. Que animação e que alegria onde ela estava presente! Mas, se alguma não estava com atenção ou não sabia bem o seu papel, a Madre Superiora ralhava, com uma cara muito séria, e ameaçava que se ia embora... E logo os risos se trocavam em lágrimas, pois existia lá desgosto comparável ao de terem feito pena à sua querida Madre, para coleções dedicadas e simples como eram as daqueles bons tempos?...

Havia, porém, tanto talento e persistência da parte da *ensaiadora* e tanto jeito e boa vontade da parte das *artistas* que a festa resultava sempre um sucesso!

. . .

O ano de 1901 anunciava-se sombrio e ameaçador para as comunidades religiosas. No entanto, Braga mantinha-se digna do seu título de «Roma Portuguesa». Sentiam-se muito menos aqui, do que no Porto, os efeitos da perseguição ateadá pela tão falada questão Calmon e, por isso, foi esta casa a escolhida para uma importante reunião de Superiores, presidida por uma delegada da Madre Geral, onde se tratou do momentoso assunto que trazia todas as congregações religiosas em sobressalto (1).

Depois da publicação do nefasto decreto de 18 de Abril, pessoas amigas vieram informar a Madre

---

(1) Ver págs. 264 e seguintes.

Maria José de que, afinal, ele não era tão desfavorável às ordens religiosas como se temia.

Deixa-se a boa Madre convencer e, sem mais demora, telegrafa à Madre Geral:

*Bonnes nouvelles.*

O telegrama foi publicado em vários jornais, que se aproveitaram do caso para zombar da ingénua credulidade das Irmãs.

É que, de facto, as notícias estavam muito longe de ser boas e a situação tornava-se mais grave, de dia para dia.

O Governo ordenara às autoridades que fizessem rigorosa inspecção às casas religiosas. No Colégio, soube-se com antecipação o dia da visita. Puseram os papéis em boa ordem e, as Irmãs que tinham que aparecer, vestiram à secular <sup>(1)</sup>.

O *Diário* da Comunidade de Braga relata-nos minuciosamente o acontecimento.

A Comissão vinha chefiada pelo Governador Civil, o Visconde da Torre, cuja esposa era amiga da Madre Maria José. Entre os delegados do Governo, outros havia que também já conheciam as religiosas e que vinham animados de benevolência. Alguns, porém, pouco afeitos a entrar em conventos, não escondiam a surpresa que lhes causava a recepção que lhes fizera a Superiora. Esperavam encontrar

---

(1) A Madre Maria José, tendo ido ao Porto entender-se com a Madre Provincial, sobre a attitude a tomar em tão delicadas circunstâncias, também já assim encontrara vestidas as Irmãs de lá.

uma *freirinha acanhada e assustadiça* e saía-lhes uma senhora de porte distinto e majestoso, trajando impecavelmente à moda do tempo!

Como quem faz um favor, muito serena e amável — e sempre acompanhada pela sua Assistente a Madre Maria Berchmans, igualmente bem posta e fina — leva-os a ver a casa e presta-se a dar todas as informações pedidas.

E aquela *temida vistoria* não trouxe, afinal, nenhuma consequência desagradável à Comunidade, que lá continuou a viver em paz, por muitos anos ainda...

O mesmo não sucedeu a outras comunidades de Braga, que tiveram de fechar as suas casas e dispersar. No «Colégio da Piedade», dirigido pelas Franciscanas Missionárias de Maria, a retirada das orfãzinhas — quantas sem amparo de família nem de pessoa amiga! — foi de cortar o coração.

Os Franciscanos também tiveram de abandonar o seu florescente convento de Montariol e que entregar às famílias os rapazinhos que ali se preparavam para ingressar na Ordem. Não podia o Superior conter as lágrimas, ao contar a dilacerante separação, na visita de despedida que veio fazer às Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

Dispersaram igualmente os Padres da residência da Companhia de Jesus. E, um deles, religioso de idade avançada e muito gasto pelos trabalhos evangélicos, escrevia à Madre Maria José «que lá ia cami-

nhando para o seu 4.º exílio e se achava indigno de tão grande graça!»

Circulavam os boatos mais aterradores, entre outros, que pegariam fogo aos conventos que não tivessem sido abandonados pelos seus religiosos. Mas é reconfortante ler no *Diário*, depois do circunstanciado relato destes tormentosos meses:

— «Estas notícias inquietam-nos e pungem-nos, apesar de ser voz geral que o nosso Colégio e o do Espírito Santo não se hão-de fechar. Não obstante estas tribulações, não desanimamos e continuamos com mais ardor e zelo a nossa missão junto das meninas. E, confessamo-lo com alegria, esta perseguição veio aumentar o amor que tínhamos à nossa vocação, e as que já têm votos perpétuos regozijam-se porque nenhuma potência humana pode roubar-lhes a ventura de pertencer a Jesus para sempre!»

\* \* \*

Situação tão instável trouxe como imediata consequência a diminuição de alunas, na entrada de Outubro de 1901. E o retraimento das famílias, tão compreensível em face dos rumores alarmantes que continuavam a correr o país, mantém-se, pelo ano fora.

Agora, que tinham uma casa grande e saudável, construída com tanto amor e sacrifício para as suas meninas, faltavam estas para a encher de vida e alegria!..



Esta prova foi dura e trouxe sérias preocupações de ordem económica à pobre Superiora, durante os dois últimos anos que passou em Braga. Não chegara, todavia, ao termo das aflições que, neste terrível ano de 1901, deviam pôr-lhe a virtude à prova...

Já por três vezes a morte viera bater à porta da sua família religiosa e breve iria feri-la na sua família terrena...

Uma vez que se achavam reunidas em recreio — narra a cronista de Braga — e que a conversa recaía sobre a iminente expulsão das Ordens religiosas, a Madre Maria José disse:

— «Porventura ainda teremos que ir pedir abrigo às nossas famílias? Eu ainda tenho a minha Mãezinha mas, há vinte anos, que não a vejo», e deixou trasbordar a íntima satisfação que sentia por ainda a possuir.

Pois, no dia seguinte, chegava a dolorosa e inesperada notícia da morte de sua estremecida Mãe!...

Restava-lhe, ao menos, uma consolação: um dos seus irmãos — o predilecto — prometera-lhe uma visita para breve.

No decorrer do mês de Julho, recebe um telegrama da Irlanda. Abre-o, alvoroçada de esperança. Tremenda desilusão: em vez da próxima chegada, anuncia-lhe a prematura morte do irmão querido!...

Consternadas, as religiosas perguntavam-se entre si:

— Que desígnios terá Nosso Senhor sobre a nossa querida Mãe, para lhe mandar tantas cruces ao mesmo tempo?

O segredo, revelou-o, numa conversa íntima, a Madre Maria José, para edificação de suas filhas:

— «Quando estive em Lourdes, e me vi ajoelhada diante da gruta, senti o que não se pode exprimir nem descrever. Achei a minha felicidade tão grande, tão do Céu, que disse à SS.<sup>ma</sup> Virgem: depois deste gozo, podem vir as cruces e tribulações! E fiz o sacrificio da tão desejada alegria de abraçar o meu irmão, se isso fosse para a maior glória de Deus.»

Dois dias depois da Madre Superiora ter recebido este último e acerbo golpe, celebrava-se no Colégio a festa do S. Coração de Jesus. A sua voz cheia e harmoniosa ia fazer muita falta na Missa cantada. Mas já as cantoras se tinham resignado a passar sem ela, quando, com enorme surpresa sua, a vêem aparecer no coro. E a corajosa Madre, contendo a dor que a despedaça — mas não as lágrimas que lhe correm em fio dos olhos — entoa com fervor e entusiasmo os louvores do divino Coração.

Nenhuma empresa amedrontava a Madre Maria José, quando se tratava do bem das alunas. Por sua iniciativa — era ainda simples mestra de classe — tinham começado a dar-se retiros anuais para senhoras, neste Colégio, havia já bastantes anos.

Nesse tempo, pouco se falava em exercícios fechados para seculares. E não fora a rara energia

e o zelo arrojado da jovem religiosa — que unicamente tinha por si a sua Superiora, pois, aos restantes membros da Comunidade o projecto afigurava-se uma *piadosa fantasia* — nunca a ideia teria sido levada a efeito. Todavia, os frutos desse primeiro retiro foram tão animadores e as exercitantes ficaram tão contentes que, no ano seguinte, todas as religiosas eram concordes em desejar que o retiro se repetisse e o costume ficou implantado de vèz.

Nas férias da Páscoa de 1902 — ainda a perseguição estava bem acesa — a Madre Superiora, a quem muito pesava que os acontecimentos políticos não houvessem permitido que o retiro se efectuasse, no ano anterior, não atendeu a conselhos de prudência e reatou a tradição dos exercícios anuais.

A casa nova tinha sido inaugurada na festa de S. José. Para, em certo modo, compensarem a sua querida Superiora por tantos desgostos — e apesar das suas repetidas recomendações de que, nesse ano, não queria festa — a Comunidade teimou em celebrar-lha, ainda com maior carinho do que era costume.

E foi também nas novas dependências do Colégio que as exercitantes estiveram instaladas, desta vez. Vieram sessenta — número muito elevado para aquele tempo e aquele meio — e, em cristianíssima confraternização, viam-se senhoras da melhor nobreza de Braga e humildes mulheres do povo.

«O retiro foi uma beleza, pregou-o o Rev. P. Abranches, S. J. As senhoras estão *encantadíssimas* e regressaram muito satisfeitas a suas casas, dizendo

que tinham sido excessivamente bem tratadas», narra a cronista da Comunidade, com ingénuo entusiasmo!

Fechou o ano lectivo com soleníssima distribuição de prémios e interessante festa pública, presidida pelo Prelado.

Era já costume antigo passarem as religiosas uma parte do verão no Sameiro. Nestas férias, para lá foram, uma vez mais, aos turnos, a refazer as saúdes abaladas pelo trabalho e pelo calor, pois o quintal do Colégio não lhes permitia suficiente desafogo.

Por imposição do médico, foi a Madre Maria José para as Caldas de Monsão.

«Apesar de não querer pensar em si e de se desvelar toda pelas suas filhas, desviando as atenções da sua pessoa, — lamenta, a este propósito, a cronista — precisa de pensar na sua saúde.» E remata com esta exclamação: «Deus no-la conserve!»

Não deixou mais de estar na cruz, a querida Madre, nos últimos tempos que passou em Portugal. Cruz da incessante preocupação de lhe fecharem o Colégio, cruz de aflitivas dificuldades financeiras — dias houve «em que chegava quase a não ter 5 réis!»<sup>(1)</sup> —, cruz de doenças graves e de melindrosas operações, edificantemente sofridas pelas suas religiosas.

---

(<sup>1</sup>) Informa o *Diário da Comunidade*.

Mas parecia que a Providência se comprazia em prodigalizar graças espirituais sobre este Colégio, na medida com que provava a sua Superiora no cadinho da dor.



Chegaram as férias do verão de 1903, férias tranquilas e despreocupadas, que a Comunidade passou no alto do Sameiro, e a Madre Maria José, em Monsão, como no ano anterior. Levara para lá a Madre «Marie Ferdinand» e a Jêninha (delicada atenção que as duas irmãs Paivas tanto apreciaram, pois, durante o ano, estavam separadas!), e mais duas alunas internas a quem as religiosas faziam as vezes de família.

«*Deus no-la conserve!*» Porventura algum sentimento secreto terá ditado à cronista de Braga a exclamação atrás citada?...

Pelos fins de Agosto, chega uma carta da Madre Geral chamando a França a Madre Maria José. Ora, nesse ano, não havia Capítulo Geral nem reunião de Superiores... Já as religiosas andavam apreensivas e tristes, com o temor de a perder, quando chega segunda carta a apagar-lhes a última réstea de esperança de a conservar:

— Visto a Madre Maria José figurar como proprietária da casa de Braga, deve fazer testamento, antes de se ausentar. — dizia a carta.

Já não eram possíveis as ilusões!

Na manhã do dia 8 de Setembro, a voz querida que enchia as almas de suave e espiritual emoção, em todas as festas de Nossa Senhora, ergueu-se uma última vez para entoar o seu cântico favorito, «Maria, Mater gratiae»...

Havia lágrimas em todos os olhos...

Momentos antes de partir, a Madre Maria José foi despedir-se das doentes. A que inspirava mais cuidados era a Madre Maria do Bom Conselho, que parecia prestes a deixar a terra.

Dias antes, recebera a Extrema-Unção. Depois da comovente cerimónia, pedia a todas as Irmãs que a abraçassem:

— É dia de festa! — dizia, radiante de alegria.

Sabendo como a jovem religiosa era afeiçoada à Madre Superiora — que a tinha educado e recebido como postulante — acharam melhor ocultar-lhe a notícia da sua próxima partida. Mas ela, perspicaz como era, adivinhou-o e disse a uma Irmã que a visitou:

— Já nada neste mundo me entristece; a nossa Madre vai-se... e eu também vou!

E, quando a Superiora, comovidíssima, lhe apertou as mãos, num último adeus — recalçando as lágrimas para não impressionar a moribunda — esta teve a coragem de repetir:

— No Céu nos encontraremos... A minha Mãe vai para França e eu vou para o Céu esperá-la!

.....

No mesmo dia, ambas partiram para o destino que o Senhor marcara a cada uma...

— Qualquer dia deixo-as e vou para a América! costumava dizer a Madre Maria José, meio a rir meio a sério, quando o comportamento das alunas a não satisfazia. E dizem as *antigas* que a frase produzia efeitos maravilhosos: instantâneamente as coisas entravam na ordem!

Mal pensava, então, a querida Madre que a famosa frase — inocente estratagemma de que usava tantas vezes — viria ainda a realizar-se, e que lhe custaria tantas lágrimas a despedida da Pátria adoptiva...

Mas como foi fecundo esse sacrificio!

Em 1926, a Madre Maria José Butler era eleita Superiora Geral do seu Instituto e, neste cargo, se conservou até à sua santa morte.

Conta-se que, certa manhã, logo após a recepção do telegrama noticiando aquela nomeação, batia à porta do Colégio de *Marymount* um Padre Jesuíta, muito amigo da casa.

A Irmã porteira, logo que dá com os olhos nele, desata a chorar e deixa-o seguir sózinho em direcção à capela.

Encontra uma religiosa no corredor, dá-lhe os bons-dias e ei-la que foge também, lavada em lágrimas.

À terceira que encontra a chorar, não a deixa seguir caminho sem lhe perguntar, já inquieto com o caso:

— Que desgraça aconteceu, Madre?

— Uma coisa terrível! — responde a Irmã a custo — *perdemos a Madre Superiora!*...

— Mas, como foi isso? — exclama o bom do Padre, consternadíssimo — Via-a, há poucos meses ainda, e parecia tão bem de saúde!

Sorri a Irmã, sem querer, e explica:

— Não é isso, Sr. P. Treacy, a Madre Superiora está muito bem de saúde. Eu disse que a perdemos, porque agora é Superiora Geral!

O facto vale como prova de quanto foi sempre querida às suas filhas a Madre Maria José.

A sua nomeação para tão alto cargo não a impediu de continuar a olhar de perto pela expansão das suas obras na América do Norte.

Depois de 37 anos de trabalho, de sofrimento e de luta, deixava fundados, nos Estados Unidos, o monumental Colégio e Universidade de *Marymount*, TARRYTOWN-ON-HUDSON, com três filiais em NOVA IORQUE e sete na CALIFÓRNIA, sem contar as obras já existentes à sua chegada e por cuja prosperidade se empenhou zelosamente, assim como pela das demais casas do Instituto, espalhadas pelo mundo fora.



Alma eminentemente interior e generosa, talhada por Deus para as mais difíceis empresas da Sua glória, deixou tal irradiação de virtude a sua vida que, em 1947 — apenas 7 anos depois da sua morte — já se iniciava, em Roma, o Processo da sua elevação às honras dos altares.

O arcebispo de Nova Iorque, Cardeal Spellman, fez-lhe o elogio nestes termos:

— «Religiosa exemplar e educadora que acreditava no harmonioso desenvolvimento das faculdades do corpo e da alma, que nos foram dadas por Deus.»<sup>(1)</sup>

Não são menos elogiosas as palavras com que o Arcebispo de Los Angeles (Califórnia), D. João Cantwell, se referiu, um dia, à Madre Maria José Butler:

— «De todas as grandes Superiores religiosas que tenho encontrado — e quantas não tenho eu conhecido! — é ela a mais acentuadamente parecida com Cristo.»<sup>(2)</sup>

---

(1-2) *Ob. cit.*, Prólogo, VII e pág. 203. Existe uma tradução portuguesa desta biografia, edição do Colégio *Sacré-Coeur de Marie*, Rio de Janeiro, 1948.

The first part of the book is devoted to a general history of the United States from its discovery by Columbus in 1492 to the present day. It covers the early years of settlement, the struggle for independence, and the growth of the nation.

The second part of the book is devoted to a detailed history of the United States from 1776 to 1865. It covers the American Revolution, the War of 1812, and the Civil War.

The third part of the book is devoted to a detailed history of the United States from 1865 to 1914. It covers the Reconstruction period, the Gilded Age, and the Progressive Era.

The fourth part of the book is devoted to a detailed history of the United States from 1914 to 1945. It covers the First World War, the Roaring Twenties, and the Second World War.

The fifth part of the book is devoted to a detailed history of the United States from 1945 to the present day. It covers the Cold War, the Vietnam War, and the modern era.

The sixth part of the book is devoted to a detailed history of the United States from 1945 to the present day. It covers the Cold War, the Vietnam War, and the modern era.

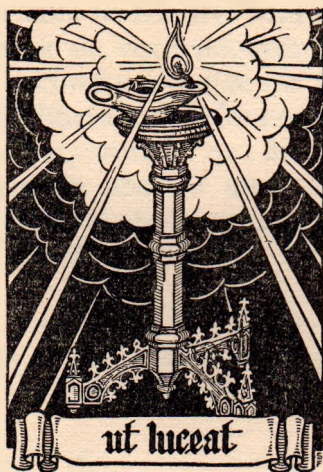
The seventh part of the book is devoted to a detailed history of the United States from 1945 to the present day. It covers the Cold War, the Vietnam War, and the modern era.

The eighth part of the book is devoted to a detailed history of the United States from 1945 to the present day. It covers the Cold War, the Vietnam War, and the modern era.

The ninth part of the book is devoted to a detailed history of the United States from 1945 to the present day. It covers the Cold War, the Vietnam War, and the modern era.

17.

*COMO LUCERNA SOBRE O CANDELABRO*



11

САНКТ-ПЕТЕРБУРГСКОМУ УНИВЕРСИТЕТУ



## 17.

### COMO LUCERNA SOBRE O CANDELABRO

**D**iz o Senhor no Evangelho de S. Mateus que «não se acende uma lucerna para a pôr debaixo do alqueire mas sobre o candelabro, para alumiar todos os que estão em casa» (1).

Assim foi com a Madre Maria da Eucaristia. Desde o alvorecer da vocação, sempre sentiu grande atractivo para *esconder debaixo do alqueire* os dotes com que fora tão liberalmente favorecida.

Eram, porém, outros os designios de Deus. Nomeada superiora aos 30 anos, é logo colocada sobre o candelabro e aí fica quase até morrer, para edificação de quantos tiveram a dita de a conhecer e tratar.

Conta-se que a Miss Hennessey, perspicaz como era, costumava dizer: «Para substituir a Madre S. Tomás, só a Madre Maria da Eucaristia». Não

---

(1) S. MATEUS, v. 15.

o dizia, talvez, sua irmã mas decerto o pensava, tai o cuidado que dispensa à formação da jovem superiora de Viseu e o empenho que põe em que ela venha a suceder-lhe, quando, um dia, tiver que sair de Portugal.

Em fins de Agosto de 1896, a Madre S. Tomás e a Madre S. Liguório põem-se a caminho de França. Vão tomar parte no Capitulo Geral que está prestes a realizar-se na Casa-Mãe.

Passam os meses de Setembro e Outubro e elas sem regressarem.

Alarmam-se as Comunidades do Porto e de Braga com o receio de que fiquem por lá...

Não era de todo infundado o pressentimento. Em princípios de Novembro, chega de França a Madre Geral, acompanhada da Madre S. Liguório. Sabe os sacrifícios que o Instituto vem pedir às suas filhas portuguesas e quer suavizar-lhos vindo ella própria comunicar as deliberações tomadas no Capitulo Geral. E logo corre pelas casas uma noticia triste:

A Madre S. Tomás ficava em Béziers!...

De parte a parte, o sacrificio foi doloroso. Se a Madre S. Tomás levava Portugal no coração, deixara em Portugal imorredoiira saudade. E não fora de Deus a Obra, haveria a recear que, faltando-lhe o apoio desse forte esteio que há 25 anos a sustentava, ella ficasse abalada.

Mas não; a semente lançara fundas raizes e estava bem alimentada pela santidade da sua funda-

hora e, por isso, a Obra ia manter-se para glória do Coração de Maria!

Quando a nomeiam Assistente Geral e Superiora da Casa-Mãe, já a veneranda Madre conta perto de 50 anos de vida religiosa mas, nem por isso, abranda na austera observância da Regra, nem se couda no desempenho dos seus cargos.

Algum tempo depois da partida da Madre S. Tomás, é também chamada a Béziers a Madre S. Calixto Hugues. Religiosa virtuosíssima e com larga experiência de educadora, ia revelar-se exímia plasmadora de almas, no Noviciado da Casa-Mãe.

Para edificação das noviças, gostava ela de contar o facto seguinte, sucedido na sua chegada:

A Madre S. Calixto tinha levado na mala algumas pequenas lembranças que as religiosas e alunas do Porto enviavam à saudosa Madre S. Tomás. Gozando com a surpresa que lhe ia fazer, vai colocar-lhe as encomendas no quarto. Aconteceu, porém, que a Madre S. Tomás só lá entrou à noite, quando já era tempo de silêncio rigoroso. Dá com os olhos nas encomendas — testemunho da saudade das suas filhas de Portugal — e enternece-se... Mas logo, num movimento rápido, juntou todos os embrulhos no avental e leva-os à Madre S. Calixto, deixando-lhos em cima da cama, sem dizer uma única palavra.

Muito intrigada com o caso, vai esta perguntar-lhe, na manhã seguinte:

— Minha Madre, porque fez aquilo, ontem?

— Então pensava que eu ia ficar com aquelas coisas no quarto sem ter pedido licença? responde, com encantadora simplicidade, a Madre S. Tomás.

Poderá o facto parecer insignificante a olhos profanos mas que bem nos dá a medida da perfeição com que esta admirável religiosa observou até ao fim da vida — e em cargos tão importantes — as virtudes da pobreza e da obediência.

.....  
 .....

O peso da idade e das enfermidades começa a fazer-se sentir mais e mais. Aliviam, então, a querida Madre S. Tomás de todas as funções de responsabilidade e os dias vão-se-lhe em constante união com Deus, a preparar-se para a morte que sente próxima.

Enfim, na manhã do dia 27 de Setembro de 1902 — manhã serena e luminosa como são as do Outono nas costas soalheiras do Mediterrâneo — partia para Deus esta santa alma...

Morria em terras de França mas, por delicada atenção da Providência, teve religiosas portuguesas a acarinhá-la e a servi-la, até ao último suspiro!

Em Portugal, já havia 3 anos que os votos da boa Miss Hennessey estavam realizados: A Madre Maria da Eucaristia sucedera à saudosa Madre



S. Tomás nos cargos de Superiora do Porto e de Provincial.

Foi a primeira superiora portuguesa que houve no Instituto e ao seu cuidado havia de estar entregue esta Província, desde 1904 até 1930.

Com aquela humilde desconfiança de si que a caracterizava, aproveita a estadia na Casa-Mãe, no verão de 1899, para pedir conselho à Madre S. Tomás e não perde ocasião nenhuma de se impregnar do seu espírito.

Não contente com isso, informa-se também junto da Madre S. Calixto — que vivera perto de 20 anos na Comunidade do Porto — da maneira como tudo ali se fazia no tempo da Madre S. Tomás, para a imitar fielmente no seu governo.

A 24 de Novembro, festa de S. João da Cruz, chega ao Porto. Esta data fica-lhe tão gravada no coração que, até à morte, sempre a comemora na intimidade. Como o grande místico do Carmelo, terá ela dito alguma vez, em maré alta de fervor: «Sofrer, Senhor, e por vós ser desprezada?...» É que, a partir daquela hora, vêmo-la sempre de cruz aos ombros, a subir por caminhos ásperos, até ao alto do Calvário.

Teresa de Lisieux disse que havia páginas da sua vida que só na Eternidade se haviam de ler. E quantas vezes sucede — não só nesta, como em tantas outras vidas — que as páginas mais edificantes só poderão ser lidas quando todos os que nela tomaram parte se acharem reunidos na Eternidade!

1900! Com o novo século, inicia-se também um período novo na história das fundações portuguesas do «Sagrado Coração de Maria».

Na vida económica e social do País, começa a operar-se uma grande transformação. Ao mesmo tempo, o horizonte político carrega-se de nuvens sombrias e a perseguição religiosa já ruge, ameaçadora...

Não podiam as Superiores ficar alheias às necessidades da época, sem traírem a sua missão de religiosas educadoras. Por isso, compreendendo que era um dever imperioso colaborar na instrução das classes populares — as mais contagiadas por erróneas doutrinas — aceitaram a direcção da Escola de Santo António, em Massarelos. Destinava-se esta a ambos os sexos e fora fundada pelo zelosíssimo P. Morais, da Companhia de Jesus.

A seguir, as religiosas tomam conta de mais duas escolas, sustentadas pela Obra de S. Francisco de Sales, da qual faziam parte Senhoras da alta sociedade portuense, que se interessavam por diversas iniciativas de assistência social. Essas escolas ficavam, uma na rua de S. Miguel, na freguesia da Vitória; outra, na rua Duque de Loulé, na freguesia da Sé.

Não há irmã antiga que lá tenha trabalhado que não recorde com saudade os *seus rapazes*. Respeitadores e dóceis, aproveitavam nos estudos e na for-

mação religiosa que elas lhes davam. Que ascendente não tiveram sobre os alunos e que bem lhes não fizeram aquelas humildes e abnegadas irmãs, para ainda hoje eles lhes lembrarem os nomes, com saudade, apesar de irem já longe esses anos que antecederam 1910!

Em 1944, um dos antigos alunos da Escola de Massarelos descobre que ainda vivia no Colégio da Avenida da Boavista uma sua antiga Mestra, a boa Irmã Adélia (1). Passa palavra aos do seu tempo e, um dia, apresenta-se um grupo de 25 para a festejarem com missa cantada (à qual comungaram quase todos), uma mensagem e um ramo de cravos! Foi uma festa comovedora.

Nas dependências do «Colégio Inglês», havia também uma escola primária para o sexo feminino, com uma grande frequência e frutos igualmente consoladores.

Outra iniciativa que denota visão larga e sagaz da parte da Madre Maria da Eucaristia e das suas colaboradoras, foi a adaptação dos planos de estudo às necessidades dos tempos. De facto,urgia dar uma feição mais prática à educação das alunas, a fim de as preparar para enfrentarem as dificuldades financeiras que o futuro, porventura, lhes reservasse.

---

(1) Ensinarão nas escolas, entre outras, as saudosas Irmãs Natividade, Celina, Adélia, Clementina, Beatriz e Rita, e uma aluna do Asilo que, mais tarde, tomou, no Instituto, o nome de Irmã Marta.

Já vinha do tempo da Madre S. Tomás a iniciativa de apresentarem a exames de 1.º e 2.º grau (como então se dizia), as educandas cujos pais o desejavam. E, como vimos nos capítulos anteriores, também uma ou outra ia fazer exame de Português, Francês ou Inglês, aos Liceus.

Sem adoptarem na íntegra o programa liceal — inovação que só 20 anos mais tarde se havia de reputar necessária — no entanto, por ele se refundiram, nos Colégios do Sagrado Coração de Maria, os planos do ensino secundário. A História, Geografia e Literatura eram estudadas a fundo, nos Colégios do Porto, Braga e Viseu e, destas matérias, começaram também as alunas a ir fazer exames singulares aos Liceus.

Considerando estas iniciativas à distância dumas dezenas de anos, poderão parecer de limitado alcance, mas não seriam uma verdadeira revolução nos métodos de ensino usados nos colégios de meninas — quer religiosos quer seculares — nesse virar do século dezanove para o século vinte?

Era então opinião corrente nas classes superiores — e essa mentalidade manteve-se até à República — que «os exames eram só para os rapazes». E, por isso, não surte efeitos práticos a primeira tentativa que o Estado faz para criar estabelecimentos de ensino liceal para raparigas (1). Em 1892, (4 anos depois de

---

(1) Lei de 9 de Agosto de 1888.

publicada essa lei) a verba orçamental prevista para subsidiar a sua manutenção é suprimida, alegando-se como razão que «os institutos de ensino secundário para o sexo feminino não foram aceites pela opinião e podem dispensar-se por agora»!...

A Escola Maria Pia, criada pelo município lisboense em 1885, é que, após sucessivas modificações no plano de estudos, vem finalmente a transformar-se em Liceu feminino, no ano de 1906, passando, então, a depender do Estado. Em 1927, instalado já em edifício apropriado, toma definitivamente o nome de Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho.

O Norte só teve o seu primeiro Liceu feminino em 1915. Funcionou, provisoriamente, na Rua de Cedofeita e — por uma dessas voltas misteriosas e imprevistas da história — é no edifício do antigo «Colégio Inglês» que ele vai finalmente instalar-se, em 1922.



Ao tomar conta do governo do Colégio do Porto, a Madre Maria da Eucaristia via-se a braços com outros dois graves problemas: um de ordem financeira — encontrava a casa onerada por pesadíssimos encargos —; outro de ordem política — estava prestes a estalar, no país, nova e violenta campanha contra os religiosos.

O primeiro problema pedia solução urgente. Apertada pela angustiosa necessidade, manda vir o

seu irmão Cristóvão (o qual, por morte do Conde, herdara o título e o solar de Alentêm) e põe-no ao corrente da situação: a casa do Largo do Coronel Pacheco estava hipotecada e sob ameaça de penhora... Depois, cheia de acanhamento, pergunta:

— Podes arranjar-me vinte contos para amanhã?

— (era, nessa época, uma soma enorme!)

— É só isso que queres? — responde o Conde, levantando-se para sair, — fica descansada; eu vou já buscá-los.

Daí a pouco, voltava com o dinheiro pedido.

Nessa noite, já a Madre Maria da Eucaristia pôde dormir, livre do pesadelo de se ver, dum dia para o outro, sem um tecto para abrigar a comunidade e as meninas...

Era bem mais difícil de resolver o segundo problema. Um incidente ocorrido no Porto, a 17 de Fevereiro de 1901 — incidente de pouca importância, mas que foi hábilmente explorado pelos inimigos da Igreja — dá origem à famosa questão Rosa Calmon.

O governo, abstém-se de intervir nos acontecimentos. Nem manda calar os violentos e caluniosos ataques da imprensa aos Institutos religiosos, nem faz cessar os desmandos da turba, que insulta sacerdotes, apedreja conventos, redacções de jornais católicos e até casas particulares. Por fim, tem a fraqueza de ceder às imposições dos partidos avançados, decretando o encerramento de muitas casas religiosas.

Algumas Congregações femininas são atingidas nessa ocasião.

Que cuidados para a Madre Maria da Eucaristia, sempre receosa de que chegasse a ordem de fechar o seu Colégio e de dispersar as suas religiosas! Estando ali mesmo no foco das desordeiras manifestações, é para admirar que não sofressem, pelo menos, o vexame de serem apedrejadas. — Especial protecção do Sagrado Coração de Maria!

Contudo, a Madre Maria da Eucaristia, a Madre Maria do Coração de Jesus e a Irmã Natividade, não escapam à importuna visita do Comissário da Polícia, que se apresenta, numa tarde, no Colégio, para as interrogar. Talvez por serem mais conhecidas no meio portuense, coube-lhes a honra de as denunciarem pelo *crime* de serem... *professas!*

Aparecem-lhe as três a recebê-lo, muito dignas no seu traje secular. Não contava com isto o Comissário e, quase a medo, fez a pergunta officiosa:

— Têm votos? — Mas, logo um dos que o acompanhava, puxando-lhe pela manga, avisa, a meia voz:

— Não vêes que têm cabelo? Se tivessem votos tinham-no cortado!!

E, perante argumento *tão convincente* para a sua crassa ignorância religiosa, deixam-se de mais interrogatórios e retiraram, enleados, pedindo muitas desculpas...

A 18 de Abril de 1901, saía outro decreto mais arbitrário ainda do que o anterior e que trouxe, à

Madre Maria da Eucaristia, meses de torturante ansiedade: nenhum Instituto religioso podia continuar a funcionar sem ter os «Estatutos» oficialmente aprovados e renovava-se a proibição da clausura, do Noviciado e dos votos!...

Em tão delicada conjuntura, a prudente Superiora nada quis decidir sem consultar pessoas de critério esclarecido. Resolve, por fim, tomar a decisão que os demais Institutos tinham adoptado, forçados pelas circunstâncias: organizar «Estatutos» em conformidade com o decreto. E, como medida de precaução, pede às religiosas o sacrifício de não usarem o hábito, até que os ânimos serenem. Em casa, trajavam de preto mas, se acaso tinham que sair, era com vestidos de cor e procuravam acomodar-se com a moda, para não se sujeitarem a ouvir ditos inconvenientes.

As alunas chegavam a chorar por verem as suas Mestras tão tristes e comprometidas, com essas vestes do mundo que julgavam ter abandonado para sempre, ao dar entrada no Noviciado.

Na Casa-Mãe, seguiam com ansiedade os acontecimentos que se iam desenrolando em Portugal. Por lá, as coisas não iam nada melhor. Estava no



poder Waldeck-Rousseau e já pesava sobre todos os conventos a mesma ameaça de encerramento.

Só depois da morte do P. Gailhac, se tinha fundado o segundo Colégio em França. «Favorecido de luzes especiais, previra, com muitos anos de antecedência, o recrudescimento da perseguição às ordens religiosas e não quisera expor as suas obras a uma ruína certa. E assim, ao passo que estimulava a propagação no estrangeiro, opunha-se, com firmeza, à abertura de casas na sua Pátria. Os acontecimentos provaram a sobrenatural prudência do seu proceder» (1).

Em 1903, fecha o Colégio de Romans. Só tinham gozado 6 anos da casa nova, edificada com tanto sacrifício!

Em 1906, chega a ordem de encerrar ao Colégio de Béziers, mas o Orfanato e obras anexas mantêm-se abertas.

De acordo com a Superiora Geral, o Colégio é entregue temporariamente a uma direcção de seculares mas, decorridos os anos mais críticos, volta, de novo, para as mãos das religiosas do Sagrado Coração de Maria.

Em tão difíceis circunstâncias, não podia a Madre Geral abandonar Béziers. Chegado o tempo das férias grandes desse triste ano de 1901, manda a Madre S. Calixto a Portugal, para conferenciar com

---

(1) *A obra mais bela*, Lisboa, 1945, pág. 95.

as Superiores sobre as medidas a tomar, enquanto persistisse esta situação anormal.

Vinha vestida à secular porque, como se lê numa crónica desse tempo: «na época tormentosa em que estamos, seria temeridade, e até louca imprudência, atravessar Portugal com o hábito religioso».

As reuniões realizam-se em Braga — ao menos ali reinava completo sossego! — e duram 3 dias. Logo que terminam, a Madre Maria da Eucaristia retira imediatamente para o Porto e, passados dias, a Madre S. Calixto regressa a França.

Durante estas férias, a Madre Maria da Eucaristia não teve um minuto de descanso, a tratar dos «Estatutos» e outros documentos necessários à aprovação legal do Instituto. O prazo expirava a 18 de Outubro, não havia tempo a perder.

Sai finalmente no *Diário do Governo* a lista das Congregações aprovadas. Lá vinha também a do «Sagrado Coração de Maria». A notícia é recebida com grande satisfação nas diversas Comunidades e logo comunicada para a Casa-Mãe.

No entanto, as Superiores não se deixam iludir pelo momentâneo alívio. A aprovação dos «Estatutos» não era remédio para a situação mas um paliativo apenas. Como brasa coberta de cinza que se atea e desenvolve em labaredas ao primeiro sopro forte de vento, assim ia acontecer com o fogo da perseguição, aparentemente extinto...

Aproveitemos esta breve acalmia para relançarmos os olhos pela Comunidade do Porto e para nos edificarmos com as virtudes da sua Superiora.

Fiel ao propósito de guardar ciosamente as tradições legadas por essas admiráveis Madres de quem Nosso Senhor se servira para dar vida ao Instituto, a Madre Maria da Eucaristia mantinha na casa do Porto o espírito de família e de união que faz a felicidade das Comunidades religiosas.

Modelo de regularidade e de espírito religioso, tinha autoridade para aconselhar ou repreender e as suas palavras calavam fundo nas almas. Numa comunidade numerosa — andavam por umas cinquenta as irmãs — e tendo que lidar com tão diversos feitios e nacionalidades <sup>(1)</sup>, não podiam deixar de surgir dificuldades, uma vez por outra, mas a prudente e bondosa Superiora tinha um tacto especial para as vencer.

Era notória a caridade, toda feita de carinho e delicadeza, com que tratava as religiosas estrangeiras. Em geral, estas afeiçoavam-se tanto a Portugal que o maior sacrifício que a obediência podia pedir-lhes era retirá-las do seu país adoptivo.

---

(1) Nessa época, além das portuguesas, houve no Porto irmãs de nacionalidade francesa, inglesa, irlandesa, alemã, espanhola e brasileira (como se verifica numa lista antiga).

A Madre Marie Eulalie Ryan — religiosa tão conhecida e estimada das antigas e modernas gerações de alunas — é um dos muitos exemplos que se podem apresentar desse entranhado affecto ao nosso país.

A revolução de 1910 obriga-a a refugiar-se na Irlanda, sua Pátria. Mal se pensa em abrir o Colégio de Espinho — o primeiro a fundar-se depois da República — a Madre Maria da Eucaristia convida-a a regressar.

Contentíssima, a Madre Marie Eulalie embarca para o Porto e sujeita-se generosamente a todos os sacrificios (o do seu Hábito foi o mais penoso!) que exigia a abertura dum «Colégio de freiras», em pleno regime de perseguição.

Foi esta Madre religiosa exemplaríssima em toda a sua vida. Sob um exterior frio, escondia um coração de oiro que se revelava em atenções da mais delicada caridade para com as suas irmãs.

Em mais de 40 anos que viveu entre nós, ela que tanto se esmerava por conseguir que as alunas falassem bem a língua inglesa, nunca conseguiu construir uma frase correcta na língua portuguesa. E, contudo, tanta veneração tinham pela querida Madre Eulalie que, as mais garotas de entre as suas alunas, mal esboçavam um sorriso ao ouvir o seu português estropiado!

Foi muito tempo Assistente das Superiores dos Colégios de Espinho, Aveiro e Braga e, por fim, Directora deste último Colégio.

Muito idosa já, ainda dava aulas e seguia em tudo a vida comum. Em Aveiro, para onde tinha retirado nos últimos anos de vida, adormecia santamente no Senhor, em 1939.

Todos os que conheceram a Madre Maria da Eucaristia, durante o longo período que esteve Superiora, são unânimes em confessar que lhe dava certa aparência de frieza e de distância a inata distinção e gravidade do seu porte. Conhecida, porém, na intimidade, logo esta impressão se desvanecia, tão afável e simples se mostrava.

Uma jovem religiosa — ex-aluna do Colégio do Porto — tinha adoecido, pouco depois de chegar do Noviciado. À noite, estando o dormitório quase às escuras, sente que alguém se aproxima da sua cama e uma voz (que não reconhece) pergunta, baixinho:

— Estás melhorzinha?

— Quem é?

— Sou a tua mãe! — responde, carinhosamente, a Madre Maria da Eucaristia, curvando-se a abençoá-la. :

Certo dia, a Irmã dispenseira entra precipitadamente na sala da Comunidade, a participar-lhe um prejuízo considerável que acabavam de ter:

— Ai, minha Madre, que perca! quando estavam a descarregar o carro, entornou-se tudo!...

— Olhe, minha irmã, custava-me muito mais saber que se tinha feito em casa um pecado venial ou que alguém tinha faltado à Regra.

— Mas, minha Madre, — insiste a irmã, aflita — ficámos sem nada e ainda temos que pagar ao homem...

— Pois vá lá pagar ao homem e não se aflija mais! — responde-lhe a Superiora, sem perder a calma.

E era sempre assim. Se notava que não havia descuido voluntário nem falta à pobreza, não se afligia nem reprendia as irmãs por perdas materiais.

Muito embora a Madre Maria da Eucaristia gostasse mais de empregar a mansidão de preferência ao rigor, não deixava de ser enérgica e firme em determinadas circunstâncias. Se a falta se lhe afigurava mais grave, admoestava severamente a culpada e impunha-lhe sanção adequada.

Ainda hoje as irmãs antigas lembram certas conferências suas em que a voz lhe vibrava de santa indignação e lhes chegava a parecer que «as paredes tremiam»...

Num dia de festa em que o Santíssimo Sacramento estava exposto todo o dia, entrou a veneranda Madre na capela, a fazer uma curta visita, no momento em que o sino acabava de tocar para a refeição do meio-dia. Vendo que não estava nenhuma religiosa em adoração e que apenas duas ou três pequenas do Asilo faziam companhia a Nosso Senhor, dirige-se à pressa para o refeitório. Com termos veementes e a expressão transtornada pela dor, censura às irmãs a sua falta de amor a Jesus Sacramentado e vai, de novo, prostrar-se junto do altar, em adoração reparadora.

Tão impressionadas deixa a todas que, daí a instantes, o refeitório ficava quase deserto...

Não faltam na hagiografia exemplos de santos a quem o zelo e o amor de Deus assim punham fora de si.

Raras vezes um nome terá sido a expressão fiel duma vida como o desta fervorosa Madre. A sua devoção à Sagrada Eucaristia era ardentíssima. Manifestava-a não só com longas e frequentes visitas ao Santíssimo mas sobretudo pela atitude de completa absorção em Deus em que se ficava ao chegar à capela, e mormente depois da Comunhão.

Numa época em que a Comunhão diária era raramente usada, mesmo nos conventos mais regulares, não cessava de estimular as suas religiosas, com o exemplo e com a palavra, a adoptarem um costume tão santificador e tão conforme com as mais antigas tradições da Igreja.

No Porto, como já fizera em Viseu, era fiel em reunir a Comunidade, uma vez por semana, para lhe fazer as exortações de Regra. Mas não se contentava com incitar as suas religiosas à prática da virtude, com a sua acção pessoal. Tinha o cuidado de lhes proporcionar sábias e santas direcções espirituais, para as orientar no caminho da perfeição. Só assim foi possível fazer do «Colégio Inglês» — quer nas mestras quer nas alunas — viveiro de almas a recender tão «suave aroma de Cristo».

É que a Madre Maria da Eucaristia olhava com igual cuidado pela formação espiritual da numerosa

juventude que lhe estava confiada. A modelar organização do «Apostolado da Oração» e da «Congregação das Filhas de Maria», contribuía muito para dar às alunas aquele cunho de sólida piedade e de espírito apostólico que, depois, as iria distinguir no mundo.

Nesses princípios de século, tanto o Colégio como as Escolas, atingiam um renome e prosperidade ainda nunca superados e, sobretudo depois da legalização oficial do Instituto, em 1901, vivia-se em relativa paz.

Quem poderia prever que tão belas esperanças iriam desabar, num futuro tão próximo?...

NOTA: Está em preparação uma biografia da Madre Maria da Eucaristia Lencastre (Alentém).



18.

*FAZE-TE AO LARGO!*



Faint, illegible text at the top of the page, possibly a title or introductory paragraph.

Second block of faint, illegible text, possibly a subtitle or a short paragraph.



Faint, illegible text at the bottom of the page, possibly a concluding paragraph or footer.

## 18.

### FAZE-TE AO LARGO!

**T**rês foram as Superiores que, alternadamente, governaram o «Colégio Inglês» de Braga, no tempo que vai da sua fundação ao advento da República. Em dada altura da sua vida, cada uma delas ouvia um convite semelhante ao que o Mestre fez, um dia, a Simão Pedro: «Faze-te mais ao largo e solta as redes para pescar!»<sup>(1)</sup>.

A primeira a largar de Portugal foi a Madre Maria José Butler.

Em 1903, lá se vai à pesca das almas, para a outra banda do Atlântico.

E que abundante pesca a sua! Até «a rede se lhe rompia» e teve que pedir «que a viessem ajudar».

Vão auxiliares de França e de Portugal, da Inglaterra e da Irlanda. Mas não chegam para a labuta.

---

(1) S. LUCAS, v. Os textos entre aspas, citados nesta página e nas duas seguintes, são tirados do mesmo Evangelho, versículos 4 a 10.

Abre, então, um Noviciado perto de Nova Iorque, com duas postulantes americanas <sup>(1)</sup>.

Multiplicam-se as fundações mas as vocações também se multiplicam na mesma proporção. Volvidos poucos anos após a sua santa morte, já as noviças passavam de oitenta e as fundações de vinte, contando-se entre elas três *Universidades* regidas pelas suas religiosas! <sup>(2)</sup>

A vez da Madre S. Liguório Mac-Mullen, chega em 1907.

Atravessa a Espanha e os Pirinéus, passa de Béziers à Inglaterra e, de lá, regressa a França, onde passa 29 anos.

Sempre activa ao serviço das almas, ora no cargo de Superiora ora no desempenho dos mais humildes misteres, talvez pareça a olhos humanos que não lhe foi dado «apanhar tão grande quantidade de peixes» como às outras suas Irmãs que se foram lançar as redes no Novo Mundo, talvez... Mas aos olhos de Deus? Só Ele sabe — e nós também na Eternidade saberemos — o valor apostólico de certas existências

---

<sup>(1)</sup> Uma dessas jovens postulantes viria a ser a Madre Maria Xavier Twomey, Provincial do Instituto em Portugal, de 1937 a 1946, onde deu notável desenvolvimento à obra da restauração da Província, iniciada em 1920.

<sup>(2)</sup> Têm o título oficial «MARYMOUNT COLLEGE», e estão situadas: em *Tarrytown*, Nova Iorque; na cidade de *Nova Iorque*, avenida 71; e em *Los Angeles* (Califórnia). Conferem graus de bacharel em letras e em ciências.

apagadas e simples na aparência, mas generosamente vividas à sombra da Cruz!

Para levar a Madre Maria de Aquino a «soltar as redes mais ao largo», serviu-se a Divina Providência da Revolução de 1910.

E lá partiu em busca de almas, até ao longínquo Brasil...

«Os princípios foram tão custosos que teriam desalentado coragem menos sobrenaturalmente varonil do que a da Madre Maria de Aquino. O seu primeiro *convento* em Sete Lagoas, reduzia-se a três acanhadas divisões, onde chegaram a abrigar-se *dezassete* religiosas... Nem mesmo o tormento da fome as poupou, nesses primeiros meses de exílio em terra irmã, não obstante ser tão hospitaleiro o Brasil...» (1).

E, no entanto, quando, em 1937, foi descansar junto do Seu Mestre das fadigas da laboriosa carreira apostólica encetada «sobre a Sua palavra», decerto se terá «lançado aos pés de Jesus, assombrada de espanto» *ab ver*, do Céu, a *milagrosa pesca* que havia feito!

Cinco progressivos estabelecimentos de educação feminina abrangem hoje mais de 3.000 almas, nessa florescente Província brasileira criada pelo zelo abnegado da Madre Maria de Aquino e das suas companheiras portuguesas.

---

(1) *A obra mais bela*, Lisboa, 1945, pág. 55.



Pelos fins do século XIX, ainda estas três Madres se encontravam no remanso das suas Comunidades, em Portugal, sem que ao espírito lhe assomasse a menor suspeita das aventuras apostólicas que as esperavam, nos começos do Século Novo.

A Madre S. Liguório acabava de ser nomeada Superiora do Porto. No mesmo ano de 1896, a Madre Maria José substituíra-a no governo do Colégio de Braga. Quanto à Madre Maria de Aquino, «vestida de veludo preto, os cabelos escondidos na touca negra, a realçar-lhe a frescura das faces e a regularidade dos traços», ensaiava então os primeiros passos, da vida religiosa (1).

Da Comunidade do Porto, partira a Madre S. Liguório para Braga, mal fizera a Profissão. Depois de vinte anos de lutas e sacrifícios bem recompensados pela consolação de deixar a sua primeira fundação em via de prosperidade, vinha agora recolher no Porto a herança da saudosa Madre S. Tomás. Aqui, a maior cruz seriam as suas contínuas e graves doenças, pois tinha a satisfação de encontrar todas as obras florescentes e uma Comunidade modelar.

---

(1) *Vida edificante da Rev. Madre Maria de Aquino Vieira Ribeiro*, Rio de Janeiro, 1938, pág. 50.

Não a impediam as enfermidades de se interessar pela continuação das obras que, para melhoramento e ampliação dos edifícios primitivos, havia principiado a sua antecessora, nem de se desvelar pelo progresso do Colégio e obras anexas.

O «Colégio de Santa Maria», situado, como o «Colégio Inglês», no Largo do Coronel Pacheco, estava também em plena prosperidade nessa época.

Realizara-se o sonho da Miss Hennessey: o Porto tinha, enfim, um estabelecimento de ensino para rapazes, onde a formação religiosa e moral ia de par com o ensino das letras e das ciências.

Nessa data, eram os Padres do Espírito Santo e os da Companhia de Jesus os únicos religiosos que se tinham aventurado a estabelecer-se na liberal cidade do Porto. Contudo, embora os Jesuítas ali tivessem uma residência desde 1870, só em 1906 puderam fundar um Colégio, que teve (como a casa dos Franciscanos, aberta a 4 de Outubro de 1910!), existência efémera.

Além dos sacerdotes do clero secular que dispensavam zelosamente os serviços do seu ministério na Capela do «Colégio Inglês», também a frequentavam alguns sacerdotes daquelas beneméritas Comunidades Religiosas. Duns e outros, há nomes de que, ainda hoje, tanto Mestras como alunas, conservam grata memória, pela edificação que, de suas virtudes, e apostólica palavra sempre receberam.

Quando a Madre S. Liguório estava à frente desta Comunidade, deu-se uma história engraçada, que vem aqui a propósito.

Em 1898, o Superior Geral dos Padres do Espírito Santo veio visitar as casas que tinham em Portugal. Durante a sua estada no Porto, quis agradecer pessoalmente os cumprimentos que a Superiora das Religiosas do Sagrado Coração de Maria lhe havia dirigido em carta e apresenta-se, sem prevenir, à porta do «Colégio Inglês».

Com as suas barbas longas, elevada estatura e porte majestoso, era uma figura que infundia verdadeiramente respeito. Perguntado pelo nome, respondeu, em francês:

— Je suis Monseigneur Le Roy (1).

Com grandes demonstrações de reverência, a Irmã Porteira introduz o ilustre visitante no salão destinado às visitas de maior cerimónia, e parte, pressurosa, à procura da Madre Superiora.

— Minha Madre, faz favor de vir depressa. Está lá um senhor francês que diz que é o Rei!

— A Irmã está a brincar?!

---

(1) Devido ao trato com as religiosas estrangeiras era corrente, naquele tempo, as Irmãs coadjutoras terem alguns conhecimentos de francês.



— Não, minha Madre, foi ele mesmo que disse: je suis monseigneur de roi...

Desfeito imediatamente o equívoco, a boa Madre ri a bom rir da ingenuidade da Irmã e explica-lhe que o venerando e sábio Missionário era também bispo e que *Le Roy* era o seu apelido!

Durou a sua permanência em Portugal cerca de mês e meio, consolando-o extremamente a simpatia que a obra missionária começava a despertar na Metrópole e o apoio decidido que encontrava junto do Governo. Numa audiência que lhe obteve Barros Gomes (Ministro dos Negócios Estrangeiros), Suas Majestades o Rei D. Carlos e a Rainha D. Amélia testemunharam-lhe a mais amável benevolência.

Era o começo da *reparação nacional* pelo criminoso abandono a que, de há muito, andavam votadas as Missões Portuguesas! Deste ambiente de simpatia criado em torno da obra dos Padres do Espírito Santo, em Angola — e que a visita de Monsenhor Le Roy, missionário e etnólogo de renome mundial, fomentara ainda mais — beneficiaram outras beneméritas Corporações Religiosas:

Os Jesuítas, indignamente expulsos do Reino e suas Colónias pelo Marquês de Pombal, retomavam o caminho de Moçambique, em 1881, a renovar os heróicos feitos missionários de antanho.

Os Franciscanos, que o Decreto de 1834 — «sentença de morte das Missões e do Padroado» (1) —,

---

(1) J. ALVES CORREIA, *A Dilatação da Fé no Império Português*.

tinha forçado a retirar de África, partiam para a mesma Colónia, em 1898, a reatar a gloriosa tradição de *pioneiros* das Missões Portuguesas no Mundo.

E, atrás destes, outros e outros seguiram.

Monsenhor Le Roy, ao regressar a Bordeus, confessava-se «muito satisfeito com a sua visita, não obstante — dizia ele — todos os discursos, visitas, recepções, jantares, fogo de artifício, dramas, comédias, cantos e cumprimentos de que tinha sido a *inocente e resignada vítima...*»

Não faltaram também a festejá-lo as alunas dos Colégios do Sagrado Coração de Maria. E, cotejando aquela página do *Boletim da Congregação do Espírito Santo* com a do *Diário da Comunidade de Braga*, referente a 27 de Março do mesmo ano, quem não se sentirá tentado a dar razão às discretas queixas da *vítima* que, num mesmo dia, «ordenou 13 Noviços Franciscanos e 11 Escolásticos do Espírito Santo», sujeitando-se, em seguida, a assistir «muito amável e distinto» a longa sessão de homenagem, que metia «hino de saudação, cumprimentos e festa pelas meninas do Colégio»?!

«*C'est le pays qui veut cela, paraît-il, mais c'est quand même un beau et bon pays!*» Com esta jovial e benévola apreciação findava o ilustre Missionário, na carta citada, as impressões da visita a Portugal.

Ao começar o ano lectivo de 1899-1900, permutavam de casa as Superiores do Porto e de Viseu.

Cinco anos depois — já iam a bom caminho as obras iniciadas pela Madre Maria da Eucaristia e, com tanto empenho continuadas pela sua sucessora, a Madre S. Liguório — é esta boa Madre subitamente transferida para Braga.

— Sosseguem! Se eu não voltar, farei todo o possível para que venha a Madre S. Liguório — tinha dito a Madre Maria José, à hora da partida.

E fora de palavra!

Em 1903, ainda se faziam sentir vivamente as consequências da perseguição às Ordens Religiosas. Uma das mais penosas era a considerável diminuição de alunas. Pois, no próprio dia da chegada — parecia que a Madre S. Liguório trazia a bênção de Deus consigo! — vieram 3 alunas matricular-se e os pedidos de lugar continuaram, annunciando-se um ano escolar mais prometedo do que os anteriores.

A doença e a morte tinham deixado algumas vagas na Comunidade. Enquanto as não preenchiam as religiosas pedidas à Madre Geral, a Superiora, com aquela mesma simplicidade e abnegação com que o fizera nos princípios do Colégio, improvisa-se professora de francês e de inglês.

Pelo Natal — que triste festa as religiosas tiveram nesse ano! — uma congestão pulmonar põe em risco a vida da sua querida Superiora. E leva meses seguidos em alternativas de leves melhoras e de perigosas recaídas.

Tão alarmantes foram as notícias que chegaram ao Porto, durante o mês de Março, que, um dia, a Madre Maria da Eucaristia apresenta-se em Braga, para se despedir da moribunda...

Mas estava a correr o ano do Jubileu da definição dogmática da Imaculada Conceição. Dir-se-ia que Nossa Senhora do Sameiro — muito instada pelas fervorosas orações que, dentro e fora do Colégio, se faziam pela querida Madre — quis prolongar-lhe a vida, para lhe dar a alegria de assistir a uma das mais extraordinárias e imponentes manifestações de piedade em homenagem a Maria Imaculada, que o país tem presenciado!

Comovia-se a Comunidade ao vê-la, tão alquebrada de forças, levantar-se muito cedo, todos os dias — mesmo no inverno — para ir à Missa.

— Fique até mais tarde na cama, minha Madre. — pediam-lhe as Irmãs.

— Não posso passar sem o meu Jesus! — respondia, a iludir todas as instâncias.

Na Primavera, começam os preparativos para as próximas comemorações jubilares.

Já, em 1854, a notícia da definição deste dogma tão querido à piedade dos Portugueses, despertara em

todo o reino expansões de entusiasmo e alegria bem significativas da acendrada devoção que tinham à Sua Padroeira (1).

Em 1904, pode dizer-se que é Portugal inteiro que, à voz dos seus Prelados, se movimenta para A homenagear.

Na vanguarda do entusiástico movimento, vão — como é natural — as Congregações Marianas que, todo o ano, rivalizam fervorosamente entre si, engenhando novas iniciativas para melhor honrar a sua Mãe querida.

\* \* \*

Chega o dia 9 de Junho, véspera da abertura das festas. A boa Madre S. Liguório, toda a semana andara numa roda viva, como se não tivesse estado às portas da morte, pouco antes.

Dá uma última volta à casa, antes da chegada das suas hóspedes.

Está tudo a postos.

Religiosas e alunas cederam gostosamente as suas camas às peregrinas de fora e dormem no chão, sobre enxergas. E a cronista da Comunidade comenta, com espírito:

— «Esta manhã, foi engraçado o levantar das

---

(1) Ver em COSTA BROCHADO, *Fátima à luz da História*, pág. 101, o interessante capítulo intitulado *A Padroeira do Reino*.

meninas no dormitório. Ao dar o sinal do despertar com as palavras «Benedicamus Domino», aquelas 80 cabeças e corpos ergueram-se, à uma, do chão... Parecia o Juízo final quando soar a trombeta e se ouvir: levantai-vos mortos, vinde a juízo!!»

Às 9 horas da manhã, chega a delegação do Colégio de Viseu. Vão esperá-la — em corpo gesto — as alunas de Braga, «de vestidos de percal branco e pintinhas pretas, com faixas azul celeste»... (1).

À tarde, chegam as do Porto e, com as de Braga e Viseu — que as esperavam na estação — fariam um gracioso e imponente cortejo, se não fora a chuva torrencial e os inestéticos guarda-chuvas, mandados buscar a toda a pressa, para as abrigar no percurso até ao campo da Vinha!

Ao portão, Superiora e Comunidade aguardavam as viajantes e cobriam-nas de flores e de provas de carinho. Repetiram-se as cenas comovedoras da manhã: as religiosas (algumas não se viam há anos e anos!) abraçavam-se afectuosamente. As meninas confraternizavam alegremente e, poucas horas depois, tinha-se a impressão de que todas pertenciam a um só Colégio e que, há muito tempo, conviviam.

\* Duma vez que os três Colégios saíram a ver a formosa e riquíssima coroa destinada à Imagem da Senhora do Sameiro, (neste dia, o sol, para reparar o

---

(1) São tiradas do *Diário* as citações entre aspas.

feito acolhimento da véspera, espargia luz e graça nos uniformes claros das educandas), cruzaram-se com um garboso *batalhão*: 300 alunos do Colégio do Espírito Santo, que iam esperar a numerosa e luzida representação dos rapazes dos Colégios de Campolide e de S. Fiel.

Ficava-lhes a primor o uniforme —, adaptação da farda dos marinheiros franceses. Ao passarem, em marcha firme e cadenciada, pelas filas graciosas das meninas, levantaram mais alto a bandeira, a saudá-las alegremente. E, as de Braga, informavam as de fora, com legítimo desvanecimento:

— Aquela bandeira bonita foi bordada no nosso Colégio!

No dia 12, de manhã, foi a Peregrinação ao Santuário do Sameiro e a Coroação da Imagem pelo Núncio Apostólico, em representação de S. Santidade Pio x. Cerimónias de indescritível beleza e entusiasmo, no dizer dos que a elas assistiram, e que tiveram a realçá-las, com desusado brilho, a presença de todos os Bispos do Reino.

Nas vésperas, corriam na cidade boatos aterradores de atentados anarquistas... Quando se lê que uma multidão de 600.000 Peregrinos encheu a vasta esplanada e transbordou pela encosta abaixo, não parece que a embusteira ameaça surtisse o efeito planejado pelos inimigos da Igreja!...

Ao fim da tarde, foi a procissão: «a mais bela que se viu numa cidade que prima em procissões»

(descreve a nossa cronista) e, com ela, fechavam as solenes comemorações jubilares, em Braga.

As *Filhas de Maria* deste Colégio (como, aliás, as do Porto e de Viseu) não quiseram deixar acabar o ano de 1904, sem prestar especial tributo de devoção à Imaculada Conceição de Maria. Resolveram, portanto, publicar um volumezinho intitulado *Regina sine labe* <sup>(1)</sup>.

Muito embora a comissão editora explique (em nota inspirada por excessiva modéstia) que «nele colaboraram pessoas mal afeitas e muitas nem afeitas a tão sério labor», a verdade é que o livrinho, se tem uma ou outra composição menos inspirada, tem-nas também de apreciável recortê literário.

E, ao ler esses trechos em português, francês, inglês, italiano e alemão, vêm-nos saudades desses *bons tempos* em que uma menina podia *dar-se ao luxo* de cultivar com esmero a língua pátria e as estrangeiras, porque não lhe afogavam o espírito na aflitiva multiplicidade de matérias dum curso liceal!

Em Dezembro saía o opúsculo e, com este último preito de amor remataram as *Filhas de Maria* de Braga as comemorações deste ano de graças.

---

(1) A iniciativa prestaram a sua colaboração não só as *Filhas de Maria* que ainda se achavam no Colégio, como as antigas alunas.



No Capítulo Geral de Agosto de 1905, era eleita a 4.<sup>a</sup> Superiora Geral, Madre Santa Constança Farret.

Vinha substituir neste cargo a Madre S. Félix, veneranda velhinha que nele se tinha gasto generosamente ao serviço do Instituto, durante 27 anos.

Muito estimada das Comunidades Portuguesas, que visitou muitas vezes, esta boa Madre era extremamente zelosa pela conservação dos costumes do Instituto, que vira nascer, e do espírito dos fundadores, de quem fora filha muito querida.

A visita de 1891, foi a primeira que fez a Portugal, após a morte do P. Gailhac. Desta vez, já não tinha o santo velhinho para lhe fazer as conferências às Comunidades... Mas tudo se passou como ele costumava fazer.

Tão bem lhes falou que as deixou encantadas com a solidez da doutrina e a facilidade e clareza de expressão. E dizem as antigas que até as Irmãs que mal sabiam francês a entendiam e ficavam muito edificadas com as suas conferências.

Foi a Madre S. Félix que mandou construir alguns dos pavilhões da Casa-Mãe, que apresenta, a quem a vê de longe, um imponente conjunto de edifícios <sup>(1)</sup>.

---

(<sup>1</sup>) Ver o desenho da pág. 201.

Outras iniciativas felizes se devem ao seu zelo, entre elas, a primeira biografia do fundador, escrita a instâncias suas, por seu irmão o P. Maynard, dedicado companheiro de apostolado do P. Gailhac (1).

Quando, pela muita idade, já a tinham dispensado de todos os cargos e que a estatura encurvada e o andar vacilante pedia a contínua assistência da Madre «Sainte Félicité», sua desvelada enfermeira, a Madre Geral quis também dispensá-la de se levantar cedo e de assistir aos exercícios de Comunidade. Mas, perante o vivo desgosto que lhe causava uma decisão que, para outras, seria caridoso alívio, deixam-na continuar a edificar as suas Irmãs com tão meritória regularidade.

«A Comunidade rodeava de particular veneração esta última sobrevivente dos primeiros dias do Instituto. Considerava-a um pouco como *uma reliquia*.

Às vezes, no recreio, as noviças faziam roda em torno dela como se fora uma sua avózinha»(2). E tudo era fazerem-lhe perguntas sobre os tempos antigos e os fundadores, atentas às coisas lindas que ela lhes contava.

Por fim, rica com os méritos de 73 anos de vida religiosa, adormeceu na Paz do Senhor, a 26 de Março de 1922...

---

(1) P. MAYNARD, *Rev. P. Gailhac — se vie et ses oeuvres*, Béziers, 1894 (obra esgotada).

(2) ABBÉ F. LERAY, *Le Père Jean Gailhac (1802-1890)*, Paris, 1944, pág. 244.

293 a 307

A partir de 1905, o Instituto entra decididamente numa fase de contínuo progresso, sob a direcção da Madre Santa Constança.

Eram maus os tempos para as «Províncias» de França e de Portugal, quando tomou o leme nas suas mãos. Já vimos como, aqui, os ânimos políticos andavam exacerbados. Mas não o andavam menos naquele país e tudo fazia prever que, depois de encerrado o Colégio de Romans, chegaria a vez do Colégio de Béziers e, a seguir, o exílio e a dispersão das religiosas da Casa-Mãe...

Não perde, contudo, a confiança a nova Madre Geral. A despeito de todas as dificuldades, mantém as obras existentes e dá começo a outras.

Natural de Béziers, pertencia a família distinta e muito considerada naquela cidade, e fora primorosamente educada no Internato do «Sagrado Coração de Maria». Quando se tratou da sua entrada em religião, dera tais mostras de energia e invencível constância, (pois teve que arrostar com a tenaz oposição da família, que a estremecia) que o fundador quis que recebesse o nome simbólico de «Sainte Constance».

Essa constância e grandeza de ânimo muitas vezes a manifestou no decurso da sua vida, mormente em grave tribulação que lhe sobreveio durante o tempo em que era Mestra das Noviças.

Diz um biógrafo do P. Gailhac, referindo-se ao doloroso facto: «No campo de Pai de família, por entre o bom grão, também às vezes aparece semente ruim. Quando o trigo está em erva, o joio não se distingue: espera-se pela ceifa para fazer a escolha» (1).

Ora aconteceu que duas noviças da Madre Santa Constança (que ela na sua boa fé julgara dignas da graça da Profissão) deram-se à triste tarefa de propalar insinuações perversas e caluniosas interpretações dos actos da antiga Mestra... Pouco a pouco, alienaram-lhe a estima e confiança da Superiora e Irmãs e a boa Madre viu-se, por fim, destituída do seu cargo e de todos os ofícios — ela tão activa e tão competente para todos!

Durou anos a tribulação. Era o Senhor a prepará-la para mais alta empresa da Sua glória...

Em 1902, nomeavam-na Superiora da Casa-Mãe e, três anos depois, o Capítulo Geral elegia-a, *com unanimidade de votos*, Superiora Geral da Congregação.

Logo no mês seguinte, começava a visita das casas do Instituto pelas de Portugal.

Rumores alarmantes haviam chegado à Casa-Mãe. É que, para a Madre Maria da Eucaristia, tão dedicada e fiel ao seu Instituto, também soara a hora

---

(1) ABBÉ F. LERAY, *Le Père Jean Gailhac (1802-1890)*, Paris, 1944, pág. 244.

de ver o seu nome envolvido em insidiosa rede de calúnias...

Então, a Madre Santa Constança, mete-se a caminho com a Madre S. Calisto e aparecem as duas de surpresa, no Porto, à 1 hora e meia da tarde do dia 4 de Setembro.

Mas, como o Bom Pastor do Evangelho, também a Madre Geral podia dizer: «eu conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem-me»<sup>(1)</sup>. No decurso da sua visita a Braga, as religiosas tinham a consolação de a ouvir afirmar perante a Comunidade reunida:

*«Eu conheço a Madre Maria da Eucaristia, foi minha filha e sei que era incapaz de fazer aquilo de que a acusam.»*

E regressou a França a estimá-la ainda mais e edificada com as provas de submissão e humildade que a Madre Maria da Eucaristia dera em tão delicadas e angustiosas circunstâncias.

Dois anos depois, chegava a vez da Madre S. Liguório *se fazer ao Largo...*

E não é sem comoção que, na primeira página dum livro velhinho, se lê esta frase escrita com a sua

---

(1) S. João, x, 14.

letra de talhe elegante e firme, já desbotada a cor da tinta:

*Arrachée de mon cher Portugal le 20 Septembre 1907!*

Sangrou também o coração das filhas portuguesas — religiosas e alunas — e da sua longa permanência entre nós ficou rasto indelével de saudade e gratidão.

Após uma estada de 4 anos em Béziers, onde exerceu o cargo de Superiora local (estada interrompida por um ano que passou em Inglaterra), parte para Cambrai, em 1913. Entre outras religiosas leva consigo duas portuguesas: a Madre «Marie Ferdinand» e a Irmã Cláudia, que a revolução tinha atirado para o Estrangeiro.

Anunciava-se muito prometedora a nova fundação do «Sagrado Coração de Maria» — um colégio denominado *Institution Jeanne d'Arc* — quando rebenta a Guerra de 1914.

Em Setembro, já os alemães entravam vencedores em Cambrai.

A Madre S. Liguório mantém-se no seu posto com as suas religiosas, sofrendo corajosamente todos os horrores da ocupação: vexames, fome, frio, carência das coisas mais necessárias, tortura da falta de notícias das outras Irmãs e das suas famílias...

Adoecem gravemente duas religiosas (a Irmã Cláudia era uma delas) e só a custo de muitas humilhações e de rogos instantes, a aflita Superiora obtém

licença da «Kommandatur» para as pobrezinhas irem para o Sul!

E, como se tudo isto não bastasse ainda, requisitaram-lhe o Colégio para *presídio de desertores* e põem-nas brutalmente na rua... Vale-lhes a caridade das Irmãs Agostinhas, a cujo convento recolhem até que, pelos fins da guerra, todos os habitantes de Cambrai são obrigados a evacuar a cidade, por causa dos bombardeamentos. Em vagons de mercadorias, lá seguem para zona menos exposta, em tal aperto e promiscuidade que o corpo se lhes enche de repugnantes parasitas...

Em Janeiro de 1919, a Madre S. Liguório volta à Casa-Mãe. No mês de Setembro, o Colégio de Cambrai reabria, com a Madre S. Calisto por Superiora, não cessando de prosperar desde então.

Em vida da Madre Santa Constança e com a valiosa colaboração da Madre Maria José Butler (ao tempo Provincial dos Estados Unidos), abria *Marie-mont*, em Paris (1923).

Nova modalidade das actividades das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, este «*Lar para estudantes estrangeiras*» — principalmente americanas — revela um permanente esforço do Instituto que procura corresponder às exigências do meio social.

Já sob o generalato da Madre Maria José, as religiosas francesas faziam outras duas fundações: *Maison S.<sup>te</sup> Thérèse*, em Cambrai (1933), e *Foyer Sacré-Coeur de Marie*, em Rennes (1927), destinando-se este último Lar a estudantes universitárias.

Assim recomeçou, em França, a expansão do Instituto, por tão longo período entravada pelo flagelo das perseguições religiosas e das guerras.



No regresso de Cambrai, a Madre S. Liguório fica em Béziers e a sua vida apaga-se na obscuridade...

As ocupações a que agora se entrega pouco diferem das de qualquer humilde irmã coadjutora.

*Caminhos de Deus,  
Que diversos são!  
É a mesma mão  
Que a todos conduz...*

*Há-os escarpados,  
Tortos pedregosos,  
Sombrios, espinhosos...  
— Que duros caminhos!*

É por estes que a *mão de Deus* conduz a querida Madre, nos últimos 20 anos da sua peregrinação pela terra... Alma de fé como era, terá sabido exclamar:

*A cruz é farol.  
Bom rumo leve eu,  
Direito ao Céu,  
Que faz o caminho?*



Por isso não perde a boa disposição, nem o jeito aprazível e doce de dar gosto aos outros e de lhes suavizar os sacrifícios.

Pelas Irmãs portuguesas conservou sempre um *fraco*, tratando-as com verdadeiro carinho de mãe e falando-lhes na própria língua, o que representava não pequeno alívio para as recém-chegadas, quando era escasso o seu conhecimento do francês.

Duma vez — era já muito velhinha a Madre S. Liguório — adoeceu gravemente uma noviça. Alarmado com as notícias, vem o pai visitá-la mas, não podendo demorar-se, tem a dor de regressar a Portugal deixando-a muito mal.

— Vá descansado que eu olho por ela como se fosse sua mãe! — diz-lhe a boa Madre, à despedida.

E, de noite, embrulhada num chalinho e de castiçal na mão, vinha perguntar à noviça:

— Queres alguma coisa, filha?

Exemplos da sua delicadeza é também o facto seguinte:

Numa festa de S. João Evangelista, veio a Madre Geral ao Noviciado dar os nomes de religião às postulantes que estavam para tomar o hábito. Acompanhavam-na a Madre S. Félix e outras religiosas antigas, entre elas a Madre S. Liguório.

Chega a vez duma postulante portuguesa. E esta boa Madre, que parecia um pouco alheia ao acto, despertado de súbito o interesse, fita-a affectuosamente, como que a procurar reter o nome.

No fim da singela cerimónia, deu-se o que é tão natural: se havia algumas plenamente satisfeitas, noutras lia-se uma pontinha de desapontamento... não era o nome dado aquele que tinham sonhado ou pedido!

Foi o que aconteceu com a postulante portuguesa. Notá-lo-ia a Madre S. Liguório?

Daí a pouco, andava aquela com as companheiras a fazer a Via-Sacra, quando alguém se aproxima de mansinho e lhe mete uma medalha na mão tendo gravada numa das faces a sua *nova* Santa Protectora.

Beija-a com devoção e a nuvem desvanece-se! Mas, quando se volta para agradecer, já a Madre S. Liguório se ia a sumir na penumbra da grande capela, mal iluminada naquele fim de tarde invernal...

Até lhe sobrevir a última doença, não deixa de acompanhar a Comunidade a todos os actos regulares. E isto, não obstante a compleição delicada e o desgaste de energias padecido com os sofrimentos e privações da guerra.

A morte não a colhe desprevenida. Anos antes, na página desbotada do livro velhinho onde ia marcando as principais datas da sua vida, deixara escrito por sua mão, para ser depois caridosamente completado:

*Partie pour l'éternité le . . . .*  
*Par charité priez pour le repos*  
*de sa pauvre âme.*

As suas últimas palavras foram:

— «*Dites à mes enfants du Portugal que j'ai pensé à elles!*»

Serena e confiadamente — não levava consigo Jesus na sua barca? — a Madre S. Liguório *fez-se ao largo* em demanda da Eternidade...

Mão piedosa e amiga realizou o seu desejo, preenchendo a data que ficara em branco no livro velhinho:

25-2-1940

R. I. P.



19.

VIDA EM OBLAÇÃO.





## 19.

### VIDA EM OBLAÇÃO

«Hóstia pequenina que, à beira de Cristo — HÓSTIA GRANDE — toda se deu em oblação de suavíssimo aroma»<sup>(1)</sup>, não resumem estas poucas palavras a história da Madre Maria de Aquino?

Desde a infância, vemos o Senhor a rodeá-la de terníssimos cuidados:

«*Guia-a, ensina-a e guarda-a como a menina dos seus olhos.*»<sup>(2)</sup>

E há lances da sua vida onde a acção divina se nos mostra tão dominadora que nos traz à mente aquele outro texto dos Livros Santos:

«*Tal como a águia, o Senhor abriu as asas e arrebatou-a, levando-a aos ombros.*»<sup>(3)</sup>

Desta arte, a leva de degrau em degrau, até a uma eminente perfeição. E as grandes empresas da

---

(<sup>1</sup>) Rev. Dr. Luís Lopes de Melo.

(<sup>2</sup>) *Denteronómio*, xxxii, 10.

(<sup>3</sup>) *Denteronómio*, xxxii, 12.

glória de Deus a que se abalança — ela que, de seu natural, era tímida e mais inclinada à contemplação do que à acção — só a esta luz se explicam e se entendem.

Aos seis anos confessa-se a um santo e era ainda bem novinha quando, dócil e amorosamente, se deixa arrebatada a vez primeira pela *Águia Divina*. Terá sido pelos dez anos — quando do primeiro encontro com Jesus, na Eucaristia — pois confessava que esse dia marcara na sua vida pelas graças inolvidáveis e profundas que nele recebera.

Pouco depois — novo penhor de celestial predilecção — recebia o convite para consagrar a Deus a sua radiosa mocidade, no Instituto do Sagrado Coração de Maria (<sup>1</sup>). A Mãe não lhe tira a esperança de realizar a veemente aspiração mas vai-lhe adiando a entrada, de ano para ano, sem entender o que havia de inconsciente egoísmo maternal no que ela julgava ser prova de encarecido amor pela filha.

Firme nos propósitos, como o granito das suas penedias transmontanas, Emília Vieira Ribeiro parte enfim para o Porto a 15 de Agosto de 1894, a iniciar no Instituto um postulantedo quase tão longo como fora o período de aspirantedo em sua casa. Como Superiora, teve a veneranda Madre S. Tomás; como mestra das postulantes, a Madre S. Calisto. Uma e outra

---

(<sup>1</sup>) Ver referência à sua entrada em religião nas págs. 148 a 150.



a iriam dirigir durante todo o período da formação religiosa que vai até à primeira profissão, pois, passados alguns anos eram transferidas para a Casa-Mãe, e a Emília Vieira Ribeiro ali tomaria o hábito, a 1 de Maio de 1897.

De longa data vinha o Senhor preparando a Madre S. Calisto para as funções de Mestra das Noviças, pela experiência que adquirira na direcção do Externato e das postulantes, durante a estada naquele Colégio, onde era estimadíssima por todos.

Emérita na delicada arte de guiar as almas para a perfeição e conhecendo as raras qualidades da sua antiga postulante do Porto, pôs-lhe a virtude a dura prova, durante o tempo que passou no Noviciado de Béziers. «Nenhuma penitência, nenhum trabalho lhe era poupado. O menor esquecimento punido e repreendido severamente. Até mesmo o dia feliz das sua vestição foi marcado com sofrimentos dolorosos para o seu delicado natural.» (1)

Contam as co-noviças que, tomadas de admiração pela sua humildade e submissão, estavam um dia a elogiá-la entre si. Ouviu-as a Madre S. Calisto e disse-lhes:

— A Irmã Maria de Aquino é única no género.

---

(1) *Vida edificante da Rev. Madre Maria de Aquino Vieira Ribeiro*, Rio de Janeiro, 1938.

— revelando bem, com esta frase, a estima em que a tinha, não obstante a severidade de que usava para com ela.

308 322 . . .

«É o Noviciado a *forja* onde prepara a alma da religiosa-educadora para a sua missão futura»<sup>(1)</sup>. Para a Madre Maria de Aquino, essa época preparatória terminava a 29 de Setembro de 1898, com a cerimónia da Profissão.

«E agora era chegado o momento de partir para as lides apostólicas.

Como insígnia de Profissão, leva ao peito um coração e uma cruz de prata pendentés duma corrente:

Nesta *cruz* (em que propositadamente não figura o divino Crucificado), terá ela própria que crucificar-se...

No *coração*, com as efigies do Salvador e da Virgem Santíssima gravadas em relevo, e nas palavras que nele se lêem<sup>(2)</sup>, verá o modelo da sua vida apostólica...

Na *corrente* (símbolo dos votos que a prendem a Deus), há-de encontrar estímulo suave para aquele afastamento do Mundo que a Regra lhe preceitua...

Com tais *armas* vai bem apetrechada para a sua

(<sup>1</sup>) *A Obra mais bela*, Lisboa, 1945, pág. 113.

(<sup>2</sup>) «*Ego veni ut vitam habeant*» («Eu vim para que tenham vida»), S. João x, 10.

missão de educadora», podemos nós dizer da nossa Professora, ao concluir a longa citação <sup>(1)</sup>.

E, no entanto, para um temperamento vincadamente contemplativo como o da Madre Maria de Aquino (mal entrada na adolescência e vivendo em meio familiar de cristianíssimas tradições, já suspirava por ambiente mais recolhido ainda!) foi penosa a transição da quietude do Noviciado para a actividade dum Colégio numeroso como o do Porto.

Logo de entrada, encarregam-na das *médias* — «afamadas em todos os tempos pela vivacidade e estouvamento!» E por isso, talvez, sendo já Superiora, «mostrava compaixão pelas *Mestras de Divisão* — as responsáveis pela formação das alunas — e confessava que sempre lhe havia custado esse dever, principalmente a vigilância dos recreios.» <sup>(2)</sup>

Mas não tinha ela aprendido nas Constituições que «a educação cristã é uma das obras que mais importa ao bem da Igreja e aquela que produz frutos mais certos, mais extensos e mais duradouros?» <sup>(3)</sup>

Longe, portanto, de se abandonar a estéreis pesares, enche-se mais ainda de Deus, para poder dar às almas o transbordar da sua vida interior e entrega-se de alma e coração à tarefa que a Obediência lhe marcara.

---

<sup>(1)</sup> *A Obra mais bela*, Lisboa, 1945, pág. 122.

<sup>(2)</sup> *Vida edificante da Rev. Madre Maria de Aquino Vieira Ribeiro*, Rio de Janeiro, 1938.

<sup>(3)</sup> Regra n.º 261.

Na sua Superiora, a Madre Maria da Eucaristia — que já passara por idênticas dificuldades, ao deixar também o Noviciado — encontra toda a compreensão e amparo espiritual de que necessitava, nesta delicada fase de adaptação.

Quatro anos depois da chegada ao Porto — a 30 de Setembro de 1903 — tinha a ventura de se consagrar definitivamente a Deus pelos votos perpétuos. E é a partir desta hora de graça que se abre diante da Madre Maria de Aquino o período mais fecundo da sua vida religiosa.



Como se viu em capítulos anteriores, iam maus os tempos para a Igreja, em Portugal, nestes começos do século xx.

Apesar disso — ou talvez por isso mesmo — abundavam as vocações para as diversas Ordens e Congregações religiosas femininas existentes no país: juventude em flor a contrabalançar com a sua generosa imolação os crimes de apostasia e sectarismo dos que tinham em suas mãos os destinos da Pátria!

E assim se tornou necessário abrir em Portugal uma casa para o Noviciado das aspirantes ao Instituto do Sagrado Coração de Maria.

Como a legislação vigente não permitisse o recrutamento de novos súbditos nem, por conseguinte, a existência de casas de formação, fundaram um pequeno Colégio em Penafiel e, no mesmo edifício, se abrigaram as Noviças.

Assente sobre uma eminência donde se disfruta um encantador panorama, a pequenina mas airoza cidade de Penafiel tem a dominá-la o lindo e devoto Santuário da Senhora da Piedade.

Foi a bondosa Madre Maria de Jesus Perry a primeira Superiora do novo Colégio. Acompanhou-a a Madre Maria do Bom Pastor Lobo — que acumulava as funções de Assistente com outros ofícios junto das meninas —, e a Madre Maria de Néri Barreto que, em Penafiel, como no Porto, prestou valioso concurso com a sua extensa cultura e variados talentos. Três Irmãs coadjutoras completavam a pequenina Comunidade.

Nas dificuldades dos primeiros tempos, foram generosamente ajudadas pela família da Madre Maria do Coração de Jesus Mendes, que lhes cedera para esta fundação uma bela casa, com uma grande quinta a espriar-se pela encosta abaixo.

Dentro de pouco tempo, já as religiosas tinham uma frequência satisfatória e eram consoladores os frutos colhidos, tanto no Colégio, como na escola gratuita que funcionava no rés-do-chão.

Com uma das Irmãs que ensinava nesta escola se deu, em certa ocasião, um episódio trágico-cómico.

Havia na cidade um pobre doido, ordinariamente inofensivo. Encontrando um dia a porta aberta, entrou pela aula dentro, o que não pouco assustou Mestra e alunas...

A Irmã ao ver que não tinha força para pôr o homem na rua, recorreu a um engraçado stratagem: finge-se muito calma, chega ao pé dele e diz-lhe:

— O senhor fazia favor tomava conta destas meninas, enquanto eu vou lá cima? — e entrega-lhe o ponteiro com que estava a explicar a lição no quadro.

Corre então a buscar reforço mas, ao voltar com outra Irmã, ouve grande alvoroço em baixo, na aula. Eram as crianças a gritar por socorro e a quererem fugir do doido, que andava dum lado para o outro, muito excitado, a fustigá-las com o ponteiro!...

Já o Colégio estava aberto quando, a 3 de Abril de 1904, a Madre Maria de Aquino chegou a Penafiel com três noviças que, nessa mesma manhã, tinham recebido o Hábito na Capela do «Colégio Inglês» do Porto <sup>(1)</sup>.

Debaixo do maior segredo, como mandava a prudência, ali se continuaram sempre a realizar estas ceri-

---

(1) Eram as Irmãs Júlia, Lúcia e Felicidade.

mónias, nesses anos tão duros que precederam a implantação da República.

Informada a Madre S. Calisto de que a Madre Maria da Eucaristia andava preocupada com a escolha da Mestra das Noviças, respondeu:

— Mas porque se preocupa, se tem lá a Madre Maria de Aquino?

Nas frequentes visitas que fazia à casa de Penafiel, a Madre Provincial pôde ver com os seus olhos como fora acertada a nomeação.

Com efeito, se a jovem religiosa não tinha ainda, nessa altura, a experiência e a iniciativa que havia de mostrar no cargo de Superiora e, sobretudo, no de Provincial, revelou, desde logo, excepcional capacidade para o ofício que ia desempenhar em Penafiel.

Punha todo o cuidado em formar bem as noviças no espírito de fé, na humildade e na obediência, proporcionando-lhes ocasião de se exercitarem nestas virtudes.

— «Como nos *amassou* no espírito de fé!» — comenta expressivamente a Madre Teresa de Jesus Kopke — «Se era ele a alma da sua vida!»

E descreve-a assim, nas suas interessantes notas:

«Estive com ela dois anos no Noviciado e sempre notei que era alma generosa, dada à perfeição, muito interior e muito santa, caracterizando-a grande caridade, e conformidade perfeita com a vontade de Deus.

Nunca nos lábios lhe ouvi uma só palavra contra o próximo e, se alguma noviça se esquecia neste ponto, era severamente repreendida e até castigada.

Era mortificada ao extremo. Como não podia satisfazer os desejos de penitência, por ser doente, substituí-a por uma mortificação quase contínua. Nunca se apoiava. À mesa, estive muito tempo junto dela e percebia o que ela muito queria ocultar dos seus sacrifícios.

Tornava-se necessário vigiar o que lhe serviam e os objectos do seu uso, porque escolhia sempre o pior para si. As ordens das Superiores maiores cumpria-as com minuciosidade exemplar.

Era a perfeição nos mais pequeninos pontos da Regra».

Poucas serão as almas de quem tanto se possa dizer e com tanta verdade, pois o testemunho desta religiosa é o sentir unânime de todas as que conviveram com a Madre Maria de Aquino, no largo espaço de 43 anos que vai desde a sua entrada no Instituto até à sua morte.

Já então impressionava a todos os que com ela tratavam o exterior sempre recolhido e digno e a inalterável serenidade, reveladoras duma profunda união com o Hóspede Divino da sua alma.

Mal as ocupações lhe deixavam uns momentos livres, ia fazer uma visita ao Santíssimo. Uma vez chegada à Capela, abismava-se na oração, perdendo a noção do que em torno de si se passava. Quantas



vezes acontecia o que a mesma noviça refere ainda em suas notas:

«Recado urgente a transmitir. A nossa Mestra, no seu cantinho, mãos nas mangas, olhos fechados... Apesar de ter aberto a porta, às vezes, com bem pouco cuidado, era obrigada a tocar-lhe para, por assim dizer, *a fazer voltar a este mundo...*»

Em 1906, tem a dor de perder a mãe. Estavam no recreio da manhã quando lhe trouxeram o correio. Abre uma carta, lê algumas linhas e exclama:

— Bendito seja Nosso Senhor por tudo!

Era a exclamação que espontaneamente lhe brotava do coração quando Deus lhe enviava alguma prova. E, metendo a carta no bolso, sai precipitadamente.

— O que seria? — perguntaram as noviças.

— Querem ver que lhe morreu a mãe? — lembra uma. Seguem-na, apreensivas, até à Capela. Lá a encontraram de joelhos, com a cabeça encostada junto ao altar.

Ajoelharam também.

Quando se levantou para sair, vinha extremamente pálida, mas serena. Donde lhe vinha tal firmeza de ânimo, em circunstâncias tão dolorosas? Só muitos anos mais tarde o confiou na intimidade:

Quando deixara a sua amada velhinha entregue aos cuidados da irmã Carlota, já ela se achava entredada e sem a posse plena das suas faculdades mentais. Temendo que a comoção lhe fosse fatal, ocultaram

sempre à doente a entrada da sua Emilinha para o Convento e esta, em troca do sacrifício pungente que a separação lhe custou, pedira a Deus que lhe levasse a mãe *direitinha ao Céu*, quando morresse.

No dia em que recebeu a triste notícia, tais conso-  
lações experimentou, ao ajoelhar junto do Sacrário para lhe rezar por alma, que as tomou como um sinal de que Deus lhe ouvira as preces e se apressara a levar para junto de Si a Mãe querida.

\* \* \*

Nos breves anos que estive no Colégio do Porto, a acção da Madre Maria de Aquino passava quase despercebida. Aos olhos de suas Irmãs e das alunas fora educadora e mestra sem grande renome.

Apagada por virtude mais do que por carácter, pois que, de seus antepassados, o herdara activo e de rija têmpera, quantas vezes não lhe aconteceu, pela vida fora, ver as suas atitudes interpretadas como fruto de timidez (ou até de medíocre inteligência...) quando eram inspiradas por sublime humildade!

No Noviciado, encontrara afinal a sua missão: dirigir, formar as almas para as sublimes funções do Estado Religioso.

E autora da sua biografia acrescenta:

«A sua vida particular continua a defluir entre provações: a pobreza de casa, o seu estado físico, as

vocações promissoras que viu afastar-se por falta de saúde, tudo contribuía para carregar-lhe a natureza debilitada de sofrimento mas sofria heroicamente, sem uma queixa, sem reclamar um alívio.» (1)

Quem tais exemplos dava, tinha autoridade moral para inculcar no espírito das Noviças máximas austeras como estas que mão filial apontou, durante as conferências que lhes fazia:

«Que felicidade a de uma alma que tem espírito de fé! Parece já possuir a ventura do Céu na terra, Quer a exaltem, quer a humilhem, é sempre a mesma; tudo recebe como vindo das mãos de Deus.»

«Se nos penetrarmos do espírito das nossas Regras, que é o espírito de fé, amaremos o que Nosso Senhor amava, pensaremos como Nosso Senhor pensava.

E que amava Nosso Senhor? A cruz, os sofrimentos. Façamos também assim e teremos os pés na terra mas o coração no Céu!»

«Quantô agrada a Nosso Senhor a religiosa humilde!

Devemos sempre contar-nos por nada.

Ora, ao nada, nada se dá.

Aproveitemos com alegria as humilhações que Nosso Senhor nos mandar, seja por que mão for.»

---

(1) *Obra citada*, pág. 65.

«Para as criaturas do mundo, o mendigar consolação de outras criaturas, sua estima e louvores. Mas, para a religiosa, que Deus só seja tudo para ela e eia toda para Deus!»

Se estes pensamentos bastam para nos dar uma ideia da espiritualidade sobrenatural e profunda da Madre Maria de Aquino, não nos dão, porém, senão uma pálida ideia das suas conferências. Era tão substancial a doutrina exposta e tão cuidada a forma como se exprimia que, mais tarde, quando falava às suas Comunidades do Brasil, religiosas houve que chegaram a pensar que as preparava por escrito. Mas as que a conheciam mais intimamente bem sabiam que era junto do Sacrário que ia buscar a inspiração e que toda a sua preparação consistia numa longa visita ao Santíssimo.

Nomeada Superiora de Braga, no mês de Setembro de 1907, tem agora a Madre Maria de Aquino mais vasto campo de acção aberto ao seu zelo. Todavia, dentro dos trâmites ordinários da Providência, não há que esperar fecundidade de terra que não é lavrada pela cruz. Ora a que entrevia, no novo posto, parecia-lhe superior às suas forças...

O seu grande espírito de fé — que, em todas as circunstâncias, lhe fazia ver a vontade de Deus nas determinações das Superiores maiores — vale-lhe ainda, desta vez, para não esmorecer.

A Madre Maria da Eucaristia — que bem compreendia o que a situação da nova Superiora ia ter de delicado numa Comunidade tão saudosa da anterior Superiora (a querida Madre S. Liguório), e onde as súbditas eram, na quase totalidade, muito mais antigas do que ela — foi acompanhá-la a Braga.

— Então, está contente com a sua nova Mãe?  
— perguntou a uma Irmã.

— Ó minha Madre, tem coragem de pôr uma cruz tão pesada aos ombros duma criança? — Riu muito a Madre Provincial com a simplicidade da boa Irmã e esclarece:

— Olhe que não é tão criança como parece; tem trinta e sete anos! (1)

A Comunidade, as alunas e os numerosos amigos que o Colégio tinha em Braga, não tardam a reconhecer que a Madre Maria de Aquino «*reunia as qualidades que fazem a boa religiosa e a Superiora perfeita*», como se exprimia uma contemporânea.

Não lhe terá pedido menos sacrifícios a adaptação ao actual género de vida, do que lhe exigira a transição de Béziers para o Porto.

---

(1) Ia completar os 37 anos a 21 de Novembro de 1907.

«Aqui, já não é a placidez e o sossego do Noviciado, onde tudo convida ao recolhimento e ao fervor. É a actividade exterior, os cuidados incessantes que dá o governo dum Colégio e duma Comunidade numerosa. Contudo, o seu recolhimento e espírito interior não sofrem com a mudança» (1). E, assim, quantas graças não atrai sobre as almas que tem a seu cuidado, quantas bênçãos sobre as múltiplas actividades do seu Colégio!

Nos começos, teve que usar, por vezes, de energia, mas sabia temperar os actos de autoridade por uma inalterável bondade e suavidade de maneiras.

Segundo o testemunho da religiosa incumbida de redigir o *Diário* da Comunidade, nesses anos que precederam 1910, «não é demasiado insistir na ventura que se disfrutava na casa de Braga e que a Madre Maria de Aquino havia de lembrar até à morte com saudade.» (2)

De ano para ano, ia escurecendo o horizonte da Nação. A vida política estava num caos e tudo fazia prever graves acontecimentos.

No dia 1 de Fevereiro de 1908, dá-se a tragédia

---

(1) Transcrito das notas da Madre Teresa de Jesus Kopke.

(2) Transcrito das notas da Madre «Saint Foy» Conde.

do Terreiro do Paço. O Rei D. Carlos e o Príncipe Herdeiro caem varados pelas balas assassinas...

«Perante os dois cadáveres reais, a Nação calou-se, envergonhada, como se ouvisse a reprimenda dos monarcas que, em oito séculos de trabalhos e glórias, fizeram esta Pátria e a impuseram ao mundo civilizado.»<sup>(1)</sup>

Em meados de Novembro, o Rei D. Manuel vinha ao Norte, em visita oficial. Semanas antes, já não se falava noutra coisa no Colégio de Braga. Ver o Rei era a obsessão de todas aquelas cabecinhas juvenis!

«Se o Porto recebera o Rei com entusiasmo, Braga acolheu-o com delírio. Não vibrara tanto desde a época em que D. Miguel I, o seu mais querido Soberano, ali fora no tempo da guerra civil», diz um historiador<sup>(2)</sup>.

Glória efémera, a que iam seguir-se dois anos de tormentoso reinado para o jovem e desditoso monarca.

Chegou o verão de 1910. Aquelas últimas férias, já as não passou a Comunidade no Sameiro, como até ali fora costume, mas na Quinta de Araufe, que os pais duma aluna haviam posto amavelmente à disposição das religiosas.

(<sup>1</sup>) COSTA BROCHADO, *ob. cit.*, pág. 85.

(<sup>2</sup>) ROCHA MARTINS, *D. Manuel*, pág. 129.

Estavam ali mais isoladas ainda e, nos tempos que corriam, toda a prudência era pouca.

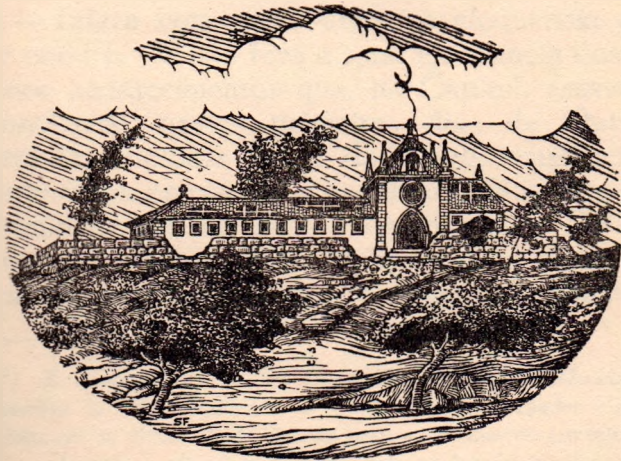
Pelos fins de Setembro, regressaram tranquilamente ao Colégio, para fazerem o retiro anual e prepararem tudo para a entrada das alunas, mal suspeitando da tremenda procela prestes a desencadear-se...

Dias depois, o velho «Colégio Inglês», seladas as suas portas pela Revolução triunfante, fechava em Braga, para reabrir, em 1911, na acolhedora terra do Brasil!



20.

*NO VENDAVAL REVOLUCIONARIO*





## NO VENDAVAL REVOLUCIONÁRIO

C orriam serenos e fervorosos os dias de retiro para a Comunidade do «Colégio Inglês», do Porto. Nunca o Padre Abranches — mestre entre os mestres na arte de dar exercícios espirituais — falara com tanta unção e eloquência como nesse ano (1). E não fora a total ignorância dos gravíssimos acontecimentos que, na Capital, estavam a desenrolar-se, nesses primeiros dias de Outubro, decerto as religiosas teriam dado pela insistência do conferente em exortá-las à generosidade no sacrificio e à fidelidade aos seus santos compromissos. Dir-se-ia que queria a todo o custo forjar as suas almas para rasgos heróicos em próximas e renhidas pelepas!

---

(1) P. Joaquim dos Santos Abranches, santamente falecido a 27 de Dezembro de 1926. Religioso de grande virtude, pregador e escritor prestigioso, até ao último alento de vida gastou o melhor do seu talento em propagar a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, de quem era devotíssimo.

Havia já quatro longos dias que o Padre Abranches e a Madre Maria da Eucaristia traziam guardado para si o angustioso segredo, quando, na manhã de 4 de Outubro, o conferente revelou, enfim, à Comunidade:

— *Anda grande revolução em Lisboa, minhas irmãs, e não sabemos o que nos espera!*

Tão imprevista e alarmante notícia toldou de lágrimas e sombrias conjecturas aquela hora de jovial expansão que habitualmente se segue à conferência de encerramento do retiro.

Nessa mesma tarde, o Presidente do Conselho da Monarquia agonizante decretava a extinção da Comunidade dos Padres Jesuítas do Quelhas (à qual pertencia o Padre Abranches), como acto preparatório para o encerramento de todas as casas religiosas do país... (1)

\* \* \*

Entretanto, chegavam ao Porto as Superiores dos diversos Colégios do Sagrado Coração de Maria, chamados telegráficamente pela Madre Provincial, para conferenciarem sobre as providências que urgia tomar, no caso de vencerem os revolucionários.

Sabia-se já que o programa governamental que o partido republicano se propunha levar a efeito era implacavelmente anti-religioso e que, ao triunfo da

---

(1) COSTA BROCHADO, *Fátima à luz da História*, Lisboa, 1948, pág. 85.

revolução (que informações seguras davam como iminente), se seguiria imediatamente o assalto aos conventos.

Horas depois de terem chegado, regressavam as Superiores às suas Comunidades, levando instruções para tratarem urgentemente da dispersão das religiosas. Como já não seria prudente viajarem com o hábito, as que o traziam vestiram à pressa a roupa que no Colégio lhes puderam arranjar.

E começou a lastimosa debandada...

As Irmãs que tinham família no Porto e arredores, já nessa noite dormiram em suas casas. As de longe, foram partindo aos grupos, em direcção à estação de S. Bento, para lá tomarem o comboio para as suas terras.

Cada uma improvisava a sua «toilette» conforme podia, fornecendo-se na rouparia da Comunidade ou das meninas. Difícil e penoso disfarce para todas, mas sobretudo para as que já tinham longos anos de vida religiosa!

E nem assim conseguiram sempre escapar aos insultos e escárneos da população, que corria as ruas e assaltava as estações em desenfreada caça aos padres e às freiras...

Em abono da verdade deve dizer-se que era bem extravagante o traje secular de algumas e mais próprio para lhes trair a identidade do que para lha esconder...

Pois não houve uma boa Irmã coadjutora que se lembrou de vestir por cima do hábito um saiote de lã verde e uma blusa de cores vivas — *luxo* dos seus

tempos de rapariga, que restava ainda do enxoval que trouxera da terra — e que rematou o pitoresco trajo pondo na cabeça um lenço garrido?!

E da Superiora de Braga e da sua companheira se conta que, mal puseram os pés na rua, logo o rapazio começou a segui-las, gritando:

— Olha o chapéu *arte-nova*!!

— Olha como aquela leva o chapéu!!

E só então viram, examinando-se discretamente uma à outra, a ridícula figura que faziam!

Levava a mais idosa um *chapéu de rendas, com pingentes de vidrilhos*, passado de moda há um bom quarto de século e que, ora lhe pendia para um lado ora para o outro, por não ter com que o pregar...

A Madre Maria de Aquino — ainda tão juvenil de aspecto, apesar dos 39 feitos — ia de *capota de veludo preto* apertada debaixo do queixo por um laço de fita larga, como só as senhoras de idade usavam naquele tempo. E não reparara a boa Madre — tão precipitada fora a partida — que tinha posto o chapéu... de trás para diante!!

À distância dumas dezenas de anos, fazem-nos sorrir estas peripécias, mas que horas de aflicção não custaram às pobres protagonistas!

De tarde, a Madre Provincial levou ao coro da capela as religiosas que ainda se achavam no Colégio e, entregou-Lhe as suas filhas. Todas choravam alto e, por mais duma vez, a comoção embargou a voz à querida Madre Maria da Eucaristia...

Voltando à sala da Comunidade disse, resoluta e calma:

— *Eu serei a última a sair!*

E foi.

Depois, sentou-se à sua secretária, a distribuir às Irmãs o dinheiro de que necessitavam para a viagem e a dar-lhes as últimas instruções.

Era lancinante a cena, lúgubre o silêncio que reinava na sala e que apenas um ou outro soluço abafado ou o leve sussurro das despedidas vinha entrecortar, de vez em quando.

Pela madrugada, quase todas tinham partido...

\* \* \*

Rompeu o dia 5 de Outubro de 1910.

As comunicações telegráficas tinham sido cortadas e raros foram os comboios que chegaram ao Porto.

Contudo, pela tarde, era voz corrente que já estava implantada, a República em Lisboa, e que a perseguição ao clero e aos religiosos se desencadeara violenta e cruel.

Não quis o Porto ficar atrás em *fervor liberal* e, pela noite, principiavam os desmandos revolucionários...

Pessoas amigas telefonaram a avisar que os assaltos já tinham começado, que abandonassem o Colégio, antes que algum bando de amotinados lá chegasse. Outros, vinham oferecer as suas casas para

refúgio das religiosas, oferecimento de que algumas se aproveitaram, cheias de gratidão <sup>(1)</sup>.

Mas ninguém conseguiu persuadir a Madre Maria da Eucaristia a desamparar o Sacrário, enquanto lá estivesse o Divino Hóspede.

Depois do dia 6, só lá ficaram a acompanhá-la a Madre Maria do Coração de Jesus Mendes, Madre Maria de Néri Barreto e a Irmã Georgina.

Ficaram de atalaia até de madrugada, revezando-se junto a uma janela que dava para a rua. E que alarmes de cada vez que um grupo se aproximava do portão a berrar infames improperios, de mistura com vivas e morras avinhados, ou o canto da «Maria da Fonte»!...

Mas todos recuavam, ao ler na placa de mármore: COLÉGIO INGLÊS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA. E as Irmãs ouviram-nos dizer, furiosos com o inesperado contratempo:

— Que diabo! aqui não se pode entrar, é propriedade inglesa!!

No dia 6, de manhãzinha, veio o Padre Emílio Mullen (o Superior do vizinho Colégio de Santa Maria), celebrar a última Missa e consumir o Santíssimo Sacramento. Para as quatro religiosas, tão

---

(<sup>1</sup>) Tiveram Irmãs deste Colégio hospedadas em suas casas a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> Condessa de Fijó, e os Ex.<sup>mos</sup> Srs. Conde de Alentem, Dr. António de Lencastre (Alentem), Joaquim António Monteiro, José Bernardo Carlos das Neves, Januário de Sousa Barbosa, etc.



sós e desamparadas na cidade revolta, que duro foi este sacrificio e quanto mais desamparadas e sós se sentiram depois, com o Sacrário vazio!...

A tanta preocupação que acabrunhava a pobre Madre Provincial, ajuntava-se também a falta de notícias das filhas dispersas.

Das que estavam perto ainda ia sabendo porque, a miude, o coração as trazia ao Colégio, a matar saudades.

Algumas, até lá passavam dias inteiros, como a Madre Teresa de Jesus Kopke e a Madre Maria do Coração Imaculado Martins. Esta, chegava logo de manhã, carregada com um cesto de provisões que a Mãe — uma santa alma que dera generosamente a Deus esta filha única — mandava para as religiosas. E levava o dia a fazer recados e a atender à porta, como se fora uma criadinha da casa.

A Madre Teresa, ajudava sobretudo na escrituração. Como ambas eram novas e vestiam bem, ninguém as tomava por *freiras*. Entravam e saíam à vontade, sob o olhar benévolo dos guardas, o que lhes dava ensejo de prestar valiosos serviços à Madre Provincial, a qual, por prudência, aparecia pouco a visitas e raras vezes saía, a não ser para a Missa.

Nestes dias trágicos, valeu de muito às religiosas a dedicação de algumas alunas antigas ou de raparigas amigas, que se prestavam a pôr em lugar seguro objectos de valor ou de estimação. Metiam-nos em grandes algibeiras (que a roda das saias disfarçava) ou... na copa dos chapéus (que então se usavam enor-

mes) e assim conseguiam passar as coisas sem excitar desconfianças (1).

Pouco a pouco, as cartas começaram a chegar às mãos da Madre Maria da Eucaristia, trazendo as almeçadas notícias das filhas espalhadas por esse Portugal fora.

Contavam-lhe as peripécias da viagem e o acolhimento recebido; desafogavam no coração da Mãe as mágoas da ausência e o tormento de se sentirem estranhas em meio do mundo, elas que espontânea e amorosamente «se tinham crucificado para o mundo» (2), escolhendo uma vida de recolhimento e sacrifício!

Se acontecia tardarem as notícias, ou lhe constava que alguma das suas religiosas não tinha o necessário amparo espiritual ou material, mandava lá uma das que a acompanhavam e só descansava quando lhe traziam boas notícias, ou quando arranjava a hospedar perto de si esta ou aquela filha que lhe dava cuidados.

Com tal solicitude velou por todas que a Revolução não foi para nenhuma a causa da perda da sua vocação e, uma vez serenada a tempestade, podia

---

(1) Merecem aqui menção pela coragem e perícia com que se desempenharam da *arriscada missão* (por menos houve quem fosse parar à cadeia!) as filhas do Sr. Januário de Sousa Barbosa e as Sr.<sup>as</sup> D. Aurélia Monteiro Marques da Silva e Virgínia Cardoso. Esta última, professou no Instituto com o nome de «Marie de Jésus Hostie».

(2) Aos Gálatas, vi, 14.

repetir, humilde e reconhecida, as palavras do Senhor, na última ceia:

— «Conservei as que me deste e nenhuma delas se perdeu!» (1)

\* \* \*

De vez em quando, a aliviar-lhe o espírito oprimido pelos trágicos sucessos da Revolução, davam-se episódios engraçados.

A Madre Maria de Néri foi um dia encarregada de ir buscar uma religiosa que estava refugiada na quinta dumas tias, lá para os lados de Entre-os-Rios (2). Achando que o seu traje era ridículo e a traía muito, umas senhoras das suas relações ofereceram-lhe um vestido, pentearam-na e puseram-lhe na cabeça um elegante chapéu preto com duas grandes papoilas vermelhas.

O carro da carreira que a viajante tomou, ia cheio de homens engravatados de vermelho — símbolo da sua *inflamada* dedicação pela República! Todo o tempo da viagem, discutiram exaltadamente os recentes acontecimentos políticos e disseram as maiores barbaridades acerca das freiras. E, como nem por

---

(1) S. JOÃO, XVII, 12.

(2) Para a redacção deste capítulo e do seguinte, foram auxílio precioso as notas comunicadas por esta boa Madre, assim como pelas Madres Maria Margarida Moura, Maria do Divino Coração Oliva, Teresa de Jesus Kopke, Maria do Coração Imaculado Martins e Irmãs Natividade, Marta e Emilia.

sombras suspeitassem que ia ali uma, — aquelas papoilas flamantes davam-lhe um ar tão *típicamente republicano!* — metiam conversa com a pobre Madre Maria de Néri. E não tinha esta outro remédio, para desviar suspeitas perigosas, senão fazer que concor dava com eles, esboçando um sinal com a cabeça e um sorriso contrafeito...

Depois de muitas aventuras e duma longa caminhada a pé, consegue dar com a casa onde se encontrava a religiosa que ia buscar.

Mas — ai! dela — aquelas mesmas papoilas, sua salvaguarda na viagem, por pouco não eram agora a sua perdição!...

Bate à porta e pergunta:

— A Sr.<sup>a</sup> D. Maria José Perry?

— Aqui não há nenhuma senhora com esse nome — respondeu, desconfiada, a criada que viera abrir, empurrando-a enérgicamente para fora, sem querer acreditar nos seus protestos de que também era religiosa e vinha ali de mando da Superiora.

Por sorte, ia a passar no corredor a Madre Maria de Jesus. Reconhecendo-lhe a voz, corre para a porta a lançar-se-lhe nos braços!

No dia seguinte, a Madre Maria de Néri entrava, triunfante, em casa, com o chapéu das papoilas vermelhas na cabeça e a Madre Maria de Jesus pela mão!

E assim, entre lágrimas e sorrisos, ia correndo o mês de Outubro de 1910.

Chegaram, por fim, os atribulados dias do arrolamento e da expulsão.

A Madre Maria da Eucaristia e a Madre Maria do Coração de Jesus fecharam-se num quarto, a rezar e a chorar...

Quem acompanhou a comissão, nessa triste tarefa, foi a Madre Maria de Néri, a mais animosa nas ocasiões difíceis.

A Irmã Georgina também andava a ajudar. Alegre e decidida, tinha sempre a resposta na ponta da língua para evadir espiritualmente as perguntas indiscretas que lhe faziam. Andava vestida de cor, com um avental branco e chamavam-lhe «Rosinha» (o seu nome de baptismo).

Tão bem desempenhava o papel de criada, que um dos do arrolamento chegou a dizer-lhe:

— Não sei como a menina quer aqui estar com as freiras. Olhe lá, quanto ganha?

— Isso é com a minha mãe! — responde a Irmã Georgina, sem se desconcertar.

Insiste o homem, muito amável:

— Nova e desembaraçada como a menina é, podia arranjar uma boa casa. Quer que lhe trate disso?

— Muito obrigado, estou contente nesta.

— E para onde vai quando as puserem daqui para fora?

— Vou com a minha Senhora para onde ela for. Não a deixo por nada!

Com efeito, a dedicada Irmã seguia, daí em diante, a Madre Maria da Eucaristia, nos diversos passos da sua vida, e até da sua morte, pois lhe sobreviveu poucos meses...

Terminado o arrolamento, tiveram que entregar as chaves da casa.

Se, para todas as Superiores, foi amarga a dor de abandonar os seus queridos Colégios, mais amarga foi ainda para a Madre Provincial. Encerrar a casa do Porto parecia-lhe que era apagar a viva chama de zelo que o Sagrado Coração de Maria ali tinha acendido, pelas mãos das primeiras Madres vindas da Casa-Mãe!...

Mas o Senhor tocou o coração do Depositário nomeado pelo Governo, um comerciante do Porto chamado Fontoura, pessoa de ideias avançadas mas de índole bondosa. Condescendeu ele em que ficassem três religiosas a habitar, temporariamente, na casa do Asilo <sup>(1)</sup>, a tomar conta dumas crianças que lhes estavam confiadas e não tinham para onde ir.

---

(1) Esta casa ficava anexa ao Colégio mas tinha entrada independente.

E assim, embora «escondida sob o alqueire» (1), a luz manteve-se acesa no Porto, até passar o *vendaval revolucionário!*

Um dos primeiros cuidados da Madre Provincial, ao saber do advento da República, foi velar pela segurança das noviças, enviando-as para casa das suas famílias, enquanto não podiam seguir para Béziers.

Quando a Madre Maria do Coração de Jesus Mendes (a quem pertencia a casa do Noviciado) foi chamada pelas Autoridades a Penafiel, já todas tinham partido e, da Comunidade, restavam apenas as Irmãs Amália e Delfina.

Chegou ao cair da tarde e foi logo submetida a longo e insidioso interrogatório. Como ela se negasse a responder a algumas das suas perguntas, encolerizaram-se e desabridamente a intimaram a sair de casa, sem demora. Era noite cerrada. Então a Madre Maria do Coração de Jesus, firme e digna, declarou que não *sá*ia àquela hora, a não ser que a fossem acompanhar a casa de pessoa de confiança. Lá lhe permitiram, então, que passasse a noite no Colégio.

Receosa de que fizessem algum desacato ao Santíssimo Sacramento, ainda suplicou que, ao menos, a deixassem ficar até se celebrar a última missa na capela do Colégio. Não lho consentiram.

---

(1) S. MATEUS, v, 15.

A casa estava guardada e não havia licença de tirar nada. Para evitar irreverentes curiosidades, as Irmãs levaram horas a queimar livros e papéis.

Pela noite adiante, o Colégio foi apedrejado e os populares pretendiam que era de dentro que tinham começado a atirar-lhes pedras... — Também em Lisboa se haviam servido de idêntico pretexto para justificar o tiroteio do Quelhas, inventando, que os Jesuítas tinham disparado das janelas!

À medida que se aproximava a hora da partida, redobrava a aflição da Madre Maria do Coração de Jesus por ter de deixar Nosso Senhor no Sacrário entregue a gente desvairada e capaz de todas os excessos. Teve pena dela um dos guardas e segredou-lhe, quando ia a sair com a sua companheira <sup>(1)</sup> :

— Vá descansada, minha Irmã, que eu vou chamar um padre para retirar o Santíssimo.

E o bom do homem assim o cumpriu.

Até no período agudo da revolução a nobre cidade de Viseu se manteve hospitaleira para as Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Nenhum distúrbio perturbou a sua saída e puderam retirar do

---

(<sup>1</sup>) Uma das educandas do Asilo do Porto, que viria a professar neste Instituto, com o nome de Irmã Emilia.



Colégio, o que quizeram, antes de se efectuar o arrolamento oficial.

— Querem tirar mais alguma coisa? — perguntou um dos executores à Superiora, antes de proceder ao acto de que o tinham incumbido, bem contra sua vontade.

Uma vez proclamada a república, o Governador Civil, a título de prevenção, mandou dois polícias para a porta do Colégio e as famílias principais puseram as suas casas à disposição das Irmãs, instando para que não se fossem embora.

Na esperança de poder reunir a sua comunidade e reabrir o Colégio logo que abrandasse a excitação política causada pela mudança de regime, a Superiora, Madre Maria do Divino Coração, ainda se demorou algum tempo em Viseu, com várias religiosas, ocupando-se em leccionar particularmente um grupo de antigas alunas.

Eram, outros, porém, os desígnios de Deus. E, enquanto não chegava a hora de retomarem no Estrangeiro a vida de comunidade por que ansiavam, foram recolhendo às suas famílias.

\* \* \*

Já na ida para o Porto, na manhã do dia 4 de Outubro, a Superiora de Braga passara pelo desgosto de ver o hábito desrespeitado. Certo indivíduo mais exaltado ia a levantar sobre ela uma bengala, quando

um cavalheiro conhecido desviou, com uma forte pancada da sua bengala o golpe prestes a cair sobre a religiosa indefesa.

No regresso, os ânimos estavam ainda mais excitados.

Ansiosa por notícias de Lisboa, a multidão comprimia-se nas imediações da estação de S. Bento, prestes a explodir em violenta arruaça, à primeira palavra de ordem.

A custo conseguiram entrar no átrio as duas religiosas e que decepção a sua quando as informaram de que o trânsito estava embaraçado e o comboio partira antes mesmo de chegar à estação!

Esperar ali pelo comboio da noite seria imprudência, mas voltar a pé para o Colégio seria igualmente arriscado. Não sem dificuldade, conseguem arranjar um carro e atravessam a Praça de D. Pedro perseguidas pelos gritos de: «Abaixo a seita negra!»

Uma vez chegada à sua comunidade de Braga, repetiram-se, entre a Madre Maria de Aquino e as suas religiosas, as lúgubres cenas de despedida e debandada que toda a noite se tinham estado a dar na Comunidade do Porto.

«Assombrava verdadeiramente vê-la tranquila mas pálida pelo esforço que fazia, dispondo tudo para a partida dos diversos grupos de religiosas, desagregando lentamente a família a que presidia e que, sob os seus cuidados maternos, vivia tão unida e feliz!

Todas partiam lavadas em lágrimas e ela, só depois de se ter despedido de cada grupo, caía por

vezes desfalecida numa cadeira, chorando como uma criança!» (1)

Por fim, da numerosa comunidade só restavam cinco religiosas a acompanhar a sua querida Superiora: as Madres S. José Pancada, Teresa de Jesus Kopke, Maria da Santa Face Neves e a Irmã Francisca.

Não era tão carregada a atmosfera de Braga como a de outras cidades mais profundamente minadas pela propaganda anti-religiosa, nem ali foi aceite com entusiasmo o novo regime. Apesar disso, a pequenina Comunidade do Campo da Vinha viveu num sobressalto contínuo os dias que se seguiram à implantação da República.

Ao cair da noite, a escumalha da cidade associava-se aos arruaceiros vindos de fora para, em grotesco arremedo das *patrióticas manifestações* da Capital, apedrejarem conventos e residências de monárquicos e insultarem os seus pacíficos moradores.

Foi então que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria, receberam cativantes provas de amizade da parte de algumas famílias mais intimamente relacionadas com o Colégio (2) e, sobretudo, de um pequeno grupo de antigas alunas inexcedíveis de generosidade e dedicação.

---

(1) *Vida edificante da Rev. Madre Maria de Aquino Vieira Ribeiro*, R. S. C. M., Rio de Janeiro, 1938.

(2) Distinguiram-se pela amabilidade com que se prestaram a auxiliar a Comunidade, os Ex.<sup>mas</sup> Srs. Viscondes da Torre.

Muitas portas se teriam gostosamente aberto para as recolher, se a Superiora não estivesse na firme resolução de só abandonar o Colégio quando a isso a forçassem.

Certo dia a Madre Maria de Aquino recebe uma carta infame em que as ameaçavam de todas as violências. Manda chamar a D. Maria de Noronha e conta-lhe a sua aflição <sup>(1)</sup>.

— Não se aflija, minha Madre, eu vou falar com o Governador Civil!

Passa por casa da D. Elvira Cardoso <sup>(2)</sup> e lá vão as duas ao Governo Civil pedir a protecção das autoridades.

Quando os manifestantes chegaram, já estavam de vela, à porta das freirinhas, dois soldados da Guarda Republicana!...

Este primeiro êxito deu ainda mais coragem às duas valorosas senhoras. Antes que o Governo mandasse fazer o arrolamento e selar o Colégio, combina-

---

<sup>(1)</sup> D. Maria de Noronha de Meneses Portugal, antiga aluna do «Colégio Inglês», de Braga, senhora respeitabilíssima que se dedicou até ao heroísmo pelas suas queridas religiosas e a quem devemos muitos pormenores interessantes deste capítulo, assim como do 10.º

<sup>(2)</sup> Foi esta senhora uma das mais intrépidas e sacrificadas amigas que as religiosas tiveram em Braga. Antiga e dedicada aluna, ajudou-as muito na Revolução de 1910 e na reabertura do Colégio, em 1921.

ram guardar em suas casas tudo quanto lhes fosse possível retirar de lá.

Em pleno dia e com inaudita ousadia o despejo da casa começou! Paravam os transeuntes a contemplar a estranha procissão de imagens, mobília, malas e fardos que iam saindo a ombro de homens ou em carroças apinhadas... E os guardas, estupefactos, perguntavam, de cada vez que o desfile recomeçava:

— Mas para onde vai toda esta mobília?

— Para casa da Sr.<sup>a</sup> D. Maria de Noronha!  
— respondiam invariavelmente os carregadores.

Os republicanos andavam furiosos mas assistiam impotentes àquela *escandalosa* infracção às instruções recebidas de Lisboa. Bem queriam eles que as autoridades intervissem mas, como andavam metidas no caso pessoas das mais influentes da terra, aquelas alheavam-se do assunto.

Um dia em que a D. Maria de Noronha, depois de dadas as suas ordens para a arrecadação da mobília, passava perto dum grupo de *carbonários* que estacionava junto ao Colégio, um deles perguntou-lhe, irónicamente:

— Então, Sr.<sup>a</sup> D. Maria, não quer mais nada?!

— Quero, quero! Isto ainda está em princípio. Volte amanhã que tem muito que ver. — E seguiu imperturbável a caminho de casa.

Chegou, por fim, o dia do arrolamento.

A Madre Maria de Aquino appareceu aos delegados do Governo acompanhada pelas Madres S. José e «Sainte Foy» e por algumas senhoras amigas.

Depois de percorrerem várias salas vazias, perguntou um dos cavalheiros para outro, a meia voz:

— Mas de que havemos de fazer o arrolamento?!

— Só se for das teias de aranha!! — respondeu espirituosamente uma das senhoras presentes.

Sorriram todos e a visita decorreu, até ao fim, num ambiente de perfeita cortezia. E conta-se até que um dos delegados (pessoa de representação no partido republicano da terra e que muitas vezes entrara na Capela, quando uma sobrinha andava a educar no Colégio) teve este dito engraçado, ao deparar com os altares vazios de imagens:

— Bem se vê que os Santos eram monárquicos; quando viram o caso mal parado fugiram todos para o Céu!!



No dia 14 de Outubro — a lei era dura mas os executores, apesar de benevolentes, tinham que cumpri-la — lá voltaram a pôr selos nas portas.

Então as religiosas abandonaram para sempre aquela casa tão cheia de saudosas e edificantes recordações... (1).

Como as suas Irmãs de Viseu, também aqui alimentavam a doce ilusão de poderem reabrir o Colégio,

---

(1) O edifício do «Colégio Inglês» foi apropriado para quartel da Guarda Republicana.

noutro edificio. Instalaram-se, portanto, em número de três — como a lei autorizava — na Escola de S. José, que ficava contígua, e as outras duas retiraram para o Porto, onde viviam as famílias.

Mais tarde, mudaram para a Rua das Carvalheiras, para uma casa que lhes cedeu a D. Maria do Patrocínio Queirós (1), e lá continuaram a leccionar um grupinho de alunas externas. Pouco depois, para aceder às reiteradas instâncias de várias famílias, transformaram uma sala em dormitório.

E já as camas branquinhas estavam à espera das novas alunas e já as religiosas imaginavam (sonhos dum zelo ardente que a perseguição não esfriara!) que breve se veriam de novo rodeadas duma alegre e numerosa mocidade, quando lhes entra pela casa dentro o Comissário de Polícia!...

Trazia cara de poucos amigos e, antes de subir, postou dois guardas à porta, com ordem de não deixarem sair ninguém.

Chamada a Madre «Sainte Foy» (que fazia as vezes da Superiora, ausente em França), foi submetida a um interrogatório cerrado e capcioso na presença dum escrivão. Mas a boa Madre não era pessoa para se atrapalhar com a ocorrência! Com a sua proverbial singeleza e vivacidade respondeu como bem lhe pareceu e tirou-se satisfatoriamente de

---

(1) Foi também esta senhora uma das mais generosas e fiéis benfeitoras do Instituto, desde a extinção do Colégio até à sua reabertura.

apuros. A certa altura, apertada com perguntas sobre as lições que davam e o número de alunas que tinham, respondeu:

— Não me consta que haja legislação em contrário!

— Até hoje não, mas vai sair.

E com esta ameaça cruel retirou o Comissário e a sua *comitiva*.

Ao outro dia, o Governo Provisório da República encerrou aquele histórico ano de 1910 com um decreto em que se proibiam as religiosas de ensinar.

Dispersou, então, a pequenina comunidade de Braga — a que mais tempo persistira em esperar contra toda a esperança! — e, com a entrada do novo ano, começou, para as Religiosas do Sagrado Coração de Maria, a dolorosa retirada para o exílio...



21.

*FRUTOS DO EXÍLIO*





## FRUTOS DO EXÍLIO

«**H**á males que vêm por bens», diz um adágio popular de sabor muito evangélico. O exílio imposto em Portugal aos religiosos pelo Governo Provisório da República foi o *meio providencial* de realizarem novas fundações em país estrangeiro. «Quando vos perseguirem numa cidade, fugi para outra»<sup>(1)</sup>, ensinou o Mestre, há bons vinte séculos.

Assim fizeram as religiosas do Sagrado Coração de Maria e, ao contemplar, hoje, a florescente Província do Brasil, acode-nos, espontânea, esta interrogação: se o vendaval revolucionário de 1910 as não tivesse arrancado de Portugal, existiriam hoje esses grandes Colégios e estaria o Noviciado povoado de vocações brasileiras, fundamento esperançoso do cres-

---

(1) S. MATEUS, x, 23.

cente desenvolvimento do Instituto, nessa progressiva Nação?

Na verdade, «há males que vêm por bens»!



As Irmãs de nacionalidade estrangeira foram as primeiras a embarcar para as suas terras. Em casa de família amiga, estiveram algumas recolhidas no Porto, até à hora da partida.

O chefe desta respeitável família <sup>(1)</sup>, com magnanimidade que fazia lembrar a do pai de Santa Teresa de Lisieux, dera quatro de suas filhas para o serviço de Deus, no Instituto do Sagrado Coração de Maria. Êmulo de Monsieur Martin, na piedade e na virtude — por interessante coincidência até no físico se assemelhavam! — deixou memória de santo entre todos os que o conheceram.

Tido e havido por católico fervoroso e adepto entusiasta do partido nacionalista <sup>(2)</sup>, sofreu, só por este facto, não poucos dissabores.

Duma vez, correu o boato de que tinha escondido

---

<sup>(1)</sup> Chamava-se José Bernardo Carlos das Neves e sua virtuosa esposa D. Adelaide de Carvalho Neves.

<sup>(2)</sup> Fundado depois da crise religiosa de 1901 para servir os interesses na Nação, bem servindo também os da Igreja, este partido teve nas suas fileiras pessoas de elevada categoria social e notável mérito.

em casa o P. Luís de Gonzaga Cabral, Provincial dos Jesuítas...

Para se certificarem da verdade, dão-lhe voz de prisão e, depois de o sujeitarem a interrogatórios, no Governo Civil, conduzem-no de carruagem à sua residência, sob a guarda de polícias e na companhia dum importante vulto republicano. Pelo caminho, conversa amistosamente com o seu companheiro e, a certa altura, sai-se com esta pergunta:

— Diga-me uma coisa, Sr. Doutor, o decreto proíbe que estejam mais do que três religiosas a viver na mesma casa. Ora eu tenho quatro filhas freiras. O que hei-de fazer à quarta? Não a posso pôr na rua!

— O Dr. Afonso Costa não previu este caso...  
— respondeu evasivamente o seu interlocutor.

Daí a horas, o *preso*, provado que foi que a sua casa não era *couto de Jesuítas*, foi mandado em liberdade. Quanto à *ilegal* comunidade, lá continuou tranquilamente no lar paterno, até que, uma a uma, as quatro irmãs foram partindo para o exílio.

Pelos meados de Outubro, as religiosas irlandesas receberam aviso do Consulado inglês para embarcarem num vapor de carga que estava atracado no Douro. Já iam na lancha para bordo, quando ouviram berrar do cais:

— Virem para terra! São umas ricas estas parasitas. Se calhar, as malas vão carregadas de jóias...

Amarga desilusão esperava o *zeloso* guarda-fiscal!...

Precisamente a mala que ele mandou abrir primeiro, era a de Madre «Saint Augustin» (a *santa* como a chamavam as meninas), religiosa de exemplar pobreza e desprendimento, que apenas levava para a sua terra uns velhos livros de reza e roupas puídas por longo uso — toda a sua fortuna!

• \* •

Como era natural, chegaram da Casa-Mãe os primeiros oferecimentos de abrigo às religiosas perseguidas. A Superiora Geral era, ao tempo, a Madre Santa Constança Farret.

Logo que a notícia da revolução chegou aos Estados Unidos, pega da pena a Madre Maria José Butler e escreve longa carta para uma família amiga, pedindo para transmitirem à Madre Maria da Eucaristia (cujo paradeiro ignorava) um recado em que se revela o seu compassivo coração: dizia que não pudera dormir em toda a noite a pensar na tribulação que afligira as suas irmãs de Portugal e punha à sua disposição o Colégio de *Marymount*, fundado havia 3 anos. Lembrava também que fossem para a América do Norte, pois havia lá colónias de portugueses, onde poderiam exercer o apostolado e o ensino.

Se não foi seguido este último alvitre — o Brasil, país irmão pela origem e pela língua, oferecia mais facilidades às foragidas — foi, todavia, com muito reconhecimento que a Madre Maria da Eucaristia

aceitou, para algumas religiosas, a hospedagem oferecida pela Madre Maria José (¹).

Pelos fins desse calamitoso ano de 1910, a Madre Provincial — impedida de corresponder livremente com a Madre Geral, por causa da censura que o Governo fazia a toda a correspondência estrangeira — resolve ir a França. Jornada de penitência, sobretudo da fronteira para lá (só quem o experimentou poderá avaliar o que era, há 30 anos, uma viagem em *terceira*, num comboio espanhol!).

Em Lourdes, encontraram o P. Alexandre Faria de Barros, ex-director do Colégio de Campolide (muito combalido ainda dos maus tratos sofridos na revolução) e o P. Joaquim dos Santos Abranches.

Depois de conferenciar com a Madre Geral sobre os graves acontecimentos que tinham desmoronado a sua «Província» dum dia para o outro, dá-se pressa em regressar ao Porto.

A situação religiosa do país, longe de melhorar, agravara-se ainda, durante a sua ausência. Os decretos sucediam-se aos decretos, numa vertiginosa carreira, sapando cada vez mais profundamente os fundamentos da Igreja e da Família, na velha e fidelíssima Nação que devia ao Cristianismo as suas maiores glórias!

---

(¹) Foram para os E. U. as Madres Maria Alacoque Gerales e «Marie Ferdinand» de Paiva; Maria da Assunção e Maria de S. Salvador de Brito (estas duas, irmãs de sangue).

Perdidas as esperanças de poderem dar-se, em Portugal, a sua missão de educadoras (de Governo tão sectário que havia a esperar?...), a Madre Provincial volta à Casa-Mãe, a submeter ao Conselho Geral o projecto duma fundação no Brasil. Desta vez, leva consigo a Madre Maria de Aquino, que andava empenhadíssima na realização desse projecto.

Na ida para Béziers, param em Lourdes, a buscar luz e conforto junto de Maria Imaculada.

— *Minha Mãe, para reunir a minha Comunidade dispersa, ofereço-me a todos os sacrifícios!* — suplica, num grito de fé ardente, a jovem Superiora de Braga.

Lá longe, em Portugal, as religiosas, alvoroçadas pela esperança de tornarem a juntar-se, rezavam fervorosamente pela mesma intenção.

Hesitava a Madre Santa Constança em conceder a autorização pedida, parecendo-lhe aventura arriscada uma fundação tão repentinamente planeada e efectuada, em país distante como o Brasil...

Por fim, pesou tanto, nas balanças do Céu, a oração e o sacrifício das generosas Superiores e de suas aflitas súbditas — dispostas a afrontar as privações e incertezas do desterro, a fim de observarem em comum a sua Regra — que a graça desejada foi concedida.



— *Coragem, minhas filhas, nós nos reuniremos outra vez!* pôde escrever a Superiora do Colégio de Braga às suas religiosas, no regresso de França.

No dia 21 de Fevereiro de 1911, a Madre Maria da Eucaristia acompanhava a bordo do «Cap Vert» as três fundadoras da «Província» do Brasil: a Madre Maria de Aquino, a Madre Maria de Assis e a Madre «Sainte Foy».

E, quando o barco estava para levantar ferro, deixa-lhes, como último adeus, a sua bênção e estas lindas palavras de despedida:

— *Vão das Terras de Santa Maria às Terras de Santa Cruz levar o Sagrado Coração de Maria!*

Daí a semanas, embarcavam mais quatro religiosas para o Rio de Janeiro. A seguir, um grupo de dez.

Foram tão grandes as tribulações que lá encontraram e tão numerosos os obstáculos que tiveram que superar para lá se estabelecerem, que a Madre Maria de Aquino dizia, ao recordar o passado:

— Na República e primeiros anos no Brasil, chorei tanto que se me secou a fonte das lágrimas. Agora, posso suportar tudo, nem uma só me cai dos olhos...

Deus tinha aceitado a generosa oferta que, pelas mãos de Nossa Senhora, lhe fizera em Lourdes!

Após várias tentativas infrutíferas, fixam-se, ao mesmo tempo, no Rio e em Ubá (Minas Gerais).

Em 1919, a Madre Maria de Aquino volta à Europa, para assistir ao Capítulo Geral. No regresso ao Brasil, acompanha-a uma religiosa portuguesa, que viria a ser a sua mais activa e dedicada colaboradora, na laboriosa tarefa que empreendera em prol da educação cristã da juventude feminina do Brasil.

A nomeação da Madre Inês de Jesus Soares Teixeira para Superiora do Rio causou sensação na Comunidade. Parecia tão franzina e juvenil!

Não tardariam, porém, a reconhecer as qualidades de governo com que Deus a tinha dotado e que melhor resplandeceriam durante os períodos em que esteve Provincial.

A partir de 1925, a expansão do Instituto, naquele grande país, toma um ritmo cada vez mais acelerado. Os colégios de Belo Horizonte, S. Paulo e Vitória vêm rivalizar com as primeiras fundações, agora em plena prosperidade.

Não cabe, porém, nos limites deste capítulo, a consoladora história da «Província» brasileira, nem esta curta referência exalta condignamente a memória das fundadoras, mas o que fica dito já deixa entrever alguns dos copiosos *frutos do exílio*, no Brasil.

Ao despedir-se das viajantes, no tombadilho do «Cap Vert», a Madre Maria da Eucaristia tinha-lhes dito:

— Eu também vou em breve.

E foi, de facto, mas a ela a Providência encaminhou-lhe os passos para a vizinha Espanha...

Para muitas das suas religiosas, já tinha encontrado abrigo em Comunidades de França, de Inglaterra e das Américas. Mas que destino dar às velhinhas e às doentes, para quem seria sacrificio superior às suas forças a longa viagem e a mudança de clima?

Esta foi a principal razão que levou a Madre Provincial a abandonar o seu primeiro plano e a optar por Tuy.

. . .

Nas margens do rio Minho, fronteiras uma à outra, levantam-se duas pequenas cidades: Valença e Tuy.

Dum lado, Portugal; do outro, Espanha. A separá-las, a ponte Internacional.

Esta proximidade dos dois países e as possibilidades de vida económica que o câmbio então oferecia aos portugueses, mereceu a Tuy as preferências de grande número de exilados políticos.

Quando a Madre Maria da Eucaristia resolveu recolher-se ali com as Irmãs que ainda se achavam dispersas, já lá estavam os Jesuítas, os Franciscanos e várias congregações femininas, e difícil lhe foi encontrar onde instalar-se, tão apinhada de refugiados se encontrava a cidade.

Por fim, apareceu uma casita dentro duma quinta, a meia encosta duma colina, nos arredores de Tuy.

No dia 5 de Abril de 1911, chegava o primeiro grupo: a Madre Provincial, Madre Maria de Néri Barretc, Madre Maria do Crucifixo Oliva e Irmã Ambrosina. Ao entrar em casa, deparam com uma cena que as comove: umas senhoras amigas — companheiras no doloroso exílio que a intransigência do novo regime impunha a tantas das melhores famílias de Portugal! — enchiam de palha quatro pobres enxergas para as recém-chegadas... Se, às enxergas, ajuntarmos 1 cama e 1 cadeira, teremos o inventário completo do mobiliário que lá encontraram.

Eram as malas que serviam de banco, de mesa ou de secretária, conforme a necessidade do momento. Rodeava-lhes o rústico conventinho uma quinta onde havia abundância de hortalíça e de fruta; mas o dono não as autorizava a tocar em nada...

À medida que iam chegando mais Irmãs, os cuidados materiais multiplicavam-se aflitivamente. Já ia no fundo uma *saquinha de libras* que a Condessa de Alentém dera em tempos à filha, «para alguma aflicção», mal sonhando a generosa senhora para que tremendas provas estava reservada a querida Madre Maria da Eucaristia!...

Já não cabiam todas na primeira casa; foi preciso alugar outra ali perto. Como os escassos recursos não davam para comprar mais camas, o remédio era deitarem-se sobre palha e cobrirem-se com os poucos cobertores que havia.

Para cozinhar, iam ao monte apanhar gravetos, pinhas e caruma. De raro em raro, compravam uns

toros de lenha. Era uma festa em casa! Com esses cepos, improvisava, cada uma, um banco jeitoso para se sentar. O pior é que, quando a lenha se acabava na cozinha, os bancos iam-se sumindo no lume e, num instante, desaparecia toda a *mobília*...



Penosas como eram todas estas privações, não eram elas contudo o que mais lhes custava mas sim a falta de trabalho. Habitadas a levar uma vida muito ocupada, em colégios cheios de vida e movimento, pesava-lhes muito a inactividade imposta pelas actuais circunstâncias.

Quando, porém, se soube que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria estavam tão perto da fronteira, os pais das antigas alunas começaram a pedir que se abrisse ali um Colégio. Esses pedidos vinham ao encontro dos mais vivos desejos das Irmãs. Anima-se, então, a Madre Maria da Eucaristia a partir uma vez mais para a Casa-Mãe e, obtida a necessária autorização, mete mãos à empresa.

Passam, então, para a *Calle del Obispo Lago*, para uma casa mais espaçosa e central, situada mesmo à beira do rio Minho. Das janelas do Colégio, gozavam de formosíssima vista para os lados de Portugal, o que lhes dava quase a ilusão de estarem a viver em chão pátrio. O quintal era grande, todo aos socalcos pelo outeiro acima, com parreiras a engrinaldar os carreiros que o cruzavam de alto abaixo.

Aberto finalmente o Colégio, em 1912, tiveram a consolação de o ver encher-se rapidamente. Dentro em pouco, já não cabiam nesta casa — passavam de sessenta, só as alunas internas portuguesas — e foram alugando mais quatro, nas imediações. Tinham as aulas, refeitório e capela numa casa, e os dormitórios nas outras.

Os estudos estavam quanto possível organizados segundo o plano que, antes da República, adoptavam. Os exames oficiais vinham fazê-los a Portugal.

Nem faltava a festa tradicional, a encerrar o ano. Raras eram as famílias que a ela podiam assistir, porque lhes exigiam passaporte na fronteira, mas vinham o Bispo de Tuy, alguns sacerdotes e muitos exilados políticos, — pessoas da mais alta distinção alguns deles — e que, de lá, voltavam com as saudades mitigadas, porque tinham encontrado um pedacinho da Pátria no convívio com as religiosas e suas educandas.

Só Deus sabe os sacrifícios que este Colégio custou à abnegada Comunidade de Tuy! Enquanto o câmbio esteve favorável, as pensões das alunas iam dando para a despesa. A certa altura, porém, começou a subir assustadoramente: a *peseta* que, em 1911, valia 20 centavos, passou a comprar-se a 6 escudos — *trinta vezes mais cara!*...

Foram anos de verdadeira angústia para a Madre Maria da Eucaristia e de duríssimas privações para as religiosas. Todavia, tão ciosamente guardavam para si os sacrifícios, a fim de os pouparem às alunas,

que estas mal se apercebiam das dificuldades da situação, levando uma vida despreocupada e alegre. Hoje, interrogadas sobre o tempo de Tuy, afiançam que dele conservam as melhores e mais saudosas recordações.

\*  
•      •

Um outro sacrifício com que não contavam as religiosas, ao transporem a ponte que as punha ao abrigo da perseguição religiosa, foi a proibição de usar o hábito, mesmo dentro de suas casas...

Vendo o Prelado a cidade invadida por tantas Comunidades portuguesas e temendo as consequências que daí podiam advir-lhe (estava ainda em vigor uma lei que restringia a admissão de religiosos estrangeiros) impôs-lhes esta condição, ao recebê-los na sua diocese. Só anos mais tarde — e já sob o governo doutro Bispo — lhes foi permitido enfim o porte do hábito.

Tantos cuidados e privações abalaram sèriamente a saúde da Mãe Maria da Eucaristia e, por diversas vezes, correu grave risco a sua vida. Deus queria, porém, que, depois de tanto ter sofrido na revolução e no exílio, tomasse parte no ressurgimento da sua Província, e foi-lhe prolongando a preciosa existência.

Apesar da precária saúde, não abrandava no exercício da mortificação. Tinham que lhe esconder os instrumentos de penitência porque, nem mesmo na doença, se dispensava de os usar. Nunca a enfer-

meira conseguiu que ela bebesse às refeições, nas sextas-feiras, e procurava mortificar-se de muitas outras maneiras, escondendo quanto podia aos olhos das Irmãs esses actos de mortificação.

A Comunidade era pobre e o dinheiro mal chegava para o necessário. Felizmente, a quinta dava bastante fruta e, no tempo dos morangos, levavam, às vezes, à doente, um pratinho deles preparados com açúcar. Mas, se acontecia entrar-lhe no quarto alguma das Irmãs que tinham ido às compras a Valença, a Madre Maria da Eucaristia mandava-lhe comer os morangos que lhe tinham trazido. E não havia remédio senão obedecer! Mostrava a bondosa Madre tão grande contentamento por poder minorar o cansaço e a sede da Irmã, com o mimo que lhe oferecia, que esta ficava tão confusa quanto reconhecida.

Da sua caridade se contam outras delicadezas encantadoras:

Se ouvia a sua enfermeira tossir, de noite, levantava-se para lhe ir pôr um dos cobertores da própria cama. Outras vezes, ia dar-lhe fricções de álcool.

Mostrava-se muito grata por tudo o que lhe faziam e temia sempre dar muito trabalho, sendo, por vezes, necessário adivinhar-lhe os desejos, tanto lhe custava incomodar as Irmãs que a tratavam nas suas longas doenças.



Com a vida de Comunidade reorganizada e o Colégio cheio de alunas, bem podiam dar-se por felizes as exiladas da *Calle del Obispo Lago*.

Eram, porém, tão lamentáveis as notícias que vinham de Portugal, acerca da vida religiosa da Nação, que viviam em permanentes cuidados.

Raro era o dia «em que se não registavam assaltos aos templos, violências contra os párocos, bombas e tiros nas cerimónias cultuais e assembleias de propaganda católica, sem contar com o elevado número de sacerdotes que povoavam os presídios, vexados e escarnecidos, a pretexto geralmente de que faziam propaganda monárquica.»<sup>(1)</sup>

Expulsos os religiosos e tolhidos no exercício do seu ministério os sacerdotes seculares mais fervorosos, os fiéis não podiam deixar de sentir escassez de recursos espirituais. E, por este motivo, não obstante as dificuldades da passagem na fronteira, eram muitas as pessoas piedosas que vinham procurá-los a Tuy.

As religiosas retomaram, então, o antigo costume de promover retiros anuais para senhoras.

Estavam exilados em Espanha alguns dos melhores prégadores da Companhia de Jesus e estes eram os conferentes habitualmente convidados para dar os exercícios espirituais no Colégio. De ano para ano

---

(1) COSTA BROCHADO, *ob. cit.*, pág. 104.

mais concorridos, o bem que neles se fez às almas deve ter sido um dos mais consoladores *frutos do exílio*, colhidos em Tuy.

Sob o aspecto político, não era menos desolador o panorama da Nação, do que sob o aspecto religioso.

Os republicanos, fraccionados em partidos, guerrevam-se violentamente. Vivia-se em continuo alarme, entre uma revolução e outra. «Quatro anos após a proclamação da República, a situação do país era de tal modo grave sob o ponto de vista da ordem pública, que tudo indicava as vésperas de uma terrível guerra civil.»<sup>(1)</sup>

Os monárquicos, organizavam bandos armados, em Espanha, e tentavam incursões através das fronteiras do Norte. Não obstante o entusiasmo e o denodo com que se batiam, e o Chefe prestigioso que os comandava — Paiva Couceiro, pela sua bravura e inteireza de carácter, ficou na História como figura lendária — foram sempre repelidos pelas forças do Governo.

Não conspiravam menos activamente os correligionários de aquém-fronteiras e os seus esforços conjuntos, obtiveram o efêmero triunfo de 19 de Janeiro de 1919: uma monarquia que durou... 24 dias!

É fácil de compreender a ansiedade com que as religiosas exiladas seguiam as diversas fases duma

---

(1) COSTA BROCHADO, *ob. cit.*, pág. 104.

luta da qual lhes parecia que estava dependente o seu regresso à Pátria, e a decepção que estes insucessos lhes causavam!



Entretanto, como «luz sob o alqueire», mantinha-se, no Porto, um grupo pequenino de Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

Por excepcional privilégio, o Depositário do «Colégio Inglês» (1) não só as deixava utilizar parte do edifício, mas até lhes permitia que colhessem hortaliça e fruta na quinta, regalia de que ainda ficaram a gozar alguns anos depois de saírem da casa do Largo do Coronel Pacheco.

Ora, num daqueles períodos de agitação política a que fizemos referência, foi necessário comunicar com a Madre Maria da Eucaristia. Como o correio para Espanha não oferecia suficientes garantias de discrição, devido à censura, a Superiora resolve mandar a Tuy a Irmã Cristina, que era forte e destemida.

Entrega-lhe um cesto com peras (as cartas iam no fundo...) e dá-lhe dinheiro para a viagem.

Revistada na fronteira de Valença, apanham-lhe as cartas e é logo recambiada para o Porto, debaixo de prisão. (Andavam as imaginações tão excitadas

---

(1) Ver cap. 20, pág. 336.

que, na mais inofensiva correspondência, viam *tenebrosos planos de conspiração!!*)

A pobre Irmã lá ficou algum tempo na cadeia do Aljube; e a Comunidade e as pequenas do Asilo tiveram a casa guardada por polícia e estiveram uns dias *incomunicáveis*, privadas de Missa e de Sacramentos.

Veio, por fim, uma carruagem fechada buscar a Superiora, Madre Maria do Coração de Jesus, que lá foi, com a Irmã Natividade, a prestar declarações ao tribunal.

Foi-lhes fácil provar que não estavam implicadas no movimento monárquico e acabou tudo bem.

Só as peras é que nunca chegaram a Tuy...

Em 1912, chegou ordem de Lisboa para as Irmãs retirarem do Colégio. Alugaram casa na Rua de Cedofeita e lá ficaram perto de 5 anos. De 1917 a 1926 viveram na Rua dos Bragas. Era de aparência modesta a casa, mas tinha bastantes cómodos e avistava-se de lá o saudoso «Colégio Inglês» e a sua cerca.

Além das crianças pobres a quem ensinavam instrução primária e labores, também davam hospedagem a algumas estudantes do Liceu e da Escola Normal.

Por muitos anos, lá foi Superiora a bondosa Madre Maria da Ascensão Miranda e, nessa cidade do Porto onde era tão conhecida e estimada por sua virtude e feito prestável, falecia santamente em 31 de Março de 1945.

À custa de muitos sacrifícios, de não poucos perigos e de uma vida de incessante trabalho, puderam as abnegadas religiosas da Comunidade da Rua dos Bragas ajudar muito as suas Irmãs exiladas, até se abrir em Portugal o primeiro Colégio do Sagrado Coração de Maria, após a República.

Durante a estada em Tuy, mais se evidenciou ainda o espírito de pobreza e de desprendimento da Madre Maria da Eucaristia. E, se já em Viseu e no Porto, quando as circunstâncias lhe permitiam gozar daquele mínimo de conforto que a Regra autoriza, ela era tão austera consigo, em Tuy, o seu amor à pobreza tocou as raias do heroísmo.

O quarto desta grande Superiora — grande pela virtude bem mais do que pela nobreza do sangue — era despido e pobre como o da mais humilde de suas súbditas. Sobre a escrivaninha de pinho, toscamente pintada, um crucifixo pequeno e de bem pouco valor artístico. Tinha pregado na peanha uma estampazinha de papel representando Nossa Senhora. Nas paredes nuas, só se via um «Agnus Dei» e um quadro de Santa Teresinha, a quem tinha muita devoção (corria até entre a Comunidade que lhe tinha aparecido, numa das suas doenças).

Tudo lhe parecia de mais para ela. Estava sempre a dar a roupa e agasalhos do seu uso e, se lhe

traziam sobremesa, era frequente mandá-la levar a alguma Irmã doente ou velhinha, como se os seus achaques e a sua idade não justificassem de sobra um ou outro mimo que a enfermeira fazia por lhe proporcionar.

Com tais exemplos estimulava as suas religiosas a levarem generosamente os sacrifícios do exílio.

Da sua piedade e fervor falam também com encarecimento todas as contemporâneas.

Devotíssima do Sagrado Coração de Jesus, foi sempre fiel à *Hora Santa*, nas Quintas-feiras, das 11 à meia-noite. Se o estado de saúde não lhe permitia ir à capela, fazia-a mesmo deitada.

Pelos fins da vida, quando já muito gasta pelas doenças e pelo sofrimento, não podia muitas vezes assistir à Missa, traziam-lhe Nosso Senhor ao quarto. Nesses dias, a acção de graças era interminável. Acabada a Missa da Comunidade, a enfermeira vinha à porta, uma e outra vez, e ela recolhida em oração. Se a Irmã ousava lembrar-lhe o almoço, sem levantar os olhos, respondia:

— *Estou a ouvir Missa!* — e, com um aceno, despedia-a.

Não raro tinha que intervir a sua dedicada secretária, a Madre Teresa de Jesus. Chegava junto da cama e, com o seu jeito alegre e carinhoso, perguntava:

— Ó minha Mãe, então essas Missas nunca mais acabam?...

Sorria, então, a doentinha e resignava-se a interromper a longa e íntima conversa com o Amigo Divino que recebera na Comunhão.

Nem a perseguição nem o exílio conseguiram apagar nas almas o desejo de viver uma vida mais alta, no estado religioso. Em 1917, a Madre Maria da Eucaristia tinha a consolação de abrir o Noviciado de Tuy, com cinco postulantes, entregando a sua direcção à Madre Inês de Jesus.

No dia de Todos os Santos, havia a primeira Tomada de Hábito e, até à festa da Imaculada Conceição, entravam outras quatro postulantes (1).

Além da Casa do Noviciado, havia, anexa ao Colégio, uma outra casa para as Irmãs idosas ou doentes.

Quantas, exaustas pelos trabalhos e privações, lá ficaram no cemitério de Tuy a dar testemunho da máxima evangélica: «se o grão de trigo que cai na terra morrer, produz muito fruto.» (2)

Sofreram com tanto amor e resignação e foram

---

(1) Pertenciam à geração de 1917 as Madres Maria da Conceição Osório (Almeidinha), Maria das Cinco Chagas Peixoto e Maria de Chantal Carvalhaes.

(2) S. João, XII, 24 e 25.

tão generosas na aceitação da morte, que o seu holocausto, oferecido pelo resgate da Pátria querida, decerto terá apressado a regeneração de Portugal.

Quando lá abriram os primeiros Colégios, começaram a diminuir as alunas em Tuy, como era natural. No entanto, o Colégio manteve-se aberto até que saíram de Espanha porque, quando as últimas internas portuguesas passaram para Espinho e Braga, continuou o externato para crianças espanholas, que já existia há anos.

As dificuldades causadas pela subida do câmbio foram sempre aflitiva prova para a Superiora e meritória penitência para as Irmãs encarregadas das compras. Como os preços em Espanha eram inabordáveis para a sua magra bolsa, tinham que ir fazê-las à vizinha cidade de Valença.

Ora os gêneros alimentícios eram considerados contrabando e havia rigorosa fiscalização, tanto na fronteira portuguesa, como na espanhola. Por isso as Irmãs precisavam de inteligência, sangue-frio e desembaraço para bem se desempenharem de tão difícil missão. Ocasões havia em passavam sem novidade na alfândega de Valença e vinham naufragar na alfândega de Tuy... E de nada valiam rogos e lágrimas, se tinham a pouca sorte de dar com um «carabineiro» (1) duro e exigente: apreendia-lhes tudo o que traziam!

---

(1) Guarda-fiscal.



Quando se tratava da passagem das religiosas que iam ou vinham de Portugal, quantas dificuldades a vencer e quantas desconfianças a dissipar por causa da bagagem e da correspondência que levavam.

A ponte de Tuy! Davam matéria abundante para um livro os episódios interessantes que lá se passaram e que decerto estarão inscritos nos registos da Eternidade, pelos sacrifícios heróicos que representam

A partir de 1920, a Madre Maria da Eucaristia começa a passar temporadas nos novos Colégios de Portugal. Contudo, as suas preferências vão para a casa pequena e pobre de Tuy, para onde a Comunidade e o Noviciado se tinham transferido desde que a antiga senhoria as pusera fora de casa da *Calle del Obispo Lago*.

Alma de oração, gostava de fugir, de vez em quando, ao bulício dos Colégios e de vir acolher-se àquele remanso de paz. «À força de viver em trato íntimo e contínuo com o seu Deus, tornara-se-lhe como que *natural* tudo ver e julgar *sobrenaturalmente*.

O exterior revelava a intensidade da vida interior. Se era impressionante o seu recolhimento durante a oração, não o era menos durante a acção: em meio de trabalhos absorventes e nas longas horas que dedicava à correspondência, quantas e quantas vezes levantava os olhos para o crucifixo que tinha na frente

e, a meia voz, desafojava o coração com estas e outras exclamações ferventes:

— Ó Jesus, sede para mim Jesus! Ó Jesus amor!!» (1)

A Madre Maria da Eucaristia guardava tal reserva sobre as suas relações íntimas com Deus, que seria difícil saber-se o grau que atingiu a sua oração. No entanto, a julgar por alguns sinais exteriores, fica-se com a impressão de que a tinha muito elevada.

Uma Irmã precisou um dia de lhe dar um recado urgente. Bate à porta várias vezes sem obter resposta e resolve entreabri-la, para se certificar se está ausente do quarto. De joelhos, junto à escrivaninha, com as mãos postas e o rosto inflamado, a fervorosa Madre parecia perdida em êxtase...

Tomada por irreprimível sentimento de reverência, a Irmã retira-se sem se atrever a falar-lhe. Casos idênticos foram presenciados por outras Irmãs.

Também se deram factos na sua vida que deixaram a Comunidade persuadida de que a veneranda Madre fora avisada, de modo sobrenatural, da partida de almas queridas para a Eternidade, ou de acontecimentos futuros.

Antes que lho participassem, soube da morte inesperada da Irmã Vitorina, e o mesmo aconteceu quando do falecimento de seu irmão Cristóvão.

Em 1930, tendo instado com a Madre Geral para

---

(1) *A obra mais bela*, Lisboa, 1945, págs. 80 e 81.

ser aliviada do cargo de Superiora Provincial, foi nomeada para a substituir a Madre Maria do Coração Imaculado Martins.

No ano seguinte, davam-se em Espanha os graves acontecimentos políticos que determinaram o terror vermelho. Nessa ocasião, a Madre Maria da Eucaristia estava tão gravemente doente que a Madre Provincial proibira as Irmãs de a informarem do que se passava, pois a menor comoção podia ser-lhe fatal.

Um dia, porém, a doentinha manda-a chamar a toda a pressa e diz-lhe:

— Está a revolução em Espanha. Ponham o Noviciado a salvo, que as coisas estão muito más!

— Mas quem lho disse, minha Madre? — pergunta, admirada, a Madre Provincial.

— Ninguém mo disse mas *eu sei*.

Pouco tempo depois, começavam os incêndios aos conventos e igrejas, nas regiões de Espanha onde os *Vermelhos* já imperavam. A Tuy, não tinham ainda chegado os efeitos da perseguição religiosa, mas vivia-se numa atmosfera de ameaças e de terror e a prudência aconselhava a mudança para lugar mais seguro.

Repetiu-se a debandada de 1910.

Desta vez, porém, era a terras de Portugal que as religiosas — e não só as portuguesas, como as espanholas — iam buscar guarida!

O estado da querida Madre Maria da Eucaristia inspirava tão sérios cuidados, que teve que fazer a viagem para Braga em auto-maca, acompanhada pelo médico deste Colégio <sup>(1)</sup>, pela Madre Provincial e a enfermeira.

Foi duríssimo sacrifício para o seu coração abandonar aquela casa onde tanto tinha sofrido e onde tão grandes graças recebera.

Pouco mais tempo viveria.

A 21 de Junho de 1931, apagava-se na terra a luz suave da sua virtude, para brilhar no Céu dessa «*luz eterna que alumia os santos por toda a Eternidade!*» <sup>(2)</sup>

Antes de 1910, eram *quatro* as casas das Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

A revolução desterra-as, despoja-as de tudo mas hoje — benditos *frutos do exílio!* — a expansão do Instituto vai em progressão alentadora, e as casas abertas em Portugal triplicaram.

---

<sup>(1)</sup> Dr. Jacinto Torres, distinto clínico de Braga, que se desvelou no tratamento da doente, por quem manifestava profunda veneração.

<sup>(2)</sup> Missa dos Fiéis Defuntos, antifona da comunhão.

22.

NESSA HORA DE GRAÇA...





## 22.

### NESSA HORA DE GRAÇA...

**T**angeu o sino ao longe, para a Missa do meio-dia. Súbitamente, aquela Serra bravia e árida tomava tais encantos que faziam crer que o Céu se avizinhava da Terra...

Até a urze rasteira e o rude sargaço, a giesta agreste e a tristonha carrasqueira, as mesmas pedras geladas e toscas, tudo cintilava imerso em luz deslumbradora: um mar de oiro e pedrarias!

.....  
Nessa HORA DE GRAÇA, chegou a Fátima Nossa Senhora...

A História de Portugal, nos últimos trinta anos, só se entende quando se lê à claridade sobrenatural desta *visita salvadora* da Padroeira ao Seu Reino, no ano do Senhor de 1917.

Foi a 13 de Outubro a última Aparição. Mal haviam passado dois meses, triunfava em Lisboa — na festa da Senhora da Conceição! — essa revolução nacionalista chefiada por Sidónio Pais, que iria dar princípio à pacificação política e religiosa do país, não obstante a brevidade do seu consulado, prematuramente interrompido por tão pranteada e trágica morte.

Ante o pasmo e o escândalo da Europa, a vida política da Nação volta ao anterior regime das violências, das greves, das revoluções...

Todavia, da obra ingente de Sidónio Pais nem tudo perece e, se a Igreja não goza ainda da liberdade tão justamente ansiada pelos católicos, vai-se entrando, pouco a pouco, em situação de maior tolerância religiosa.

Alguns Institutos religiosos femininos aproveitaram então o ensejo para retomarem, mais ou menos ocultamente, as suas antigas actividades apostólicas. Uma das mais urgentes era a obra da educação e, em 1920, a Madre Maria da Eucaristia deixa-se tentar por instâncias vindas de Portugal e resolve aceitar a fundação que lhe propõem em Espinho.

E foi assim que, um belo dia, — a data não a regista a história, mas que importa? era no *Mês de Maria* e a casa destinada ao Colégio ficava à sombra da Igreja de *Nossa Senhora da Ajuda* — apeavam-se, naquela Praia, três religiosas vindas de Tuy: a Madre Maria do Sacrário Godinho e as Irmãs Vicentina e Ambrosina.



Trajavam à secular e de cor. Ninguém as reconheceu.

À porta da estação, um enxame de garotos, aco-tovelando-se e injuriando-se com a proverbial loquacidade da gente do mar, queria arrancar-lhes das mãos a modesta bagagem.

— Eu levo as malinhas, minha Senhora! — gritavam todos à uma.

Deslindaram-se deles conforme puderam e viraram rua abaixo, em direcção ao Hotel Beira-Alta, onde eram esperadas.

Os volumes não as carregavam — se elas pouco mais traziam consigo além da bênção da sua Superiora, das orações de suas irmãs e da sua confiança em Deus!

De recursos monetários vinham tão desprovidas que tiveram que aceitar, durante semanas, a caridosa hospedagem que lhes ofereceu no seu hotel a D. Maria do Nascimento Loureiro (1). E, ao vê-las tão modestamente vestidas e entregues a trabalhos tão humildes, uma vareira que conhecia já de tempos idos uma das religiosas, não se conteve que, em plena rua, a não interpellasse: entre indignada e compassiva:

— Então a senhora que era tão *riquinha* meteu-se agora a este modo de vida?!

---

(1) Velha e dedicada amiga das Religiosas que lhe haviam educado as sobrinhas (vindo uma delas a professar e a morrer como santa, neste Instituto), muito ficou devendo a fundação de Espinho a esta virtuosa senhora.

Estavam já, nessa altura, na casa alugada no Largo da Igreja. A situação era esplêndida, tinham um bom quintal, uma excelente garagem e divisões suficientes para dar princípio à obra planeada.

Mas de que servia terem uma boa casa e muitas alunas a quererem enchê-la, se não viam modo de lhes deixarem abrir o Colégio? Não que as formalidades burocráticas fossem tão complicadas então como o são hoje, mas o partido democrático (muito influente na terra) movia tenaz e violenta oposição ao projecto.

No momento mais crítico, surgem várias pessoas dedicadas dispostas a auxiliar as Irmãs, mas a verdade e a gratidão mandam que se diga que ninguém contribuiu tanto para fundar o Colégio e o defender dos seus inimigos, como o Pároco de Espinho, Rev.º P. Joaquim Amaral.

O primeiro passo que o zeloso Abade deu, inspirado por inteligente diplomacia, foi convidar o chefe dos democráticos para o cargo de Director. O jovem e distinto clínico, não obstante ter fama de ateu e militar no partido da extrema-esquerda, era de feitio bondoso e cavalheiresco. Comoveram-no as razões apresentadas pelo Abade e acedeu a tomar a direcção oficial do novo Colégio.

Passado pouco tempo, appareceu, na frontaria do edificio, uma tabuleta com os seguintes dizeres:

COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DA AJUDA  
PARA MENINAS

DIRECTOR: *Dr. Sá Azeredo*

Não se renderam os da opposição a tão inesperado e certo golpe, mas abrandaram temporariamente os ataques. As breves tréguas permitiram à Comunidade ocupar-se activamente dos últimos preparativos, sob a direcção da Superiora, Madre Maria do Coração Imaculado Martins, recentemente chegada de Tuy (<sup>1</sup>).

No dia 15 de Outubro, data da abertura das aulas, davam entrada no Colégio, quase à mesma hora, mais de sessenta alunas internas! As famílias invadiam a casa, a querer inspecionar tudo. Já ninguém continha na sala aquella onda avassaladora!...

Pela semana adiante, a enchente de meninas continuou, tanto no internato como no externato.

Com raríssimas excepções, as crianças não tinham a menor noção de ordem e disciplina, o que muito dificultava a tarefa das mestras. Para mais, não haviam chegado de Tuy as religiosas que deviam reforçar a pequena comunidade, porque uma greve dos ferroviários as impedira de seguir viagem.

E as pobres Irmãs de Espinho, ao verem-se só *quatro*, a braços com o movimento de tão numeroso Colégio, nem sabiam se haviam de regosijar-se ou afligir-se, porque, se o successo excedia as suas mais optimistas perspectivas, o trabalho excedia igualmente o limite das suas forças...

---

(<sup>1</sup>) A quem todos tratavam por Sr.<sup>a</sup> D. Alice, nome pelo qual ainda hoje é conhecida pelas antigas alunas de Espinho.

Salvou a situação a dedicação incansável dum grupo de bondosas senhoras <sup>(1)</sup> que tomaram à sua conta os mais variados serviços, desde o emprego de porteira e refeitoreira, até ao de professora e mestra de vigilância.

Desde a primeira hora, as religiosas encontraram também dedicadíssimo apoio e generoso auxílio na veneranda Condessa de Fijô, D. Brígida de Falcão Guedes Corte Real. Já no tempo da revolução, as portas do solar de Paçô se tinham aberto de par em par para oferecer abrigo a numeroso grupo de Irmãs que lá viveram em comunidade, num andar posto à sua disposição. E, quando se fundou a casa de Espinho, era ainda a Paçô que a Superiora recorria nas suas aflições, sempre atendida com reconfortante simpatia e fidalga liberalidade <sup>(2)</sup>.

Pouco a pouco, foram chegando mais religiosas. Impunha a prudência que vestissem de cor e que nada no exterior traísse o seu verdadeiro estado. Usavam, por isso, o nome do mundo e, aparentemente, viviam

---

<sup>(1)</sup> A frente deste grupo, estava a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Ana Camossa Saldanha, nome que a gratidão das fundadoras do Colégio de Espinho não mais esqueceu, pelo muito que lhe ficou devendo.

<sup>(2)</sup> O solar de Paçô fica em S. João de Ver, Vila da Feira.

como se não estivessem obrigadas à observância regular.

A força para levarem essa vida de abnegação e de perigo a que se haviam sujeitado por amor das almas, iam buscá-la a toda a hora à capelinha interior onde se conservava o Santíssimo. Nunca pessoa alguma estranha à Comunidade — excepto o dedicado Pároco, que ali vinha celebrar uma vez por semana, e o confessor das religiosas — soube da existência desta capela.

Nos primeiros anos, as mestras acompanhavam as meninas à Igreja Paroquial, para os actos de culto e ensino religioso <sup>(1)</sup>. A situação era delicadíssima à face da lei da separação da Igreja e do Estado (então ainda em pleno vigor), e sabia-se de fonte segura que andavam espiões a rondar a casa, para apanharem as Irmãs em alguma infracção que justificasse o encerramento do Colégio.

Para não acusarem a Direcção de obrigar as alunas a praticar a religião, os pais deviam declarar, no boletim de inscrição, *se desejavam a educação religiosa*. Alguns respondiam francamente *não*; outros faziam as recomendações que entendiam, como aquele farmacêutico que escreveu (inspirado decerto numa frase célebre atribuída a certo bispo liberal):

— *Sim, mas que seja como o sal: nem de mais nem de menos.*

---

(1) Era proibido o ensino do catecismo fora dos templos.

Houve-os, porém, (algumas educandas pertenciam a famílias distintas e de arreigadas convicções religiosas) que aproveitaram a inscrição das filhas para fazerem, por escrito, desassombrada profissão de Fé.

Tinha sido tão hàbilmente conduzida a propaganda anti-religiosa, antes e depois do advento da República, que as Irmãs, ao regressarem do exílio, verificaram, confrangidas, como eram numerosas as pessoas que tinham perdido a Fé ou que, embora conservando-a no íntimo do coração, haviam deixado de praticar, para não se comprometerem. E, por isso, que lamentável não era a ignorância da maioria das alunas, em matéria religiosa!

Chegou a festa da Imaculada Conceição. Ao entrar na Igreja, uma rapariga dos seus 13 anos, pergunta, apontando para o altar de Nossa Senhora, enfeitado a primor com luzes e flores:

— São os anos daquela *santa*?

— Então não sabe que é Nossa Senhora? — interroga, por sua vez, a mestra.

— Não, não sei. Quem é?...

Factos no género deste davam-se constantemente.

Quando abriu o Colégio de Espinho, havia apenas dez anos que os conventos estavam fechados e que os religiosos haviam sido expulsos de Portugal, mas generalizara-se por tal forma a convicção de que as *freiras tinham acabado*, que raras eram as pessoas

que suspeitavam que ele fosse dirigido por membros duma congregação religiosa.

O próprio Director, tanto em particular como em público, procedia sempre como se ignorasse a identidade das professoras que tinha no seu colégio. E quando, anos adiante, se inaugurou a capela destinada às alunas, nunca se conseguiu que a visitasse, porque queria afirmar com verdade «que nunca a tinha visto».

Não poucos dissabores lhe trouxe da parte dos correligionários políticos a sua condescendência neste caso e noutros idênticos tendentes a favorecer a assistência religiosa às educandas internas, mas nunca o Dr. Sá Azeredo deixou de ser o amigo leal e o intrépido defensor das religiosas, durante o tempo que estiveram em Espinho.

Crescia sem cessar a frequência do Colégio. As internas chegaram a ser 164, número, ao que parece, jamais atingido, até essa data, em internato feminino — secular ou religioso — no nosso país. O externato era igualmente frequentado.

Para alojar tantas alunas, foram sucessivamente alugando o grande salão de festas dos Bombeiros (sito no Largo da Igreja) e várias casas nas imediações do edifício central.

Abrira o Colégio em época excelente, sob o aspecto financeiro. O comércio e a indústria tinham florescido durante a Grande Guerra e, em Portugal,

como em tantos outros países da Europa, grandes fortunas se tinham feito em pouco tempo.

Todavia, como nem a educação nem o saber se improvizam a poder de dinheiro, alguns casos engraçados se davam, por vezes, com os pais das alunas.

Certo negociante — boa criatura e possuidor de avultada fortuna — tinha duas filhas internadas no Colégio. As pequenas aprendiam piano e a Superiora, julgando dar com isso gosto ao pai, mandou-as tocar em sua presença uma música a quatro mãos. Imagine-se o que lhe custaria a conter o riso quando o ouve desabafar todo ofendido:

— Sr.<sup>a</sup> D. Alice, não quero cá misérias; se elas precisam de dois pianos para tocar, compra-se outro!!

Lenta e prudentemente, a casa ia tomando a feição dos antigos Colégios do Sagrado Coração de Maria e as alunas já faziam lembrar as *veteranas* desses saudosos tempos.

Em 1924, era inaugurado um esplêndido pavilhão para aulas e, dois anos depois, principiava a construção dum novo edifício, que as religiosas já não puderam concluir por aparecerem graves dificuldades à consecução do projecto.

Com a abertura dos Colégios de «Nossa Senhora do Rosário», no Porto, e de «Nossa Senhora de Lourdes», na Guarda, (ambos do mesmo Instituto), diminuíram as alunas no Colégio de Espinho e começou o seu declínio...



Por fim, em 1928, foi decidida a sua transferência para Aveiro, com grande mágoa do zeloso Abade, que perdia nas religiosas dedicadas colaboradoras na obra da recristianização da sua freguesia, e de tantas famílias que ficavam privadas de educadoras para as suas filhas.

Nenhuma outra fundação das que fizeram as Religiosas do Sagrado Coração de Maria, depois da Revolução de 1910, custou tantos sacrifícios nem encontrou tamanhos obstáculos como a de Espinho, mas que fecundos não foram esses oito anos de apostolado!

Ali se formaram solidamente para a vida centenas de raparigas, hoje modelares mães de família. Ali desabrocharam generosas vocações para o estado religioso. Ali se operaram consoladoras transformações nas almas, durante os exercícios espirituais para senhoras, promovidos nos últimos anos.

Por estas razões e pela arriscada missão de *pioneiras* que as suas fundadoras tiveram na restauração da Província Portuguesa do Instituto do Sagrado Coração de Maria, bem merecia o «Colégio de Nossa Senhora da Ajuda» mais extensa referência, num capítulo destinado a esboçar só em traços rápidos essa consoladora restauração.

Quando, em Maio de 1921 — precisamente um ano após a chegada a Espinho — se intentou a fun-

dação de Braga, iam as religiosas esperanças em encontrar aqui terreno mais propício aos seus projectos do que naquela praia tão varrida por ventos revolucionários. Cá as esperavam, porém, duros trabalhos e privações e a abertura do Colégio ia-lhes custando luta tão renhida quase como a travada por suas Irmãs em Espinho.

Despojadas, desde 1910, do seu belo edifício do Campo da Vinha, estavam agora instaladas provisoriamente na Rua das Carvalheiras, em acanhadas dependências dum prédio pertencente a D. Maria do Patrocínio Queirós, que gratuitamente lho cedera para este fim.

Veio de Tuy a Madre Maria da Eucaristia, para visitar a casa e ficou desolada por ela ser tão pequena e desconfortável. Só por milagre a aprovaria o Inspector para Colégio! E, para mais, corria a fama que o de Braga era não só exigente mas avesso à religião, e as autoridades civis desfavoráveis ao intento. Mas que fazer se em toda a cidade não aparecia casa melhor para alugar?...

Confiadas na Providência, aventuraram-se a dar parte dos seus planos à Inspecção Escolar.

E um dia que a Directora proposta estava sozinha em casa, com uma postulante que fazia de criada, aparece o Inspector para proceder à vistoria.

Sem esperar que o acompanhem, vai direito a uma aula e pergunta em tom desabrido:

— Quem é a Directora?

— Sou eu. — responde-lhe uma rapariga fran-

zinita e tímida — a Amelinha Fonseca — acabada de sair da Escola Normal <sup>(1)</sup>.

— Ah! é a menina?! — e, sem mais preâmbulos, arma em examinador, sujeitando-a a um interrogatório cerrado sobre pedagogia, higiene, etc.

No fim, abarcando com largo gesto de desprezo a aula e as velhas carteiras pretas salvas do arrolamento do antigo Colégio, rematou secamente:

— Então bem vê que *isto* não serve!

Que a casa não servia e que o mobiliário era deficiente e antiquado, sabia de sobra a jovem normalista, mas se as religiosas tinham grande empenho em obter licença para abrir o Colégio, ela não o tinha menor.

Então, com a eloquência irresistível das almas simples, conta a sua história ao Inspector, entrecortando-a de lágrimas sentidas:

Era a mais velha de oito irmãos e o pai falecera havia 4 meses. Tinham ficado em precárias circunstâncias e a mãe, coitadinha, contava com ela para a ajudar. Não conseguira, porém, arranjar trabalho desde que tirara o diploma: era esta a primeira colocação que lhe aparecia...

Abrandou o Inspector.

Daí a momentos, sentado num banco de piano — único móvel *de luxo* que havia em casa — cavaqueava amenamente com a Amelinha e até aceitava

---

(1) Passados anos, ingressou no Instituto do Sagrado Coração de Maria.

vinho do Porto e bolos, que a D. Maria do Patrocínio Queirós mandara, oportunamente, em salva de prata, para lhe oferecerem!

.....  
 No dia 10 de Maio de 1921, o «Colégio de Nossa Senhora da Torre» abria com 5 alunas internas e 2 externas (1).

Se foi milagre, Deus o sabe...



Das janelas da casa onde estavam tão modestamente instaladas, avistava-se um solar antigo (pertença dos Condes de S. Martinho), que as Irmãs andaram meses a cobiçar.

Situado em lugar saudável, com salas espaçosas e uma grande varanda donde se disfrutava extensa e formosa vista para os lados da Falperra e do Sameiro, que bem se prestava para Colégio!

Muito instado pelas Irmãs, resolveu-se o D. António de Siqueira a alugar-lho (2).

Para lá se transferiram, em Outubro de 1921, vindo a Madre Maria da Eucaristia acompanhar a

(1) Como não fosse prudente dar a esta fundação o nome do Instituto, puseram-no sob o patrocínio de *Nossa Senhora da Torre*, Padroeira da cidade, cuja capela ficava nas imediações do Colégio.

(2) Nesta ocasião, e em muitas outras, receberam as Irmãs cativantes provas de benevolência e respeito da parte do generoso Fidalgo.

Braga a Superiora, Madre Maria de Assis Gomes, e assistir, com muito contentamento, à abertura das aulas.

Como era costume em casa de nobres, não faltava uma linda capelinha em estilo antigo, ficando Nosso Senhor a residir no sacrário, com as religiosas, a partir do dia 17 de Outubro, festa de Santa Margarida Maria (<sup>1</sup>).

A princípio, ainda tiveram que ir à Missa fora, com as internas, e o ensino do catecismo era ministrado às educandas na Capela de S. Sebastião, fronteira ao palácio dos Condes de S. Martinho. Na cidade, o ambiente era-lhes favorável — lembravam-se ainda com simpatia das *Inglezinhas* doutros tempos — mas certos elementos hostis à religião e aos religiosos, moviam-lhes guerra surda e obstinada, no intuito de as levar a encerrar o Colégio.

E as visitas dos Inspectores, que aflições não traziam à pobre Directora e à Comunidade!... De cada vez se apresentavam com novas exigências. Houve um que não tolerava quadros religiosos nas aulas e passava revista às carteiras — com grande indignação das alunas — para ver se encontrava catecismos ou livros da missa. A isto se chamava oficialmente, nes-

---

(<sup>1</sup>) No mês de Novembro de 1922, era nomeado capelão do Colégio o Rev. P. Manuel Marques da Silva. Em testemunho de gratidão pelos valiosos serviços que, em 25 anos de dedicada capelania, ali prestou, foi comemorado festivamente este jubileu, pela Comunidade e alunas, em 1947.

ses tempos de confusão política e ideológica, *liberdade de pensamento*...

A par destas tribulações, assediavam as religiosas outras de ordem económica porque enquanto o novo estabelecimento não reconquistou os créditos do antigo «Colégio Inglês» — e isso levou anos a conseguir — foi diminuta a frequência.

Por fim, crescendo as alunas, até se tornou necessário alugar outras casas para dormitórios. Para o mesmo efeito, cedeu gentilmente uma parte do seu palacete do Largo das Carvalheiras, a senhora Viscondessa da Torre.

Pouco a pouco, Braga — a Roma portuguesa — ia retomando velhos costumes hospitaleiros e venerandas tradições religiosas. Já as procissões saíam à rua, já se realizavam congressos esplendorosos e já numerosas e devotas peregrinações acorriam ao alto do Sameiro, a visitar Nossa Senhora no Seu lindo Santuário.

Da participação do Colégio nesses actos, da colaboração nos trabalhos da Acção Católica, do auxílio prestado à instrução religiosa de muitas alunas do Liceu e Escola Normal, em cursos dirigidos pelas religiosas, dos frequentes retiros que lá se deram a senhoras e raparigas, não pouco haveria que dizer de edificante e consolador. O tempo urge, porém; galguemos uns anos mais.

Quem sai de Braga em direcção ao Bom Jesus, encontra, logo após a Igreja de S. Vítor, um belo e

vasto edifício, construído segundo as modernas exigências da higiene e da pedagogia. É o novo «Colégio do Sagrado Coração de Maria» (1), inaugurado em 1946. Conquanto esteja ainda dentro da área da cidade, a quem assoma às janelas que dão para a quinta, dá a impressão de se encontrar em pleno campo.

Nesta casa funcionam hoje, — além do Colégio, em pleno florescimento, — um Lar para estudantes do Liceu e da Escola Normal, e um Patronato para crianças pobres.



Desde a implantação da República, nunca se vira manifestação mais vibrante de fé católica e de amor a Maria do que o *Congresso Nacional Mariano* de Braga, em Maio de 1926.

Na época conturbada e torva que se seguira à Revolução de 1910, Fátima marcara o primeiro passo para a Redenção de Portugal.

Nova HORA DE GRAÇA ia soar agora, nos fastos da vida nacional, sob a égide da Virgem do Sameiro!

Baixa a Senhora, lá do Seu Santuário, a presidir às cerimónias do Congresso e, enquanto a procissão se desenrola, majestosa, pelas ruas da cidade, inicia-se a grande e pacífica Revolução de 28 de Maio.

---

(1) Regressando à tradição anterior a 1910, é este agora o título de todos os Colégios do Instituto, em Portugal.

Diz-se que Sidónio Pais, ao cair varado pelas balas, naquele funesto dia 14 de Dezembro de 1914, ainda clamou:

— *Salvem a Pátria!!*

Não foi em vão o angustioso apelo.

Anos depois, à frente da guarnição militar de Braga, o general Gomes da Costa avança sobre Lisboa, onde entra triunfante.

Sem luta fratricida nem derramamento de sangue, estava salva a Pátria!

.....  
.....

No mesmo ano histórico em que principiava uma era de paz e de progresso para a Nação Portuguesa, abria-se um período de expansão e prosperidade para o Instituto do Sagrado Coração de Maria.

A 15 de Outubro de 1926, «a luz escondida debaixo do alqueire», no humilde conventinho da Rua dos Bragas, ia, enfim, ser «posta sobre o candelabro» (1), no magnífico palacete Boaventura, na Avenida da Boavista (2).

Foi talvez a maior alegria que iluminou os últimos anos de vida da saudosa Madre Maria da Euca-

---

(1) S. MATEUS, v, 15.

(2) A dedicação de uma antiga aluna do «Colégio Inglês», D. Adelaide de Sousa Chambers, que muito se empenhou pela abertura deste Colégio e conseguiu que um seu Irmão alugasse às religiosas a casa e o parque contíguo, facilitou muito esta fundação. As benemerências desta bondosa Senhora acompanharam as suas antigas mestras durante todo o tempo que durou o seu exílio em Tuy.



ristia, a reabertura do Colégio do Porto. E muito contribuiu para o seu rápido sucesso o prestígio pessoal da veneranda Madre, que nele retomara o cargo de Superiora.

Esta 3.<sup>a</sup> fundação foi colocada sob o patrocínio de Nossa Senhora do Rosário.

Mal tivera tempo para ganhar raízes, já um violento tufão revolucionário ameaçava arrancá-la e atirar outra vez as fundadoras para o exílio!...

Nem a todos agradava a situação política criada pelo movimento de 28 de Maio e, por fim, estalou uma contra-revolução que alastrou rapidamente do Porto a Lisboa.

Viveram-se dias trágicos no Colégio, nessa 1.<sup>a</sup> semana de Fevereiro de 1927. Nas ruas da cidade travavam-se combates renhidos e as granadas passavam a sibilar por cima da casa, caindo algumas no parque e na estufa. Justamente alarmadas, religiosas e alunas refugiaram-se nas caves levando consigo o Santíssimo Sacramento. Livrou-as de todo o perigo o Divino Companheiro e, ao cabo de 5 dias de luta porfiada, os revoltosos foram vencidos.

Era agora desafoçada a situação das religiosas, no nosso país. E, se o porte do hábito ainda se não generalizara, por prudente recomendação dos Prelados, já não era necessário ocultarem aos de fora a sua profissão, e podiam proporcionar às educandas, no próprio Colégio, a assistência aos actos de culto e os meios espirituais convenientes à sua formação.

À preocupação de lhes dar uma educação esmerada, aliou-se, desde logo, a de uma orientação mais objectiva e mais eficiente do ensino — orientação seguida desde então, pelos demais Colégios que o Instituto foi abrindo em Portugal, sendo o programa dos Liceus adoptado em todos.

Quando, em 1934, se começaram a exigir exames de admissão à Universidade, o Colégio de Nossa Senhora do Rosário já apresentou nove alunas a esses exames, nas Faculdades de Letras e de Direito, de Lisboa.

A partir de 1945, estando a frequência prestes a atingir o total de 300 alunas — número máximo que a casa e seus anexos comportava — começou a impor-se a necessidade de construir um novo edifício e, dois anos mais tarde, era adquirido para esse efeito, um vasto e bem situado terreno, na Avenida da Boavista <sup>(1)</sup>.

Berço do Instituto em Portugal, o saudoso «Colégio da Miss Hennessey» revive hoje em pujante florescimento, timbrando em manter, com o auxílio do Coração Maternal de Maria, as apostólicas tradições e os créditos pedagógicos herdados dessas antigas e saudosas Madres cujas *vidas vivas* embalsamam as primeiras páginas deste livro.

---

(1) Na data em que estas linhas se escrevem, está em projecto para breve o lançamento da primeira pedra do novo Colégio, que adoptará o nome do «Sagrado Coração de Maria».



Talvez por estar mais perto do Céu — não é a Guarda a cidade mais alta de Portugal? — dir-se-ia que uma bênção especial acompanhou este Colégio, desde a sua abertura, em 1927, até ao dia de hoje.

À paternal benevolência, à ilimitada generosidade e à paciente perseverança do Prelado — sete anos esperou o Senhor D. José Alves Matoso pelas religiosas! — se deve, depois de Deus, esta fundação.

A dificuldade maior a vencer foi a da casa; mas, por ocasião do falecimento da veneranda Baronesa de S. João de Areias, o seu palacete foi posto à disposição do Prelado. Sempre desinteressado quando estava em jogo o bem das almas, preferiu continuar a viver na modesta casa que habitava junto à Sé e reservar a outra para as religiosas.

A fidalga moradia tinha uma linda capela. No altar, presidia uma imagem de Nossa Senhora de Lourdes e; sob esta invocação, se colocou o novo Colégio.

Não podiam faltar provas nos começos — é a lei ordinária das fundações — mas, na Guarda, foram menores do que nas outras localidades onde o Instituto já estava estabelecido.

Uma das primeiras foi... a do fogo.

Andava a casa em grande azáfama, naqueles últimos dias do mês de Outubro. Um batalhão de

operários procedia às obras mais urgentes de adaptação, antes da chegada das alunas...

Ora, uma manhã, as labaredas começam a irromper pelo telhado da cozinha. É que não havia ainda fogão e a Irmã Justina, pouco afeita a cozinhar na lareira, tarde se deu conta de que o lume pegara às traves do tecto...

Sem perder a calma, guarda tachos e panelas dentro dum armário e só depois é que corre a dar o alarme. Logo acudiram os operários a apagar o incêndio, que outro percalço não trouxe senão o do susto. Guardado a bom recato, nem o almoço se estragara, apesar da inundação que ia na cozinha...

A 1 de Novembro, chegara a Madre Maria da Eucaristia, com a Superiora da casa, a Madre Maria do Coração Imaculado Martins, e o Colégio inaugurava-se poucos dias depois.

A cidade imitou o Prelado na benevolência do acolhimento feito às religiosas: logo no primeiro dia, entraram 40 internas e mais de 100 externas! Para meio de província, uma tal afluência não podia ser mais consoladora.

É característica das alunas beiroas o espírito de piedade e de zelo.

Desde a primeira hora, o Colégio de Nossa Senhora de Lourdes prestou activa colaboração à Catequese nas Igrejas da cidade. Além disso, as religiosas estabeleceram, um curso de instrução religiosa e formação moral, para *empregadas e costurei-*

ras e outro para *alunas do Liceu*. Muito frequentados ambos, eram já como que uma antecipação do apostolado especializado que, anos depois, a Acção Católica viria a organizar e pelo qual se dedicariam com igual interesse.

A Guarda tem sido sempre alfobre de vocações religiosas. Foi ainda nesta cidade que, em 1929, na festa do Cristo-Rei, puderam enfim retomar o hábito as Religiosas do Sagrado Coração de Maria — consolação que as outras suas Irmãs só tiveram, nos anos subsequentes.

Na mesma casa tem funcionado, desde a origem, um internato para crianças pobres.

Dentro em breve, um novo e magnífico edificio deverá receber a numerosa população escolar que actualmente conta este Colégio.



Não foi uma fundação mas sim uma transferência de Espinho para Aveiro, a inauguração do «Colégio de Nossa Senhora de Fátima», nesta cidade. Tomaram as religiosas a sucessão do acreditado «Colégio Moderno» (dirigido, até 1928, pelas bondosas Senhoras Montenegros), acompanhando-as na mudança um grupo de internas do Colégio de Nossa Senhora da Ajuda.

O meio não lhes era favorável, como depressa verificaram. Cinco anos depois de estarem em Aveiro, ainda só tinham 70 alunas.

Em 1939, dava-se porém um acontecimento de suma importância para a vida religiosa daquela des-cristianizada cidade: a restauração da Diocese de Aveiro. Desde então, a acção eminentemente apostólica do Prelado, Senhor D. João Evangelista de Lima Vidal, modificou consideravelmente o ambiente.

À custa de perseverante esforço, foi singrando o Colégio, a frequência aumentou, e os frutos da colaboração de religiosas e alunas quer na Acção Católica, quer na catequese e outras obras de apostolado, vão amadurecendo em prometedora messe.



Penafiel via também reaparecer as Religiosas do Sagrado Coração de Maria, em 1934, mas, não oferecendo o Colégio, naquela época, condições de desenvolvimento, foi temporariamente fechado (assim como o Patronato anexo), em 1940.

Antes, porém, no decorrer do ano de 1932 — trágicamente assinalado na História da Espanha — buscava a Madre Provincial um refúgio para o Noviciado de Tuy, quando alguém lhe lembrou Guimarães <sup>(1)</sup>.

---

(<sup>1</sup>) Sucederá à Madre Maria da Eucaristia, no cargo de Provincial, a Madre Maria do Coração Imaculado Martins, a cujo zelo se devem as 5 fundações realizadas entre 1930 e 1937.

Daí a dias, metia na mala de mão uma lista com a direcção de várias casas que levava tenção de visitar e, na companhia da Madre Maria do Sacrário Godinho, punha-se a caminho da pequena e histórica cidade.

Pelos fins da tarde, exaustas e desanimadas com o insucesso da jornada, preparavam-se para regressar a Braga. Em frente delas, sobranceiro ao Campo da Feira, levantava-se, imponente, o solar dos Condes de Vila Pouca.

— Vamos lá? — perguntou a companheira da Madre Provincial. — Ao menos, poderemos dizer que vimos tudo!

E lá foram...

Logo de entrada, deram com os olhos num quadro do Coração de Maria. Parecia que estava ali para reanimar a coragem das filhas...

Visitaram a casa, os jardins, os terrenos de cultivo, e tão encantadas ficaram com tudo que, na festa de Santa Teresa, desse mesmo ano de 1932, abriam as aulas em Vila Pouca (1).

Agora já eram incomparavelmente melhores os tempos para fundações mas, se esta não passou pela prova da perseguição religiosa, outras tribulações

---

(1) Numa das salas do Palacete, criaram também as religiosas um Patronato. Épocas houve em que chegou a ser frequentado por cerca de 150 crianças pobres.

cimentaram sólidamente os alicerces do «Colégio do Sagrado Coração de Maria», de Guimarães e prepararam futuras conquistas apostólicas.

Aberta a casa, foram chegando de Tuy as noviças e postulantes. Acompanhava o último grupo a sua Mestra, Madre Maria das Cinco Chagas Peixoto.

A primeira cerimónia da Tomada de Hábito e de Profissão, teve a assistência da Madre Maria José Butler que, em 1933, viera fazer a primeira visita a esta «Província», como Superiora Geral.

Neste Colégio se demorou gostosamente uns dias, recebendo aqui e nas demais casas de Portugal, tão comoventes provas de carinho e de veneração, da parte das religiosas e das antigas alunas, que a sua passagem entre nós bem se pode dizer que foi uma *jornada triunfal*.

Situado entre o Porto e Braga, onde também havia Colégios do mesmo Instituto, e existindo ainda, na mesma localidade, outra casa de educação de religiosas, não poderia ascender a número elevado a frequência do novo Colégio, mas, em compensação, no que respeita a zelo e actividade apostólica foi muito extensa a sua influência.

Duma obra somente faremos menção, pela extraordinária difusão que teve: a campanha promotora da *Entronização do Imaculado Coração de Maria nas famílias*, iniciada a 8 de Dezembro de 1939, neste Colégio. Entre 1940 e 1942, só em Guimarães e nos lugares das cercanias, já se contavam para cima



de 1:030 lares onde havia um quadro a atestar que, naquela família, reinava o Coração de Maria (1).

Propagou-se a campanha a toda a Diocese de Braga e, desta, a todas aquelas onde as Religiosas do Sagrado Coração de Maria estavam estabelecidas. E depois que S. Santidade Pio XII consagrou o mundo ao Imaculado Coração de Maria, naquele glorioso dia 31 de Outubro de 1942, o movimento estendeu-se a todo o país, mercê da magnífica colaboração prestada pelos diversos organismos femininos da Acção Católica (2).

Durante o período a que acabamos de referir-nos, foi Superiora, em Guimarães, a Madre Maria da Conceição Osório. No tempo do seu governo, a propriedade de Vila Pouca passou a ser pertença do Instituto e a casa foi aumentada com várias construções.

Após aquela entusiástica campanha pelo triunfo

---

(1) As ardentes propagandistas — na sua maioria colegiais ou elementos da J. O. C. F. e da O. P. F. C. — não se contentavam com a cerimónia exterior, mas envidavam todos os esforços para levar todos os membros da família à recepção dos Sacramentos, ministrando-lhes a devida instrução catequística.

(2) Por essa ocasião, as Religiosas do Sagrado Coração de Maria editaram uma estampa (executada segundo indicações inéditas da vidente de Fátima, Lúcia de Jesus), e um Cerimonial para a Entronização, segundo o espirito da Mensagem de Fátima.

Essa estampa, que já teve 3 edições, transpôs logo as fronteiras da Metrópole, e hoje, os pedidos chegam de África, da Índia, e até do Extremo-Oriente.

do Seu Imaculado Coração, choveram as bênçãos de Nossa Senhora sobre esta casa e sobre toda a «Provincia». A fundação do grande Colégio de Lisboa — que passamos a narrar — parece ter sido uma dessas graças.



Merecida fama havia tido, durante cerca de vinte anos, o Colégio Vasco da Gama, de Arroios, mas, tendo baixado consideravelmente o número de alunos, nos últimos tempos, andavam os seus Directores muito empenhados em o passar a outras mãos.

— *Vá ter com as Religiosas do Sagrado Coração de Maria.* — disse, um dia, o Senhor Cardeal Patriarca, ao Dr. Luís Pinto e Abreu.

Por diversas vezes manifestara Sua Eminência o desejo de as ter em Lisboa, à frente dum grande Colégio. Como o principal obstáculo era o da casa, pareceu-lhe boa a oportunidade e animou calorosamente a Madre Maria Xavier Twomey — que era, nessa data, a Superiora Provincial — a empreender a dispendiosa e arriscada empresa.

Naquela noite, a boa Madre Xavier não pôde conciliar o sono mas, pela manhã, a fundação do Colégio de Lisboa estava decidida!

A 15 de Outubro de 1941 abria as portas às primeiras alunas, e o Senhor Cardeal Patriarca ia seguindo, com benevolência, os progressos dessa casa que, ao seu conselho e estímulo, devia a existência.

Situado entre três bairros populares, numa eminência donde se disfruta um panorama soberbo, tem este Colégio instalações amplas e higiênicas. Jardins e campos de recreios, rodeiam-no por todos os lados. A meia altura da torre lateral, destaca-se, em painel de azulejo, a imagem do Sagrado Coração de Maria.

Contar sucintamente as múltiplas actividades apostólicas e sociais a que religiosas e colegiais se têm dedicado, a colaboração prestada à Acção Católica e Missionária, as festas que, em favor dessas obras, se têm realizado, seria fastidiosa repetição do que fica dito doutras casas.

Enquanto aos métodos pedagógicos usados e aos resultados que tenham dado, atestam os números o valioso auxílio que o Colégio do Sagrado Coração de Maria tem recebido da sua Celestial Protectora.

No primeiro ano, a frequência mal atingia o n.º 80; no ano das comemorações centenárias da fundação do Instituto — o 7.º da fundação do Colégio de Lisboa — andava à roda de 600 o total das alunas.

Para a realização das Suas obras o Senhor serve-se habitualmente de instrumentos humanos.

Se, à luz da Fé, olharmos para os anos que vão de 1937 a 1946 e considerarmos a acção criteriosa e sobrenatural que a Madre Maria Xavier Twomey

desempenhou no governo da Província portuguesa e na fundação do Colégio de Lisboa, do nosso íntimo brota, espontânea, a exclamação:

— «*Está aqui o dedo de Deus!*»

Na Madre Maria do Bom Conselho Coelho, primeira Superiora deste Colégio, encontrou dedicada colaboradora a Madre Provincial.

E entre os amigos da primeira hora — a das negociações delicadas e das dificuldades financeiras — o mais incansável e desinteressado amigo do Colégio foi, sem dúvida alguma, o Sr. Adriano Dias Simão <sup>(1)</sup>.

O remate da breve crónica desta casa justo é que seja a história da imagem de Santa Filomena, que lá se venera com particular devoção.

Procedia-se ao arrolamento do mobiliário do Colégio Vasco da Gama, quando, ao chegarem à capela, um dos Directores disse para as Superiores que o acompanhavam.

— As imagens são nossas, vão todas para a capela da nossa casa do Douro, excepto a de Santa Filomena.

E contou o seguinte:

Na secretaria, apareceu um dia um caixote

---

(<sup>1</sup>) A gratidão das Religiosas do Sagrado Coração de Maria não esquece muitas outras dedicações preciosas que o seu Instituto tem encontrado em Portugal, desde 1920 a 1948. Se aqui não acrescentam mais nomes é que o plano do livro o não comporta.

fechado. Julgando que se tratasse de encomenda enviada a algum aluno, lá o deixaram estar a um canto, à espera de que alguém viesse reclamá-la.

Passado muito tempo, como não aparecesse o dono, abriram o caixote. Com grande surpresa de todos, deram com uma linda imagem de Santa Filomena! Nunca foi possível averiguar quem a trouxera. E o Director concluiu a narração, dizendo:

— Portanto, esta tem que ficar nesta casa!

Precisamente um dos últimos pedidos que a saudosa Madre Maria José Butler fizera à Madre Maria Xavier, pouco antes de morrer, fora o da propaganda da devoção a Santa Filomena. Comovida com a coincidência, disse:

— Pois, então, depois do Sagrado Coração de Maria, fica Santa Filomena encarregada desta casa!

E aí está como, entre os *Amigos do Céu*, a jovem e gloriosa Mártir figura em primeiro plano, desde os alvares do Colégio do Sagrado Coração de Maria, de Lisboa (1).

---

(1) Inúmeros e valiosos são os favores com que Santa Filomena tem provado que aceitou a missão que, neste Colégio, lhe foi confiada. Por sua vez, as Superiores têm procurado manifestar a sua gratidão, propagando o seu culto e mandando celebrar uma missa no dia 11 de cada mês (a Igreja celebra-lhe a festa a 11 de Agosto).

Exigências de novos tempos estimulam o Instituto do Sagrado Coração de Maria à criação de novas obras.

Uma delas foi a dos «Lares».

A vida moderna tem provocado uma verdadeira transformação na maneira de ser da rapariga do nosso tempo. Atraindo-a para as grandes lutas da existência e lançando-a ao largo, cria-lhe necessidades que, há 50 anos, ninguém sonhava que pudessem vir a surgir-lhe no caminho.

Para as que frequentam cursos que as obrigam a deixar temporariamente o seu lar «familiar», ficando expostas ao rebentar das vagas da vida, numa idade em que a sua formação ainda não está completa, era necessidade instantânea abrir-lhes novo *lar* onde encontrassem, com o ambiente duma vida de família, o amparo moral que a sua condição de estudantes requer.

Surgem então os «Lares» de Lisboa e de Coimbra <sup>(1)</sup>, frequentados quase exclusivamente por estudantes universitárias.

Para as alunas do Liceu e da Escola Normal, abriam-se os «Lares» da Guarda e de Braga <sup>(2)</sup>.

---

(1) Respectivamente fundados em 1934 e 1936.

(2) O «Lar» da Guarda, abriu em 1934; o de Braga, em 1944.

Outra modalidade de apostolado a que o Instituto se dedica, após a restauração da «Província», em Portugal, é a dos «Patronatos» com escola gratuita, processo educativo que, na maioria dos casos, dá resultados mais práticos e mais duradouros do que o de internato em Asilo (<sup>1</sup>).

Por iniciativa das Senhoras Carvalhaes, e com a sua perseverante e abnegada dedicação, nasceu e se tem mantido em Lamego o «Patronato de S. José». Em 1933, confiavam-no às Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

Hoje, são mais de 100 as pequenitas que frequentam as classes primárias, e as raparigas que andam na aula de costura, bordados e renda de bilros. A sopa diária e as distribuições periódicas de roupas são apreciadíssimo auxílio para a extrema pobreza da maioria das crianças que frequentam este Patronato.

O «Patronato de Nossa Senhora da Conceição», fundado em 1936, pela família Dias Descalço, na sua herdade do Monte Brito, esteve, até 1947, sob a direcção das Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

Verdadeira *terra de missão*, era aquele recanto do Alentejo, quando as Irmãs lá chegaram. Todavia,

---

(<sup>1</sup>) Ver em *A obra mais bela*, Lisboa, 1945, o que, no cap. x, págs. 87 a 91, se refere dos Patronatos. Outras obras do mesmo género estão em projecto junto ao Colégio de Lisboa e ainda noutras localidades.

dentro de poucos anos, a boa vontade das *Missionárias*, auxiliada pelo incansável zelo do venerando Prelado e do clero de Évora, e pela constante generosidade dos fundadores, foi compensada pelos mais consoladores resultados apostólicos.

Em boa hora a obra tinha sido confiada ao patrocínio da Senhora da Conceição!



Com o nome simbólico de «Betânia», abria na Guarda, em 1932, uma casa para religiosas doentes.

De tantas Irmãs que a enfermidade ali levou, edificantíssimas recordações nos acodem à memória e temos que fazer-nos violência para nos limitarmos a estas linhas de comovida homenagem.

Só Deus conhece o mérito de cada alma, mas a verdade é que algumas das que por lá passaram, deixaram rasto mais luminoso do que outras, como a Madre Teresa da Eucaristia Tavares — alma de intensa vida interior, tão austera consigo e tão bondosa e prestável para com todas —; a Madre Maria de Gonzaga Bouças — que, a raras qualidades de educadora, aliava um grande fervor e uma profunda humildade —; a angelical Maria de Bórgia Freitas de Almeida — modelo perfeito de noviças — que fez



a profissão no leito da morte e se foi a sorrir de contentamento para o Céu, aos vinte anos de idade...

E as Irmãs Francisca, Alexandrina e Josefina, e tantas outras que se deixaram amorosamente «pregar com Cristo na Cruz» <sup>(1)</sup> e nessa cruz morreram —ou antes, *adormeceram*— «e cuja morte terá sido... suave acordar em Deus!»

Falando da perfeição de vida de certa religiosa, dizia uma santa que «por uma alma destas valia a pena fundar uma Congregação».

Não dirão o mesmo os Venerandos Fundadores do Instituto do Sagrado Coração de Maria, ao acolher no Céu estas suas filhas de «Betânia»?

Numa obra publicada em 1945 — humilde pedra comemorativa das *Bodas de Prata* da restauração do Instituto, em Portugal, — anunciava-se a próxima construção duma casa na Cova da Iria, nas vizinhanças do Santuário bendito erguido no local onde a Virgem de Fátima revelou ao mundo os tesouros do seu Imaculado Coração.

---

(1) Aos Gálatas, II, 19.

Dificuldades imprevistas foram dilatando a execução de projecto tão grato ao coração da Madre Provincial e de todas as suas religiosas.

Chega, entretanto, o ano de 1946.

À voz da obediência, a Madre Maria Xavier e a Madre Inês de Jesus trocavam generosamente de país e de hemisfério e, no mesmo dia em que aquela seguia para a América a tomar conta da «Província» brasileira, começava esta a governar a «Província» portuguesa.

O Noviciado foi, logo de início, objecto da solícitude da Madre Inês de Jesus. Vinha encontrá-lo em esperançoso florescimento, após as vicissitudes do exílio e a longa provação da carência de vocações, que afligira todos os Institutos nos anos que se seguiram à Revolução.

Desejava a Madre Provincial transferir o Noviciado para casa ampla e independente, e onde os meios espirituais fossem abundantes.

Veio a Providência ao encontro do seu desejo, inspirando à Senhora Viscondessa da Torre a resolução de destinar a esse fim o seu solar do Largo das Carvalheiras, em Braga.

Em 1947, falecia piedosamente a generosa titular. Nesse mesmo ano e na festa dessa admirável mestra de noviças que foi Santa Teresa de Lisieux, o Senhor Arcebispo dignava-se assistir à inauguração da Capela e da casa, celebrando ali a primeira missa — penhorante testemunho de benevolência, acrescen-

tado a tantos outros que o Instituto já havia recebido do venerando Prelado.

A partir deste dia, a antiga e nobre moradia que a última Fidalga da Torre — em rasgo de piedosa generosidade — ofertara à Rainha dos Céus, passava a denominar-se... SOLAR DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA.

Este título ficava a lembrar às noviças a formosa lição que o Senhor Arcebispo de Braga lhes dera, servindo-se duma feliz analogia da nobreza secular com a nobreza espiritual a que deviam aspirar, e incitando-as a visarem sempre mais alto até atingirem a santidade e assim manterem as nobres tradições daquela casa.

Com a instalação do Noviciado na cidade de Braga, encerra-se o ciclo das fundações realizadas de 1920 a 1948: *treze* casas espalhadas por Portugal fora — tantas quantas as aparições de Nossa Senhora aos Pastorinhos de Fátima, mensageiros do Seu Imaculado Coração...

1849-1949... cem anos ao serviço do Sagrado Coração de Maria!

No Santuário de Nossa Senhora de Fátima — onde, em *Hora de Graça*, se dera essa *visita salva-*

dora que trouxe a paz à Nação e a restauração ao Instituto — iniciaram as religiosas portuguesas as *Comemorações Centenárias*.

Admirável e impressionante «CONFLUÊNCIA DE ALMAS» — assim lhe chamou um grande jornalista <sup>(1)</sup> — foi essa reunião de 4.000 peregrinos, a «cantar as Misericórdias do Senhor» e da Virgem Santíssima para com o Instituto do Sagrado Coração de Maria, durante este seu primeiro século de existência! <sup>(2)</sup>

E, no regresso, não haveria uma só das religiosas-peregrinas que não viesse «a conferir no seu coração» <sup>(3)</sup>, em humilde e gratíssima acção de graças, as «grandes coisas que por elas fizera o Todo Poderoso»... <sup>(4)</sup>

<sup>(1)</sup> CORREIA MARQUES, *A Voz*, editorial de 3 de Junho de 1948. O talentoso jornalista tomou parte em todos os actos da Peregrinação, descrevendo-os no seu jornal, em comovidas e brilhantes reportagens.

A representar as *Novidades*, esteve presente o Rev. P. MIGUEL DE OLIVEIRA, historiador e jornalista distinto, que, naquele jornal, publicou também longa e interessante reportagem da Peregrinação.

<sup>(2)</sup> Damos em apêndice o primoroso artigo *Na Alvorada de um Centenário*, publicado em STELLA (Revista Mensal da Mulher Católica Portuguesa), no seu número de Julho de 1948, e assinado por *Ancilla*, pseudónimo que humildemente encobre o nome da Redactora, Religiosa do Instituto de N.ª S.ª das Dores da Fátima.

<sup>(3)</sup> S. LUCAS, II, 51.

<sup>(4)</sup> S. LUCAS, I, 49.

Fiéis às tradições que datam da origem do seu Instituto, hoje, *como há Cem Anos*, é ao *Coração de Maria* — propulsor dinâmico de toda a sua actividade apostólica — que vão buscar aquele «Fogo Divino que O inflamou de modo inefável» (1) e que «Jesus quer que se ateie nas almas» (2) :

«TUDO PARA JESUS POR MARIA!»

É na esteira luminosa de suas Irmãs mais velhas, olhos postos nesta divisa que os seus Fundadores lhes legaram, que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria vão tentando realizar o seu Ideal de

VIDAS VIVAS

---

(1) Secreta da missa do Sagrado Coração de Maria.

(2) S. LUCAS, XII, 49.



# APÊNDICE





## NA ALVORADA DE UM CENTENÁRIO

O caminheiro que vem de longada vê-se muitas vezes envolvido em luta acesa contra os elementos — chuvas torrenciais e violentas que o fustigam, arremetidas furiosas do vento que assobia escarninho, clarões do raio que risca plúmbeos céus ou calmaria ardente que greta, que deixa sulcos profundos no próprio coração... Tudo se conjuga para experimentar, quando não para fazer retroceder o pobre caminheiro... Às vezes, porém, cabe-lhe a ventura de ver o seu horizonte desdobrar-se para além do círculo acanhado das vistas humanas. E quando, numa visão retrospectiva, lhe é mostrado o seu aspérrimo caminho outrora palmilhado por outros viandantes que, repetindo o seu «Excelsior», se sublimaram, cobra de novo ânimo e segreda para si próprio: Avante!

Nessa tarde amena de 31 de Maio o meu espírito seria esse caminheiro alquebrado... Mas no caminho abriu-se-me clareira luminosa ao ver um cortejo singular: eram Religiosas de hábitos escuros a contrastar com a alegria pujante reflectida no seu rosto; eram jovens, centenas, talvez milhares delas, com longos véus alvinhos a espelhar a pureza que deve escudar a mocidade cristã.

E a voz do tempo ia murmurando ao meu ouvido:

— Vês tudo isso? É uma cruzada que se movimenta há um século. Principiou em Béziers, cidadezinha francesa poeticamente alcandorada numa colina que mira o Mediterrâneo... Ardera aí uma «faúlha de Deus». E o incêndio lavrou, lavrou, até lhe parecer escassa a terra de França. Passados 22 anos

apenas, em 1871, entrava em Portugal, vindo já da Irlanda. Depois sobe à Inglaterra. E em 1877, num arranco mais forte, chega aos Estados Unidos, ao Brasil. Entretanto não deixa de lavrar pela Europa: primeiro na Espanha e depois na Itália... Hoje são 56 os focos de onde irradia a acção apostólica destas Mensageiras do Sagrado Coração de Maria.

Fechei os olhos e pus-me a sondar o espaço dilatado de UM SÉCULO. Nessa esteira de luz sobressaíam duas figuras majestosas que se alteavam até ao trono do Eterno. Seguiam-nas milhares de virgens empunhando palmas e lírios; uma multidão inumerável de jovens vinha atrás, de olhar levantado para o alto, cantando todas:

*Salvé, salvé, ó Coração Sagrado  
De Maria, Mãe nossa Imaculada!  
Reina sobre estas filhas que Te aclamam  
Soberana, Rainha ilibada.*

De olhos abertos já, mirava, sem me cansar, a multidão que branquejava na minha frente em redor de uma capelinha minúscula. Um coro colossal proclamava a

*Virgem Senhora, Medianeira,  
Dos Portugueses a Padroeira.*

E mil vozes repetiam o «refrain» que ecoava vibrante pelos recôncavos da montanha:

*... Salvé Rainha,  
Senhora minha,  
Mãe de Jesus!*

Fez-se silêncio, e um Sacerdote anuncia:

*«Estamos em Fátima, longe da terra, mais perto do Céu!»*

Sim, na verdade, mais perto do Céu...»!

Daí a horas, sob a abóbada nevada da grande Basílica do Rosário, a mesma multidão fervorosa entoava louvores a Jesus-Hóstia exposto solenemente em rico ostensório rodeado de lumes e de flores. E, ao comentar o 4.º Mistério Gozoso, um Ministro da Igreja afirma: *A contradição tem seguido sempre os passos dos fiéis servidores de Jesus Cristo*.

Que palavra naquela hora jubilosa! Mas não foi outro o falar do Mestre Transfigurado... E antes disso, lá no Templo de Jerusalém, o velho Simeão, ao tomar o Menino dos braços de Maria, profetizara: *«Eis que este está posto para ruína e salvação de muitos em Israel e para ser o alvo que atire a contradição»*.

Manhã de 1 de Junho. Desci à Capela das Aparições porque sentia a alma alvoroçada pelo pressentimento de que a Imagem Taumaturga chegara de Madrid. Efectivamente, Ela lá estava. Tinham-na colocado sob o alpendre em andor-zinho singelo, virada para a porta da sua capelinha onde àquela hora matutina se celebrava a Santa Missa. E a Imagem parecia mais devota ali — as mãos perenemente em reza, os olhos poisados no altar onde, a dois passos, se «levantava a Deus...»

Lá em cima, junto aos portões do Santuário, a mesma visão da véspera: o desfilar de centenas de religiosas — professoras de véu escuro, noviças veladas de branco — e de milhares de senhoras e raparigas, suas alunas de ontem e de hoje. Uma brisa acariciadora agita bandeiras seguras por mãos juvenis, já trémulas de ventura. A massa coleante ondeia estrada fora.

A cerca de 200 metros do pórtico do Santuário, numa elevação sobranceira à estrada distrital Fátima-Leiria, está a meta do singular cortejo.

Chegam os convidados de honra: três Prelados — de Leiria, de Évora e de Aveiro — dezenas de eminentes sacer-

dotes, regulares e seculares, escritores, médicos, engenheiros — um mundo de cultores da ciência, das letras e das artes.

Respira-se um ar festivo em volta da escavação onde repousa uma cantaria esquadrada que todos miram com carinho. A alvura dessa pedra sobressai da terra argilosa, vermelha, remexida de fresco e ainda não desbotada, nem gretada como a do chão em redor a que as correntes sibiladas e agrestes da Serra de Aire imprimem um *quid* austero, escavado.

Tudo fora previsto para que esta concentração revestisse o mais impressionante esplendor.

Filmadores e fotógrafos andam num rodopio. Ouve-se o «zumbido» dos aparelhos que «arquivam» imagens — todo o pormenor dessa hora alta em que é lançada a primeira pedra para a construção da Casa das Religiosas do Sagrado Coração de Maria junto do Santuário de Fátima.

De todas as casas da Província — são *treze* na hora actual — vem um punhado de terra que despejam num afago em volta da pedra branquinha.

Entoado o «Hino Pontifício» o Senhor Arcebispo de Évora procede à bênção solene.

Uma antiga aluna, Dr.<sup>a</sup> D. Maria José de Lencastre, fala em nome de todas as outras que, como ela, devem às beneméritas Religiosas do Sagrado Coração de Maria «*falas de amor que impelem a pedir*». O Rev. P. Costa Maia lê um trabalho cheio de erudição e poesia que todos escutam suspensos, visivelmente deliciados. Por fim o Sr. Bispo de Leiria, com palavras repassadas de carinho, diz à Rev.<sup>a</sup> Madre Provincial que apresse a construção, pois deseja vir benzer o edificio...

Antes desta tocante cerimónia — imediatamente seguida de Missa solene, bênção dos doentes, consagração da Província Portuguesa e de todo o Instituto ao Imaculado Coração de Maria e procissão do «adeus» — ecoou pela charneca,

vibrante, sentido, um coro falado: — «DUAS PEDRAS UNGIDAS»

*«Peregrinas do Coração de Maria,  
Presentes em Fátima,  
Volvei um olhar 100 anos atrás:  
Olhai ao longe...*

*«Pedra» unvida,  
Padre Gailhac, fundador do Instituto  
Das religiosas do Sagrado Coração de Maria.*

*As nossas mãos portuguesas erguidas ao Céu,  
nesta hora de Acção de Graças,  
Lançam na terra bendita da Cova da Iria  
A «Pedra» de uma nova construção  
Como marco miliário  
Desta data gloriosa.  
E o Padre Gailhac, lá no Céu,  
Poisando os olhos na pedra fria  
E beijando-lhe a dureza...  
Vai sorrindo já ao belo edifício  
Que será o trono do Coração de Maria  
Altar predilecto da Pátria Portuguesa.»*

Podia não o dizer aqui, mas um desabafo sempre alivia... Aqueles mîlhares de vozes a ovacionarem as DUAS PEDRAS UNGIDAS imprimiram uma fortíssima vibração às cordas mais íntimas do meu ser. Não conseguindo dominar emoção tão intensa tive de deixar escorrer, faces abaixo, lágrimas silenciosas, escaldantes. É que eu vira o horizonte desdobrar-se para além do círculo acanhado das vistas humanas, eu, pobre caminheira! E, incitada por esta visão divina, cobreí ânimo e disse para a minha alma: Avante!

ANCILLA

Transcrito de STRELLA (Revista Mensal da Mulher Católica  
Portuguesa), n.º 188 de Julho de 1948



# FUNDAÇÕES

DAS RELIGIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA

1849/1949

No ano do seu 1.º Centenário o Instituto possui 56 casas  
(ou centros de actividades)

## FRANÇA

Data da fundação	Localidades — Actividades	Frequência em 1948-1949				
		Colégios e Escolas		Luzes	Asilos	Total da frequência
		Curso Prim. <sup>o</sup>	Curso Sec. <sup>o</sup>			
1849	1. RÉZIERS — <i>Convent du S. Coeur de Marie</i> ;  CASA-MÃE  Residência Provincial — Noviciado — Colégio (int. e ext.) — Lar — Asilo.	—	—	—	—	
1849	2. BAYSSAN — <i>Filial da Casa-Mãe</i> .  <i>A transportar . . .</i>					

Data de fundação	Localidades — Actividades	Frequência em 1948-1949				
		Colégios e Escolas		Lares	Asilos	Total da frequência
		Cursos Prim. <sup>o</sup>	Cursos Sec. <sup>o</sup>			
	<i>Transporte . . .</i>					
1913	3. CAMBRAI — <i>Institution Jeanne d'Arc</i> : Colégio (int. e ext.).	—	—			
1933	4. CAMBRAI — <i>Maison S.te Thérèse</i> : Lar.			—		
1923	5. PARIS — <i>Marymount</i> : Colégio (int. e ext.) — Lar.	—	—	—		
1933	6. RENNES — <i>Foyer Sacré-Cœur de Marie</i> : Lar.			—		
	<i>Soma (1) . . .</i>					800 (?)

(1) Não nos foi possível obter informações seguras da frequência nas Casas de França. Os elementos de que dispomos habilitam-nos a calcular em 800, pelo menos, o total das frequências neste país.



IRLANDA (1870)

Data do fundação	Localidades — Actividades	Frequência em 1948-1949				
		Colégios e Escolas		—	—	Total da fre- quência
		Curso Prim. <sup>o</sup>	Curso Sec. <sup>o</sup>			
1870	1. LISBUDN — <i>Convent of the S. Heart of Mary</i>  Internato — Externato Escolas officiais.	260	140			400
1879	2. FERRYBANK — <i>Convent of the S. Heart of Mary</i>  Noviciado. Internato — Externato Escolas officiais.	200	130			330
1946	3. DUBLIN — <i>Convent of the S. Heart of Mary</i>  Internato — Externato.  Sema . . .	—	63			63
		460	333			793

PORTUGAL (1871)

Data da fundação	Localidades — Actividades	Frequência em 1948-1949				
		Colégios e Escolas		Luzes	Patronatos	Total da frequência
		Cursos Prim. <sup>o</sup>	Cursos Sec. <sup>o</sup>			
1871	1. PORTO — <i>Colégio de S. Coração de Maria:</i>  Internato — Externato.	102	208			310
1876	2. BRAGA — <i>Colégio de S. Coração de Maria:</i>  Internato — Externato — Lar — Patronato.	45	150	40	30	265
1947	3. BRAGA — <i>Salaz de S. Coração de Maria:</i>  Noviciado.					
1926	4. GUARDA — <i>Colégio de S. Coração de Maria:</i>  Internato — Externato Patronato (internas).	69	191		12	272
1933	5. GUARDA — <i>Betânia:</i>  Casa de Saúde (para religiosas).					
1934	6. GUARDA — <i>Lar Académico de S. Coração de Maria.</i>			40		40
	<i>A transportar . . .</i>	216	549	80	42	887

F U N D A Ç Õ E S

Data da fundação	Localidades — Atividades	Frequência em 1948-1949				
		Colégios e Faculdades		Luzes	Pesso-nal	Total da fre-quência
		Curso Prim. <sup>o</sup>	Curso Sec. <sup>o</sup>			
	<i>Transporte . . .</i>	216	549	80	42	887
1928	7. AVEIRO — Colégio de S. Coração de Maria:	30	116			146
	Internato — Externato.					
1932	8. GUIMARÃES — Colégio de S. Coração de Maria:	45	75		40	160
	Internato — Externato — Pastoral.					
1933	9. LAMEGO — Liceu de S. José:				118	118
	Escola e Pastoral					
1934	10. PENAFIEL (1) — Colégio de S. Coração de Maria:	—	—		—	—
	Internato — Externato — Pastoral.					
1934	11. LISBOA — Lar Universitário de S. Coração de Maria:			42		42
1941	12. LISBOA — Colégio de S. Coração de Maria:	303	296			599
	Internato — Externato.					
1936	13. COIMBRA — Lar Universitário de S. Coração de Maria:			67		67
	<i>Soma . . .</i>	594	1 036	189	200	2.019

(1) Temporariamente fechado.

INGLATERRA (1872)

Data da fundação	Localidades — Actividades	Frequência em 1948-19 9			
		Colégios e Escolas		—	Total da frequência
		Curso Prim.º	Curso Sec.º		
1872	1. LIVERPOOL — <i>Convent of the S. Heart of Mary:</i> Residência Provincial. Externato — Escolas officiais.	4.500	950		5.450
1897	2. BARDOW-IN-FURNESS — <i>Convent of the S. Heart of Mary:</i> Externato — Escolas officiais.	1.081	350		1.431
1922	3. LONDRES (South Ealing) — <i>Convent of the S. Heart of Mary:</i> Internato — Externato.	—	295		295
1927	4. UPMINSTER — <i>Convent of the S. Heart of Mary:</i> Internato — Externato — Escolas officiais.	634	360		994
1938	5. CARLISLE — <i>Convent of the S. Heart of Mary:</i> Externato — Escolas officiais.	165	180		345
	<i>A transportar . . .</i>	6.380	2.135		8.515

Data da fundação	Localidades — Actividades	Frequência em 1948-1949				
		Colecções Escolas		—	—	Total da frequência
		Curso Prim.º	Curso Sec.º			
1939	6. DENMAFNMAWR — <i>Convent of the S. Heart of Mary:</i>  Casa de repouso para religiosas.	6.380	2.135			8.515
1948	7. LONDRES — (Hillingdon Court) — <i>Convent of the S. Heart of Mary:</i>  Internato — Externato.	—	—			—
	Soma . . .	6.380	2.135			8.515

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (1877)

Data da fundação	Localidades — Atividades	Frequência em 1848-1849			
		Colégios e Escolas		Universidades	Total de frequência
		Curso Prim. <sup>o</sup>	Curso Sec. <sup>o</sup>		
1877	1. SAG HARBOR, LONG ISLAND — <i>St. Andrew's School</i> : Escola Paroquial.	60	—		60
1877	2. SAG HARBOR, LONG ISLAND — <i>Academy of the S. Heart of Mary</i> : Colégio.	—	120		120
1900	3. LONG ISLAND CITY — <i>St. Mary's School</i> : Escola Paroquial.	850	—		850
1907	4. TARRYTOWN-ON-HUDSON (Nova Iorque) — <i>Marymount School</i> : Residência Provincial — Noviciado — Colégio.	50	100		150
1909	5. BROOKLIN — <i>St. Catherine's School</i> : Escola Paroquial.	800	—		800
	A transmittida . . .	1.760	220		1.980

Data de fundação	Localidades — Atividades	Frequência em 1948-1949				
		Colégios e Escolas		Universidades	Total da frequência	
		Cursos Prim. <sup>o</sup>	Cursos Sec. <sup>o</sup>			
	<i>Transporte. . .</i>	1.760	220	—	—	1.980
1918	6. TARRYTOWN-ON-HUDSON (Nova Iorque) — <i>Marymount College:</i>	—	—	575	—	575
	FACULDADE DE LETRAS — FACULDADE DE CIÊNCIAS.					
	Luz para Universitários.					
1907	7. ROCHE (Nova Iorque) — <i>St. Thomas Aquinas' School:</i>	750	—	—	—	750
	Escola Paroquial.					
1940	8. ROCHE (Nova Iorque) — <i>Academy of the S. Heart of Mary</i>	—	250	—	—	250
	Colégio.					
1926	9. NOVA IORQUE (City), 5 <sup>th</sup> Av. — <i>Marymann Schools:</i>	75	150	—	—	225
	Colégio.					
	<i>A transportar. . .</i>	2.585	620	575		3.780

Ano de fundação	Localidades - Atividades	Frequência em 1948-1949			
		Colégios e Escolas		Universidades	Total da frequência
		Curso Prim. <sup>o</sup>	Curso Sec. <sup>o</sup>		
	<i>Transporte . . .</i>	2.585	620	575	3.780
1931	10 NOVA-YORQUE (City), Park Terrace—Academy S. Heart of Mary:  Colégio.	—	450	—	450
1948	11. NOVA-IORQUE (City), 71 <sup>st</sup> Av., Marymount College:  FACULDADE DE LETRAS —FACULDADE DE CIÊNCIAS.	—	—	200	200
1923	12. LOS ANGELES (Califórnia) — Marymount School:  Colégio.	—	100	—	100
1933	13. LOS ANGELES (Califórnia) — Marymount Junior School:  Colégio.	140	—	—	140
1942	14. LOS ANGELES (Califórnia) — Marymount College:  FACULDADE DE LETRAS —FACULDADE DE CIÊNCIAS.	—	—	150	150
	<i>A transportar . . .</i>	2.725	1.170	925	4.820



Data da fundação	Localidades — Actividades	Frequência em 1948-1949			
		Colégios e Escolas		Universidades	Total de inscricões
		Curso Prim. <sup>o</sup>	Curso Sec. <sup>o</sup>		
	<i>Transporte. . .</i>	2.725	1.170	925	4.820
1938	15. SANTA BARRADA (Califórnia) — <i>Marymount Schools</i> Colégio.	50	50	—	100
1941	16. STUDIO CITY (Califórnia) — <i>Corvallis Schools</i> Colégio.	—	260	—	260
1942	17. MONTEBELLO (Califórnia) — <i>Academy S. Heart of Mary</i> Colégio.	—	200	—	200
1943	18. MONTEBELLO (Califórnia) — <i>St. Alphonsus Schools</i> Escola Paroquial.	1050	—	—	1050
1948	19. ARLINGTON (Virginia) — <i>Marymount Schools</i> Externato.	—	20	—	20
	<i>Soma . .</i>	3 825	1.700	925	6.450

ESPAÑA (1911)

Data de fundação	Localidades — Actividades	Frequência em 1948-1949				
		Colégios e Escolas		—	—	Total da frequência
		Curso Prim. <sup>o</sup>	Curso Sec. <sup>o</sup>			
1911	1. TUY (1) <i>Colégio do Sagrado Coração de Maria:</i>  Internato — Externato	—	—	—	—	—

(1) Temporariamente fechado.

BRASIL (1911)

Data de fundação	Localidades — Actividades	Frequência em 1948-1949				
		Colégios e Escolas		—	—	Total a frequência
		Curso Prim. <sup>o</sup>	Curso Sec. <sup>o</sup>			
1911	1. RIO DE JANEIRO, Copacabana — <i>Colégio «Sacré-Coeur de Marie»:</i>  Residência Provincial — Noviciado — Juvenato — Internato — Externato.  <i>A transportar . . .</i>	—	—	—	—	1.016
						1.016

Data da fundação	Localidades — Actividades	Frequência em 1948-1949				
		Colégios e Faculdades		—	—	Total da frequência
		Curso Prim. <sup>o</sup>	Curso Sec. <sup>o</sup>			
	<i>Transporte</i>					1016
1911	2. UFA (Minas Gerais) — Ginásio «Sacré-Coeur de Marie»: Internato — Externato. CURSOS: Primário — Ginásial — Clássico e Científico — Comercial	—	—	—	—	384
1928	3. FHC HORIZONTE (Minas Gerais) — Colégio «Sacré-Coeur de Marie»: Internato — Externato. CURSOS: Primário — Ginásial — Clássico e Científico — Normal.	—	—	—	—	528
1938	4. S. PAULO (Espírito) — Colégio «Sacré-Coeur de Marie»: Internato — Externato. CURSOS: Primário — Ginásial — Clássico e Científico — Comercial.	—	—	—	—	766
	<i>A transportes</i>					2.694

Data da fundação	Localidades — Atividades	Frequência em 1948-1949				
		Colégios e Escolas		—	—	Total da frequência
		Curso Prim. <sup>o</sup>	Curso Sec. <sup>o</sup>			
1944	5. VITÓRIA (Espírito Santo) — <i>Ginásio «Sacré-Coeur de Marie»</i>  Internato — Externato.  CURSOS: Primário — Ginasial — Comercial.  Soma . . .	—	—	—	—	2.694            160            2.854

ITÁLIA (1930)

Data da fundação	Localidades — Atividades	Frequência em 1948-1949				
		Colégios e Escolas		—	—	Total da frequência
		Curso Prim. <sup>o</sup>	Curso Sec. <sup>o</sup>			
1930	1. ROMA — <i>Mariamonte</i> — CASA GENERALÍCIA.  Colégio Italiano Colégio Internacional.	—	—	—	—	275

CANADÁ (1943)

Data de fundação	Localidades — Atividades	Frequência em 1948-1949				
		Colégios e Escolas		Inv.	—	Total da frequência
		Curso Prim. <sup>o</sup>	Curso Sec. <sup>o</sup>			
1943	1. QUIBEC — <i>Marymount</i> :  Lat — Escola de verão.	—	—	60		60

COLÔMBIA (1948)

Data de fundação	Localidades — Atividades	Frequência em 1948-1949				
		Colégios e Escolas		—	—	Total da frequência
		Curso Prim. <sup>o</sup>	Curso Sec. <sup>o</sup>			
1948	1. BOGOTÁ — <i>Marymount School</i> :  Colégio.	100	150			250

Total geral de frequências . . . . . 22 016

Total de Casas fundadas . . . . . 56



## CORRECÇÕES E ADITAMENTOS

*Pág. 68, linha 24:* Por lapso omitiu-se, na transcrição dos dizeres da placa, as letras V. I. (abreviatura de «Virgem Imaculada», últimas palavras do título completo do Instituto, tal como foi aprovado pela Santa Sé). Ora acontecia que alguns transeuntes liam assim o distico:

*Colégio Inglês do Sagrado Coração de Maria, Vitória primeira!...* (Ao tempo era esta Soberana que reinava em Inglaterra).

*Págs. 79 e 89:* Para a redacção destes dois capítulos muito contribuíram as preciosas informações da Irmã Júlia, piedosamente falecida na casa de *Betânia*, na Guarda, em 1947.

*Pág. 81, linha 4:* Leia-se «na Igreja de S. Bento da Vitória».

*Pág. 126, linha 9:* Uma lamentável confusão de datas deu origem a uma conclusão errada, que aqui desfazemos. Quando o Padre Gailhac faleceu, em 1890, as duas orfãzinhas tinham, respectivamente, 9 e 12 anos de idade.

*Pág. 144, linha 20:* A Irmã Prudência entrou no Instituto, no Colégio de Braga e não no do Porto, como, por lapso, se diz.

*Pág. 160, linha 18:* Deve ler-se «cinco filhos».

*Pág. 171, linha 12:* O facto passou-se com a Madre Maria dos Anjos Neves, a quem devemos, pormenores muito interessantes acerca da Madre Maria da Eucaristia e de outras religiosas antigas.

*Pág. 175, linha 16:* Quando recebeu o Sacramento da Confirmação, a Smirna tomou o nome de Maria do Carmo, e foi este o que, segundo nos informam, usou depois na vida religiosa.

*Pág. 188, nota 1:* Deve ler-se «Viscondessa de Treixedo», e não Freixedo, errata que escapou à revisão.

*Pág. 381, linha 17:* Quando se deu o facto que neste lugar se narra, o Sr. Eduardo Teixeira Leite (pai da aluna Maria Emilia) teve a penhorante generosidade de pôr o seu automóvel à disposição das religiosas, para irem buscar *reforço* de Irmãs. Acompanhada pela Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Ana Camossa Saldanha, partiu a Superiora para Tuy. No caminho obrigaram-nas muitas vezes a parar, para lhes revistarem o carro e indagarem do destino que levavam. Não as deixaram atravessar a fronteira mas conseguiram mandar recado a Tuy e trazer para Espinho a Madre Maria do Coração de Jesus Mendes e a Irmã Máxima.

NOTAS: a) A lista das fundações do Instituto que vem publicada no opúsculo CEM ANOS AO SERVIÇO DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA (redigido e impresso em duas semanas), tem algumas inexactidões, que agora apurámos, e procurámos remediar no mapa que damos neste livro.

b) A casa de Tiverton, Devon, não figura neste mapa, porque foi transferida, em 1948, para Londres.

c) Devemos explicar que os Colégios do Brasil têm o seu título oficial em francês — «Sacré-Coeur de Marie» — para evitar confusões com outro Instituto de origem brasileira e de nome semelhante.

d) Os planos de estudo diferem de país para país, e os termos *Curso Primário* e *Curso Secundário* (que adoptámos no mapa estatístico, para simplificar), não correspondem bem ao que, no nosso país, se entende por essa designação. Para melhor esclarecimento transcrevemos alguns informes que recebemos dos Colégios do Estrangeiro:

#### BRASIL:

- a) *Curso Primário e admissão*, de 5 anos.
- b) *Curso Secundário* de dois ciclos: *ginasial*, de 4 anos; *clássico e científico*, de 3 anos.



- c) *Curso Normal* de dois ciclos: *ginasial*, de 4 anos; *curso de formação de professoras*, de 3 anos.
- d) *Curso Comercial* de dois ciclos: *ginasial*, de 4 anos; *técnico de secretário*, de 3 anos.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA:

- a) *Curso elementar* («Elementary school») — idade: 6 aos 13.
- b) *Curso Liceal* («High school») — idade: 14 aos 17.
- c) *Ensino Universitário* («College») — idade: 18 aos 21.

INGLATERRA (segundo a reforma de 1944):

- a) *Curso Primário* («Primary schools») — idade: 6 aos 11.
- b) *Curso Secundário* («Grammar Schools» e «Secondary modern Schools»). Idade, respectivamente, 12 aos 16 e 12 aos 15. O curso seguido nas chamadas «Grammar Schools» é que dá ingresso à Universidade e às profissões liberais. A Irlanda segue, com pouca diferença, os mesmos planos de estudo.



## ÍNDICE ONOMÁSTICO (1)

### A

- ADÉLIA, Irmã — 261 (em nota)  
ADELINA DA CONCEIÇÃO — *vide* PRUDÊNCIA, Irmã  
AFONSINA, Irmã — 140, 191  
ALEXANDRINA, Irmã — 411  
ALMEIDA, Maria de Bórgia Freitas de — 410  
AMÁLIA, Irmã — 337  
AMBROSINA, Irmã — 358, 378  
AMORIM — *vide* MARIA DO BOM CONSELHO AMORIM, Madre  
ANUNCIÇÃO, Madre — 138, 139, 151,  
APOLLONIE, Madre — 56, 70.  
APOLÓNIA, Pelissier Cure — *vide* S. JOÃO, Madre  
AVEIRO, Colégio de Nossa Senhora de Fátima de — *vide* AVEIRO, Colégio do Sagrado Coração de Maria de  
AVEIRO, Colégio do Sagrado Coração de Maria de — 270, 399

### B

- BARRETO — *vide* MARIA DE NÉRI BARRETO, Madre  
BARROCAS, Maria da Glória — *vide* S. DONACIANO, Irmã

- BEATRIZ, Irmã — 261 (em nota)  
BÉZIERS, Casa Mãe — 6, 7, 15, 25, 30, 39, 46, 58, 59, 66, 71, 73, 81, 85, 91, 94, 105, 127, 137  
85, 91, 94, 105, 127, 137, 141, 150, 183, 184, 195, 196, 227, 231, 232, 256, 257, 259, 266, 268, 291, 293, 294, 296, 297, 307, 354, 359  
BÉZIERS, Colégio de — 37, 70, 106, 267, 293  
BÉZIERS, Orfanato de — 267  
BÉZIERS, Pensionnat Sacré-Coeur de Marie de — *vide* BÉZIERS, Colégio de  
BOUÇAS — *vide* MARIA DE GONZAGA BOUÇAS, Madre  
BRAGA, Colégio Inglês de — *vide* BRAGA, Colégio do Sagrado Coração de Maria de  
BRAGA, Colégio de Nossa Senhora de Torre — *vide* BRAGA, Colégio do Sagrado Coração de Maria de  
BRAGA, Colégio do Sagrado Coração de Maria de — 96, 97, 99, 107, 109, 119, 120, 128, 130, 137, 144, 168, 227, 229, 230, 233, 238, 262, 270, 277, 280, 285, 288, 289, 290, 318, 320, 321, 322, 346, 390, 392, 393  
BRAGA, Escola de S. José de — 113, 128, 345  
BRAGA, Lar Académico de — 408

(1) Os números indicam as páginas.

BRAGA, Noviciado do Sagrado Coração de Maria de — 412, 413

BRAGA, Solar do Sagrado Coração de Maria de — *vide* BRAGA, Noviciado do Sagrado Coração de Maria de

BRANDÃO, Maria do Céu de Paiva Faria Leite de — *vide* MARIA FERDINAND, Madre

BRITO, Maria de Assunção de Brito, Madre

BRITO — *vide* MARIA DE S. SALVADOR DE BRITO, Madre

BUTLER — *vide* MARIA JOSÉ BUTLER, Madre

## C

CALIFÓRNIA, «Marymount» (Filial) — 250, 278 (em nota)

CAMBRAI, Institution Jeanne d'Arc de — 296, 297

CAMBRAI, Maison Ste Thérèse de — 297

CARLOTA, Irmã — 99, 100

CARVALHAES — *vide* MARIA DE CHANTAL CARVALHAES, Madre

CELINA, Irmã — 261 (em nota)

CHAVES, Colégio do Sagrado Coração de Maria de — 96, 137, 140, 142, 150, 151, 152

CLÁUDIA, Irmã — 296

CLEMENTINA, Irmã — 261 (em nota)

COELHO — *vide* MARIA DO BOM CONSELHO COELHO, Madre

COIMBRA, Lar Universitário de — 408

CORREIA, Maria de Jesus — *vide* MARIA DE S. SALVADOR CORREIA, Madre

CRISTINA, Irmã — 365

CURE, Apolónia Pelissier — *vide* S. JOÃO, Madre

## D

DELFINA, Irmã — 337

## E

ELISA, Irmã — 192

EMÍLIA, Irmã — 333 (em nota), 338 (em nota)

ESPINHO, Colégio de Nossa Senhora da Ajuda de — 270, 380, 384, 386, 387, 399

ESTEFÂNIA GUEDES, Irmã — 93

ÉVORA, Patronato de Nossa Senhora da Conceição de — 409

## F

FALCÃO, Maria Teresa de Melo — *vide* MARIA INÊS FALCÃO, Madre

FARRET — *vide* SANTA CONSTANÇA FARRET, Madre

FELICIDADE, Irmã — 313 (em nota)

FRANCISCA, Irmã — 341, 411

## G

GAILHAC, Padre Pedro João António — 5, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 24, 25, 26, 27, 32, 35, 37, 38, 47, 58, 59, 63, 67, 71, 72, 75, 81, 89, 90, 93, 95, 96, 110, 111, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 131, 132, 137, 183, 203, 204, 205, 206, 207, 211, 212, 213, 214, 216, 220, 230, 267, 291, 292, 294

GEORGINA, Irmã — 330, 335

GERALDES — *vide* MARIA ALACOQUE GERALDES, Madre

GODINHO — *vide* MARIA DO SACRÁRIO GODINHO, Madre

GOMES — *vide* MARIA DE ASSIS GOMES, Madre  
 GUARDA, Betânia — 410, 411  
 GUARDA, Colégio de Nossa Senhora de Lourdes da — *vide* GUARDA, Colégio do Sagrado Coração de Maria da  
 GUARDA, Colégio do Sagrado Coração de Maria da — 386, 397, 398  
 GUARDA, Lar Acadêmico da — 408  
 GUIMARÃES, Colégio do Sagrado Coração de Maria de — 401-402  
 GUIMARÃES, Patronato de — 401

H

HENNESSEY, Bridget — *vide* SANTA MARIA, Madre  
 HENNESSEY, Margaret — 7, 39, 40, 45, 53, 54, 55, 57, 67, 68, 70, 73, 80, 81, 82, 83, 84, 92, 100, 104, 157, 160, 162, 167, 168, 169, 255, 258, 281  
 HENNESSEY, Teresa — *vide* S. THOMÁS, Madre

INÊS DE JESUS SOARES TEIXEIRA, Madre, 356, 369, 412  
 ISABEL GERALDES — *vide* MARIA ALACOQUE, Madre

J

JOSEFINA, Irmã — 411  
 JÚLIA, Irmã — 56  
 JUSTINA, Irmã — 398

K

KOPKE — *vide* TERESA DE JESUS KOPKE, Madre

L

LAMEGO, Patronato de S. José — 409  
 LENCASTRE, Maria Margarida Malheiro Freire Pinto de Almeida Soares de — *vide* MARIA DA EUCHARISTIA LENCASTRE, Madre  
 LISBOA, Lar Universitário de — 408  
 LISBURN, Colégio de — 39, 63, 91  
 LIVERPOOL, Noviciado do Sagrado Coração de Maria de — 196  
 LOBO — *vide* MARIA DO BOM PASTOR, Madre — 311  
 LÚCIA, Irmã — 312 (em nota)

M

MAC-MULLEN, Rosana — *vide* S. CARLOS, Madre  
 «MADAME APOLONIE» — *vide* APOLONIE, Madre  
 MARIA AGNÈS, Madre — *vide* MARIA INÊS FALCÃO, Madre  
 MARIA ALACOQUE GERALDES, Madre — 111, 353 (em nota)  
 MARIA ALBERT, Madre — 196  
 MARIA DE AQUINO, Madre — 149, 150, 279, 280, 305, 307, 308, 309, 310, 312, 313, 314, 316, 318, 319, 328, 340, 342, 343, 354, 355, 356  
 MARIA DA ASCENÇÃO MIRANDA, Madre — 366  
 MARIA DE ASSIS GOMES, Madre — 140, 355  
 MARIA DA ASSUNÇÃO DE BRITO, Madre — 353 (em nota)  
 MARIE BAPTISTE, Madre — 196, 197  
 MARIA BERCHMANS, Madre — 241  
 MARIA DO BOM CONSELHO AMORIM, Madre — 248  
 MARIA DO BOM CONSELHO COELHO, Madre — 406

MARIA DO BOM PASTOR LOBO, Madre — 311  
 MARIA DO CARMO, Madre — 188  
 MARIA DE CHANTAL CARVALHAES, Madre — 369  
 MARIA DAS CINCO CHAGAS FERREIRA, Madre — 236  
 MARIA DAS CINCO CHAGAS PEIXOTO, Madre — 369, 402  
 MARIA DA CONCEIÇÃO OSÓRIO, Madre — 369-403  
 MARIA DO CORAÇÃO IMACULADO MARTINS, Madre — 331, 333, (em nota), 373, 381, 386, 398  
 MARIA DO CORAÇÃO DE JESUS MENDES, Madre — 265, 311, 330, 335, 337, 338, 366  
 MARIA DO CRUCIFIXO OLIVA, Madre — 358  
 MARIA DO DIVINO CORAÇÃO OLIVA, Madre — 196, 197, 198, 333 (em nota), 339  
 MARIA EFREM, Madre — 126  
 MARIA DA EUCARISTIA LENCASTRE, Madre — 165, 166, 171, 174, 180, 182, 183, 184, 187, 188, 189, 191, 193, 194, 195, 198, 199, 232, 255, 258, 261, 263, 264, 265, 266, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 285, 286, 294, 310, 313, 319, 326, 328, 330, 332, 335, 336, 352, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 365, 367, 369, 371, 372, 373, 374, 378, 388, 390, 394, 398  
 MARIA GERARDO, Madre — 220  
 MARIA DE GONZAGA BOUÇAS, Madre — 410  
 MARIA EMANUEL, Madre — 123  
 MARIA HUMBERTO, Madre — 140  
 MARIA IMELDA DOURADO, Madre — 236  
 MARIA INÊS FALCÃO, Madre — 231, 235, 236  
 MARIA DE JESUS PERRY, Madre — 104, 151, 197, 311, 334

MARIA JOSÉ BUTLER, Madre — 92, 123, 130, 227, 228, 229, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 243, 244, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 277, 280, 285, 297, 352, 353, 402, 407  
 MARIA DO LORETO, Madre — 188, 191  
 MARIA MARGARIDA MOURA, Madre — 333 (em nota)  
 MARIA DE NÉRI BARRETO, Madre — 311, 330, 333, 334, 335, 358  
 MARIA DE PÁZZI, Madre — 123  
 MARIA DO ROSÁRIO, Madre — 124, 126, 195  
 MARIA DO SACRÁRIO GODINHO, Madre — 378, 401  
 MARIA DO SAGRADO CORAÇÃO, Madre — 124  
 MARIA DE LA SALETTE, Madre — 140  
 MARIA DE S. SALVADOR DE BRITO, — 353 (em nota)  
 MARIA DE S. SALVADOR CORREIA, Madre — 141, 142, 150  
 MARIA DA SANTA FACE NEVES, Madre — 341  
 MARIA DE SENA, Madre — 140  
 MARIA DA VISITAÇÃO, Madre — 123  
 MARIA XAVIER TWOMEY, Madre — 278 (em nota), 404, 405, 407, 412  
 MARIE EULALIE RYAN, Madre — 100, 270  
 MARIE FERDINAND, Madre — 195, 231, 247, 296, 353 (em nota)  
 MARTA, Irmã — 261 (em nota), 333 (em nota)  
 MARTINS ALICE — *vide* MARIA DO CORAÇÃO IMACULADO MARTINS  
 «MARYMOUNT» — *vide* TARRYTOWN-ON-HUDSON, MARYMOUNT  
 MASSARELOS, Escola de Santo António de — 260, 261  
 MENDES — *vide* MARIA DO CORAÇÃO DE JESUS MENDES, Madre  
 MIRANDA — *vide* MARIA DE ASCENÇÃO MIRANDA

«MISS HENNESSEY»—*vide* HENNESSEY, Margaret  
 MOURA — *vide* MARIA MARGARIDA MOURA, Madre

N

NATIVIDADE, Irmã — 171, 261 (em nota), 265, 333 (em nota), 366  
 NEVES — *vide* MARIA DA SANTA FACE NEVES

O

OLIVA — *vide* MARIA DO DIVINO CORAÇÃO OLIVA, Madre, e MARIA DO CRUCIFIXO OLIVA, Madre  
 OSÓRIO — *vide* MARIA DA CONCEIÇÃO OSÓRIO, Madre

P

PANCADA, Maria de Conceição — *vide* S. JOSÉ PANCADA, Madre  
 PARIS Mariemont — 297  
 PEIXOTO — *vide* MARIA DAS CINCO CHAGAS PEIXOTO, Madre  
 PENAFIEL, Colégio do Sagrado Coração de Maria de — 311, 400  
 PENAFIEL, Noviciado do Sagrado Coração de Maria de — 196, 198, 311, 312, 313  
 PENAFIEL, Patronato do Sagrado Coração de Maria de — 400  
 PERRY, Maria José Bressane Leite — *vide* MARIA DE JESUS PERRY, Madre  
 PHELAN, Maria Gerardo — *vide* MARIA GERARDO, Madre  
 PORTO, Colégio Inglês da Miss Hennessey — 7, 39, 40, 53, 55, 57, 58, 157, 167 (em nota)

PORTO, Colégio de Nossa Senhora do Rosário do — 386, 395, 396  
 PORTO, Colégio do Sagrado Coração de Maria do — 68, 69, 73, 74, 82, 83, 84, 91, 96, 104, 110, 124, 144, 158, 159, 165, 166, 167, (em nota), 168, 181, 188, 197, 204, 227, 238, 259, 261, 262, 263, 265, 273, 282, 288, 290, 312, 316, 325, 330, 365, 366, 392  
 PORTO, Escola de S. Francisco de Sales do — 260  
 PORTO, Noviciado do Sagrado Coração de Maria do — 184  
 PRUDÊNCIA, Irmã — 143, 144

R

RENNES, Foyer Sacré-Coeur de Marie — 297  
 RIBEIRO, Emilia Vieira — *vide* MARIA DE AQUINO, Madre  
 RITA, Irmã — 261 (em nota)  
 ROSANA — *vide* S. CARLOS, Madre S. Carlos

S

SAINTE AUGUSTIN, Madre — 71, 352  
 SAINT PATRICE, Madre — 195  
 SAINTE FÉLICITÉ, Madre — 292  
 SAINTE FOY, Madre — 195, 198, 343, 345, 355  
 SAINTE MADELEINE, Soeur — 56  
 SANTA CONSTANÇA FARRET, Madre — 291, 293, 294, 295, 297, 352, 354  
 SANTA MARIA, Madre — 7, 8, 11, 12, 39, 40, 47, 56, 58, 59, 66, 79, 80  
 SANTA SÍLVIA, Irmã — 83  
 SANTA THÉRÈSE, Madre — 72  
 SANTO ANDRÉ, Madre — 140  
 SANTO EDMUNDO HUNT, Madre — 93

SANTO ESTANISLAU GIBBAL, Madre  
— 37

S. CALIXTO HUGUES, Madre — 71,  
92, 196, 259, 267, 295, 297, 306,  
307, 313

S. CARLOS, Mac-Mullen, Madre — 3,  
4, 5, 6, 7, 8, 13

S. DOMINGOS, Madre — 112

S. DONACIANO, Irmã — 145, 146, 148

S. FÉLIX, Madre — 124, 126, 131, 137,  
151, 152, 183, 193, 219, 228, 232,  
291, 299

S. JOÃO, Madre — 17, 18, 19, 23, 24,  
25, 26, 27, 29, 30, 31, 36, 38, 39,  
56, 64, 205

S. JOSÉ PANCADA, Madre — 73, 74,  
124, 188, 195, 341, 343

S. JUSTINO, Irmã — 127

S. LIGUÓRIO, Madre — 96, 103, 106,  
107, 108, 112, 114, 119, 121, 123,  
124, 126, 128, 129, 130, 131, 137,  
141, 151, 152, 193, 194, 227, 228,  
229, 232, 237, 256, 278, 280, 282,  
285, 287, 295, 296, 297, 298, 299,  
300, 301, 319

S. TOMÁS, Madre — 5, 6, 13, 39, 40,  
56, 58, 63, 64, 65, 66, 68, 71, 80,  
84, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 97,  
98, 99, 100, 104, 107, 109, 110,  
114, 116, 137, 167, 169, 184, 187,  
188, 196, 197, 227, 255, 256, 257,  
258, 259, 262, 280, 306

## T

TAVARES — *vide* TERESA DA EUCARIS-  
TIA TAVARES

TEIXEIRA — *vide* INÊS DE JESUS SOA-  
RES TEIXEIRA, Madre

TERESA DA EUCARISTIA TAVARES, Ma-  
dre — 410

TERESA DE JESUS KOPKE, Madre —  
313, 333, (em nota), 341, 368

TUY, Colégio do Sagrado Coração  
de Maria de — 165, 176, 359, 360

TUY, Noviciado do Sagrado Coração  
de Maria de — 369, 400

TWOMEY, Maria Xavier — *vide* MA-  
RIA XAVIER TWOMEY, Madre

## U

UNIVERSIDADES — 250, 278

## V

VICENTINA, Irmã — 378

VIRGÍNIA, Irmã — 191

VISEU, Colégio do Sagrado Coração  
de Maria de — 174, 184, 193, 194,  
195, 197, 198, 262, 285, 288, 290

VISEU, Patronato do Sagrado Cora-  
ção de Maria — 190

VITORINA, Irmã — 372



ESTE LIVRO  
ACABOU DE IMPRIMIR-SE  
A  
18 DE DEZEMBRO  
DE 1948  
— NA FESTA DE N.ª S.ª DA ESPERANÇA —  
NAS OFICINAS DA  
«COIMBRA EDITORA, L.ª»  
EM  
COIMBRA

♦  
LAUS DEO  
ET  
MARIAE  
♦